

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ALESSANDRA FOLHA MÓS LANDIM

**ROMPIMENTOS DE BARRAGENS DE MINERAÇÃO NO FOCO DO DISCURSO:
AS *TRAGÉDIAS* DE BRUMADINHO E MARIANA SOB O OLHAR DO
JORNALISMO BRASILEIRO**

BELO HORIZONTE
2022

Alessandra Folha Mós Landim

**ROMPIMENTOS DE BARRAGENS DE MINERAÇÃO NO
FOCO DO DISCURSO: AS *TRAGÉDIAS* DE BRUMADINHO E
MARIANA SOB O OLHAR DO JORNALISMO BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do texto e do discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Muniz Proença Lara

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2022**

L257r Landim, Alessandra Folha Mós.
Rompimentos de barragens de mineração no foco do discurso [manuscrito] : as tragédias de Brumadinho e Mariana sob o olhar do jornalismo brasileiro / Alessandra Folha Mós Landim. – 2022. 1 recurso online (241 f. : il., color.) : pdf.
Orientadora: Gláucia Muniz Proença Lara.
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 222-226.
Apêndices: f. 227-241.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Discurso jornalístico – Teses. 3. Discurso midiático – Teses. I. Lara, Gláucia Muniz Proença. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Folha de Aprovação

ROMPIMENTOS DE BARRAGENS DE MINERAÇÃO NO FOCO DO DISCURSO: AS TRAGÉDIAS DE BRUMADINHO E MARIANA SOB O OLHAR DO JORNALISMO BRASILEIRO

ALESSANDRA FOLHA MÓS LANDIM

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 27 de abril de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Gláucia Muniz Proença Lara - Orientadora

UFMG

Prof(a). André William Alves de Assis

UEM - Universidade Estadual de Maringá

Prof(a). Maria Magda de Lima Santiago

Centro Universitário Una

Prof(a). Wander Emediato de Souza

UFMG

Prof(a). Fábio Ávila Arcanjo

UFMG

Belo Horizonte, 27 de abril de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Gláucia Muniz Proenca Lara, Professora do Magistério Superior**, em 28/04/2022, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **André William Alves de Assis, Usuário Externo**, em 28/04/2022, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Magda de Lima Santiago, Usuário Externo**, em 28/04/2022, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wander Emediato de Souza, Membro de comissão**, em 28/04/2022, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Ávila Arcanjo, Usuário Externo**, em 02/05/2022, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1363537 e o código CRC BECBE6B8.

AGRADECIMENTOS

A realização de um empreendimento como este só é possível através das parcerias e das companhias que estão conosco ao longo do caminho. Por isso, é preciso agradecer:

À minha querida orientadora Prof.^a Dr.^a Glaucia Muniz Proença Lara pela valiosa orientação, pelas conversas, pela confiança, pelos artigos publicados em parceria e pelo constante apoio e incentivo.

À CAPES pelo fomento à pesquisa.

Aos membros da banca por aceitarem avaliar a pesquisa e contribuir com ela.

Aos professores do POSLIN/UFMG por tanto aprendizado ao longo das aulas.

Aos funcionários do POSLIN/UFMG pela presteza com que sempre me atenderam.

À Lina pelo auxílio na revisão do resumo.

Aos professores da UFOP, que acreditaram no potencial da pesquisa, pelo incentivo.

Ao meu eterno mestre, Professor Joubert, que me introduziu ao *mundo* da Análise do Discurso.

Ao Leandro, meu esposo amado, por acreditar em mim mesmo quando eu não acredito. Pelas madrugadas de compreensão, pelas idas e vindas, agradeço.

Ao meu pai Emilio, que comprou todas as edições físicas da *Folha de S. Paulo*.

À minha mãe Alcione, que não o deixava se esquecer do “jornal da menina”.

À Nathalia que disponibilizou todas as suas digitalizações do jornal *Estado de Minas*.

Ao Marcus e ao Matheus que me acolheram em sua casa quando precisei.

Aos meus colegas do POSLIN/UFMG pela amizade e pela troca de experiências.

À Frida, minha companheira de quatro patas, por ficar comigo durante as madrugadas.

Às pessoas que, ao longo do caminho, vibraram comigo.

Aos parentes e amigos que permitiram que a caminhada se tornasse mais leve.

Ao Pr. José Marcos, pelo apoio espiritual.

À Prof. Rita Hirle, pelas preces diárias.

A Deus, por último, mas não menos importante, pela graça concedida àquela menina que sonhava em “sentar em um banco de faculdade” e hoje chega ao doutorado.

A montante, o acontecimento; a jusante, a informação.
(MOUILLAUD, 2002, p. 52).

RESUMO

Na presente pesquisa, propomo-nos a analisar, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, enunciados destacados (aforizações) de textos (notícias, reportagens e entrevistas) sobre os rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG, publicados em dois jornais brasileiros de grande circulação: um de projeção nacional, a *Folha de S. Paulo*, e outro de projeção regionalizada, o *Estado de Minas*. O *corpus* compõe-se de aforizações veiculadas nesses dois jornais no período de 30 dias subsequentes aos rompimentos. Trata-se, nesse caso, de falas – em discurso direto, de sujeitos envolvidos com os rompimentos das barragens – que se tornam títulos, legendas de fotos ou se encontram em posição paratextual (olho ou intertítulo), na proximidade (ou não) dos textos-fonte correspondentes. Para que pudéssemos chegar à realização das análises, porém, foi preciso traçar um percurso sobre a atividade mineradora e suas implicações no uso de barragens, bem como sobre as repercussões midiáticas em relação aos rompimentos de barragens já ocorridos, especialmente no Brasil. Passamos também por uma reflexão teórica sobre o próprio discurso midiático e sobre as noções de polifonia e de aforização, tomadas como estratégias de captação do leitor. Por fim, analisamos cinco grupos de aforizações, selecionadas a partir de enquadramentos interpretativos mais recorrentes: o enquadramento testemunhal, que se origina dos enunciados cujos aforizadores *viram* os acontecimentos ou seus desdobramentos; o enquadramento vivencial, cujos aforizadores *viveram* os acontecimentos, representados, em sua maior parte, pelas vítimas dos rompimentos das barragens; o enquadramento técnico-governamental, cujos aforizadores são os especialistas ou sujeitos envolvidos com o poder executivo, legislativo ou judiciário que dão pareceres acerca dos acontecimentos; o enquadramento artístico-cultural e religioso, cujos aforizadores são representados por artistas em geral e sacerdotes ou ainda cujos enunciados têm temática religiosa; e o enquadramento acional, representado por sujeitos aforizadores que, supõe-se, têm o poder de agir sobre os acontecimentos. Essas análises nos auxiliaram a compreender como as aforizações se inscrevem no regime de enunciação não textualizante e nos encaminham na direção do posicionamento dos jornais, que reforçam, por sua vez, suas linhas editoriais e seus *éthe* de jornalismo de referência. Assim, a *Folha de S. Paulo* discursiviza os rompimentos das barragens em uma posição geográfica, cultural e socialmente mais distante das localidades afetadas. Além disso, procura manter seu *éthos* de jornal mais objetivo, mesmo quando aforiza enunciados de sujeitos diretamente atingidos pelos rompimentos. Enquanto isso, o *Estado de Minas* se interpõe entre o “acontecimento bruto” e seus leitores a partir de uma posição de grande jornal, porém comprometido com sua mineiridade imanente. Nesse caso, dentre as narrativas/aforizações possíveis, o jornal privilegia aquelas que envolvem pessoas mais vulneráveis e mais prejudicadas pelos rompimentos, bem como aquelas que sugerem mudanças sociais e políticas a partir dos eventos. Assim, cria-se um efeito de sentido de defesa de uma sociedade mais justa, que seria construída a partir da redução dos grandes interesses exploratórios do mercado global. As vozes materializadas nas aforizações evocam no(s) discurso(s) dos jornais um efeito de polifonia, recurso típico no exercício do jornalismo. Tais vozes são colocadas no fio do discurso para que o jornal, enquanto locutor principal (denominado locutor jornal), teça com elas relações de acordo, de desacordo ou de (aparente) neutralidade.

Palavras-chave: Mídias brasileiras. Discurso midiático. Aforização. Rompimento de barragens.

ABSTRACT

In this research, we propose to analyze, under the scope of French Discourse Analysis, highlighted statements (aphorizations) from texts (news, reports and interviews) about the dam bursts of Mariana-MG and Brumadinho-MG (Brazil), as published in two Brazilian newspapers of major circulation: *Folha de S. Paulo*, of national projection, and *Estado de Minas*, of regional projection. The *corpus* is a collection of aphorizations taken from these two newspapers in the period of 30 days following the dam collapses. All of them – related to subjects involved with the dam ruptures – are in direct speech presented in the form of titles, photo captions or in a paratextual position (intertitle), in proximity (or not) to their corresponding source texts. To analyze the statements, however, it was necessary to write about the mining activity and its implications on the use of dams, as well as the media repercussions of the collapses that happened in Brazil. We also went through a theoretical reflection of the media discourse itself, through the concepts of polyphony and aphorization, used as strategies to capture the readers of both newspapers. Finally, we analyzed five groups of aphorizations, selected according to the most recurrent interpretative frameworks: the testimonial frame, which originates from subjects aphorizing the events and/or the consequences they *saw*; the experiential frame, from subjects aphorizing the events they *experienced*, represented by the victims of the dam ruptures; the technical and governmental frame, from subjects aphorizing as the experts represented by the members of the executive, legislative or judiciary powers; the artistic-cultural and religious frame, from subjects that represent artists in general, priests or those whose statements have a religious theme; and lastly the actional frame, represented by subjects supposed to have some power to act on the events. This analysis helped us to understand how aphorizations are inscribed in non-textual enunciation. They not only guided us through the editorial lines of the newspapers, but also showed the *ethos* proposed by both of them as reference media. *Folha de S. Paulo* discusses the dam ruptures from a geographical, cultural, and socially more distant position from the affected locations. In addition, it keeps its objective *ethos*, even when it aphorizes statements from affected people. *Estado de Minas*, on the other hand, talks about the events as a regional newspaper (from Minas Gerais/Brazil). In this case, among the possible aphorizations, the newspaper privileges those that originate from the most vulnerable people as well as those that suggest social and political changes based on the dam collapses. It creates, then, a possibility to interpret its texts from the viewpoint of reducing great exploratory interests in the global market. The voices materialized through these statements evoke in the newspapers an effect of polyphony, a typical resource in the exercise of journalism. Such voices are placed in the thread of discourse so that each newspaper, taken as the main speaker, weaves with them relations of agreement, disagreement or (apparent) neutrality.

Key words: Brazilian media. Media discourse. Aphorization. Dam breaks.

RESUMÉ

Dans la présente recherche, nous proposons d'analyser, à la lumière de l'Analyse du Discours française, des énoncés détachés (aphorisations) de textes (actualités, reportages et entretiens) sur les ruptures des barrages de Mariana-MG et Brumadinho-MG, publiés dans deux journaux brésiliens à grand tirage : un de projection nationale, la *Folha de São Paulo*, et un autre à projection régionale, *Estado de Minas*. Le corpus est composé d'aphorisations tirées de ces deux journaux dans la période de 30 jours suivant les ruptures. Il s'agit, dans ce cas, d'énoncés – au discours direct, de sujets concernés par les ruptures de barrage – qui deviennent des titres, des légendes de photos ou qui sont en position paratextuelle (œil ou intertitre), à proximité (ou non) des textes sources correspondants. Pour que nous puissions mener les analyses, il était cependant nécessaire de tracer un chemin sur l'activité minière et ses implications sur l'utilisation des barrages, ainsi que sur les répercussions médiatiques par rapport aux ruptures de barrages qui se sont déjà produites, surtout, au Brésil. Nous avons également mené une réflexion théorique sur le discours médiatique lui-même et sur les notions de polyphonie et d'aphorisation, prises comme stratégies pour capter le lecteur. Enfin, nous avons analysé cinq groupes d'aphorisations, choisies parmi des cadres interprétatifs les plus récurrents : le cadre testimonial, qui prend naissance à partir d'énoncés dont les apherisateurs *ont vu* les événements ou leur déroulement ; le cadre expérientiel, dont les apherisateurs *ont vécu* les événements, représentés, pour la plupart, par les victimes des ruptures de barrages ; le cadre technico-gouvernemental, dont les apherisateurs sont les spécialistes ou les sujets concernés par le pouvoir exécutif, législatif ou judiciaire qui donnent des avis sur les événements ; le cadre artistique-culturel et religieux, dont les apherisateurs sont représentés par des artistes en général et des prêtres ou dont les propos ont un thème religieux ; et le cadre d'action, représenté par des apherisateurs supposés avoir le pouvoir d'agir sur les événements. Ces analyses nous ont aidés à comprendre comment les apherisations s'inscrivent dans le régime d'énonciation non textualisant et nous ont guidés dans le sens du positionnement des journaux, qui renforcent, à leur tour, leurs lignes éditoriales et leur *éthe* du journalisme de référence. Ainsi, *Folha de S. Paulo* aborde les ruptures de barrages dans une position géographique, culturelle et sociale plus éloignée des lieux touchés. En outre, il cherche à garder son *éthos* de journal plus objectif, même lorsqu'il apherise les déclarations de sujets directement touchés par les ruptures. En même temps, *l'Estado de Minas* s'interpose entre « l'événement brute » et ses lecteurs depuis la position d'un grand journal, mais attaché à sa régionalité immanente. Dans ce cas, parmi les récits/aphorisations possibles, le journal privilégie ceux qui impliquent les personnes les plus vulnérables et les plus touchées par les ruptures, ainsi que ceux qui suggèrent des changements sociaux et politiques en fonction des événements. Cela crée un effet de défense d'une société plus juste qui serait construite à partir de la réduction des grands intérêts exploratoires du marché mondial. Les voix matérialisées dans les apherisations évoquent dans le(s) discours des journaux un effet de polyphonie, une ressource typique dans l'exercice du journalisme. De telles voix sont placées dans le fil du discours pour que le journal, en tant que locuteur principal (appelé locuteur journal), tisse avec elles des relations d'accord, de désaccord ou de neutralité (apparente).

Mots-clés : Médias brésiliens. Discours médiatique. Apherisation. Rupture de barrages.

RESUMEN

En la presente investigación, nos proponemos analizar, a la luz del Análisis del Discurso francés, frases destacadas (aforizaciones) de textos (noticias, reportajes y entrevistas) sobre las rupturas de las represas de Mariana-MG y Brumadinho-MG, publicados en los diarios brasileños de gran circulación: uno de proyección nacional, *Folha de S. Paulo*, y otro de proyección regionalizada, el *Estado de Minas*. El *corpus* está compuesto por aforizaciones extraídas de estos dos diarios en el período de 30 días posteriores a las rupturas. En este caso, se trata de discursos en estilo directo, de sujetos involucrados con las rupturas de las represas que se convierten en títulos, pies de fotos o están en posición paratextual (*ojo* o intertítulo), en proximidad (o no) de los textos fuente correspondientes. Sin embargo, para que podamos realizar los análisis, fue necesario trazar un camino sobre la actividad minera y sus implicaciones en el uso de las represas, así como sobre las repercusiones mediáticas en relación con las fallas de represas que ya han ocurrido, especialmente en Brasil. También pasamos por una reflexión teórica sobre el propio discurso mediático y sobre las nociones de polifonía y aforización, entendidas como estrategias para captar el lector. Finalmente, analizamos cinco grupos de enunciados seleccionados de acuerdo con marcos interpretativos: el marco testimonial, que se origina a partir de los enunciados cuyos aforizadores *vieron* los hechos y sus desarrollo; el marco vivencial, cuyos aforizadores *vivieron* los hechos, representados, en su mayoría, por las víctimas de las roturas de represas; el marco técnico-gubernamental, cuyos aforizadores son los especialistas o sujetos vinculados a los poderes ejecutivo, legislativo o judicial, que opinan sobre los hechos; el marco artístico-cultural y religioso, cuyos aforizadores están representados por artistas en general y sacerdotes o cuyas declaraciones tienen un tema religioso; y el marco de acción, representado por sujetos aforizadores que se supone tienen el poder de actuar sobre los acontecimientos. Estos análisis nos ayudaron a comprender cómo las aforizaciones se inscriben en el régimen de enunciación no-textualizante y nos orientaron en la dirección del posicionamiento de los diarios, que, a su vez, refuerzan sus líneas editoriales y su carácter de periódicos de referencia. Así, *Folha de S. Paulo* discute las rupturas de represas en una posición geográfica, cultural y socialmente más distante de los lugares afectados. Además, busca mantener su *ethos* periodístico más objetivo, incluso cuando aforiza frases de sujetos directamente afectados por las rupturas. Mientras tanto, el *Estado de Minas* se interpone entre el “acontecimiento bruto” y sus lectores desde la posición de un diario mayor, pero comprometido con su inmanente regionalidad. En este caso, entre las narrativas/aforizaciones posibles, el diario privilegia las que involucran a las personas más vulnerables y afectadas por las rupturas de las represas, así como las que sugieren cambios sociales y políticos a partir de los acontecimientos. Crea así un efecto de defensa de una sociedad más justa que se construiría a partir de la reducción de los grandes intereses exploratorios del mercado global. Las voces materializadas en las aforizaciones evocan en(los) discurso(s) de los diarios un efecto de polifonía, recurso típico en el ejercicio del periodismo. Tales voces se colocan en el hilo del discurso para que el periódico, como hablante principal (llamado locutor periódico), teja con ellas relaciones de acuerdo, desacuerdo o de neutralidad (aparente).

Palabras clave: Medios brasileños. Discurso mediático. Aforización. Rompimiento de represas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira capa do jornal *Estado de Minas* após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG no dia 06 de novembro de 2015.

Figura 2: Mudança do chapéu da manchete do rompimento da barragem de Fundão para “tragédia em Minas” quando houve desabastecimento de água em Governador Valadares-MG.

Figura 3: Modificação do chapéu da manchete para “tragédia brasileira”, quando a lama atingiu o mar no estado do E. Santo.

Figura 4: Segunda capa do jornal *Estado de Minas* após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG. Falas destacadas de depoimentos de atingidos.

Figura 5: Capa do jornal *Estado de Minas*, edição do dia que sucede o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG.

Figura 6: Capa do jornal *Estado de Minas*, fotos das vítimas identificadas até a data da publicação.

Figura 7: Capa do jornal *Estado de Minas*, foco nas operações de resgate e na explanação de seu funcionamento.

Figura 8: Capas do jornal *Estado de Minas* – manchetes desmembradas.

Figura 9: Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Embora a foto da lama ocupe significativo espaço da página, é a manchete política que chama mais a atenção.

Figura 10: Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Nenhuma menção ao rompimento da barragem em Fundão - Mariana-MG.

Figura 11: Primeira página do caderno “Cotidiano”: foto de pequenas proporções mostrando bombeiros em resgate.

Figura 12: Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Manchete sobre irregularidade da barragem.

Figura 13: Capa do jornal *Folha de S. Paulo* na edição que sucedeu ao rompimento da barragem da Vale S/A em Brumadinho-MG.

Figura 14: Capa do jornal *Folha de S. Paulo* cinco dias após o rompimento da barragem em Brumadinho-MG.

Figura 15: Primeira página do caderno “Cotidiano” cinco dias depois do rompimento da barragem de Brumadinho-MG.

Figura 16: Reportagem da *Folha* sobre os problemas enfrentados pelos indígenas depois do rompimento da barragem em Brumadinho-MG.

Figura 17: Capa com contagem de vítimas da *tragédia* em Brumadinho com detalhe

Figura 18: Recorte de página do caderno “Gerais”.

Figura 19: Texto do jornal *Estado de Minas* dedicado à narrativa dos sobreviventes sobre os momentos vividos por ocasião do rompimento da barragem de Fundão.

Figura 20: Enunciado destacado da fala da ministra do meio ambiente sobre o impacto da lama em Abrolhos-BA.

Figura 21: Enunciado destacado da fala de um promotor marianense.

Figura 22: Enunciados destacados em reportagem.

Figura 23: Capa do jornal *Estado de Minas* com uso de aforização primária.

Figura 24: Recorte da capa do *Estado de Minas* com enunciados destacados.

Figura 25: Título de reportagem e aforização na linha fina.

Figura 26: Recorte da capa *Estado de Minas* no dia que sucede o rompimento da barragem em Brumadinho–MG.

Figura 27: Aforizações por destacamento forte no jornal *Estado de Minas*.

Figura 28: Aforização no chapéu da notícia do jornal *Estado de Minas*.

Figura 29: Depoimento do jornalista José Antônio Bicalho.

Figura 30: Texto “A gente via a água cobrindo o Bento”.

Figura 31: Recorte da capa do jornal *Estado de Minas*.

Figura 32: Página B6 do caderno “Cotidiano”.

Figura 33: Recorte da capa do jornal *Estado de Minas*.

Figura 34: Reportagem intitulada “Choro, tristeza e apreensão”.

Figura 35: Detalhe da página B3 do caderno Cotidiano.

Figura 36: Recorte da entrevista com promotor Carlos Eduardo Ferreira Pinto.

Figura 37: Recorte de duas páginas do caderno Cotidiano.

Figura 38: Notícia da *Folha* sobre fala de Dilma Rousseff.

Figura 39: Título de reportagem informativa na última página do caderno “Cotidiano”.

Figura 40: Primeira página do caderno Cotidiano com notícia sobre Brumadinho-MG.

Figura 41: Recorte de página com entrevista de Sebastião Salgado.

Figura 42: Recorte de página com reportagem sobre o Projeto Telas Urbanas.

Figura 43: Reprodução da postagem de Caetano Veloso em uma *cenografia* de depoimento.

Figura 44: Reportagem sobre ações da igreja católica acerca do rompimento da barragem.

Figura 45: Reportagem cuja aforização também é de Dom Vicente Ferreira.

Figura 46: Página com reportagens sobre o rompimento da barragem em Mariana-MG na *Folha*.

Figura 47: Notícia sobre visita da ministra Damare Alves a Brumadinho-MG.

Figura 48: Frase destacada da ministra Damare Alves.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Enquadramento interpretativo das aforizações sobre os rompimentos de barragens nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas* e seus aforizadores: visada informativa geral

Quadro 2: Outras características das aforizações

Quadro 3: Enunciados destacados sob o enquadramento testemunhal

Quadro 4: Enunciados destacados sob o enquadramento vivencial

Quadro 5: Enunciados destacados sob o enquadramento técnico-governamental

Quadro 6: Enunciados destacados sob o enquadramento artístico-cultural e religioso

Quadro 7: Enunciados destacados sob o enquadramento acional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A ATIVIDADE MINERADORA E SUAS IMPLICAÇÕES: A UTILIZAÇÃO DE BARRAGENS E SUAS REPERCUSSÕES MIDIÁTICAS	26
1.1 Os rompimentos das barragens em Mariana-MG e Brumadinho-MG: duas tragédias anunciadas	34
1.1.1 O rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG.....	36
1.1.2 O rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG .	40
1.2 Os rompimentos das barragens: repercussões midiáticas.....	46
1.2.1 Os jornais <i>Estado de Minas</i> e <i>Folha de S. Paulo</i> e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens	51
1.2.1.1 O jornal <i>Estado de Minas</i> e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens	55
1.2.1.2 O jornal <i>Folha de S. Paulo</i> e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens	68
CAPÍTULO 2: O DISCURSO MIDIÁTICO/JORNALÍSTICO: POLIFONIA E AFORIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE LEITOR	81
2.1 Concepções sobre as relações entre os discursos inscritos nos veículos noticiosos	86
2.2 A aforização na construção discursiva dos jornais	100
2.3 Enquadrando as aforizações: caracterização geral dos enunciados destacados pelos jornais <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>Estado de Minas</i>	119
2.4 Perfil da mobilização dos enunciados destacados: o papel do <i>locutor jornal</i> e suas relações com as aforizações	125
CAPÍTULO 3: ANÁLISES DE ENUNCIADOS DESTACADOS NOS JORNAIS <i>FOLHA DE S. PAULO</i> E <i>ESTADO DE MINAS</i>	128
3.1 Análise dos enunciados destacados.....	130
3.1.1 O enquadramento testemunhal.....	131
3.1.2 O enquadramento vivencial.....	147
3.1.3 O enquadramento técnico-governamental.....	171
3.1.4 O enquadramento artístico-cultural e religioso	191
3.1.5 O enquadramento acional	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	214
REFERÊNCIAS.....	222
ANEXOS	227

INTRODUÇÃO

O rompimento da barragem de Fundão da mineradora Samarco, sediada em Mariana-MG, foi um evento que marcou indelevelmente uma comunidade. Considerado uma das piores tragédias da mineração já ocorridas no Brasil e no mundo, suscitou uma série de debates e polêmicas. O rompimento da referida barragem com aproximadamente 34 milhões¹ de metros cúbicos de rejeitos de fabricação de minério de ferro aconteceu na tarde do dia 05 de novembro de 2015.

Como se todo o volume de comentários, bem como as consequências do desastre não bastassem para que fosse dispensada maior atenção à manutenção de barragens, três anos depois desse lamentável episódio, outra barragem de rejeitos de minério se rompeu em Minas Gerais, dessa vez na cidade de Brumadinho. A barragem da Mina do Córrego do Feijão rompeu-se no dia 25 de janeiro de 2019, carregando consigo, em sua força avassaladora, o centro administrativo da empresa Vale S/A, seu refeitório repleto de funcionários, casas, pessoas, pousadas, árvores, veículos e tudo o mais que havia pela frente. Brumadinho e Mariana não foram as únicas barragens que se romperam no estado de Minas Gerais. Outros eventos catastróficos de rompimento se somam a elas. No entanto, por não terem tido uma divulgação muito expressiva, não são tão conhecidos como o caso dessas duas barragens que, juntas, deixaram sequelas inimagináveis na sociedade mineira.

Além dos milhões de toneladas de lama de rejeitos de minério de ferro, das centenas de quilômetros percorridos pela massa destruidora, das toneladas de peixes mortos e da destruição da pesca em comunidades que dependiam dos rios Doce e Paraopeba, a perda de vidas humanas nesses dois eventos é um contrassenso: 19 mortos, sendo 1 desaparecido até hoje, em Mariana-MG; 259 mortos e 11 desaparecidos em Brumadinho-MG².

A perda cultural, simbólica e memorial implicada em eventos como esses é incalculável:

Como compensar, por exemplo, a destruição de uma capela do século XVIII, como a de São Bento, em Bento Rodrigues, da qual sobraram apenas o piso e fragmentos de peças sacras? Ao aterrar povoados, a lama desatou também laços de convívio social e tradições culturais seculares, como a festa de São Bento e das Mercês, em Bento

¹ Há controvérsias em relação à quantidade de rejeitos que a barragem podia armazenar e a quantidade de rejeitos que vazou por ocasião do rompimento. É possível encontrar variação de dados que vão de 34.000.000 m³ a 43.700.000 m³ a depender da fonte da informação.

² Informação obtida através da contagem da lista de mortos e “pessoas sem contato” da empresa Vale S/A, na atualização de 29/12/2019. Atualmente, a conta é de 275 mortos e 6 desaparecidos. Isso porque ela inclui dois bebês de mulheres grávidas que perderam a vida na *tragédia* e mais um corpo, que foi identificado em maio de 2021. Disponível em: http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/Paginas/listas-atualizadas.aspx. Acesso em 18/03/2022.

Rodrigues, e a Folia de Reis, em Paracatu de Baixo. Em Barra Longa, só um amplo estudo epidemiológico poderá avaliar o impacto na saúde física e mental dos moradores, muitos deles necessitados de tratamento para depressão. Como dimensionar, por exemplo, a dissolução do modo de vida ancestral dos Krenak, que dependiam do Rio Doce para tudo? Privados de água e dos peixes, os índios passaram a receber cestas básicas e água de caminhão-pipa. Quem saberá mensurar o prejuízo étnico-cultural dessa distorção nas futuras gerações de indígenas? (SERRA, 2018, p. 52/53).

Tomando como ponto de apoio o desabafo da jornalista Cristina Serra sobre Mariana-MG, levantamos semelhantes questões sobre o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG. Como compensar a destruição das casas de famílias e da pousada das quais quase nada sobrou? Como compensar a perda dos familiares que, angustiados, viram sua esperança esvaindo-se literalmente em lama na medida em que o tempo passava? Ao aterrar pessoas e animais domésticos, a lama desatou laços de convívio familiar, até mesmo de quem, privado do próprio nascimento, foi levado dentro do corpo de sua mãe pela massa avassaladora de rejeitos. Como calcular a perda dos índios Pataxós-hã-hã-hães, que dependiam (ou dependem...) da pesca no Rio Paraopeba, atingido pela destruidora mancha marrom? Como dimensionar a vida e a água do rio que se esvaem na medida em que a lama o assoreia? Como explicar a lama na bacia hidrográfica do Rio Paraopeba? O que dizer das populações urbanas que dependem da água do rio para seu abastecimento? Como recompensar os ribeirinhos e proprietários de sítios às suas margens que sofrem com o prejuízo? O que dizer dos animais silvestres e do abalo do ecossistema na região? O que explicar para os atingidos quando atestamos que até agora ninguém foi preso?

Tantas outras questões poderiam ser feitas. Todas, entretanto, sem resposta. Como se isso não bastasse, atualmente outro rompimento (na Vale S/A) ameaça Barão de Cocais-MG por conta do talude da barragem Sul Superior da mina de Gongo Soco, com milhões de metros cúbicos de rocha que cedem pouco a pouco, amedrontando toda uma região. Em agosto de 2021, aliás, o rompimento de parte de um talude de mineradora ocorreu em Sarzedo-MG, região metropolitana de Belo Horizonte, soterrando um caminhão, uma retroescavadeira e um carro que, felizmente, estavam desocupados no momento do deslizamento³. Em janeiro de 2022, um dique da Mina de Pau Branco transbordou, fazendo com que grande quantidade de lama invadisse a pista da BR-040 e arrastasse pelo menos um carro⁴. Atualmente, ao menos 42

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/08/09/defesa-civil-apura-deslizamento-de-talude-em-mineradora-de-sarzedo-na-grande-bh.ghtml>. Acesso em 18/10/2021.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/01/11/imagens-flagram-momento-em-que-dique-de-mineradora-transborda-em-nova-lima-na-grande-bh.ghtml>. Acesso em 16/02/2022.

barragens *mineiras*⁵ se encontram em nível de alerta que varia entre 1 e 3 (do “menos” perigoso ao mais crítico) em Minas Gerais⁶.

Fica evidente que, de acontecimentos como esses, irrompe uma gama de debates, narrativas, comentários e coberturas midiáticas. É uma questão de tempo, no entanto, para que esses eventos deixem de ser o centro das atenções, por conta de outros eventos que tomam seus lugares⁷. Afinal, as mídias⁸ vivem de seu potencial de trazer ao centro de seu(s) discurso(s) uma visada de imprevisibilidade e, principalmente, de atualidade. Entretanto, Fundão, já quase olvidada, apesar de suas consequências indeléveis, acabou voltando à cena da discursividade depois do *imprevisível* rompimento da barragem da Vale S/A em Brumadinho-MG. Três anos depois, a memória do acontecimento em Mariana-MG se impôs novamente, dividindo, no entanto, sua atenção com os comentários, polêmicas, narrativas, discursivizações diversas nas mídias brasileiras (e internacionais) sobre esse outro trágico evento da mineração no Brasil.

Os dois eventos em si, enquanto acontecimentos físicos (ou brutos, como diria Charaudeau), serão abordados por meio de textos midiáticos/jornalísticos analisados no decorrer desta pesquisa. O que mais nos interessa nesta introdução, no entanto, é considerar que a irrupção de atividades languageiras em relação a eles nos leva a ponderar seu lugar nos estudos discursivos como uma das diversas maneiras de refletir sobre seus desdobramentos. Em um sentido mais voltado ao pragmático, colocar em cena essas atividades é uma maneira de dar visibilidade aos eventos, trazendo à tona uma importante reflexão sobre o papel dos sujeitos sociais nas relações constitutivas da(s) sociedade(s) humana(s). Por outro lado, de uma maneira mais voltada para os trabalhos reflexivos e acadêmicos, ao colocarmos em pauta essas atividades languageiras, damos aos eventos uma projeção importante no tocante às ciências humanas e, mais especificamente, à Análise do Discurso francesa, doravante ADF.

⁵ Usar itálico em “mineiras” é uma marcação de posicionamento nosso em relação à exploração – no pleno sentido da palavra – do minério nas terras de Minas Gerais. Isso se deve ao fato de que as empresas que vão à região para extrair minério normalmente não são nacionais, ou sua brasilidade/mineiridade é praticamente inexpressiva.

⁶ A lista das barragens *mineiras* que se encontram em nível de alerta pode ser visualizada no *site* G1 de modo bastante claro e didático. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/01/11/mineradoras-tem-24-horas-para-informarem-risco-em-barragens-em-minas-gerais.ghtml>. Acesso em 18/03/2022.

⁷ Nunca é demais lembrar o atual cenário da pandemia resultante do novo coronavírus, que vem dominando as mídias no Brasil e no mundo e minimizando ou relegando ao esquecimento outros eventos importantes.

⁸ Charaudeau (2006, p. 21) explica que as mídias são tomadas, em seu trabalho, “de maneira restrita como o conjunto dos suportes tecnológicos que têm o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espaco público: imprensa, rádio e televisão”. Seguimos essa orientação aqui, lembrando que o objeto de estudo da presente pesquisa restringe-se ao primeiro segmento, o que não nos impede de fazer comentários mais abrangentes (sobre as mídias, em geral), sempre que for pertinente.

Uma das maneiras pelas quais podemos colocar a temática aqui abordada no foco da ADF é buscando discursos institucionalizados⁹ sobre a questão. No caso desta pesquisa, trazemos à discussão a discursividade inerente aos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*. Isso porque, dado o seu impacto, as *tragédias* de Mariana-MG e Brumadinho-MG, como foi dito, motivaram a cobertura de diversos veículos midiáticos no Brasil e no mundo, o que nos impôs um *recorte*. Assim, como se pode perceber, a pesquisa em curso tem como objeto de estudo os referidos jornais em sua construção discursiva dos rompimentos das barragens de Fundão, majoritariamente sob a responsabilidade da mineradora Samarco Mineração S/A e minoritariamente, da mineradora Vale S/A, e da Mina do Córrego do Feijão, sob a responsabilidade da mineradora Vale S/A. Objetivamos, principalmente, analisar o funcionamento da discursividade sobre tais eventos, a partir desses dois expressivos veículos de comunicação, observando a forma como eles *transformam* os acontecimentos brutos em discurso, o cerne de onde partem os elementos da pesquisa.

Nosso recorte contempla, portanto, de um lado, a *Folha de S. Paulo*, um grande jornal brasileiro, de circulação bastante abrangente, que discursiviza os acontecimentos em uma posição geográfica, cultural e socialmente mais distante das localidades afetadas; de outro, o *Estado de Minas*, que aborda eventos ocorridos no estado de Minas Gerais. Esse último jornal é um importante veículo de informação que se interpõe, enquanto instância de produção discursiva entre o “acontecimento bruto” e seus leitores, a partir de uma posição de grande jornal, porém comprometido com sua mineiridade imanente e com sua regionalidade. Ganhou repercussão como o grande jornal dos mineiros e, por isso, é importante órgão comunicador no estado. Considerado um jornal consistente em sua história, absorve em si a própria identidade da imprensa mineira (FRANÇA, 1998). O *corpus* da pesquisa é constituído pelos textos jornalísticos sobre a temática do rompimento das barragens, bem como seus desdobramentos, que compreendem aforizações¹⁰ (em títulos ou nas *imediações* desses textos) durante as 30 publicações subsequentes às duas *tragédias*.

⁹ Tomamos os discursos das mídias como discursos institucionalizados com base na problemática de gêneros de discurso proposta por Maingueneau (2015) no que diz respeito aos regimes instituído e conversacional. O primeiro regime, no qual nos ancoramos, refere-se às práticas discursivas rotineiras que constituem as diversas práticas sociais/linguageiras amparada por gêneros (de discurso). Assim, um jornal, suporte de gêneros textuais diversos para uns e um (hiper)gênero para outros, é uma dessas práticas. Complementando a ideia dos regimes, o conversacional não é facilmente apreendido pela ADF visto que “sua categorização em gêneros de discurso é altamente problemática” (MAINGUENEAU, 2015, p. 113).

¹⁰ Aforizações são, grosso modo, enunciados destacados de um texto. Falaremos mais sobre isso adiante.

Se a *Folha de S. Paulo* demora alguns dias para assumir a gravidade do acontecimento em Mariana-MG, o *Estado de Minas* trata dele desde a capa da primeira edição pós-*tragédia*¹¹. Três anos depois, a *Folha de S. Paulo*, provavelmente menos incrédula quanto aos desdobramentos desse tipo de evento, trata do rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão desde o primeiro dia, dando ao acontecimento espaço na manchete. Esse tipo de tratamento da notícia não é neutro, evidentemente. As linhas editoriais dos jornais ditam, como sabemos, esses *comportamentos* discursivos. Se podemos ser críticos enquanto analistas de discurso (e devemos!), não haveremos de *inocentar* os veículos de comunicação e seus (des)interesses quanto à circulação de determinadas notícias. Isso porque, como é possível observar, “a mídia não pode alterar a realidade, mas pode alterar, em muito, a percepção das pessoas sobre a realidade” (CARRATO, ELISIO, DINIZ, 2018, p. 161). Esse tipo de reflexão remete à grande responsabilidade do texto midiático/jornalístico quanto à veiculação de informações.

É importante mencionar, mesmo que de passagem, que nosso objetivo não é discutir as designações que recebem os rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG, mas esse tipo de observação nos leva a pensar no grande papel das mídias (especialmente no que diz respeito aos dois jornais brasileiros que nos propusemos a analisar) em relação à opinião pública. Se, de um lado, temos veículos midiáticos que atenuam, muitas vezes, a gravidade de uma situação – quer seja deixando de abordar o tema, quer seja deixando de denunciar a (ir)responsabilidade das empresas quanto às *tragédias* –, de outro, há aqueles que destacam o sofrimento das vítimas desses eventos. Notamos ainda uma gama de pessoas que se levanta para dar voz aos atingidos, para estudar as discursivizações que envolvem a temática, para apontar as desigualdades que eventos como esses escancaram. É a partir dessas observações que surge a efervescência do(s) discurso(s). E, em nosso caso, principalmente em relação à cobertura que as mídias, aqui representadas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, deram a esses dois significativos acontecimentos em território mineiro. É justificável estudar, do ponto de vista da ADF, essa temática. Isso se dá em, pelo menos, duas direções: uma que diz respeito à sua pertinência em relação ao próprio quadro teórico da ADF; e outra em relação à importância do estudo de jornais para a compreensão e a interpretação dos rompimentos das barragens de Fundão e da Mina do Córrego do Feijão, tomados como eventos (discursivos) que marcaram a sociedade brasileira. Além disso, abordar a temática dos rompimentos de barragens

¹¹ O termo “tragédia” é utilizado sempre em itálico neste trabalho, pois ficou bastante conhecido, tornando-se uma fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010), que, plena de polêmica, cristaliza-se ao referir-se ao(s) rompimento(s) da(s) barragem(s) em Minas Gerais.

de mineração em Minas Gerais é uma das maneiras de intensificar os estudos sobre a temática, levando em conta os impactos sociais e ambientais que esses acontecimentos causaram. A inscrição desta pesquisa nos estudos discursivos a coloca em evidência, portanto, no que diz respeito ao andamento da própria sociedade, uma vez que

A análise do discurso, antes de ser qualquer coisa de cuja finalidade cada posicionamento tenta se apropriar, é, de fato, um sintoma de que uma sociedade participa de um certo mundo. Da mesma forma que se poderia caracterizar a sociedade grega antiga como uma sociedade na qual existia a retórica, poder-se-ia definir a sociedade contemporânea como uma sociedade na qual se estuda o “discurso” (MAINGUENEAU, 2015b, p. 36).

O discurso midiático é, atualmente, um dos mais expressivos em nossa sociedade. Nessa perspectiva, nossa proposta centra-se nas possibilidades do exercício (inter)discursivo, na medida em que os diversos sujeitos envolvidos nas *tragédias* têm suas vozes difundidas e geridas pelos jornais selecionados. Além disso, dialogamos com o princípio da polifonia (BAKHTIN, 2013¹²; DUCROT, 1987) que perpassa nosso objeto. Assim, por se ver inscrito no cenário da vida em sociedade, por harmonizar-se com as noções discursivas e categorias analíticas da ADF e por levantar o debate em relação à cobertura midiática de dois alarmantes acontecimentos em nosso país, o trabalho com jornais que noticiam e dissertam sobre as *tragédias* parece nos dar fundamentos para a compreensão do funcionamento da instância social, dos seus discursos e das suas interposições sobre acontecimentos.

Esses acontecimentos, para além da sua imanência na história, veem-se discursivizados e passam a ser narrados e interpretados pelas instâncias enunciativas materializadas, dentre outros, pelas mídias, em nosso caso, representadas pela *Folha de S. Paulo* e pelo *Estado de Minas*. Assim, subscrevendo a pesquisa na relevância dos estudos sobre jornais diários e seus discursos, podemos ainda asseverar que “um jornal traz mais que informações; ele exprime um certo padrão de sociabilidade, cristaliza valores e imagens presentes em uma sociedade em um determinado momento, constitui uma de muitas modulações da palavra social” (FRANÇA, 1998, p. 61). Além disso, o jornal é uma instância discursiva que “reproduz o discurso de outros enunciadore” (MOUILLAUD, 2002, p. 26), o que significa, deste modo que

¹² Polifonia e dialogismo, noções basilares no pensamento bakhtiniano, serão utilizadas neste trabalho seguindo a proposta de Barros (2003, p. 5-6), que nos parece produtiva para os objetivos que nos movem. Assim, polifonia vai “caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso”. Em outras palavras: “monofonia e polifonia de um discurso são (...) efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos.”. A autora cita como exemplos de monofonia e de polifonia, respectivamente, os discursos autoritários e os discursos poéticos, aos quais acrescentamos os discursos midiáticos, como esperamos demonstrar ao longo do trabalho.

O jornal diário tornou-se, na realidade, um substituto do espaço público, um fórum onde se escuta o eco de todas as vozes públicas, ao mesmo tempo em que tem sua própria voz. Esta dualidade está na origem das estratégias pelas quais o jornal manipula, seja por identificar-se com ele, seja por distanciar-se do mesmo, o discurso de outrem (MOUILLAUD, 2002, p. 26-27).

É, pois, por intermédio da análise do(s) discurso(s) sobre os rompimentos das barragens de Fundão e da Mina do Córrego do Feijão no *Estado de Minas* e na *Folha de S. Paulo* que colocaremos em evidência valores ressaltados pela construção discursiva sobre as *tragédias*, compreendendo-a como um importante encontro de vozes, bem como colocaremos em evidência categorias teórico-metodológicas que demonstram a relevância dos estudos discursivos na compreensão dos discursos produzidos pelas mídias.

Sobre a gênese deste empreendimento teórico e metodológico com vistas à construção da presente tese na esteira da ADF, é preciso dizer que, por ocasião do mestrado acadêmico, estivemos presentes em Mariana-MG justamente no dia em que a primeira barragem se rompeu, em novembro de 2015. Assistindo a uma aula no ICHS-UFOP, recebemos de uma colega a triste notícia do rompimento de Fundão. A princípio, pessoalmente, não imaginávamos a proporção da *tragédia*. Mas, ao nos deslocarmos de volta para casa, foi necessário abrir passagem para diversas viaturas que insistiam em nos ultrapassar nas ruas e na estrada de Mariana-MG.

Mariana-MG, pequena cidade histórica do interior de Minas Gerais, estava no foco do maior de todos os rompimentos de barragem em termos de vazamento de rejeitos de mineração registrados desde 1915¹³. A partir de então, constatamos que, na cidade, o assunto estava na ordem do dia, e isso durou muito tempo. Os noticiários, os comentários na universidade (UFOP), a curiosidade de parentes e amigos que sabiam de nossa proximidade com a cidade de Mariana-MG, as intenções de colocar em pauta esses discursos que partiam do GEDEM – Grupo de Estudos em Discurso e Memória etc. Tudo isso foi despertando cada vez mais nosso interesse nesse importante acontecimento. Três anos depois, quando já havíamos traçado um pré-projeto de pesquisa para averiguação dos discursos midiáticos sobre o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG, o infeliz evento se repetiu. Dessa vez, a notícia chegou por intermédio de aplicativo de mensagem, antes mesmo do *furo da notícia*: uma barragem

¹³ O *Center for Science in Public Participation* é uma empresa sediada nos Estados Unidos que oferece treinamento e assessoria técnica sobre poluição de águas e questões relacionadas a recursos naturais especialmente a grupos de base da atividade de mineração. A página da empresa conta com uma planilha de dados mundiais sobre rompimentos de barragens de mineração, desde 1915 até 2020. A planilha completa está disponível em: <http://csp2.org/tsf-failures-from-1915>. Acesso em: 22/11/2020.

rompera-se nas imediações. Era a Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG. A perda de vidas humanas era imensa.

Desde 1985, quando uma barragem de rejeitos de flúor na Itália se rompeu causando a morte de 269 pessoas¹⁴, não se via uma perda tão grande de vidas humanas em *tragédias* com a mineração. Estava, portanto, fechado (comoventemente) nosso quebra-cabeças: o *corpus* da nossa pesquisa seria constituído de textos advindos dos dois últimos rompimentos de barragem ocorridos no Brasil. Os dias que se seguiram foram tensos. É impossível acompanhar esse tipo de evento sem envolvimento emocional. Entretanto, era necessário assumir uma certa distância para fins de pesquisa. Foram dias em que investimos todo o nosso tempo investigando todos os recursos que tínhamos à mão: canais de notícias, aquisição e assinaturas de jornais impressos e *on-line*, leituras de jornais gratuitos etc. Pouco a pouco, fomos organizando aquilo que seria nosso objeto de estudo. Foi assim que selecionamos os dois jornais impressos que julgamos mais expressivos para o exame desses discursos, ou seja, como já mencionamos, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de Minas*.

Assim, neste empreendimento, nosso principal objetivo passou a ser o de examinar o(s) discurso(s) (em notícias, reportagens e entrevistas) veiculado(s) nos jornais mencionados sobre os rompimentos das barragens de Fundão e da Mina do Córrego do Feijão, ocorridos respectivamente nos dias 05 de novembro de 2015 em Mariana-MG e 25 de janeiro de 2019 em Brumadinho-MG, bem como o(s) discurso(s) sobre os desdobramentos desses trágicos acontecimentos. Analisaremos a maneira como esses eventos constituem parte da discursividade desses jornais, através de enunciados destacados em discurso direto (aforizações) (MAINGUENEAU, 2001; 2010; 2011; 2014), corroborando sua linha editorial e representando seu posicionamento. Esse objetivo principal se desdobra, evidentemente, em algumas especificidades teórico-metodológicas que objetivam:

- Compreender o(s) discurso(s) sobre as *tragédias* nos veículos selecionados, buscando, especificamente, examinar o tratamento que os jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* dão aos rompimentos das barragens, considerados na sua lógica e nos seus desdobramentos socioambientais.
- Aprender como se dá o encontro de vozes (efeito de polifonia) dos sujeitos envolvidos na temática das *tragédias* no(s) discurso(s) produzido(s) pelos jornais em foco.

¹⁴ Dado da planilha do *Center for Science in Public Participation*, disponível no link já citado.

- Interpretar as aforizações sobre as *tragédias*, apreendendo, por meio delas, os posicionamentos e as intencionalidades de cada jornal, bem como a instância de recepção idealizada (vista, portanto, a partir da intencionalidade da instância de produção).

Como a grande problemática incentivadora do nosso trabalho se relaciona diretamente com a construção discursivo-midiática sobre as *tragédias* em Mariana-MG e Brumadinho-MG nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, podemos lançar a pergunta a seguir como questão de pesquisa: como os rompimentos das barragens de Fundão em Mariana-MG e da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG são midiaticizados e discursivizados nesses dois jornais brasileiros por meio do fenômeno da destacabilidade/aforização?

Trabalhamos, para tanto, com a hipótese de um efeito de polifonia, que atravessa os discursos dos jornais mencionados. O efeito de polifonia sobre o qual nos debruçamos pode ser apreendido por meio das aforizações que i) funcionam como estratégias de captação, especialmente no que tange à interpelação da instância de recepção *ideal/imaginada* para que se torne uma instância de recepção *definitiva e/ou real*; e ii) apontam para o encontro dessas vozes geridas pelos jornais enquanto instâncias de produção do discurso. Falamos em encontro de vozes porque temos em foco o modo como os jornais trazem ao seu discurso as mais variadas vozes envolvidas com as *tragédias* por meio, dentre outros recursos, de enunciados em discurso direto. Esses enunciados são apreendidos em, pelo menos, cinco enquadramentos interpretativos, quais sejam: o enquadramento testemunhal, que se origina dos enunciados cujos aforizadores *viram* os acontecimentos ou seus desdobramentos; o enquadramento vivencial, cujos aforizadores *viveram* os acontecimentos, representados, em sua maior parte, pelas vítimas dos rompimentos das barragens; o enquadramento técnico-governamental, cujos aforizadores são os especialistas ou sujeitos envolvidos com o poder executivo, legislativo ou judiciário, que dão pareceres acerca dos acontecimentos; o enquadramento artístico-cultural e religioso, cujos aforizadores são representados por artistas em geral e sacerdotes ou ainda cujos enunciados têm temática religiosa; e o enquadramento acional, representado por sujeitos aforizadores que se supõe terem o poder de agir sobre os acontecimentos. As falas desses sujeitos, retiradas de seus (con)textos “originais” e destacadas em aforizações, são apreendidas ao longo dos textos jornalísticos, sendo neles utilizadas, via de regra, para induzir o leitor a variados “possíveis

interpretativos” (CHARAUDEAU, 2015)¹⁵ e construir através desses destacamentos um posicionamento político, ideológico e discursivo.

Nossa tese está estruturada da seguinte maneira: no Capítulo 1, a título de contextualização, abordamos o rompimento de barragens de mineração tanto no Brasil como no mundo, assim como trazemos informações elementares sobre o uso de barragens na atividade mineradora. Além disso, apresentamos uma reflexão sobre a atividade midiática quanto aos rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG, especialmente no que tange à *Folha de S. Paulo* e ao jornal *Estado de Minas*. Esse capítulo discute nossas primeiras impressões sobre o modo como esses dois jornais colocam em pauta esses eventos. Não aprofunda, porém, as informações técnicas sobre os rompimentos das barragens, já que nossa principal preocupação é fornecer ao leitor um ponto de apoio que possa auxiliá-lo na compreensão elementar do assunto e mostrar, de alguma forma, sua gravidade e suas consequências para os sujeitos, para o meio ambiente, para a economia e áreas afins.

Já no Capítulo 2, refletimos sobre o aparato teórico. São discutidas questões como a atividade midiática, as instâncias de produção e recepção dos discursos, bem como o produto resultante dessa atividade foram discutidos. Tratamos, além disso, das noções de (efeito de) polifonia e aforização que dão base a uma reflexão sobre a incursão do outro no discurso, de modo marcado. Tal postulado pode explicar o uso da aforização como estratégia para chamar a atenção da instância de recepção imaginada ou público-alvo com vistas a interpelá-la enquanto instância de recepção real, qual seja a do leitor propriamente dito. Nesse capítulo são igualmente abordados a caracterização geral das aforizações feitas pela *Folha de S. Paulo* e pelo *Estado de Minas*, bem como o perfil de cada *locutor jornal* em função dos enunciados que destaca e das relações que mantém com esses enunciados.

O Capítulo 3 descreve inicialmente a constituição do *corpus* (a partir de enquadramentos interpretativos mais recorrentes) e, em seguida, examina e a compara às aforizações selecionadas, o que demonstra como as noções mobilizadas no Capítulo 2 auxiliam na compreensão do funcionamento dos enunciados destacados (aforizações) nos jornais em foco (cada um com suas especificidades). Dessa maneira, é possível compreender como tais jornais se valem dessas frases aforizadas como estratégia discursiva de captação de leitores e de encontro de vozes com que tecem relações de acordo, de desacordo ou de (aparente) neutralidade. As aforizações, nesse sentido, têm papel decisivo no que diz respeito ao modo

¹⁵ Para o autor, “[...] o texto produzido é portador de ‘efeitos de sentido possíveis’, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos ‘possíveis interpretativos’” (CHARAUDEAU, 2015, p. 28).

como o jornal constrói seus postulados para o público-alvo, valendo-se de imaginários diversos, de trechos narrativos, argumentativos, explicativos, simbólicos etc. que, por sua vez, indicam ao leitor o posicionamento dos jornais e suas respectivas linhas editoriais. Afinal, por meio desses fragmentos discursivos os jornais (re)constróem os acontecimentos em determinada direção. A partir disso, o trabalho direciona-se para as considerações finais, de modo a indicar ao leitor se e como os objetivos foram atingidos, apontando, de igual forma, para as contribuições que esperamos oferecer com a presente pesquisa.

CAPÍTULO 1: A ATIVIDADE MINERADORA E SUAS IMPLICAÇÕES: A UTILIZAÇÃO DE BARRAGENS E SUAS REPERCUSSÕES MIDIÁTICAS

É lugar-comum na história do Brasil que a mineração sempre foi importante atividade econômica no estado de Minas Gerais. A economia pautada nas minerações auríferas que tanta riqueza levou para fora do país, através das explorações de nosso território, foi palco de significativos episódios históricos, dentre eles o triste e injusto período da escravidão no Brasil. A desigualdade social e os recorrentes episódios de luta pela exploração das jazidas de ouro desde os remotos tempos coloniais em Minas Gerais não passaram despercebidos pelos estudiosos.

Nos ilustrados mineiros do século XVIII começava a despontar a consciência da enormidade do problema social engendrado pela atividade mineradora. Produto da própria natureza do empreendimento da mineração, desenraizador por excelência, mas fruto também das condições específicas da colonização de Minas.

Assim, a brutalidade do processo colonizador sobre os negros e os índios somou-se, em Minas Gerais, aos sanguinolentos episódios da guerra dos emboabas e do enforcamento de Tiradentes. Igualmente por isso, Minas distinguem-se [sic] do conjunto – por terem germinado sob o signo da morte – “estado individualizador por excelência” (ARRUDA, 1990, p. 68-69).

O período colonial de exploração das minas de ouro revelou peso até mesmo na formação dos valores de mineiridade que hoje conhecemos (LANDIM, 2017) e, apesar da queda da atividade mineradora no final da época aurífera e da inversão rural que se sucedeu a ela (ARRUDA, 1990), outros tipos de exploração do solo continuaram a ter lugar privilegiado em Minas Gerais. A mineração constitui, portanto, parte da identidade do povo mineiro.

Se há referências históricas que remontam às aspirações de liberdade e superioridade do estado nos tempos coloniais, é verdade também que a brutalidade do processo colonizador nunca deixou de existir por aqui, embora pareça ter-se modificado ao longo do tempo. Não mais sob a égide do império, nem dos grupos que dominaram a extração do ouro durante tanto tempo, a atividade de mineração passou por estatizações e privatizações nas últimas décadas. Essas privatizações revelaram a intensa competitividade do mercado global: a despeito de toda a preocupação com o meio ambiente que tem circulado em discursos diversos ao redor do planeta, as mineradoras (hoje sob a direção da iniciativa privada no Brasil) exploram a natureza em muitos casos sem grandes preocupações com os danos que podem causar a ela.

É importante dizer que, desde os tempos coloniais, a atividade mineradora foi regulamentada de alguma maneira no país, mas, nos séculos seguintes, especialmente a partir do final do século XX, houve a concessão da exploração de minério ao domínio privado.

Diferentes regulamentações sobre a atividade foram tomando lugar na medida das necessidades (LANA, 2015). Já não mais no esteio de uma sociedade injustamente escravista, hoje em dia, a atividade de mineração está nas mãos de grandes sociedades anônimas multinacionais que, a exemplo dos tempos coloniais, continuam a levar as riquezas provindas de nosso solo para fora do país, deixando por aqui o investimento para que a atividade possa seguir funcionando. Esse é um fenômeno de globalização. Além disso, a despeito das consequências catastróficas de diversos *acidentes* que envolvem a mineração, não parecem se preocupar muito em devolver ao país pelo menos um pouco do recurso explorado. Atualmente, no entanto, já é possível assistir a matérias¹⁶ de conteúdo patrocinado na TV (especialmente por assinatura) que pregam justamente o contrário disso: investimentos em povos nativos e riqueza natural, segundo elas, têm sido adotados, por exemplo, na Amazônia, onde a Vale S/A detém boa parte das explorações de minério locais.

Reflexões sobre as polêmicas da mineração à parte, também é lugar-comum que o estado de Minas Gerais é um dos polos de mineração atualmente mais expressivos no Brasil. Alguns dos minerais explorados no estado são ouro, calcário, quartzito, pedra-sabão, bauxita, granito (LANA, 2015) e o conhecido minério de ferro. Dessa maneira, é hoje a atividade mineradora, especialmente de minério de ferro, a essência desse trabalho em Minas Gerais. Aliás, o próprio nome do estado e seu respectivo gentílico remontam ao trabalho do *mineiro*. Geradora de enormes quantias financeiras, tanto no quesito lucro quanto no quesito arrecadação de impostos e *royalties*, a mineração é também importante geradora de empregos. Todavia, isso não a isenta do potencial risco de consequências catastróficas para a sociedade e para o meio ambiente. O modo como o minério de ferro é beneficiado para que possa ser transportado para fora e para dentro do país traz consigo o risco de resultados complexos para a natureza e para as comunidades que vivem no entorno dessas explorações. Embora a extração a seco de minério já seja uma realidade em grande parte da exploração mineral, o método de lavagem do produto, que produz rejeitos e tem necessidade de utilização de barragens, ainda existe no Brasil.

As barragens de rejeitos são, portanto, resultado desse tipo de beneficiamento do minério. São estruturas construídas para depósito de substâncias que não possuem valor comercial e são resultantes de processos que possibilitam a venda do minério de ferro separado dos demais elementos minerais que com ele são extraídos do solo. Como esse processo precisa de muita água, o aglomerado de rejeitos é constituído basicamente de lama, que deve ser

¹⁶ Para simplificar, assim como faremos posteriormente, usamos aqui a palavra “matéria”, de maneira abrangente (e pouco técnica), para designar o texto jornalístico em geral, independentemente do seu gênero (notícia, reportagem, entrevista etc.).

armazenada. As barragens que contêm essa lama são constituídas de alguns elementos fundamentais que carecem de monitoramento constante e eficiente. São eles:

- a) a fundação: o local onde se assenta a barragem e todo o seu conteúdo;
- b) o aterro, também chamado de maciço: é a parte que contém o rejeito, a *parede* da barragem. É o lugar onde se fazem os famosos alteamentos que podem ocorrer a montante, a jusante ou por linha de centro¹⁷;
- c) as ombreiras: são as superfícies laterais onde a barragem se apoia;
- d) o reservatório: é o lugar onde se depositam os rejeitos;
- e) a drenagem: é o mecanismo que conduz a umidade/água do interior da barragem para fora dela;
- f) a crista: é a superfície do topo da barragem;
- g) o vertedouro: é uma estrutura responsável por verter o excesso de água das chuvas¹⁸.

Todos esses elementos estruturais devem ser constantemente monitorados por meio de instrumentos específicos que registram dados e os colocam à disposição dos profissionais que cuidam das barragens. Qualquer problema com uma das estruturas que compõem a barragem, seja ela de montante, de jusante ou por linha de centro, especialmente no que diz respeito ao monitoramento da água que inevitavelmente compõe os rejeitos¹⁹, pode ter desfecho catastrófico.

É de interesse social que os processos de beneficiamento de minério que demandem construção de barragens sejam cessados e as barragens sejam descomissionadas, ou seja,

¹⁷ Nas barragens, a partir do que os engenheiros chamam de um dique de partida, novas camadas de contenção são acrescentadas na medida em que o reservatório precisa crescer, processo denominado “alteamento”. Atualmente, o alteamento de jusante tem sido o procedimento padrão de boa parte da mineração no Brasil. Nele, os alteamentos são feitos com solo compactado no sentido do fluxo de água. Já no procedimento a montante, os alteamentos são realizados sobre o próprio rejeito grosso do reservatório e seguem no sentido contrário ao fluxo de água. A superfície do reservatório vai ficar cada vez mais estreita nesse tipo de alteamento. Existe ainda um terceiro tipo de barragem chamada barragem de alteamento por linha de centro. Nesse tipo de barragem, os alteamentos são feitos tanto sobre os rejeitos quanto sobre o dique de partida. Segundo especialistas, é um tipo de barragem mais seguro se comparado com as barragens de tipo a montante e, além disso, é menos dispendioso se comparado às barragens com alteamento de jusante. Nas informações disponibilizadas pela Vale S/A, não se encontram dados sobre esse tipo de barragem. Segundo consta em sua página na *internet*, os principais métodos da empresa consistem em barragens de montante e de jusante. Para mais informações sobre os tipos de barragem de rejeitos, sugerimos a consulta da página do *Comitê Brasileiro de Barragens* e da própria página da Vale S/A, disponíveis, respectivamente, nos seguintes *links*: <http://cbdb.org.br/> e [http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/Documents/PT/entenda-as-barragens-da-vale-pt.html#:~:text=Entenda%20os%20tipos%20de%20barragens&text=C3%80%20medida%20que%20a%20barragem,modelo%20convencional\)%20e%20a%20montante.](http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/Documents/PT/entenda-as-barragens-da-vale-pt.html#:~:text=Entenda%20os%20tipos%20de%20barragens&text=C3%80%20medida%20que%20a%20barragem,modelo%20convencional)%20e%20a%20montante.) Acesso em 18/03/2022.

¹⁸ Essas informações podem ser conferidas na página da Vale S/A (<http://www.vale.com/samarco/PT/Paginas/entenda-barragens-rejeito.aspx>). Acesso em: 23/11/2020.

¹⁹ A maior parte dos rompimentos de barragem de mineração se relaciona com problemas de drenagem da água, de infiltrações e de liquefação dos rejeitos.

desmanchadas. Embora já grande parte da produção de minério de ferro seja feita com tecnologia a seco (que não resulta em rejeitos úmidos e, portanto, não demanda a construção de barragens), cerca de 40% da produção da Vale S/A²⁰, por exemplo, ainda usa a técnica de lavagem do minério para sua extração. O tamanho da produção de minério de ferro no estado de Minas Gerais dá pistas de que, embora a menor parte da produção use o método de barragens, a quantidade dessas estruturas ainda em funcionamento é bastante significativa. E parte expressiva delas é classificada como de alto risco²¹. É bem verdade que muitas dessas estruturas não recebem mais rejeitos, entretanto continuam causando preocupação pelo potencial destruidor em caso de colapso. Em vista disso, são os problemas nas estruturas, no sistema de drenagem, de alteamento, dentre outros, que podem findar em calamidades, tais como os rompimentos em Mariana-MG e em Brumadinho-MG.

Incidentes com barragens já aconteceram em todo o mundo. De acordo com pesquisa que realizamos na planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020*²², as tragédias em Mariana-MG e Brumadinho-MG figuram entre as piores ocorrências de falhas em barragens de rejeitos de mineração já registradas no mundo. Nenhum vazamento de rejeitos foi tão grande quanto o da barragem de Fundão em Mariana-MG. Se, como dissemos (ver nota 1), há dados controversos a esse respeito segundo diferentes fontes, mesmo assim nenhum vazamento de rejeitos chega aos números calculados para esse rompimento: entre 34.000.000 m³ e 43.700.000 m³ de rejeitos de minério de ferro. O vazamento de rejeitos que mais se assemelha a esse número astronômico ocorreu em Tuba, na província de Benguet, nas Filipinas. Por falha na estrutura da barragem, foram derramados 32.243.000 m³ de rejeitos de beneficiamento de cobre em rompimento de barragem ocorrido em 02 de janeiro de 1992. Ainda assim, não há registro de mortes, de acordo

²⁰ De acordo com reportagem (de conteúdo patrocinado) do jornal *Estado de Minas*, de 30/06/2019, a Vale pretende ampliar para 70% esse tipo de produção até 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/patrocinado/reconstrucao/2019/06/30/reconstrucao,1065588/mineracao-a-seco-elimina-geracao-de-rejeitos-e-uso-de-barragens-conhe.shtml#:~:text=T%C3%A9cnica%20sem%20C3%A1gua%20n%C3%A3o%20gera%20rejeito%20e%20descarta%20necessidade%20de%20barragens&text=Por%20n%C3%A3o%20usar%20C3%A1gua%20no%20portanto,%20n%C3%A3o%20usa%20barragens>. Acesso em 15/09/2020.

²¹ Segundo o boletim semanal da Agência Nacional de Mineração, publicado em 08/06/2020, 39 das 219 barragens de mineração cadastradas junto ao órgão em Minas Gerais são classificadas como de alto risco; dessas, 38 encontram-se em nível de emergência. Os níveis de emergência são classificados em 1, 2 e 3 (respectivamente, da “menor” emergência para a maior). As únicas quatro barragens do país que se encontram no último nível de emergência estão em Minas Gerais. São elas: i) B3/B4, da *Reunidas S/A Filial: MBR Paraopeba*, em Nova Lima; ii) Forquilha I, da *Vale S/A Filial: Vale Itabiritos*, em Ouro Preto; iii) Forquilha III, da *Vale S/A Filial Vale Itabiritos*, também em Ouro Preto; e iv) Sul Superior, da *Vale Minas Centrais*, em Barão de Cocais. O boletim está disponível em: <https://www.gov.br/anm/pt-br/assuntos/barragens/boletim-de-barragens-de-mineracao>. Acesso em: 18/03/2022.

²² Como já foi mencionado, a planilha completa está disponível em: <http://csp2.org/tsf-failures-from-1915>. Acesso em: 23/11/2020.

com a planilha. Outro dado importante a ser observado recai sobre o volume de armazenamento das duas barragens. Enquanto Fundão armazenava cerca de 56.400.000 m³ de rejeitos, a barragem de Tuba armazenava impressionantes 102.000.000 m³. Em conta elementar, é possível perceber que o dano da barragem de Fundão foi muito maior em proporção se comparado a Tuba: Fundão perdeu cerca de 77,5% de seu rejeito enquanto Tuba perdeu cerca de 31%. Fica claro que os danos à estrutura da barragem de Mariana-MG foram bastante comprometedores.

Poucos rompimentos de barragens mataram mais pessoas do que o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG. Os rompimentos de barragem que mataram mais de uma centena de pessoas de acordo com a planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020* são:

- Mir Mine, em Sgurigrad, Bulgária: barragem de rejeitos de beneficiamento de chumbo e zinco. Rompeu-se em maio de 1966, causando a morte de 488 pessoas;
- Los Cedros, em Tlalpujahua, Michoacán, México: barragem de rejeitos de ouro e prata. Rompeu-se em 27 de maio de 1937 causando a morte de 300 pessoas;
- Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG, Brasil: barragem de rejeitos de minério de ferro. Rompeu-se em 25 de janeiro de 2019, causando a morte de 270 pessoas;
- Mina de Prestavel em Val di Stava, Itália: duas barragens de rejeitos de (ao que tudo indica) extração de flúor se romperam em 19 de julho de 1985, causando a morte de 269 pessoas;
- Taoshi, na cidade de Linfen, província de Shanxi, na China: barragem de rejeitos de minério de ferro. Rompeu-se em 08 de setembro de 2009, causando a morte de 254 pessoas;
- Old Dam, na cidade de El Cobre, Chile: uma barragem de rejeitos de extração de cobre se rompeu devido a um terremoto em 28 de março de 1965, causando a morte de cerca de 200 pessoas;
- Huogudu, na província de Yunnan, na China: barragem de rejeitos de urânio. Rompeu-se em 26 de setembro de 1962, causando a morte de 171 pessoas;
- Buffalo Creek, em West Virginia, Estados Unidos: barragem de mina de carvão que se rompeu em 26 de fevereiro 1971, causando a morte de 125 pessoas;
- Hpakant, estado de Kachin, em Mianmar: mina de extração de jade que se rompeu em 21 de novembro de 2015, causando a morte de 115 pessoas. É

curioso notar que Mianmar já teve outros incidentes devido à extração de jade. Em 04 de maio de 2018, outro rompimento causou a morte de 20 pessoas. Já em 02 de julho de 2020, um deslizamento de terra devido a fortes chuvas²³ tirou a vida de, pelo menos, 126 mineiros no mesmo local²⁴.

Muito comentados e analisados em diferentes veículos midiáticos, os rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG figuram entre os principais e mais emblemáticos acontecimentos desse tipo no Brasil e no mundo. Isso se dá porque, diante da catástrofe ambiental causada pelo rompimento da barragem de Fundão e da enorme perda de vidas humanas na barragem da Mina do Córrego do Feijão, esses foram os rompimentos de barragem mais significativos na atualidade, do ponto de vista de seus impactos. Entretanto, não são os únicos ocorridos no Brasil. Aliás, as barragens de rejeitos de minério são uma preocupação constante para as populações que vivem nas adjacências das mineradoras. Basta andar pelas ruas dessas cidades e vilas e conversar com os moradores para ouvir os mais diversos comentários que relatam o medo de viver tão perto de estruturas tão grandes e perigosas²⁵.

Os *problemas* com todos os tipos de barragem não são incomuns no Brasil. Basta fazer uma simples pesquisa em *sites* de busca para que vejamos que o cuidado com barragens no país não parece satisfatório. Além de barragens de rejeitos, rompimentos de barragens de represas, de açudes, transbordamentos devido às chuvas pesadas, problemas em vertedouros e sistemas de drenagem etc. também fazem parte dessa realidade brasileira. Para fins de contextualização, selecionamos apenas os incidentes com barragens de rejeitos²⁶ para listá-los a seguir. Esclarecemos que, nesta lista, não constam os rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG, que serão abordados mais detalhadamente nas próximas páginas.

²³ Dado da planilha *Chronology of major tailings dam failures* do *Wise Uranium Project*. Disponível em: <http://www.wise-uranium.org/mdaf.html>. Uma pequena reportagem brasileira da TV *GloboNews* mostra a imagem do deslizamento de terra causado por fortes chuvas na mina de jade. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/02/deslizamento-em-mina-deixa-dezenas-de-mortos-na-birmania.ghtml>. Acessos em: 17/09/2020.

²⁴ De acordo com dados da planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020* já mencionada, ao menos 2.959 pessoas já morreram devido a rompimentos de barragem de rejeitos ao redor do mundo. Essa planilha não computa o deslizamento de terra de Mianmar, ocorrido em julho de 2020.

²⁵ Atuando em escola do município de Miraf-MG (2009), ouvimos muitos relatos que remontavam ao ano de 2007 quando a barragem da *Mineradora Rio Pombas Cataguases* se rompeu e inundou parte da cidade, atingindo rios e chegando a Muriaé-MG, onde até pouco tempo, o rio Muriaé sofria impactos dos rejeitos de bauxita. A mineradora foi interdita definitivamente. Denominada atualmente *Bauminas Mineração*, a empresa desativou a barragem rompida e construiu outra estrutura para continuar a exploração de minério na região. Ao que tudo indica, porém, não houve pagamento da multa que, à época foi calculada em cerca de 70 milhões de reais por conta de reincidência. As indenizações aos moradores não passaram de cerca de cinco mil reais sob a alegação de que, em caso de indenizações maiores, incorrer-se-ia em possibilidade de “enriquecimento ilícito” (RODRIGUES, 2018).

²⁶ Esta lista foi confeccionada a partir de dados da planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020*, já mencionada. Quando informações que não constam na planilha forem dadas, as fontes serão mencionadas.

- Pico de São Luis, em Minas Gerais: barragem de rejeitos de minério de ferro que se rompeu no dia 02 de outubro de 1986. De acordo com Soares (2010), a barragem se rompeu por solapamento da base do aterro e entubamento/*piping*. Em outras palavras, houve afundamento do solo e erosão interna da barragem. O autor ainda acrescenta que a lama escorreu por 10 km provocando danos a pontes e estradas de ferro (SOARES, 2010, p. 833);
- Complexo de Fernandinho, em Itabirito-MG: barragem de rejeitos de minério de ferro da CSN que se rompeu em maio de 1986, causando a morte de sete pessoas. A lama escorreu por 12 km. A causa do rompimento foi liquefação; houve danos a laboratórios e equipamentos (SOARES, 2010, p. 833);
- Mineira Serra Grande, em Crixás-GO: rompimento de uma barragem de rejeitos da extração de ouro ocorrido em fevereiro de 1994. Não há registro de mortes ou alcance dos rejeitos. O rompimento ocorreu por ineficácia dos drenos;
- Sebastião das Águas Claras, em Nova Lima-MG: rompimento de barragem de rejeitos de minério de ferro da empresa *Mineração Rio Verde* que ocorreu em 22 de junho de 2001. O registro de mortes varia entre 2 e 5. A lama percorreu cerca de 8km em uma área de 30 hectares, atingindo o Córrego Taquaras e deixando áreas soterradas nos talwegues a jusante da barragem a mais de 20 metros de altura. Além disso, a lama rompeu uma adutora de água da empresa COPASA²⁷;
- Mineradora Rio Pomba Cataguases, em Miraí-MG: barragem de rejeitos da mineração de alumínio em 2003. Fala-se em escoamento de “licor negro” (material orgânico constituído de lignina e sódio) após o rompimento. Os dados variam entre um escoamento de 900.000 m³ e de 1.200.000 m³ na bacia do rio Paraíba do Sul. A barragem foi desativada logo após o rompimento²⁸;
- Mineradora Rio Pomba Cataguases, em Miraí-MG: barragem de rejeitos da mineração de alumínio. Novamente, a barragem da mesma empresa se rompeu, mas agora com maior vazamento: 2.000.000 m³. O rompimento ocorreu no dia

²⁷ Além da planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020*, consultamos o *Boletim Informativo da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas*. Disponível em: <https://www.abas.org/abasinforma/116/paginas/05.htm>. Acesso em 18/09/2020.

²⁸ Esses dados foram retirados da planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020* e de reportagem do site de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/11/em-cataguases-barragem-rompida-foi-desativada-apos-acidente-em-2003.html>. Acesso em 16/09/2020.

10 de janeiro de 2007, inundando parte da cidade de Mirai-MG e parte do Rio Muriaé na cidade com o mesmo nome²⁹;

- Barragem em Crixás-GO: da empresa *Serra Grande Mineração*, pertencente ao grupo *AngloGold Ashanti*. Uma barragem de rejeitos de lavra de ouro transbordou no dia 01 de janeiro de 2012, devido a fortes chuvas. Mais de 900 m³ de rejeitos invadiram o Rio Vermelho pelo sistema de drenagem da barragem;
- Mina de Herculano, em Itabirito-MG: barragem de rejeitos de minério de ferro da empresa *Herculano Mineração* que se rompeu no dia 10 de setembro de 2014. O volume de armazenamento da barragem era de 4.500.000 m³. Não há informações disponíveis até o momento sobre a quantidade de rejeitos que foram lançados sobre trabalhadores e um Fiat Uno que estava a jusante da barragem. Três pessoas morreram;
- Barragem de Machadinho d'Oeste, em Oriente Novo-RO: barragem de rejeitos de mineração de estanho da *Metalmig Mineração Ind. E Com. S/A* que se rompeu no dia 29 de março de 2019, depois de forte chuva. Há relatos de ao menos cinquenta famílias que ficaram em situação de isolamento. Não há registros do volume de rejeitos. Também não foram registradas mortes nesse incidente;
- TB01, em Nossa Senhora do Livramento-GO: barragem de rejeitos de lavra de ouro que se rompeu no dia 01 de outubro de 2019. A barragem era registrada e tinha certificação de estabilidade. No entanto, os rejeitos escorreram por parte do dique que se rompeu e percorreram cerca de 2 km. A barragem tinha potencial leve de dano. Duas pessoas foram levadas ao hospital, mas não houve vítimas fatais³⁰.

Como é possível perceber, por intermédio dessas listas de ocorrências graves no Brasil e no mundo, a atividade de mineração que ainda faz uso de barragens sugere que mudanças são necessárias. Os piores rompimentos de barragem já ocorridos no Brasil deixaram marcas indeléveis na natureza e na sociedade. É a eles que dedicaremos algumas palavras a seguir.

²⁹ Dados retirados da planilha *Tailings Dam Failures 1915-2020* e de reportagem do site de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/11/zona-da-mata-ainda-se-recupera-de-rompimento-de-barragem-ha-9-anos.html>. Acesso em 16/09/2020.

³⁰ Dados retirados da *Tailings Dam Failures 1915-2020* e de notícia da *Folha Uol*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/10/rompimento-de-barragem-no-mato-grosso-deixa-dois-feridos.shtml>. Acesso em 18/03/2022.

1.1 Os rompimentos das barragens em Mariana-MG e Brumadinho-MG: duas *tragédias* anunciadas

Embora seja informação já habitual o fato de que o Brasil é um país com amplo potencial de mineração, é no conhecido Quadrilátero Ferrífero, localizado na região centro-sul de Minas Gerais que se concentram as mais conhecidas e representativas jazidas de minério de que se tem notícia no país. Além da significativa expressividade para o desenvolvimento econômico da região e importância até mesmo para o crescimento do PIB nacional,

A atividade mineradora sempre esteve no centro de uma polêmica: a de que o impacto gerado na natureza é altíssimo. Irreversível. Isso se dá por conta do processo de exploração e retirada do minério, que inclui remoção de florestas e terra, alterações espaciais, químicas e ecológicas nos cursos d'água e crateras na superfície terrestre (CASTRO; NALINI JUNIOR; LIMA, 2011, p. 22).

O compromisso com a natureza, invadida pelas atividades mineradoras, deve(ria) ser pauta obrigatória, carecendo estar no centro dessa prática, inclusive no que diz respeito à recuperação do ambiente natural ao final da exploração mineral, quando as jazidas já não oferecem lucro. O problema é que a força que move as práticas financeiras no universo econômico e na globalização nem sempre observam os limites necessários em relação tanto à responsabilidade pela exploração quanto à capacidade de produção de minério e de armazenamento dos rejeitos que dela resultam.

De acordo com o relatório final do grupo PoEMAS³¹, da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre os aspectos econômicos, políticos e sociais da *tragédia* em Mariana-MG:

Dados indicam que existe uma relação estrutural entre eventos de rompimento de barragens no novo ciclo pós-*boom* do preço dos minérios. Essa relação estaria associada à aceleração dos processos de licenciamento ambiental e à pressão sobre os órgãos licenciadores na fase de preços elevados, bem como à intensificação da produção e pressão por redução de custos no período de redução dos preços. Alguns desses elementos podem ser identificados no desastre tecnológico da Samarco/Vale/BHP e *seu caráter estrutural sugere que outras empresas podem estar provocando situações de risco semelhantes* (POEMAS, 2015, p. 5 – grifo nosso).

³¹ PoEMAS – Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade, da Universidade Federal de Juiz de Fora, é “composto por pesquisadores e alunos com formações diversas e utiliza conhecimentos da economia, da geografia, da sociologia e das políticas públicas para analisar e avaliar os impactos que as redes de produção associadas à indústria extrativa mineral geram para a sociedade e para o meio ambiente” (PoEMAS, disponível em: <https://www.ufjf.br/poemas/>). A página do grupo é recheada de publicações: artigos, livros, capítulos de livros etc., todos voltados para as questões que envolvem a mineração no país. Disponível em: <https://www.ufjf.br/poemas/>. Acesso em 20/09/2020.

O destaque que demos à última parte da citação não foi gratuito. Já em 2015, a *tragédia* em Brumadinho-MG poderia estar sendo anunciada. Aliás, é possível perceber, por meio dessa prática econômica que o próprio rompimento da barragem de Mariana-MG também foi uma *tragédia* anunciada. De acordo com o mesmo relatório, é possível compreender essa dinâmica no que diz respeito à Samarco Mineração S/A, empresa proprietária da barragem de Fundão que se rompeu em Mariana-MG:

A discussão acerca das estratégias de investimento e financiamento da Samarco nos últimos anos explicita também a centralidade da dimensão financeira e dos acionistas na configuração das operações da empresa. A mudança no macrocenário econômico da mineração de uma fase de *boom* para uma de *pós-boom* das *commodities* induziu uma “aposta” por parte das principais empresas do setor na criação e ampliação de economias de escala, o que na Samarco teve como eixo o Projeto Quarta Pelotização (P4P). O P4P representou uma expansão significativa da capacidade instalada da empresa (37%), assim como a redução de descontinuidades no processo de produção, diminuindo os custos operacionais relativamente às demais empresas do setor. Nesse sentido, a ampliação dos investimentos dependeu adicionalmente de práticas de elevação da produtividade (do capital, do trabalho e do uso de recursos naturais (...)), que implicam a mobilização do conhecimento e a pressão contínua sobre os trabalhadores pela ampliação dos níveis de produção e qualidade. A redução do custo unitário por tonelada de pelota de ferro de US\$ 57,11 (2013) para US\$ 53,42 (2014) refletiu, assim, a capacidade da Samarco de suportar os efeitos adversos do macrocenário regressivo, mantendo os níveis de margem bruta de lucro e chegando mesmo a ampliar sua lucratividade líquida nestes anos. É importante notar, no entanto, que a aposta em ganhos de escala foi decisiva na elevação expressiva do endividamento da empresa a partir de 2009 (ampliado em cerca de 29% entre 2013 e 2014). A confrontação entre o endividamento e a receita operacional da companhia apontam para uma pressão crescente pela elevação da produtividade como forma de manutenção dos níveis de remuneração aos acionistas (POEMAS, 2015, p. 5-6).

Por outro lado, o poder econômico que essas empresas detêm é relevante aspecto que favorece a exploração. Segundo o mesmo grupo de estudos e pesquisas,

Quando grandes corporações extrativas, como a Vale S.A., obtêm um grau de poder desproporcional sobre outros agentes (Estado, trabalhadores e comunidades), as instituições de controle deixam de funcionar adequadamente, o que tende a aumentar o risco de ocorrência de grandes desastres, como o que ocorreu em Brumadinho, na bacia do rio Paraopeba (MILANEZ *et al.*, 2019, p. 1).

De acordo com as postulações dos dois relatórios, o aumento da produção com custos menores pode contribuir para que o monitoramento de barragens seja comprometido. Assim, barragens projetadas para determinadas quantidades de rejeito podem ter sido potencializadas, possivelmente corroborando riscos de rompimentos. Outras questões evidentemente são colocadas em pauta quando se trata de causas de rompimentos de barragens. No entanto, o macrocenário das exigências do mercado não pode ser deixado de lado. Com essas questões em mente, vamos, a partir de agora, nos empenhar na busca das características de cada um dos

rompimentos, a fim de que possamos compreender a sequência dos fatos e seus desdobramentos.

1.1.1 O rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG

O rompimento da barragem de Fundão, na zona rural de Mariana-MG, ocorreu na tarde do dia 05 de novembro de 2015. Era uma tarde como outra qualquer, entretanto, um “apocalipse de lama”³² estava prestes a se formar. Romeu Arlindo dos Anjos, técnico de processos que trabalhava na área da barragem de Fundão, inspecionava a barragem quando percebeu a praia de rejeitos se desfazendo. Em meio ao solo que ruía sob seus pés, pulando sobre as rachaduras que se formavam, correu como pôde. Foi, no entanto, surpreendido pela lama. De algum modo, sobreviveu para contar sua história à jornalista Cristina Serra (2018) que, poucos meses antes de mais um rompimento de barragem, lançou seu livro quando a *tragédia* em Mariana-MG completava três anos.

Enquanto Romeu lutava para sobreviver, a lama descia o vale com a violência das catástrofes incontroláveis, em meio à cadeia montanhosa. Ainda dentro da área industrial da Samarco, deparou-se com uma barragem menor, de água. Santarém, no córrego de mesmo nome, com 5 milhões de metros cúbicos armazenados. A massa então, misturou-se à água, o que deu mais fluidez e velocidade à avalanche, e passou por cima da barragem. Dentro do complexo minerário, catorze trabalhadores foram tragados pelo vômito de lama. Desses, doze eram terceirizados, um era empregado direto da mineradora e outro, de uma empresa paulista fornecedora de produtos químicos para a companhia. Os corpos de treze deles só seriam encontrados nas semanas seguintes, a até 100 quilômetros do local do rompimento. O corpo de Edmirson Pessoa, o empregado da Samarco, nunca foi achado (SERRA, 2018, p. 22).

A essa altura, segundo os dados coletados pela jornalista, a lama estava chegando ao meio do caminho, antes de atingir Bento Rodrigues, povoado da região rural de Mariana-MG. Foi quando alguns trabalhadores que cuidavam de mudas para reflorestamento ouviram pelo rádio que a barragem havia se rompido. Dentre esses trabalhadores estava Paula Geralda Alves, a mulher que, a bordo de uma pequena motocicleta, salvou a maior parte das pessoas de Bento Rodrigues. Quando ouviu a massa de lama chegando, montou em sua moto, pilotou até Bento e gritou o quanto pôde no povoado até que a maioria das pessoas pudesse ser salva, incluindo seu filho e seus pais (SERRA, 2018). Paula Alves foi uma heroína. Fez o papel da sirene que

³² Expressão utilizada pela jornalista Cristina Serra em seu livro “*Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil*”, que se encontra nas referências deste trabalho.

nunca tocou para os moradores daquela localidade... Cinco pessoas morreram em Bento Rodrigues. Outras seis tiveram graves ferimentos.

Ainda de acordo com os relatos colhidos pela jornalista, bombeiros, a bordo de um helicóptero, procuravam o fluxo da lama. Quando encontraram o *tsunami* varrendo tudo o que havia pela frente, aceleraram e procuraram a próxima comunidade que estava a jusante da barragem. Era Paracatu de Baixo, distante cerca de 70 quilômetros de Bento Rodrigues. Mais uma vez, não havia sirene. Foram os bombeiros que, após pousarem no pacífico vilarejo, avisaram todos de que a lama da barragem estava chegando. A narrativa de Cristina Serra é dramática e detalhada: os bombeiros arrombaram portas; o policial que estava com eles mostrava que estava armado com o objetivo de intimidar quem não acreditasse nas “novas” dos militares (SERRA, 2018). Não havia o que fazer. Era a estratégia que a eles restara... Uma hora depois, o *tsunami* de lama e detritos invadiu o local. Todos sobreviveram.

Esses 70 primeiros quilômetros eram somente a primeira parte do percurso da lama que ainda tinha cerca de 600 km à frente até alcançar o mar em Regência, pertencente ao município de Linhares-ES. A lama ainda atingiu o pequeno município de Barra Longa-MG, onde arrancou uma ponte, tomou a praça central e invadiu casas urbanas e rurais³³. O percurso do rompimento até o mar capixaba resultou no que se pode denominar *tragédia* trifacial – social, ambiental e político-administrativa (SAADI; CAMPOS, 2015). De acordo com os autores,

Na sequência da avalanche de lama [em Bento Rodrigues] que deixou um rastro de destruição de vidas humanas e patrimonial no sentido amplo, uma corrente fluvial com altíssima turbidez percorreu o restante do fundo de vale de, aproximadamente, 115 km até alcançar a represa da UHE Candonga/Risoleta Neves, “empurrando” uma onda de cheia e removendo e/ou destruindo tudo o que encontrava no canal e sobre os baixos terraços e encostas que constituem as margens dos rios Gualaxo do Norte e do Carmo. Após depositar grande parte de sua carga sedimentar, em consequência desse barramento, a corrente fluvial, ainda com alta turbidez, percorrerá mais 555 km até atingir a foz do rio Doce em Regência-ES, confinada aos limites do canal do rio Doce e aliviando sua carga sedimentar nos barramentos sucessivos das UHE’s de Baguari, Aimorés e Mascarenhas. Ao longo deste caminho, haverá de notar dois efeitos correlatos importantes:

- Em primeiro lugar, ressalta-se que o excesso de volume e a energia carregada pela corrente lamosa, em seu percurso no primeiro trecho situado no Alto Rio Doce, resultaram na geração de remansos que subiram distâncias maiores que 2 km dos canais e margens dos afluentes encontrados, como no caso do rio Gualaxo do Sul e do Piranga em suas confluências com o rio do Carmo.
- Em segundo lugar, no Baixo Rio Doce, remansos afetaram as águas e ambientes dos pequenos afluentes ocupados por manguezais e uma pluma vermelha avançou 20 km mar adentro (SAADI; CAMPOS, 2015, p. 67-68).

³³ Fotos da destruição de Barra Longa-MG podem ser conferidas no portal de notícias *GI*. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/fotos/2015/11/barra-longa-uma-das-cidades-mais-atingidas-pela-lama-fotos.html>. Acesso em: 23/11/2020.

Os rejeitos de lama destruíram matas ciliares onde vivem animais silvestres, levaram consigo todo tipo de objetos, causaram enchentes por onde passaram, mataram peixes, atolaram gado e chegaram ao Rio Doce³⁴. De acordo com os dados a seguir, é possível constatar parte dessa destruição sofrida pela natureza:

Efeitos sobre a flora e os *habitats* aquáticos foram severos e muito provavelmente persistentes em toda a bacia hidrográfica. Alguns dias após o desastre, a análise dos dados refletidos de superfície em imagens *Landsat-8* permitiu medições da extensão e intensidade dos danos pelos rejeitos liberados. Análises espaciais (...) identificaram significativa perda de vegetação e deposição de rejeitos com alta concentração de ferro ao longo do Rio Doce (...). A devastação impactou aproximadamente 1.469 ha de vegetação natural e 90% dos *habitats* ciliares dos rios Fundão, Gualaxo do Norte e Carmelo³⁵ (FERNANDES *et al.*, 2016, p. 36).

Quando atingiu finalmente o mar na foz do Rio Doce, “a massa [de lama], com a consistência de uma gelatina, não diluía e não decantava. Ficava em suspensão, misturada à água, da superfície ao fundo” (SERRA, 2018, p. 47). A lama fez praias serem interditadas e pescadores perderem seu ofício. O oceano tornou-se literalmente um *mar de lama*. De acordo com a jornalista, a Polícia Federal constatou que a mancha de lama no mar chegou a medir 373 km². Em 2018, um estudo da UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro publicou um relatório mostrando que a lama atingira até mesmo o Arquipélago de Abrolhos, ameaçando os corais que ali se desenvolvem.³⁶

É muito importante ressaltar algumas observações em relação ao rompimento da barragem. Um escritório de advocacia americano foi contratado pela Samarco Mineração S/A sob a condição de independência nos laudos. Uma comissão para apuração foi formada e trabalhou com investigação forense nas causas do rompimento. Os resultados são alarmantes e mostram como protocolos básicos de segurança e construção/alteamento de barragens de rejeitos de mineração não foram seguidos. Desde o início das investigações, o promotor do

³⁴ Há quem fale em morte do Rio Doce durante a passagem da lama. Há quem, no entanto, fale em doença no rio causada pela lama (SAADI; CAMPOS, 2015). Seja como for, a passagem da lama pelo rio foi desastrosa: matou peixes por falta de oxigênio em pleno período da piracema (SERRA, 2018) e causou desabastecimento de água em Governador Valadares-MG. A prefeitura da cidade decretou estado de calamidade pública. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/10/interna_gerais,706546/governador-valadares-decreta-estado-de-calamidade-por-cao-de-poluica.shtml. Acesso em: 18/03/2022.

³⁵ Tradução livre de: “Effects on flora and aquatic habitats were severe and most likely persistent throughout the entire watershed. A few days following the disaster, analysis of surface reflectance data in Landsat-8 images allowed measurements of the extent and intensity of the damage by the released tailings. Spatial analysis (...) identified significant vegetation loss and deposition of tailings with extreme high concentration of iron along the Doce River (...). The devastation impacted approximately 1.469 ha of natural vegetation and 90% of the riparian habitats of the Fundão the North Gualaxo and the Carmelo Rivers”.

³⁶ A notícia sobre esse estudo pode ser conferida no link: <https://www.uerj.br/noticia/pesquisa-da-uerj-comprova-contaminacao-de-abrolhos-por-residuos-da-samarco/>. Acesso em: 18/03/2022. Fizemos tentativa de contato com o grupo de estudos a fim de que pudéssemos ter acesso ao relatório, mas não obtivemos resposta.

Ministério Público de Minas Gerais já dizia que o rompimento não fora acidental (SERRA, 2018). Segundo o que postula a jornalista Cristina Serra em seu livro, o promotor, como se não bastassem os problemas estruturais apontados pelo relatório da comissão de investigação – dos quais falaremos em seguida –, confirmou problemas nos piezômetros³⁷ e no licenciamento da barragem. De acordo com a autora,

O promotor passara dos dois meses anteriores [à conversa que teve com a jornalista] estudando o licenciamento ambiental de Fundão. Descobriria uma série de irregularidades, e que o processo havia sido conduzido com rapidez atípica para uma obra dessa complexidade (SERRA, 2018, p. 104).

A “gigantesca lata de lixo da mineradora”, assim denominada pela jornalista, tinha 106 metros de altura no dia do rompimento (SERRA, 2018). As causas desse terrível “apocalipse” somam de início três incidentes que poderiam ter sido evitados. De acordo com o relatório da comissão de investigação mencionada acima,

O primeiro incidente ocorreu em 2009, logo após o término do dique de partida. Devido a defeitos de construção na base do dreno de fundo, a barragem foi tão danificada que o conceito original já não poderia ser implementado. Ao invés disso, um projeto revisado propôs como substituição um novo tapete drenante em uma elevação superior. Junto com o projeto revisado, houve uma mudança fundamental no conceito do mesmo em que uma saturação mais disseminada foi permitida e aceita. Este aumento no grau de saturação introduziu o potencial para liquefação da areia. O segundo incidente associado a lama e gestão da água ocorreu durante um longo período de tempo em 2011 e 2012, enquanto o novo projeto estava sendo elaborado. Durante a operação, o critério de largura de 200 m de praia de rejeitos muitas vezes não foi executado, com a água chegando a até 60 m da crista. Isto permitiu que a lama se sedimentasse em áreas onde ela não deveria estar presente. Outro incidente ocorreu no final de 2012, quando um grande conduto de concreto embaixo da ombreira esquerda da barragem, a Galeria Secundária, foi considerado como estruturalmente deficiente e incapaz de suportar a carga adicional. Isto significava que a barragem não poderia ser alteada sobre ele, até que tivesse sido abandonado e preenchido com concreto. A fim de manter as operações neste período, o alinhamento da barragem na ombreira esquerda foi recuado da sua posição anterior. Isto colocou o aterro diretamente sobre a lama previamente depositada. Com isso, todas as condições necessárias para desencadear a liquefação estavam presentes (MORGENSTERN *et al.*, 2016, p. 2).

Como é possível constatar, tudo isso contribuiu para o que os especialistas denominam “liquefação” dos rejeitos, o que significa que a drenagem da barragem não funcionou de acordo com a demanda. Isso fez com que um processo denominado “extrusão” da lama passasse a ocorrer. Segundo Morgenstern *et al.* (2016, p. 2), esse processo funciona como se um tubo de creme dental estivesse sendo pressionado. A lama que encontrou um local de escape passou a

³⁷ Piezômetro é um dispositivo instalado em barragens e aquíferos para medir a pressão dos fluidos armazenados.

ser depositada em locais onde não deveria permanecer. Somados os pequenos abalos sísmicos ocorridos na região naquele dia, a enorme estrutura ruiu. Dadas as enormes mudanças no projeto inicial da barragem, o engenheiro que a projetou tornou-se testemunha de acusação no processo (SERRA, 2018). Esta breve contextualização remonta às falhas que, ao longo de anos, foi delineando o rompimento da barragem.

1.1.2 O rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG

O rompimento da barragem B1 da Mina do Córrego do Feijão ocorreu por volta do meio-dia e meia do dia 25 de janeiro de 2019. Em horário de almoço, os funcionários da Vale S/A estavam no curso normal de suas atividades. Alguns, porém, estavam a jusante da barragem que viria a se romper. Era dia normal também na Pousada Nova Estância, bastante procurada por quem desejava conhecer Inhotim, acervo de artes contemporâneas a céu aberto que se situa na cidade de Brumadinho-MG. Dia comum era também para os ocupantes de dois ônibus que estavam no caminho da lama...

Diferentemente de Fundão, o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão foi amplamente registrado. Isso se deu devido a câmeras de segurança instaladas no local. Os peritos que analisaram o rompimento puderam fazer uso das imagens para explicar a sequência do terrível acontecimento. De acordo com o *Relatório do Painel de Especialistas sobre as Causas Técnicas do Rompimento da Barragem I do Córrego do Feijão*, a deformação inicial se deu na parte central da crista³⁸ da barragem. Logo depois (menos de meio segundo), houve um abaulamento da base da barragem na direção da ombreira esquerda. Cerca de cinco segundos após a primeira deformação, o abaulamento na base da barragem aumentou e era possível observar que o reservatório já não se encontrava na mesma altura. Uma segunda erupção ao pé da barragem foi observada nesse momento e, então o rompimento total do talude aconteceu, menos de sete segundos depois de observado o primeiro movimento na crista (ROBERTSON *et al.*, 2019).

Essas observações técnicas, no entanto, não abarcam os efeitos patêmicos que advêm da observação do vídeo do rompimento. Detalhes dele são dados em reportagem exibida pelo

³⁸ A crista da barragem também é chamada de coroamento. Basicamente, é o limite da barragem, o final do talude que segura a estrutura.

Jornal Nacional, em 01 de fevereiro de 2019³⁹, e por outros veículos de informação. O vídeo é mostrado em um primeiro momento sem que o espectador se dê conta de que pessoas se encontravam na barragem e a jusante dela no momento do rompimento. As imagens do rompimento são impactantes. A onda de lama é colossal. Na medida em que a reportagem avança e a imagem é repetida, o jornalista narra o episódio. Em destaque, é possível ver pessoas que correm sobre a barragem enquanto o chão rui sob seus pés. É possível assistir também a pessoas que correm tentando escapar da onda avassaladora a jusante da barragem. Segundo a animação da imagem, a onda era cerca de doze vezes mais alta se comparada às pessoas. Com 86 metros de altura, depois de seu décimo e último alteamento construído em 2013 (ROBERTSON *et al*, 2019), a barragem veio abaixo seis anos depois, levando tudo o que encontrou pela frente. Era impossível escapar.

A onda não parou. Atingiu parte da estrutura administrativa da empresa e o refeitório, onde trabalhadores almoçavam. Atingiu vagões de um trem de minério de ferro em movimento. Trabalhadores que se encontravam nesse local ficaram acuados: à frente, o trem; atrás, a pilha de rejeitos avançando. Ainda na reportagem que mencionamos há pouco, é possível assistir a esse vídeo divulgado pela empresa. Nele, é possível acompanhar o drama desses trabalhadores.

Dois deles entraram em uma camionete e andaram em zigue-zague enquanto a lama se aproximava. Outro, a bordo de uma retroescavadeira se vê atingido. Esse último ficou soterrado até o pescoço. Por incrível que pareça, a camionete escapou, e os dois trabalhadores conseguiram ajudar a vítima que estava a bordo da retroescavadeira. Os três sobreviveram para narrar sua história dramática aos jornalistas do *Estado de Minas*. Foram salvos por um helicóptero, momentos depois. Os três trabalhadores envolvidos nesse episódio eram Leandro Borges Candido, que pilotava a retroescavadeira, Sebastião Gomes e Elias de Jesus Nunes, que entraram na camionete e ziguezaguearam até que a lama alcançasse o veículo pela parte de baixo, levantando a cabine e mantendo os dois sobre a pilha de rejeitos. O depoimento dos três foi colhido no bairro Jardim das Alterosas, em Betim-MG, pelo jornal *Estado de Minas*:

Não tem como descrever aquele momento de horror. Só lembro de correr. Só lembro de Elias gritando: “Sebastião, entra na caminhonete”. Elias ia para um lado, ia para outro e não achava lugar de sair. De repente, começamos no desespero a gritar pelo nome de Deus. Orar o Pai-nosso na maior altura. Pedimos a Deus: “Perdoa nossa vida. Entregamos nossa vida” (*Estado de Minas*, 02 de fevereiro de 2019, p. 15).

³⁹ É possível assistir à matéria no *link*: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/02/01/imagens-mostram-momento-em-que-barragem-em-brumadinho-se-rompeu.ghtml>. Acesso em: 02/03/2022. Outros *websites* também mostram o momento do rompimento. Entretanto, elegemos esse vídeo porque aponta para a altura da lama comparada à altura das pessoas flagradas pelo *tsunami* marrom.

Leandro, o operador da retroescavadeira que ficou enterrado até o pescoço na lama, é grato aos dois trabalhadores que lhe salvaram a vida: “É muito rápido. Não dá para ver. Esses caras foram meus anjos da guarda. Ajudaram demais”, conta ele, afirmando lembrar-se da tragédia como de cenas de filme: “Eu vi vagões voando. Não dava para acreditar” (*Estado de Minas*, 02 de fevereiro de 2019, p. 15). Segundo a reportagem, Sebastião se lembrou do treinamento sobre soterramento que recebera da empresa Vale S/A. Era preciso manter o peito da vítima soterrada livre para que os pulmões fossem descomprimidos. Leandro foi salvo por Sebastião e Elias antes que o helicóptero os resgatasse do lugar agora inacessível por terra firme.

De acordo com reportagem da *BBC News Brasil*, “foram atingidos, nessa ordem: a área operacional da mina; a área administrativa, onde ficavam escritórios e o refeitório; uma conhecida pousada da região; o bairro Parque da Cachoeira e, finalmente, o rio” (*BBC News Brasil*, 07 de fevereiro de 2019⁴⁰).

A *Pousada Nova Estância*, frequentada por celebridades, era famosa na região. De acordo com reportagens, entre vinte e trinta pessoas estavam no local quando ele foi varrido do mapa. Dentre as pessoas que perderam suas vidas estavam o próprio dono da pousada, sua esposa e seu filho. Uma grávida que viera passar férias em Minas Gerais também foi levada pela lama junto a mais três pessoas da família de seu noivo. A Vale S/A foi condenada a pagar indenização milionária à família. Por ocasião do rompimento repentino da barragem,

Diversos moradores da região demonstravam preocupação com funcionários e hóspedes do estabelecimento. “Ela fica muito próxima da Vale, cerca de 200 metros. Tentamos contatos com a pousada, mas não conseguimos. Estamos preocupados”, disse Rose de Oliveira, gerente do restaurante Verdes Flores (*Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019, p. 14).

É fato que a pousada foi completamente destruída, levada pelo *tsunami* lamacento. Basta uma pesquisa simples em *sites* de busca para ver fotos de antes e de depois do local do estabelecimento. Nada sobrou.

Como vimos, a lama atingiu o bairro Parque da Cachoeira, destruindo ao menos uma dezena de casas antes de atingir a bacia do Rio Paraopeba. Um relatório da Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com várias instituições acadêmicas divulgado em março de 2020, contendo dados das águas do rio na região atingida pelo rompimento da barragem B1 revela a gravidade da situação no rio cerca de um ano após a *tragédia*:

⁴⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47149958#:~:text=Foram%20atingidos%2C%20nessa%20ordem%3A%20a,e%20muitos%20hectares%20de%20mata..> Acesso em: 18/03/2022.

A expedição percorreu o mesmo trecho do deslocamento dos rejeitos sobre o rio Paraopeba, do dia 07 a 17 de janeiro – quase um ano após a maior tragédia socioambiental decorrente de atividade minerária do mundo. Em todo o trecho analisado, a qualidade da água do rio Paraopeba está imprópria, com índices que variam de péssimo a ruim, em desconformidade com os padrões definidos na legislação brasileira para usos múltiplos. (...)

Por toda a extensão afetada do rio Paraopeba, desde o bairro rural de Córrego do Feijão, em Brumadinho, até a jusante do Reservatório de Retiro Baixo, entre os municípios de Curvelo e Felixlândia, o Índice de Qualidade da Água aferido não revelaram [sic] água em condições de uso. (...)

No trecho inicial da expedição pelo rio Paraopeba, entre Brumadinho e São Joaquim de Bicas, a turbidez extremamente elevada e os baixos níveis de oxigênio dissolvido medidos na coluna d'água, a partir de dois metros de profundidade, ultrapassaram limites máximos definidos na legislação nacional e internacional para qualidade da água. Nesse trecho, constatou-se que o rio ainda não apresenta condições para vida aquática. (...)

A equipe técnica não conseguiu ver o rio Paraopeba com sua cor verdadeira, em nenhum trecho ao longo da expedição. Por toda extensão percorrida, até o Reservatório de Retiro Baixo e a jusante, no município de Felixlândia, as águas estão turvas e em desconformidade com os padrões de qualidade (SOS MATA ATLÂNTICA, 2020, p. 57/58).

O relatório nos permite compreender que um ano pós-*tragédia* não foi suficiente para que um rio da importância do Paraopeba se recuperasse. Nem mesmo condições para vida aquática existem nas regiões afetadas. A condição de vida dos ribeirinhos, dos indígenas pataxós que vivem na região do rio e a captação de água para a capital mineira foram diretamente afetadas pela quantidade de lama. A Vale S/A comprometeu-se a construir nova estação de captação a uma distância de cerca de 12 km a montante da estação comprometida e indisponível para uso pós-rompimento. No entanto, o calendário da obra está severamente comprometido, e o prazo de entrega não será cumprido⁴¹.

Muitas pessoas perderam a vida no rompimento da barragem em Brumadinho. Dentre elas, funcionários da Vale S/A que estavam em dois ônibus localizados nas imediações da empresa nos dias subsequentes à *tragédia*. Ambos foram encontrados pelos bombeiros com ajuda de populares e sobrevoo do local atingido. Com a morte de tantos funcionários da Vale S/A e empresas terceirizadas, o rompimento da barragem de Brumadinho-MG pode ser considerado o maior acidente de trabalho já registrado no Brasil (MILANEZ *et al.*, 2019). De acordo com o relatório final do grupo PoEMAS, há indícios de que a redução de custos com segurança de trabalho na mineradora atinge diretamente os funcionários que trabalham nas imediações das barragens (MILANEZ *et al.*, 2019). Além disso, há acusações contra a empresa

⁴¹ Sobre o atraso nas obras, sugerimos a leitura da notícia do *GI Minas Gerais*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/03/01/atrasadas-em-5-meses-obras-de-captacao-de-agua-em-rio-atingido-por-lama-da-vale-ainda-nao-foram-entregues.ghtml>. Acesso(s) em: 18/03/2022.

em relação à influência negativa sobre as direções sindicais que, segundo esses discursos, pode ter comprometido a segurança de trabalhadores. Eis um trecho do relatório final do grupo PoEMAS:

A Vale tem conseguido aproximar as direções sindicais de seus interesses, subordinando-as a sua influência. O apoio à formação de chapas que disputem a direção dos sindicatos é uma das principais formas de condicionar a atuação dos sindicatos aos interesses da empresa. Outra forma de evitar a autonomia das organizações sindicais é a ameaça e efetiva demissão de funcionários que se disponham a formar chapas de oposição (...). Assim, apesar de importantes exceções, a tática de cooptação por parte da Vale tem atingido relativo sucesso (MILANEZ *et al.*, 2019, p. 25; 35).

De acordo com o relatório das causas técnicas do rompimento da barragem em Brumadinho-MG, a barragem B1 teve seu início no ano de 1976, e seu dique de partida tinha cerca de 18 metros. Com o passar dos anos, foram adicionados nove alteamentos, e a barragem chegou a medir 86 m de altura, parando de crescer em 2013. Ainda segundo o relatório, problemas no projeto da barragem resultaram em um talude íngreme demais para ser construído a montante (ROBERTSON *et al.*, 2019). Parece, portanto, que os problemas com a barragem se iniciaram cedo demais. O fato de as alterações serem lentas fez com que os instrumentos usados para medi-las não conseguissem captar o perigo que se aproximava.

Segundo Milanez *et al.* (2019, p. 62), “a Vale buscou estender sua vida útil [da barragem B1] nos últimos anos antes do rompimento”, ou seja, além de um talude íngreme construído a montante, os planejamentos para o fim das atividades da barragem foram mudando ao longo dos anos. Conforme os autores, o fim das operações era esperado para 2012, mas, após o último alteamento em 2013, a barragem operou até 2016. Com o término das atividades da barragem, por aproximar-se o fim das explorações na região devido à quantidade de anos que a mina possuía, o minério passou a ser processado somente a seco naquela região (MILANEZ *et al.*, 2019). Essas informações são preciosas para a compreensão do rompimento. De acordo com o relatório técnico que abordou suas causas, as condições de instabilidade da barragem foram decorrentes de:

- um projeto que resultou em um talude íngreme construído a montante;
- o controle da bacia de rejeitos que às vezes permitia que a água do lago de decantação chegasse perto da crista da barragem, resultando no lançamento de rejeitos fracos perto da crista;
- um recuo de projeto que empurrou as partes superiores do talude para cima dos rejeitos mais finos e fracos;
- a falta de drenagem interna significativa que resultou em um nível de água persistentemente alto na barragem, principalmente na região do pé da barragem;
- alto teor de ferro, resultando em rejeitos pesados com cimentação entre partículas. Esta cimentação gerou rejeitos rígidos que apresentavam

- comportamento potencialmente muito frágil se submetidos a um gatilho que ensejasse uma resposta não drenada; e
- precipitação regional alta e intensa na estação chuvosa, o que pode resultar em perda significativa de sucção, produzindo uma pequena perda de resistência nos materiais não saturados acima do nível da água (ROBERTSON *et al.*, 2019, p. IV).

Embora o relatório técnico das causas do rompimento da barragem em Brumadinho-MG pareça apontar menor quantidade de erros se comparado ao relatório de Fundão em Mariana-MG, não é possível isentar a empresa. O próprio relatório aponta que a Vale S/A tinha ciência do excesso de água que causava peso adicional à estrutura e procurou instalar drenos horizontais. Depois de um incidente, a empresa desistiu dos drenos. Essas causas técnicas acendem uma luz vermelha: estariam sendo todas as barragens devidamente monitoradas para evitar novos rompimentos? E mais: estariam todas essas colossais estruturas com alto potencial de dano realmente sendo cuidadas e geridas de acordo com normas de segurança bastante rígidas? Indenizações milionárias não seriam suficientes para que a lição fosse de fato aprendida?

Tanto a magnitude dos rompimentos de Brumadinho-MG e Mariana-MG quanto esse tipo de questionamento resultam em inúmeras atividades de linguagem. Comentários, conversas informais, atividades jurídicas, discussões empresariais, relatórios, pesquisas acadêmicas em todas as áreas de conhecimento e a própria atividade midiática entram para a lista desses importantes eventos que passam, portanto, a ser construídos discursivamente. É por esse motivo que, por interromperem a ordem natural das coisas, esses acontecimentos são importantes *gatilhos*, envolvendo uma série de mecanismos que nos permitem vislumbrar as atividades languageiras (discursivas) que deles se originam.

Sobre isso, aliás, é importante lembrar aqui o papel da memória para o esclarecimento das proposições do discurso. Essa memória, que não se enquadra apenas em uma categoria discursiva, mas cognitivo-discursiva, é percebida, interpretada e categorizada para, então, ser representada no(s) discurso(s). Essa reflexão parte do trabalho de Sophie Moirand (2008) no qual a autora perpassa os estudos do discurso, observando em conceitos mais remotos da análise do discurso (tais como a teoria pecheutiana dos dois esquecimentos, por exemplo) um prenúncio da presença dos elementos cognitivos que constituem as construções discursivas diversas. Segundo ela, o que temos são operações cognitivo-linguageiras que repousam tanto sobre experiências e conhecimentos, como sobre os discursos que os organizam e os formulam. É assim que Moirand (2008) revisita a noção, cara à ADF, de memória discursiva, ressignificando-a como “memória cognitivo-discursiva”.

A autora também corrobora nossas observações sobre os efeitos de polifonia evocados nos discursos midiáticos, especialmente no que diz respeito a enunciados destacados (tais como as aforizações das quais falaremos adiante) que advêm de enunciações externas ao(s) discurso(s) das mídias, e que, ao mesmo tempo, o(s) constituem (MOIRAND, 2008).

É com base nessa linha de pensamento que passaremos a abordar a importância da atividade midiática em meio a esse todo social que constitui a coletividade.

1.2 Os rompimentos das barragens: repercussões midiáticas

É amplamente conhecida a premissa de que os acontecimentos que marcam a vida de uma sociedade e rompem com a ordem natural das coisas normalmente se tornam importantes temas midiáticos. Por tocarmos em pontos sensíveis da vida em sociedade, como as questões relativas à proteção do patrimônio sociocultural, os valores de preservação do meio ambiente e a própria vida humana, os cenários impostos pelos rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG não fogem à regra. É que “o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2015, p. 12). Seja para corroborar saberes circulantes em sociedade ou opô-los a algo, fortalecê-los ou não, o discurso das mídias, por se dirigir a um auditório amplo, encontra-se na posição de importante instância discursiva que intermedia e gerencia vozes, colocando-as em harmonia ou em dissonância, tanto no que se refere às relações que mantêm com discursos exteriores quanto no que se refere ao próprio dialogismo interno dessas enunciações. Tem, assim, importante papel de formação e disseminação de opiniões e posicionamentos.

De acordo com Charaudeau (2015, p. 13), “as mídias são levadas a tomar posição sobre o que deve ser a informação, sobre a maneira de tratá-la”. Ora, há acontecimentos que marcam de tal maneira a vida social que não podem passar despercebidos à “máquina midiática”, tanto no que diz respeito aos interesses dela em intermediar os acontecimentos e transformá-los em notícia, quanto por cobrança do próprio leitorado⁴². É o caso de Mariana-MG e Brumadinho-MG. Como já dissemos, o primeiro configura-se como o maior rompimento de barragem de rejeitos já registrado no mundo. Tanto o rompimento da barragem em si quanto seus desdobramentos e consequências estiveram (e em alguma medida, ainda estão) reverberando

⁴² No caso do rompimento da barragem de Mariana-MG, o jornal *Folha de S. Paulo* foi criticado pelo leitorado em cartas de leitores sob a alegação de que o jornal não cobrira suficiente e eficientemente o evento. Há, inclusive, uma coluna de *ombudsman*, analisada por nós, que tenta explicar a postura do jornal (cf. LANDIM, 2019).

no discurso midiático. O rompimento da barragem de Brumadinho-MG, por sua vez, é considerado o maior acidente de trabalho já ocorrido no Brasil. A perda de vidas, o rompimento de uma barragem aparentemente estável e as imagens amplamente divulgadas em fotos e vídeos não poderiam ser ignorados, dada a sua gravidade. Em outras palavras, como não colocar esses eventos no foco do discurso midiático?

Esses são os tipos de eventos que provocam nos sujeitos grande comoção. E é através deles que compreendemos que, quando postos no foco do discurso, despertam a lógica simbólica que rege boa parte das relações sociais. Aliás, por lógica simbólica deve-se entender a “maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2015, p. 16). Eventos que agitam socialmente os sujeitos são, portanto, fecundos na produção de discursos quer sejam institucionalizados, quer estejam *na boca do povo*. São, portanto, importantes pautas midiáticas, base de informações que deverão circular em diferentes gêneros discursivos.

Para Charaudeau (2015, p. 19), “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”. É nesse sentido, seja dito de passagem, que os interesses das mídias manifestados pela linguagem (pelo discurso) revelam a quem elas servem. Para nós, isso significa que o jogo midiático de informações é uma representação da *máquina* social, um instrumento que serve de porta-voz aos mais variados interesses com vistas a comentar, manter ou influenciar o funcionamento desse mecanismo ou nele provocar mudanças.

Os rompimentos das barragens enquanto temas midiáticos, no entanto, não são escolhas arbitrárias das mídias, como quando elas insistem em um dado tema motivadas por seus próprios interesses. Em sua temática e em virtude de seus desdobramentos, esses acontecimentos revelam sua força e acabam por impor-se sobre outras notícias, visto terem constituído uma ruptura muito radical da ordem natural das coisas. São acontecimentos que, por suas especificidades, estabelecem a necessidade e a própria natureza das informações. Dessa forma, com base em Mouillaud (2002), é possível entender que há uma complexidade que seguramente domina o discurso das mídias. Se, de um lado, o acontecimento (bruto, como diria Charaudeau) é real e transparente, de outro, a informação está na ordem do interpretado, do discurso. É opaca, tal como a própria linguagem. Diferencia-se da estrutura presa, eloquente e esquematizada da retórica antiga, como diz o autor. “A informação pertence ao regime aberto” (MOUILLAUD, 2002, p. 58). Além disso, a presença, cada vez maior no ocidente, de discursos

em prol de uma sociedade democrática coloca na cena enunciativa do discurso midiático a necessidade de trazer ao seu público-alvo os mais diferentes pontos de vista, o que confere “à imprensa um novo papel, o de reflexo, espelho, eco das diversas falas que circulam no espaço público (CHARAUDEAU, 2006, p. 168).

Nessa perspectiva, o discurso midiático coloca no foco de seu funcionamento uma gama de diferentes vozes, postula variados posicionamentos para refutá-los ou corroborá-los. Charaudeau (2006) refere-se a esse fenômeno como um grande desafio da imprensa na atualidade, especialmente no que diz respeito ao discurso relatado. É importante dizer, ainda que de passagem, que opor a retórica ao discurso da informação, como faz Mouillaud, não significa que a dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018)⁴³ dos discursos midiáticos esteja sendo preterida. Antes, por meio de suas finalidades e de seus posicionamentos político-ideológicos, bem como de suas estratégias de captação (e a aforização, que retomaremos adiante, é uma delas), é possível perceber que o discurso midiático caminha em uma direção que visa a cativar o interlocutor/leitor. Aliás, é pautado na atenção ao modo como as mídias orientam conclusões que Emediato (2010) propõe a reflexão sobre a problematidade dos enunciados e suas diferentes razões. E é justamente por causa desse importante atributo do referido discurso que é possível compreender que “o acontecimento torna-se então um conjunto de limites imprecisos” (MOUILLAUD, 2002, p. 66) nas mídias e, por conseguinte, nos jornais, sejam eles impressos ou *online*.

Isso nos leva a considerar que as informações que vêm a jusante das primeiras notícias sobre os rompimentos das barragens são desdobramentos discursivos desses acontecimentos e passam a constitui-los nos discursos midiáticos. Passam a fazer parte dos acontecimentos – e, por tabela, a integrar nossa memória cognitivo-discursiva, como diria Moirand (2008). Todas as vozes que são mobilizadas nos jornais, os depoimentos, as entrevistas, as pesquisas, os relatórios etc. passam a ser enquadrados nos espaços destinados à temática desses eventos, deslocando esses acontecimentos do nível bruto, modificando seu tratamento e alçando-os, repetidas vezes, ao nível dos valores simbólicos.

Nesses casos, é possível observar, ao menos no jornal *Estado de Minas*, a opção por dar expressivo espaço à voz dos atingidos pelos rompimentos das barragens, bem como aos especialistas que explicam as causas e as consequências desses colapsos de estrutura, como

⁴³A proposta de uma dimensão argumentativa no discurso advém de Amossy (2018). Para ela, toda tomada da palavra procura produzir um certo impacto na instância de recepção/interlocutor. Dessa forma, o discurso midiático, com suas muitas estratégias de captação, possui uma dimensão argumentativa por natureza, podendo esta assumir um protagonismo maior a depender, por exemplo, do gênero de discurso mobilizado.

veremos no capítulo dedicado às análises. Além de ser uma tentativa de causar algum impacto nos leitores, essa veiculação de vozes pode sugerir uma maneira de levar o leitor a interpretar o acontecimento tal e qual a linha editorial do jornal o faz. Ou seja, dentre as narrativas/discursos possíveis, o jornal escolhe a dos povos mais vulneráveis, das pessoas mais aleatórias que pagaram o preço do erro das empresas. Mas isso não é tudo o que se pode dizer a respeito dessas construções discursivas que têm sua base nos acontecimentos que se tornam midiáticos, dada a sua natureza impactante, do ponto de vista social. Esses discursos reúnem crenças constitutivas da sociedade e, segundo o que é possível observar, estas são “supostamente partilhadas na instância leitora e cidadã que se sustentam, de modo predominante, em uma avaliação *ética*” (EMEDIATO, 2010, p. 80).

Assim, por mobilizar uma construção discursiva com efeito de sentido ancorado em uma ética, digamos, progressista⁴⁴, a voz dos mais fragilizados é agenciada através da preocupação com uma sociedade mais justa, construída a partir da redução dos grandes interesses exploratórios que servem a um mercado global em detrimento de pessoas e do meio ambiente. Paradoxalmente, entretanto, foi possível notar (embora não seja este o cerne deste trabalho), ao longo das pesquisas, que matérias *online* do jornal, de conteúdo patrocinado⁴⁵ (pela Vale S/A, por exemplo) abordam os planos de recuperação do meio ambiente e reparação de danos decorrentes de rompimentos de barragem sem agenciar necessariamente as vozes desses sujeitos fragilizados, os atingidos.

Nesse sentido, informar sobre os acontecimentos é um “ato de discurso”. “Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 34). E esse processo não é neutro:

O tratamento [da informação] é a maneira de fazer, o modo pelo qual o sujeito informador decide transpor em linguagem (e também iconicamente, caso possa recorrer à imagem) os fatos selecionados, em função do alvo predeterminado, com o efeito que escolheu produzir. Nesse processo, está em jogo a inteligibilidade da informação transmitida e como não há inteligibilidade em si, esta depende de escolhas discursivas efetuadas pelo sujeito informador. Ora, toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza: a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e,

⁴⁴ Falaremos a seguir dos interesses das mídias. Para isso, é importante ter em mente que esse discurso mais voltado para o dito posicionamento progressista não fere de modo letal os interesses comerciais do jornal. Outras maneiras de informar a partir de construções discursivas que remontam, por exemplo, à reação de surpresa no tocante aos rompimentos de barragem e até mesmo na designação desses acontecimentos (tragédia, desastre, acidente etc.) remetem, mesmo que de forma mais discreta, aos interesses dos jornais.

⁴⁵ O *site* do jornal conta com uma seção dedicada a conteúdos patrocinados. Em pesquisa em *sites* de busca com a chave “plano de recuperação/barragens”, algumas matérias desse jornal figuram nas primeiras opções de conteúdo disponíveis.

concomitantemente, que efeito produziria uma ou outra maneira, e ainda uma outra antes de proceder a uma escolha definitiva (CHARAUDEAU, 2015, p. 38).

Quando um acontecimento é transformado em informação por meio de um ato de discurso, as intencionalidades da instância de produção podem ser apreendidas por meio de uma leitura mais criteriosa. Dessa forma, a imprensa costuma trazer ao foco de seu(s) discurso(s) representações implícitas que sugerem determinada orientação argumentativa ou, como postula Emediato (2010), sua problematizadora. Os veículos midiáticos, dessa forma, mobilizam, dentre outros elementos, julgamentos baseados no que o autor denomina “ética cidadã”. Essa postulação é bastante fecunda ainda que seja possível apreender do funcionamento das mídias brasileiras seu caráter mais voltado ao privado que, para além da ética cidadã, são influenciadas de igual maneira pelos efeitos visados e pelos próprios efeitos econômicos (CHARAUDEAU, 2015).

Nessa perspectiva, se, por um lado, os valores éticos que regem as mídias permitem uma importante leitura discursiva desse objeto, por outro, há ainda autores que discutem mais deliberadamente sobre seu funcionamento, criticando o caráter privado dessas instituições. É uma corrente que revela certa tomada de posição acerca do objeto estudado. Para eles, a exemplo de Carrato, Elísio e Diniz (2018), os veículos midiáticos não funcionam somente em função de seus públicos-alvo, mas em função dos interesses dos anunciantes e da lógica de mercado. De acordo com os autores,

O papel da mídia, seja jornal, rádio, televisão, portal, *site* ou *blog* jornalístico, é informar. (...) Aqui [no Brasil], no entanto, a mídia, em diversos períodos, enfrentou censura política por parte de governos, notadamente na ditadura civil-militar (1964-1985). Censura que foi substituída, após a redemocratização do país, pela censura econômica ou empresarial. Dito de outra forma, atualmente, *são os interesses dos grandes anunciantes*, do “mercado”, como se convencionou chamar, e *dos próprios donos das empresas de mídia que têm definido o que pode ser notícia*, o que deve e como deve ser noticiado (CARRATO, ELÍSIO E DINIZ, 2018, p. 153 - grifos nossos).

Assim, a instância de recepção não é a única a influenciar os discursos das mídias junto a suas respectivas linhas editoriais. Vale lembrar que a postulação charaudiana em relação às influências econômicas e aos efeitos visados pode dialogar com a posição dos autores citados. O que, no entanto, é preciso levar em conta é que as mídias consideradas de referência, como é o caso da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de Minas*, “caracterizam-se por uma relação deontológica regulada com a figura do cidadão e de sua ética” (EMEDIATO, 2010, p. 84), o que, evidentemente, não exclui o fato de elas se afinarem com seu próprio modelo comercial. Isso porque, muito embora os anunciantes, junto a linha editorial, com os proprietários e com

tudo o mais que possa influenciar a construção discursiva desses veículos midiáticos funcionem como moderadores dos discursos, é para o público-alvo, materializado na instância de recepção (CHARAUDEAU, 2015) que os textos jornalísticos são preferencialmente direcionados.⁴⁶

1.2.1 Os jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens

Antes de tecer comentários sobre os jornais, é preciso reforçar que

O processo comunicativo não se restringe a seus elementos internos – emissores, mensagens, receptores, dispostos linearmente –, mas compreende a presença de interlocutores e de uma produção discursiva inscritos no seio da vida social. O contexto sócio-histórico, a atmosfera cultural de uma sociedade não são elementos externos, mas fundadores das suas práticas de comunicação: o dizer de uma sociedade é uma cristalização daquilo que ela é (FRANÇA, 1998, p. 61).

Partir desse princípio para abordar a temática dos rompimentos das barragens nos jornais que constituem o objeto de análise desta pesquisa conduz a pelo menos duas definições: i) o jornal, por ter natureza comunicativo-informativa, em sua essência, é parte constitutiva da atualidade e das relações sociais por meio dos discursos institucionalizados; ii) por se ver delineado pelas práticas de linguagem da vida em sociedade, ele é uma representação dela. Os valores que ali aparecem são, em linhas gerais, os mesmos que circulam em sociedade.

Aliás, essa observação possibilita a retomada da ideia de que “a informação midiática problematiza os acontecimentos, levanta hipóteses, desenvolve teses, apresenta (ou não) provas, impõe ou orienta conclusões, conferindo ao acontecimento um valor simbólico” (EMEDIATO, 2010, p. 79). Esse postulado aponta para os já mencionados valores éticos e cidadãos, lugar-comum da instância produtora e da interpretante que norteia as atividades midiáticas nas democracias. Dessa forma, a troca interlocutiva decorrente das operações entre

⁴⁶ Há discussão no que diz respeito aos tipos de mídia que circulam no mundo. Alguns autores defendem a ideia de que as mídias devam ser democratizadas pelo processo de criação de instituições de imprensa não privadas, como é o caso das mídias públicas, por exemplo. No Brasil, a iniciativa mais significativa de introdução de um veículo midiático não comercial se deu com a criação da EBC – Empresa Brasileira de Comunicação, por iniciativa do governo federal em 2007 (INTERVOZES, 2009). Cabe dizer ainda que mídias não comerciais não advêm necessariamente de iniciativas governamentais. Dessa forma há, pelo menos, três tipos de mídias: “A mídia comercial privilegia o ponto de vista de seus anunciantes e proprietários, a mídia pública enfatiza os interesses do cidadão, e a estatal divulga o ponto de vista do governo” (CARRATO; ELÍSIO; DINIZ, 2018, p. 154). Não nos deteremos nesse debate, uma vez que, para este trabalho, o fato de compreendermos que as mídias são regidas por uma ética cidadã (EMEDIATO, 2010) atende às necessidades tanto do *corpus* quanto do modo como a ADF interessa-se por esses discursos.

instância de produção e de recepção sugere que os julgamentos sociais estejam na ordem do dia no que diz respeito à construção dos discursos das mídias jornalísticas.

Há significativos trabalhos, a exemplo de Bertrand (1999), que tocam na sensível discussão sobre a liberdade de expressão e a deontologia que regem os princípios dos discursos de imprensa. O autor propõe reflexões acerca do funcionamento das democracias no mundo e sugere que uma prática deontológica possibilitaria tratar de valores éticos no desempenho da profissão jornalística. Para ele, a prática midiática deve ceder espaço aos interesses públicos no sentido de “bem servir às pessoas” (BERTRAND, 1999, p. VI) e isso funcionaria como uma incumbência da imprensa.

Bertrand afirma que “no momento atual, principalmente, o público espera muito mais dos meios de comunicação, porque depende mais deles” (BERTRAND, 1999, p. VII). Sobre o arcabouço da democracia, o pensador postula que “diz-se que ela [a mídia] constitui ao mesmo tempo uma indústria, um serviço público e uma instituição política” (BERTRAND, 1999, p. 11), o que permite compreender que “a finalidade a atingir é ter uma mídia que atenda bem a todos os cidadãos” (BERTRAND, 1999, p. 13). Nesse sentido, é possível inferir que os *topoi* (no sentido aristotélico do termo) indicam esse lugar-comum (a prática da ética) no que diz respeito à atividade midiática.

Ainda que as motivações das formulações colocadas aqui em discussão advenham de diferentes sistematizações de conhecimento (que uma parta do funcionamento das mídias enquanto instituições sociais e que a outra se ocupe dos discursos midiáticos e seus desdobramentos), Bertrand (1999) e Emediato (2010) sugerem que a prática jornalística aponta para a ética que orienta o curso dos mecanismos de informação. Se por um lado Bertrand (1999) propõe uma autorregulamentação dos veículos de informação, Emediato (2010) aponta para o julgamento social como constitutivo da problematicidade dos discursos das mídias e, por conseguinte, sua produção e seus efeitos (visados e efetivados).

Aliás, as mídias em sua lógica ambígua (democrática e comercial)⁴⁷ guardam a propriedade de se definirem como “um serviço em benefício da cidadania” (CHARAUDEAU, 2015, p. 58). Dessa maneira, apesar de recorrerem à sedução para que possam captar a instância de recepção, ainda assim são motivadas por diversas razões éticas. A classificação de veículos midiáticos meramente em publicações privadas, públicas e governamentais, embora traga uma discussão importante acerca das mídias e seu modo de produção e circulação, circunscreve a

⁴⁷ Charaudeau (2015) afirma que as mídias são motivadas por uma demanda democrática ao mesmo tempo em que são definidas por uma lógica comercial.

problemática do debate. Por essa razão, é importante acrescentar a esta reflexão a proposta de Emediato (2010) que, em um quadro⁴⁸, propõe algumas observações sobre os diferentes tipos de jornais, suas razões e os sentimentos que motivam a problematidade argumentativa desses veículos informativos.

Para o autor, os jornais de tipo religioso são regidos por uma razão fundamentalista e um sentimento de epifania; os jornais empresariais têm razão de ser corporativa e são envolvidos em um sentimento de competitividade; os jornais de tipo político têm motivação partidária e são orientados por um sentimento de engajamento. Já os jornais populares têm razão catártica e são motivados por sentimentos primários, tais como o horror, o ódio, a alegria, a tristeza e a vingança; e os jornais de referência são regidos, portanto, pela ética cidadã e motivados por um sentimento, qual seja o de indignação (EMEDIATO, 2010).

Essa formulação traz ao foco da discussão o fato de que as mídias jornalísticas não devem ser tratadas da mesma maneira pelos trabalhos que se propõem a estudá-las, pois

As representações que sustentam cada um desses subgêneros do discurso jornalístico não são as mesmas. O jornal de referência caracteriza-se por uma relação deontológica regulada com a figura do cidadão e de sua ética. O jornal popular esteia-se de modo privilegiado numa razão catártica, figurada nos *fait divers* e nos esquemas de pré-figuração narrativa que seduzem o leitor... (EMEDIATO, 2010, p. 84).

Comunicar não é necessariamente informar de um ponto de vista desprezioso sem que sejam levados em consideração as representações, o vínculo social que os veículos pretendem produzir através de seu discurso, bem como os lugares de interpretação (EMEDIATO, 2010) que devem, a princípio, corroborar os efeitos de sentido pretendidos.

Nesse sentido, observar os discursos veiculados pelas mídias que são, por sua vez, ancorados em uma deontologia própria (ao que tudo indica) conduz ao pressuposto charaudiano segundo o qual “nas mídias, os jogos de aparência se apresentam como informação objetiva, *democracia*, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 29 - grifo nosso). É preciso, pois, considerar o *jogo de aparências* dos jornais: colocar no foco das análises o(s) discurso(s) veiculados pelos processos comunicativos dessas instâncias midiáticas “faz descobrir o não dito, o oculto, as significações possíveis que se encontram por trás do jogo de aparências” (CHARAUDEAU, 2015, p. 29).

⁴⁸ Emediato 2010 descreve o julgamento social que constitui o logos argumentativo em um quadro que resume as diferentes razões da problematidade midiática.

Com isso, em mente, é possível deliberar sobre os interesses midiáticos em dar a palavra aos atores envolvidos, por exemplo, nos rompimentos das barragens em Minas Gerais: de um lado, aqueles que, em um enquadre testemunhal e/ou vivencial, têm seus discursos relatados pelos jornais, apelando para os efeitos patêmicos dos enunciados e, de outro, aqueles que, em um enquadre técnico-governamental veem seus enunciados igualmente relatados, o que reforça o *éthos* (pretensamente) imparcial dos jornais que visa à elucidação dos acontecimentos. Nisso residem as observações a respeito do objeto proposto para estudo neste trabalho: os possíveis interpretativos dos enunciados destacados (aforizações) podem conduzir à reflexão sobre determinadas aspirações jornalísticas através desses funcionamentos do/no discurso. Além disso, as observações feitas no objeto dizem respeito ao tratamento que os jornais deram aos eventos em pauta nos dias subsequentes a eles e levam a crer que a veiculação das vozes desses atores sociais remonta ao efeito de polifonia que corresponde às condições naturalmente heterogêneas das atividades comunicativas.

Tecidos esses comentários, é preciso mencionar que os dois jornais eleitos para compor o *corpus* desta pesquisa, ambos com expressiva circulação, respectivamente, no Brasil e em Minas Gerais: a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de Minas*, contam evidentemente com uma linha de pensamento que direciona as produções, a chamada linha editorial, fato que, por sua vez, não exclui a razão da ética (cidadã) que, pelo menos em tese, motiva as produções jornalísticas, postulação sobre a qual discorreremos brevemente aqui. Não é nossa intenção nos aprofundarmos no conceito de linha editorial, mas cabem algumas considerações elementares:

A linha editorial está diretamente relacionada a posturas políticas, culturais ou religiosas que determinam a lógica da produção de notícias de uma empresa, os valores e a moral defendida por ela – ou por seus donos. Por mais que se pretenda que a objetividade e a necessidade de ouvir os dois lados de uma questão sejam o norte nas redações, há uma tendência de o enquadramento da informação pender para o modo de pensar e de ver o mundo assumido pelos donos do jornal (RECH, 2018, p. 30).

Como vemos, a linha editorial de um jornal é o que subjaz ao(s) seu(s) discurso(s), uma vez que

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolhas de *estratégias discursivas* (CHARAUDEAU, 2015, p. 39 - grifo do original).

Como é possível notar, a discussão sobre os princípios deontológicos relacionados com os aspectos editoriais diversifica-se em razão do objeto estudado e dos diversos princípios

teóricos que norteiam os mais variados estudos sobre as mídias. Nesse sentido, este trabalho dialoga com a concepção que considera o engajamento democrático desses veículos, influenciado pela necessidade de sobrevivência comercial no sentido de que esses dois horizontes colocam a “máquina” em funcionamento no que diz respeito aos chamados jornais de referência. Sendo assim, é possível considerar que o *Estado de Minas* e a *Folha de S. Paulo* partem de uma postura sociopolítica e ideológica, comprometida com a ética, com o funcionamento da democracia, e, sobretudo, motivada preferencialmente pelo sentimento de indignação⁴⁹, tal como observa Emediato (2010). Essa observação leva à ideia de que esses jornais, nesse jogo de manutenção de sua própria existência, bem como de exercício democrático, se valem de certas estratégias para captação de leitores, das quais o destaque de enunciados em discurso direto é parte fundamental.

Na próxima seção, proporemos algumas reflexões introdutórias – que assumirão, em alguns momentos, um viés comparativo – sobre os rompimentos das barragens e suas coberturas pelos jornais elencados, a partir de um primeiro olhar sobre o *corpus*, o qual – acreditamos – as aforizações analisadas no Capítulo 3 poderão complementar e corroborar.

1.2.1.1 O *Estado de Minas* e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens: primeiras impressões

O início dessa discussão se dará a partir do exame do *Estado de Minas*. Atualmente, a tiragem do jornal, entre versão impressa e *on-line* está na casa dos 37.605 exemplares⁵⁰ O referido jornal, sob o *slogan* “o grande jornal dos mineiros”, pertence hoje a um dos maiores grupos das mídias impressas comerciais do país: o grupo dos *Diários Associados*. Sua primeira edição foi lançada no dia 07 de março de 1928 e, de acordo com informações coletadas em reportagem de comemoração dos 90 anos do jornal⁵¹, o objetivo desse *novo* veículo de informação era o de trazer informações de interesse do povo mineiro. O jornal, nesse meio tempo, passou por várias modernizações até chegar ao formato em que circula atualmente. De acordo com França (1998):

⁴⁹ Em alguns momentos, o jornal *Estado de Minas* postula os sentimentos de horror e tristeza, o que mantém sua fronteira entre jornal popular e jornal de referência ligeiramente fluida.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/grandes-jornais-mantem-circulacao-nos-2-primeiros-anos-de-bolsonaro/>. Acesso em 12/05/2022.

⁵¹ Reportagem intitulada “Estado de Minas e o ‘sentimento mineiro’: uma história e 90 anos”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/12/12/interna_90_anos,1012636/estado-de-minas-e-o-sentimento-mineiro-uma-historia-de-90-anos.shtml. Acesso em: 02/03/2021

No meio de várias outras experiências interessantes, a história do *Estado de Minas* aparece, sem dúvida, como a mais consciente, à medida que parece condensar de certa forma as características e a trajetória da própria imprensa mineira. Criado em 1928, ele manteve um desenvolvimento contínuo, linear, desprovido de grandes crises ou grandes momentos. Em contexto onde a leitura era ainda pouco arraigada, apesar da criação de outros jornais, construídos em torno de outros projetos e de outros objetivos, o *Estado de Minas* foi pouco a pouco ganhando importância. Sobreviveu à concorrência e com um alto índice de preferência, ganhou a reputação de ser “o grande jornal dos mineiros” (FRANÇA, 1998, p. 101-102).

Entretanto, críticas são apontadas por alguns especialistas em relação a essa historicidade. Isso porque o jornal “conseguiu se transformar não no ‘grande jornal dos mineiros’, como apregoa seu *slogan*, mas na única publicação mineira diária, constituindo-se em um verdadeiro monopólio, com graves consequências para a formação da chamada opinião pública” (CARRATO, 2002, p. 470). É claro que atualmente, outras publicações, tais como o jornal *O Tempo* e o jornal *Hoje em Dia* competem com o *Estado de Minas* em terras mineiras. Mas foi por meio do cenário em que se construiu sua história que o jornal ganhou a expressiva notoriedade mencionada há pouco. Por haver se tornado praticamente a única grande mídia circulante em Minas Gerais, o *Estado de Minas* gozava de posição privilegiada com pouquíssimos concorrentes. No entanto, na medida em que outros jornais de circulação nacional passaram a circular no estado, o “grande jornal dos mineiros” se viu ameaçado. A *Folha de S. Paulo* ganhou a preferência dos leitores mineiros e uma reformulação do *Estado de Minas* passou a despontar como necessidade de sobrevivência (CARRATO, 2002). Aliás, ultimamente, a própria *Folha de S. Paulo* tem lançado matérias voltadas para usuários com dispositivos localizados no estado mineiro. O jornal criou, em agosto de 2021, um *newsletter* voltado exclusivamente ao público leitor de Minas Gerais, com notícias sobre o estado, previsão do tempo para a região e reportagens culturais. Esse material é enviado para o endereço eletrônico dos leitores interessados e cadastrados. A disputa pelo leitor mineiro, ao que tudo indica, parece continuar nos dias atuais.

Assim, em 1995, o *Estado de Minas* passou por uma grande reformulação. Nela, houve modificação significativa da linha editorial que adotou uma postura menos comprometida com os valores conservadores, advindos especialmente da época em que ganhou notoriedade como “monopólio da informação” no estado mineiro em decorrência das sanções militares (CARRATO, 2002). É no seio dessa nova linha editorial que vamos tecer nossas análises pela explícita razão de que os rompimentos de barragem ocorreram pós-mudanças editoriais.

De acordo com nossas observações preliminares acerca dos dois jornais, a maior proximidade geográfica do *Estado de Minas* com as *tragédias* inclui igualmente maior inquietação quanto aos eventos quando se compara o jornal à *Folha de S. Paulo*. Os discursos

veiculados pelo *Estado de Minas* estão normalmente voltados aos desdobramentos dos rompimentos das barragens no que tange à perda de patrimônio histórico-cultural (especialmente em Mariana-MG), à perda de vidas, à destruição do meio ambiente, ao perigo que ronda os habitantes das imediações de barragens e de mineradoras, bem como à vinculação dos eventos a vocábulos como *tragédia*, *tsunami de lama* etc. Embora existam críticas em relação à omissão da Samarco Mineração S/A e da Vale S/A sobre os rompimentos das duas barragens nos textos veiculados pelo jornal, há quem diga que o *Estado de Minas* não denunciou a fundo a questão.

De qualquer maneira, é possível observar, em primeira instância, que o jornal esteve muito mais engajado na divulgação das vozes dos atingidos pelos rompimentos e na divulgação da perda patrimonial, memorial e humana decorrente dos eventos do que a *Folha de S. Paulo*, o que pode ser explicado, em certa medida, como foi já mencionado, pela sua maior proximidade com os eventos que noticia, bem como pelo próprio compromisso histórico em se fazer um jornal de *sentimento mineiro*. Assim, é possível depreender de seus textos um *éthos* de instância denunciante (apesar das críticas de alguns) e comprometida com os menos favorecidos e com os sujeitos que, porventura, viessem a ter suas vozes silenciadas por ocasião dos rompimentos. Os cadernos especiais “Vozes de Mariana” e “Vozes de Brumadinho”, cujo subtítulo é “A dor em primeira pessoa” são prova de que essa preocupação sustenta as edições pós-*tragédias* do *Estado de Minas*. Ora, o sentimento de indignação frente a dois eventos catastróficos e, ao que tudo indica, evitáveis, parecem motivar a construção discursiva desses eventos no jornal.

A título de exemplo, citamos as manchetes do dia subsequente à *tragédia* em Mariana-MG nos dois jornais: enquanto o *Estado de Minas*, como será mostrado adiante, apresenta o rompimento da barragem na manchete da capa, inserida em uma margem que ocupa praticamente toda a página, a *Folha de S. Paulo* reserva pequeno espaço à notícia na primeira página, que tem foco na política e no governo federal. Embora a *Folha de S. Paulo* traga uma foto do acontecimento, com legenda de informações sobre o ocorrido, o rompimento da barragem não se configura como manchete. Isso parece remeter aos interesses dos jornais e ao público-alvo (instância de recepção imaginada) que os dois veículos pretendem atingir.

O *éthos* de instância denunciante do *Estado de Minas* parece se confirmar no dia subsequente ao estouro da barragem em Brumadinho-MG. Como se verá, o jornal noticia, em manchete de letras garrafais, o acontecimento, nomeando-o como “Outro Crime”. Enquanto o *Estado de Minas* nominaliza o evento, a *Folha de S. Paulo*, embora trouxesse o assunto em manchete de primeira página *narrativiza* e descreve o evento, utilizando-se de dois verbos, um

de ação e outro impessoal: “Barragem da Vale se **rompe** em MG; **há** 7 mortos e 200 desaparecidos” (*Folha de S. Paulo*, 26 de janeiro de 2019 - grifos nossos).

Com essas observações em mente, considere-se a capa do jornal *Estado de Minas* (Figura 1), de 07 de novembro de 2015, dia que sucedeu ao rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG. A manchete que narra um resumo do evento já está sugerindo a linha de pensamento que regerá o jornal nas edições seguintes: “Barragem se rompe e tsunami de lama arrasa vilarejo” (*Estado de Minas*, 06 de novembro de 2015). O próprio verbo “arrasa” (o vilarejo) é um indicativo desse posicionamento de instância motivada pela indignação, o que parece iniciar o desenho de um *êthos* denunciante, que dará a voz aos atores menos favorecidos nessa história, como já comentamos. A pequena chamada intitulada “mais perigo” parece corroborar essa interpretação. A figura (1) encontra-se abaixo, sob a legenda “Primeira capa do jornal *Estado de Minas* após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG no dia 06 de novembro de 2015”.

Figura 1 – Primeira capa do jornal *Estado de Minas* após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG no dia 06 de novembro de 2015.

ESTADO DE MINAS
www.em.com.br

SELO HABILITADO, SÉTIMA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 2015

eSocial
MAIS UMA CONFUSÃO À VISTA
Depois de falhas, o sistema de atendimento ao cidadão do governo eletrônico se rompeu por um erro de atualização. O sistema voltou a funcionar, mas com falhas. O sistema de atendimento ao cidadão do governo eletrônico se rompeu por um erro de atualização. O sistema voltou a funcionar, mas com falhas.

DILMA SANCIONA APOSENTADORIA INTEGRAL PELA FÓRMULA 85/95
A presidente confirmou o veto aprovado pelo Congresso que permite ao aposentado com fator previdenciário escolher a idade e o tempo de contribuição para receber R\$ 10 mil por mês até a idade humana. Mas Dilma vetou o artigo que autoriza o desaquecimento de quem continua trabalhando para obter novo cálculo do benefício.

QUEBRA DE DICHO
Aliado relatará o processo contra Cunha
Ex-aliado de Eduardo Cunha, o senador Fernando Collor Jr. relatará o processo que pode resultar em condenação. Cunha alega que Eduardo Cunha é um "desprezível cidadão, e não como presidente".

JUDICIÁRIO
AÇÃO CONTRA ABUSOS PODE AFETAR OUTRAS INSTITUIÇÕES
Plano de saneamento da República por parte do juiz paulista Sérgio Cabral Filho, ex-juiz do TCU, pode ser alvo de uma ação que pode afetar outras instituições.

CÂMARA DE BH PROÍBE CANCELAS EM RUAS
A Câmara Municipal de Belo Horizonte proibiu o uso de cancelas em ruas da cidade.

REDE SOLIDÁRIA
Trabalhadores mobilizam grupos de voluntários para entrega de alimentos para famílias afetadas pelo rompimento.

MAIS PERIGO
Além dos prejuízos materiais, o rompimento da barragem de Fundão pode causar danos ambientais e à saúde pública.

ONDE FOI A TRAGÉDIA
Mapa mostrando a localização da barragem de Fundão em Mariana, Minas Gerais.

Além, parentes
Muitos parentes de Bento Rodrigues foram resgatados e estão sendo tratados em hospitais em Mariana.

PÁGINAS 13 A 19

Assinaturas e serviços de atendimento: Belo Horizonte: (31) 3263-5800 - Outras localidades: 0800 031 5005
Assinatura Web: 0800 031 5000
WhatsApp: (31) 98322-6223
MÉDIA ASSOCIADA

Fonte: *Estado de Minas*, 06 de novembro de 2015.

De acordo com as informações observadas nessa primeira página, fica evidente que o evento ocupou a maior parte da capa do jornal. Uma foto de pessoas que buscavam por informações de desaparecidos também compõe a publicação. Além disso, algumas informações adicionais, tais como o local do rompimento em mapa do estado de Minas Gerais, menção a redes de pessoas que se uniram para ajudar os atingidos, alerta para mais perigo na zona ferrífera, também constituem a grande chamada. O que mais se destaca, no entanto, é a foto de Bento Rodrigues devastada pela lama, a linha fina⁵² que complementa a informação do título da manchete (“Barragem se rompe e *tsunami* de lama arrasa vilarejo”) e a escolha do chapéu⁵³ da manchete (“*Tragédia em Mariana*” – grifo nosso –, que acompanha toda a construção do discurso sobre o evento, com algumas variações de acordo com a narrativa ao longo do caminho da lama e com os desdobramentos do evento).

Assim, é sob o chapéu constituído pela fórmula discursiva *tragédia em Mariana* que o jornal desenvolverá toda a sua construção discursiva a respeito do rompimento da barragem de Fundão. Entretanto, na medida em que a lama corre em seu curso geográfico, esse chapéu noticioso vai se desdobrando e se transformando, passando pelas variantes “tragédia em Minas” (porque não se trata mais apenas da cidade de Mariana-MG, atingida pela lama; a cidade de Governador Valadares-MG, por exemplo, ficou sem abastecimento de água por conta da lama no Rio Doce) e “tragédia brasileira” (isso quando a lama ultrapassa os limites da fronteira do estado, atingindo o Espírito Santo e chegando ao mar em Regência-ES e até mesmo a Abrolhos, na Bahia).

As figuras 2⁵⁴ e 3⁵⁵ (a seguir) do *Estado de Minas* ilustram o comprometimento do jornal com a cobertura do evento. Os termos “medo”, “tristeza” e “indignação” aparecem como sentimentos que motivam a construção discursiva dessas manchetes. Essa observação é intrigante na medida em que o *Estado de Minas* evoca um *éthos* de jornal de referência, ao mesmo tempo em que joga com uma razão catártica (EMEDIATO, 2010). Em outras palavras, as manchetes trazem à tona uma representação de sentimentos primários, como postula o autor, ao mesmo tempo em que dialogam com o sentimento de indignação próprio de um jornal de

⁵² A linha fina da notícia é um título complementar que traz mais informações a respeito do evento noticiado. Neste caso, a linha fina complementa o título da manchete do jornal, trazendo mais informações sobre o rompimento da barragem. Já o chapéu se refere às expressões posicionadas acima das manchetes ou títulos. É o chapéu que marca o tema da manchete. Em nosso caso, o chapéu refere-se à expressão *tragédia em Mariana*.

⁵³ O chapéu, como vimos, é uma expressão colocada sobre o título jornalístico para fazer menção ao assunto tratado. Neste caso, a fórmula *tragédia em Minas* e suas variantes, tais como *tragédia brasileira* (figuras 2 e 3), constitui o chapéu.

⁵⁴ Figura 2: <https://drive.google.com/file/d/1O15ghoMZFvZz-wrE4gXn8BdOSTgkNkTi/view?usp=sharing>

⁵⁵ Figura 3: <https://drive.google.com/file/d/1xNA0ZYeX4Sk4IL2iqwHOnafEEMGR-Kij/view?usp=sharing>

referência, com seu papel democrático. Os sentimentos mais voltados ao ordinário são ancorados no dialogismo do jornal com as vozes dos atingidos e estão na base do enquadre vivencial do qual os moradores e os trabalhadores das empresas envolvidas nas *tragédias* são parte constitutiva. O discurso do jornal é legitimado pelos sentimentos colocados em pauta bem como pelos elementos constitutivos dessas capas.

As manchetes são, respectivamente, nominalizada e verbalizada. Na manchete da figura 2 (Medo e caos em Valadares) não há verbo, o que dificulta(ria) ao leitor uma possível refutação. Do modo como estão dispostos na manchete, “medo” e “caos” estão *já-lá*, são um fato, reforçado pelas fotos que acompanham a matéria. Quem ousaria, portanto, negar que a cidade de Governador Valadares-MG estaria passando por uma situação tão grave? Por outro lado, a manchete da figura 3, ainda que verbalizada, foge ao tradicionalismo das manchetes jornalísticas. Isso porque, em vez de noticiar o evento ou algum de seus desdobramentos, veicula uma inscrição enunciativa forte em primeira pessoa. Não há notícia a ser veiculada, apenas o sentimento do jornal(ista).

Dessa maneira, se se leva em consideração a postulação segundo a qual os jornais de referência são direcionados por uma ética cidadã e um sentimento de indignação, e ainda se se considera que os jornais populares são regidos por uma razão catártica traduzida por sentimentos primários, a fronteira de categorização do *Estado de Minas* se torna fluida, como já mencionamos em nota anteriormente. Os limites entre jornal de referência e jornal popular se encontram e se fundem em determinados momentos, tais como os que podemos vislumbrar nesses exemplos.

É preciso ainda considerar que, no decorrer do percurso da lama, e, por conseguinte, da cobertura do jornal, muitas vozes são veiculadas nas diferentes edições. As mais significativas são, no entanto, as vozes dos atingidos enquanto pessoas comuns, especialmente os moradores de Bento Rodrigues, vilarejo mais devastado pela lama, bem como as vozes dos especialistas que propõem sanções às empresas responsáveis pelas barragens. Dos enunciados destacados em discurso direto, esses são os que aparecem na maior parte dos casos. Tal *modus operandi* de veicular a notícia e cobrir o evento se repete quando do rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG.

Ao lado da voz dos atingidos, num enquadramento vivencial dos rompimentos de barragens no estado mineiro, ficam as reportagens que remontam ao patrimônio histórico-memorial perdido em decorrência da destruição, isso especialmente no que diz respeito a Bento Rodrigues, vilarejo que teve prédios históricos destruídos pela lama. Reportagens técnicas acerca dos rompimentos das barragens e interpretações políticas e jurídicas também estão

presentes nas edições que sucedem a ambos os colapsos. Além disso, como é possível deprender das duas capas a seguir, há a preocupação com o meio-ambiente, ponto de vista que evoca os discursos que têm como temática as condições ecológicas dos ecossistemas brasileiros. As fotos do rio (figura 2) e do mar (figura 3) corroboram esse ponto de vista importante que aparece na cobertura jornalística e, especialmente, nessas duas edições. Esses elementos, juntos, compõem os destaques das capas do jornal *Estado de Minas*, como é possível observar nas figuras que seguem:

Figura 2 – Mudança do chapéu da manchete do rompimento da barragem de Fundão para “tragédia em Minas” quando houve desabastecimento de água em Governador Valadares-MG.



Fonte: *Estado de Minas*, 11 de novembro de 2015.



Fonte: *Estado de Minas*, 24 de novembro de 2015.

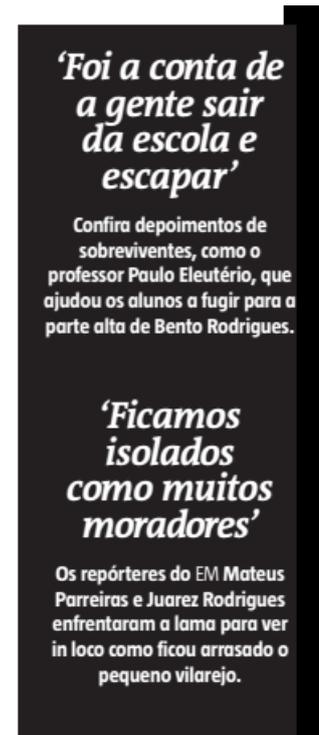
Os depoimentos de moradores, que se denomina neste trabalho “enquadre vivencial”, são, como dissemos, parte constitutiva da cobertura jornalística dos eventos no *Estado de Minas*. Em mais uma manchete nominalizada (figura 4⁵⁶, abaixo), o jornal representa o evento classificando-o como grave e corroborando seu julgamento social através dos enunciados em discurso direto, destacados ao lado da foto de moradores da região atingida pela lama. Os enunciados destacados, sobre os quais falaremos adiante, denominados aforizações na teoria maingueneana, aparecem em formato de olho jornalístico e são excertos em discurso direto retirados das narrativas dos sujeitos atingidos. Mais uma vez, um quadre vivencial é posto no

⁵⁶ Figura 4: <https://drive.google.com/file/d/178AV2rAuh4DPgboXCbn72g8OgHy98Nyy/view?usp=sharing>

jogo enunciativo do jornal para corroborar seu *éthos* denunciante, seu comprometimento com o empréstimo de seu espaço privilegiado de jornal de referência circulante em grande parte do estado mineiro aos atores sociais que tiveram suas vidas comprometidas. A foto sobre a qual parte da manchete está posta (a palavra “destruição”) retrata as condições da região pós-passagem da lama, o que reforça a preocupação do jornal em denunciar o ocorrido. Dessa forma, uma das possibilidades interpretativas advindas dessas observações é a de que o jornal esteja veiculando as vozes dos atingidos enquanto sujeitos discursivos representativos dos eventos de modo a unir-se com eles em uma só voz.

Como já foi dito, a frase nominal que constitui a manchete é endossada pelos enunciados destacados em discurso direto. A ideia é a de que se os atingidos dão seu depoimento, ao jornal é outorgada a prerrogativa de uma premissa *irrefutável* que, no caso, é a de denominar a passagem da lama como *destruição* e qualificá-la como “sem limites”, em mais uma estratégia de preservar seu compromisso com questões sociais e com a veiculação da situação das pessoas que, de outra maneira, não teriam suas vozes divulgadas.

Figura 4 – Segunda capa do jornal *Estado de Minas* após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG. Falas destacadas de depoimentos de atingidos.



Fonte: *Estado de Minas*, 07 de novembro

Os exemplos apresentados sugerem o percurso da construção discursiva do rompimento da barragem: foco nos atingidos, na perda de patrimônio e de lares e nas questões ambientais que envolvem o desabastecimento e a destruição do Rio Doce e de praias do Espírito Santo, bem como na denúncia sobre essas ocorrências. Há espaço cedido às falas de pessoas atingidas pelo rompimento da barragem e essas falas aparecem de modo destacado, tendo como possibilidade interpretativa o objetivo de chamar a atenção da instância leitora. O jornal, portanto, enquadra essas falas a partir de seu ponto de vista, ou seja, a partir da ideia que deseja(ria) passar ao leitor. As manchetes nominalizadas corroboram as premissas *irrefutáveis* que o jornal apresenta à instância de recepção, permitindo que seu *éthos* de instância democrática possa ser evidenciado, através dessas estratégias de captação.

O tratamento outorgado pelo *Estado de Minas* ao rompimento da barragem em Brumadinho-MG parece ser ainda mais enfático: a capa da edição que sucede o rompimento da barragem caracteriza-o como “crime” em sua manchete (que se faz acompanhar de “outro”, instaurando o pressuposto de que já houve um crime anterior: o da barragem de Fundão, num claro apelo à memória (cognitivo-discursiva). Trata-se, como se vê, de mais uma manchete nominalizada, o que faz com que a refutação seja pretensamente afastada da instância leitora. A linha fina da manchete retoma o evento anterior (“Três anos depois de Mariana”) e repete a conhecida fórmula discursiva *tsunami de lama*. Trata-se de um excerto ligeiramente organizado em modo narrativo, com expressões que corroboram o título principal. Isso porque “crime” está no mesmo eixo temático de “morte” assim como “tsunami” está no mesmo eixo temático de “destruição”.

A capa da edição ainda conta com fotos que destacam a temática da manchete e das chamadas: equipes de resgate, pessoas comuns que se dispõem a prestar auxílio, ponte destruída pela força dos rejeitos, telhados expostos sobre a lama que invade casas... Há enunciados destacados em um enquadramento testemunhal e técnico: jornalistas têm suas falas destacadas e estas corroboram o ponto de vista da instância jornalística a respeito da gravidade do acontecimento. Algumas dessas frases destacadas, que analisaremos mais adiante, são as seguintes:

“Empresas fazem o que está previsto em lei? Então, que se mude a lei para tornar as exigências mais rigorosas” (enunciado destacado do repórter *Marcílio de Moraes*);

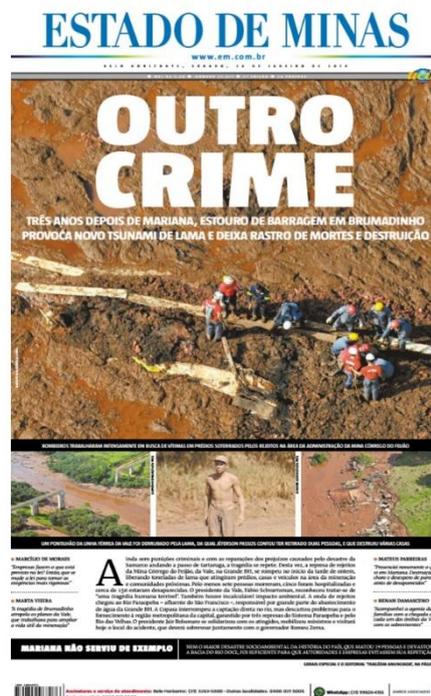
“A tragédia de Brumadinho atropela os planos da Vale, que trabalhava para ampliar a vida útil da mineração” (enunciado destacado da jornalista *Marta Vieira*);

“Presenciei novamente o que vi em Mariana. Destruição, choro e desespero de parentes atrás de desaparecidos” (Mateus Parreiras, enviado especial).

“Acompanhei a agonia das famílias com a chegada de cada um dos ônibus da Vale com os sobreviventes” (Renan Damasceno, enviado especial) (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Os dois primeiros enunciados encontram-se na lateral inferior esquerda do resumo da notícia principal da edição e refere-se a um enquadramento mais técnico que aborda a legislação e a análise sobre a situação da empresa. Os dois últimos enunciados, por sua vez, são destacados pelo jornal da perspectiva de um locutor que se ocupa dos depoimentos de enviados especiais, ou seja, de um enquadramento testemunhal. Na imagem⁵⁷, é possível verificar essas observações:

Figura 5 – Capa do jornal *Estado de Minas*, edição do dia que sucede o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG



Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

Como é possível observar, em um primeiro olhar relativo às edições que tratam do assunto, o foco das discussões está na repetição de um rompimento de barragem, dessa vez com muitas perdas de vidas humanas, e no trabalho de resgate das vítimas. As notícias e reportagens

⁵⁷ Figura 5: <https://drive.google.com/file/d/1v2hF5O6CVzUr7RW3baUWNQYU-55AuYLB/view?usp=sharing>

que envolvem o trabalho dos bombeiros são frequentes nas edições subsequentes ao colapso da estrutura da Mina do Córrego do Feijão. No entanto, o depoimento dos atingidos, a divulgação dos nomes das vítimas e algumas narrativas de suas vidas também são aspectos notáveis na construção do discurso sobre esse acontecimento. O foco, dessa vez, não esteve no percurso da lama, embora a menção ao meio ambiente estivesse igualmente presente nas reportagens e notícias. A título de exemplo, observemos, a seguir, duas capas (figuras 6 e 7) de edições com foco nas vítimas e no trabalho de resgate:

Figura 6 – Capa do jornal *Estado de Minas*, fotos das vítimas identificadas até a data da publicação.



Fonte: *Estado de Minas*, 1º de fevereiro de 2019.

Figura 7 – Capa do jornal *Estado de Minas*, foco nas operações de resgate e na explanação de seu funcionamento.



Fonte: *Estado de Minas*, 03 de fevereiro de 2019.

Essas duas capas do *Estado de Minas* são interessantes do ponto de vista do enquadramento que o jornal, enquanto locutor na posição de instância de produção, dá ao evento. De um lado, é possível evocar uma motivação catártica, mais voltada para um sentimento primário traduzido pelo termo “dor”, em posição tipográfica de destaque enquanto

constitutivo da manchete. As fotos das vítimas fatais corroboram o efeito impactante da manchete. A expressão “sete dias” também evoca um efeito de sentido que remonta à religiosidade brasileira, acostumada ao rito das missas de sétimo dia que têm como objetivo rezar pelas almas dos finados. A memória deles encontra-se estampada na capa do jornal.

Ainda na figura 6⁵⁸, acima da manchete, há um enunciado destacado (aforização⁵⁹): “‘Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos sem berro?’ Carlos Drummond de Andrade, em 1983”. O enunciado corrobora o eixo temático da manchete: dor, lágrimas, berro, mortes, mortos, desaparecidos etc. Embora o *Estado de Minas* se apresente como um jornal de referência, sua voz se mistura ao sentimento popular, corroborando seu posicionamento de voltar o olhar prioritariamente para as vítimas e não para os impactos econômicos ou outros temas que poderiam porventura estar igualmente disponíveis para exploração.

Por outro lado, o mesmo jornal (figura 7⁶⁰) constrói outra de suas capas com foco nos trabalhos de resgate. Desta vez, a foto é de um helicóptero sobre os rejeitos e sobre uma equipe de resgate. O eixo temático parece se desviar dos atingidos para um enquadramento mais técnico: o vocábulo “operações” dá o tom, sendo seguido por outras expressões do mesmo veio, tais como “sistema de comando”, “estrutura estratégica”, “trabalhos de resgate”, “trabalho em conjunto”, dentre outras.

É importante observar que a edição em cuja capa há foco nas vítimas, na dor dos familiares, na solenidade dos sete dias de perda de vidas etc. não envolve qualquer outra chamada de notícia diária. A capa que focaliza os trabalhos técnicos, embora estes tenham espaço privilegiado tipograficamente falando, traz ao leitor outras informações que não estão tematicamente envolvidas com o rompimento da barragem. Isso leva a considerar que o sentimento de dor envolto no *éthos* denunciante que propaga a voz das vítimas aparece de modo concentrado, não dividindo espaços. Por outro lado, o *arejamento* desse sentimento traduzido pela preocupação técnica em outra edição permite ao jornal dividir sua capa com temas mais rotineiros.

Outras observações acerca do *Estado de Minas* recaem sobre detalhes que remontam ao modo como o jornal cobre o rompimento das barragens. Dessa forma, é preciso mencionar que, em 2015, a partir de vinte dias decorridos do rompimento de Fundão, a capa do jornal inicia a introdução de outros assuntos em chamadas para diferentes matérias. Além disso, os atentados

⁵⁸ Figura 6: https://drive.google.com/file/d/1k3Mbe8_owhYwH8iz7DcocL_HHb6pt0Cv/view?usp=sharing

⁵⁹ Essa aforização acontece por destacamento forte, sobre o qual falaremos adiante.

⁶⁰ Figura 7: https://drive.google.com/file/d/11FX_2aKzOUEDWEaYer4P47YC3TaTlzkz/view?usp=sharing

terroristas em Paris-França, ocorridos também em novembro daquele ano, aparecem em algumas edições dividindo espaço com as manchetes sobre o rompimento de Fundão. Em 2019, com o rompimento da barragem B1 da mina do Córrego do Feijão, o tratamento foi mais ou menos o mesmo. A manchete começa a dividir espaço com outros acontecimentos em algumas edições a partir da morte do jornalista Ricardo Boechat, ocorrida cerca de quinze dias depois do rompimento da barragem em 2019. O incêndio nas instalações do clube de futebol Flamengo e a morte de adolescentes também ocupou lugar de importância na capa do jornal. Entretanto, mesmo diante de tais acontecimentos, o rompimento da barragem continua a se destacar. A esmagadora maioria das capas das edições de 2019 trazem na manchete o assunto de Brumadinho-MG. Abaixo (figura 8⁶¹), ilustraremos os momentos em que a manchete foi “desmembrada” por ocasião dos acontecimentos mencionados:

Figura 8: capas do jornal *Estado de Minas* – manchetes desmembradas



Fonte: *Estado de Minas*, 14 de novembro de 2015; 09 de fevereiro e 12 de fevereiro de 2019.

⁶¹ Figura 8: https://drive.google.com/file/d/1-J7RzmpiDtKFya70HTpotEii8y_TEQtB/view?usp=sharing

1.2.1.2 A *Folha de S. Paulo* e a cobertura jornalística dos rompimentos das barragens: primeiras impressões

O jornal *Folha de S. Paulo*, atualmente pertence à empresa *Folha da Manhã S/A*. Fundado no primeiro dia do ano de 1960, é um dos líderes do mercado midiático brasileiro. Atualmente, sua média de exemplares impressos e *on-line* circula na casa dos 343.522⁶² exemplares, número praticamente dez vezes maior se comparado ao jornal *Estado de Minas*. Foi o primeiro jornal a ter impressão colorida no país e alcançou a liderança na década de 1980, como resultado da renovação de seu parque gráfico. De acordo com a história registrada e narrada em seu próprio *website*⁶³, a *Folha de S. Paulo* engajou-se em questões políticas, até mesmo naquelas que diziam respeito à discussão sobre a redemocratização do país durante a ditadura militar. Em 1992, o jornal passou a ser de propriedade do empresário Octavio Frias de Oliveira. A *Folha* atinge também nessa época a marca de maior jornal em circulação no país.

A proposta da *Folha de S. Paulo* é a de constituir-se como um jornal de referência. A *Folha* ilustra de modo produtivo o funcionamento da máquina midiática e seus lugares de produção de sentido. Neste caso, tomemos como referência o lugar das condições de produção (CHARAUDEAU, 2015), no qual é possível esboçar seu funcionamento: na medida em que se propõe a ser um jornal de referência e se pauta no sentimento de indignação para ser guiado por uma ética cidadã (EMEDIATO, 2010), a *Folha* ainda é regida por uma lógica comercial que se justifica através da intencionalidade de seus efeitos econômicos. Ora, um jornal de abrangência nacional, como é o seu caso, não pode passar sem se preocupar com os elementos comerciais que regem o mercado das mídias.

Ao narrar sua própria história, o jornal ressalta sua liderança, compara-se com outras publicações e destaca a união com diversos grupos empresariais de informação. Isso dá pistas de que o jornal cumpre papel importante na concorrência do mercado midiático brasileiro. O Brasil, como vimos anteriormente, é um dos países em que as mídias são, em sua esmagadora maioria, privadas e motivadas por vendagem, aceitação do público, anunciantes e interesses econômicos, o que não impede, insistimos, que sejam motivadas por uma ética, ainda que esses elementos se relacionem com as práticas de organização socioprofissionais e com os efeitos econômicos (CHARAUDEAU, 2015).

⁶² Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/grandes-jornais-mantem-circulacao-nos-2-primeiros-anos-de-bolsonaro/>. Acesso em 12/05/2022

⁶³ A história do jornal *Folha de S. Paulo*, com datas marcantes no desenrolar da evolução do veículo pode ser acessada em seu *website*. As datas e dados mencionados nesta seção foram retirados dessa página. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso em 05/10/2020.

Aliás, a história do jornal está repleta de detalhes que remontam à sua expressividade no mundo midiático. O portal *UOL* (propriedade da *Folha* em parceria com o Grupo Abril) contou com milhões de acessos ainda antes dos anos 2000, lembrando que o acesso à *internet* era bastante reduzido se comparado aos dias atuais. Para alcançar leitores das camadas mais populares, a empresa também lançou um jornal, o *Agora*, direcionado especificamente ao “trabalhador paulistano”. Juntando-se ao Grupo Globo, no mesmo ano de 1999, lançou projeto para a publicação do jornal *Valor Econômico*, com investimento de 50 milhões de dólares. É importante destacar, nesse aspecto, uma postura de alcance a todo tipo de público.

Esses episódios ilustram, de modo efetivo, como a *Folha de S. Paulo* e seu grupo empresarial têm sido importantes influenciadores da construção dos discursos de informação circulantes no Brasil. Isso se torna particularmente relevante quando se compara, guardadas as devidas proporções geográficas de circulação dos veículos, a *Folha* ao *Estado de Minas*. Esse último circulou em terras mineiras durante muito tempo sendo senão o único, um dos únicos jornais disponíveis aos consumidores de informação. A *Folha de S. Paulo* também guarda semelhante peculiaridade visto que sua importância expõe seu *poder* comercial ao lado de outros grupos midiáticos existentes⁶⁴.

Apesar de postular neutralidade (aparente, a nosso ver) em sua linha editorial, a *Folha de S. Paulo* trata dos acontecimentos, segundo sua própria leitura de mundo. Isso não é nenhuma novidade para quem reflete sobre as relações que os discursos mantêm entre si, ideia bakhtiniana muito difundida e sobre a qual se entende que a originalidade de um discurso é apenas ilusória. Aliás, o sujeito, segundo muitas teorias do discurso, tem a ilusão de ser fonte de seu próprio dizer quando, na realidade, fala a partir da influência de outros sujeitos e outros discursos. A cobertura dos rompimentos de barragem em Minas Gerais por parte da *Folha de S. Paulo* sofre, evidentemente, influências de sua linha editorial, da leitura de mundo de seus jornalistas, do jogo comercial estipulado no lugar das condições de produção e dos efeitos visados através de estratégias de captação de leitores. Sua postura no que diz respeito aos rompimentos de barragem em Minas Gerais parece reforçar seu *éthos* de jornal de referência a despeito de algumas críticas por parte de leitores⁶⁵.

⁶⁴ É preciso chamar a atenção para o monopólio da informação retido por grupos empresariais e até mesmo por sociedades anônimas, fato que estabelece certa dificuldade de circulação de novos e diferentes veículos de informação no Brasil. A circulação de grande número de veículos de informação em um país aumenta a concorrência e possibilita aos leitores acesso a diferentes enquadres informacionais.

⁶⁵ Sobre esse assunto, sugerimos a leitura do já mencionado texto: “Quanto vale a lama de Mariana: análise da coluna de *ombudsman* da *Folha de S. Paulo*, dedicada à cobertura do rompimento da barragem da Samarco” (LANDIM, 2019)

Assim, a *Folha* pareceu tratar do tema com menos empenho, especialmente nos primeiros dias que sucederam ao rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG. Isso confirma a hipótese de que a distância geográfica, que lhe é imposta naturalmente, bem como a origem paulista do jornal interferiram decisivamente no modo como o jornal noticiou a temática, o que sugere que o jornal não deu a devida importância ao evento por razões que se desconhecem ou que são especuladas. Na capa da edição publicada no dia seguinte ao rompimento da barragem, como já foi mencionado, é possível observar que o evento não foi noticiado em manchete, diferenciando-se extensivamente do jornal *Estado de Minas*:

Figura 9 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Embora a foto da lama ocupe significativo espaço da página, é a manchete política que chama mais a atenção.



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 06 de novembro de 2015.

Como vemos, na capa da edição do dia que sucede ao rompimento de Fundão, uma foto da lama ocupa parte da página e há uma chamada para a notícia; entretanto, o assunto que prevalece em manchete é relacionado à política e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já mencionamos que, por adotar tal postura, o jornal foi criticado, sendo tema de protesto em

cartas de leitores, o que o levou a abordar o assunto em sua coluna de *ombudsman*⁶⁶. É preciso lembrar que o jornal optou por falar do rompimento da barragem de Fundão no caderno denominado “Cotidiano”, mas, mesmo ali, a menção ao evento não recebeu destaque em todas as publicações. A título de exemplo, observemos a capa do referido caderno quatro dias depois do rompimento da barragem e a capa principal da mesma edição:

Figura 10 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Nenhuma menção ao rompimento da barragem em Fundão - Mariana-MG



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015.

Figura 11 – Primeira página do caderno “Cotidiano”: foto de pequenas proporções mostrando bombeiros em resgate.



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015

Como é possível notar, não há menção ao evento na capa da edição. A manchete trata de assuntos do governo de São Paulo e a primeira página do caderno “Cotidiano” possui apenas uma chamada que indica ao leitor a página em que o tema do rompimento da barragem mineira será abordado. Enquanto o *Estado de Minas* dedicava todas as suas capas e manchetes, nos

⁶⁶ *Ombudsman* é um profissional contratado por uma empresa para que atue como um ouvidor e seja um elo entre a empresa e seu cliente. No caso dos jornais, o profissional ouvidor atua como canal entre os leitores e o jornal e, em muitos casos, como na *Folha de S. Paulo*, possui um espaço para veicular as opiniões dos leitores ainda que essas sejam contrárias à postura do jornal. Em linhas gerais, o ouvidor possui uma coluna na qual escreve periodicamente. Em tese, o contrato entre um jornal e um jornalista que atue como *ombudsman* contemple a liberdade do profissional de atuar entre o leitor e o jornal sem que isso acarrete a interrupção dos serviços contratados.

primeiros dias, ao rompimento da barragem, bem como às falas dos atingidos, a *Folha de S. Paulo* se ocupava em destacar temáticas de cunho político. Como foi dito há pouco, a primeira página do caderno “Cotidiano” conta com uma foto de pequenas proporções (a publicidade toma mais espaço do que o próprio texto da reportagem sobre a nova metodologia de contagem de homicídios no estado de São Paulo, que, aliás, é a reportagem da manchete da edição), e o assunto da barragem é abordado apenas na última página do caderno. A disposição dos textos em um jornal indica, em alguma medida, a relevância de um assunto a partir de sua perspectiva. A única manchete que ganhou a capa do jornal foi a do dia 24 de novembro de 2015, já na fase avançada da lama no mar. Entretanto, a manchete não enfatiza a perda de vidas ou do patrimônio histórico-cultural, tal como faz o *Estado de Minas*. O foco está na irregularidade do depósito de rejeitos que também foi utilizado pela Vale S/A: “Barragem que se rompeu também tinha lama da Vale”, cuja linha fina é a seguinte: “Maior mineradora do país despejava rejeitos no reservatório que vazou em Mariana (MG), causando desastre ambiental”:

Figura 12– Capa do jornal *Folha de S. Paulo*. Manchete sobre irregularidade da barragem.



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 24 de novembro de 2015.

O modo como o jornal convoca os acontecimentos em suas publicações é constitutivo de seu posicionamento, de sua linha editorial e de seu funcionamento enquanto instância de informação. É nessa esteira que o fato de não colocar o rompimento da barragem de Mariana-MG em destaque, tal como fez o jornal *Estado de Minas*, indica que um possível ponto de vista do jornal possa estar sendo construído: o de que o evento não teria, a princípio, expressividade suficiente para retirar de suas manchetes os assuntos políticos. Há que se considerar que a localização do evento não sugere(ria) destaque e as vítimas do rompimento seriam pessoas comuns, de pouca expressividade político-social, o que afastaria as manchetes das temáticas costumeiramente veiculadas pelo jornalismo da *Folha de S. Paulo*.

O evento passa a ter destaque na medida em que seus desdobramentos revelam sua gravidade: cidade de Governador Valadares sem água, poluição do rio, chegada da lama ao mar... Em outras palavras, o tratamento da notícia foi sendo modificado na medida em que seu prolongamento causava mais problemas e ganhava notoriedade. Ainda assim, há pouca menção às vítimas, quando se compara, ainda que em um primeiro olhar, a postura da *Folha* à do *Estado de Minas*, mais voltado para questões que geram efeitos (discursivos) patêmicos em suas publicações. Outra observação importante é a de que praticamente inexitem manchetes e/ou chamadas nominalizadas. Enquanto o *Estado de Minas* nomeia o evento por meio de itens lexicais como “crime”, a *Folha de S. Paulo* distancia-se dele com construções mais *objetivantes*. Isso leva a presumir que a *Folha* parece não trabalhar com postulados *irrefutáveis* acerca do evento. Sua preferência se dá pela narrativa do percurso da lama e, em alguns momentos, pela menção de suas consequências econômicas. Algumas edições, porém, como é o caso da edição do dia 12 de novembro de 2015, mal fazem menção ao evento na capa. Essa edição conta, no entanto, com um editorial intitulado “Quem é o dono da lama” e uma notícia que veicula o fato de que a lama do rompimento destruíra um santo folheado a ouro em uma igreja histórica. As edições subsequentes seguem o mesmo padrão, com pequeno espaço reservado à cobertura do evento no caderno “Cotidiano”.

Entretanto, a reincidência de rompimento de barragem três anos depois de Mariana-MG parece ter modificado, de alguma forma, o modo como a *Folha de S. Paulo* cobriu o novo evento. Não mais uma pequena chamada com foto ao lado de manchetes de cunho político-econômico; o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG, ocupou a primeira página do jornal de modo bastante realçado: uma manchete, de fato. Mas é preciso notar uma diferença crucial entre a construção discursiva da capa dos dois jornais: enquanto o *Estado de Minas* dedica praticamente a totalidade de sua capa aos dois rompimentos em ambas as ocasiões, a *Folha de S. Paulo* permanece com seu *layout* tradicional, constituído

por manchete e foto, chamadas para *matérias* no interior da edição, eventuais fotos relacionadas a elas, bem como por publicidade.

Como veremos em seguida, na capa que sucede ao rompimento da barragem em Brumadinho-MG, é possível ler a manchete “Barragem da Vale se rompe em MG; há 7 mortos e 200 desaparecidos”, seguida pela linha fina “Estado revive Mariana após três anos, e presidente da Vale diz que tragédia humana agora será maior * Rompimento faz uma segunda estrutura transbordar em Brumadinho * Ações da empresa caem 8% em NY”. Mantém-se a presença da publicidade (com imagem de tamanho considerável), mas as chamadas para outros assuntos noticiados não contêm fotos, como é possível observar na imagem abaixo (figura 13):

Figura 13 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo* na edição que sucedeu ao rompimento da barragem da Vale S/A em Brumadinho-MG

FOLHA DE S. PAULO
DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 98 • Nº 32.805 SÁBADO, 26 DE JANEIRO DE 2019 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 09H • R\$ 5,00

Barragem da Vale se rompe em MG; há 7 mortos e 200 desaparecidos

★ Estado revive Mariana após três anos, e presidente da Vale diz que tragédia humana agora será maior ★ Rompimento faz uma segunda estrutura transbordar em Brumadinho ★ Ações da empresa caem 8% em NY

Passados três anos do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, que deixou 19 mortos, Minas Gerais enfrenta outra tragédia. Ontem, uma barragem de cimento e outra transbordou na região de Brumadinho, deixando sem abrigo 160 famílias, 7 mortos e 200 desaparecidos, de acordo com as autoridades.

As instalações são da Vale. Segundo o presidente da empresa, Fabio Schuchman, que afirmou estar construído os danos ambientais poderão ser menores que os de Mariana, mas a tragédia humana deverá ser maior.

Deixando a margem para a administração da Vale, em Brumadinho, há uma possada e zona residencial.

A possada era utilizada por turistas que iam à região para o turismo industrial, que abriga, em área de 140 hectares, jardins botânicos e acervo de arte plástica.

O governador Minas Gerais em dezembro, contra a vontade da comunidade local, ampliou as atividades no complexo que está a barragem que se rompeu.

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) deverá sobreviver hoje a região do desastre. Evidências ocorridas, o presidente da Vale chegou na Bola de Nova York. Os preços fecharam em baixa de 8%.

Carolina Amaral
Parlamentar em flexibilizar vacina contra desastres




Bombeiros fazem buscas em área devastada pelas equipes liberadas após o rompimento da barragem de Fundão, em Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte.

Ilustrado CI Machado de Assis e Lygia F. Teles já se aventuraram pela ficção científica

Esporte B9 São Paulo ganha do Vasco nos pênaltis e é tetacampeão da Copa SP de juniores

Folha foi líder de audiência entre jornais em 2018
Folha se

EDITORIAIS A2
Austeridade Sobre decisão de Juan Wylhyde de sair do mandato.
Castela em Davos Acerca de perspectivas para a economia mundial.

AUDIÊNCIA MÊS
MÉDIA DE LÍDER 22.862.992
MÉDIA DE SEGUINDO 21.068.640

0800-772 4379
www.folha.com.br

Leo Pinheiro diz que pagou a ministro do STJ

O ex-presidente da OAS afirmou em acordo de delação que pagou propina a Henrique Martins, ministro do Superior Tribunal de Justiça.

O pagamento de R\$ 8 milhões serviu para comprar a licença com recurso especial que transfere sua obra sobre obra da OAS na Bahia.

Martins, atualmente conselheiro da Comissão Nacional de Justiça (CNJ), nega as acusações e qualquer envolvimento com a empresa.

A colaboração de Leo Pinheiro garantiu a condenação de Henrique Martins, responsável pela Lava Jato no Supremo Tribunal Federal. **Índice 14**

Guatú reappare e pede à população que fique nas ruas
Em discurso em Caracas, líder opositor venezuelano Juan Guatú pediu que atos continuem. Reivindicações em favor da oposição do governo de Maduro. Mais de metade da energia consumida nos estados é fornecida pela Venezuela. **Mundo 101**

Empresa com sede em Barcelona barra licitação de ônibus
Alguma dasagens em gerenciamento com uma empresa de ônibus convencionais, sediada em Barcelona em la peritanga (SP), barrou na licitação do transporte municipal de São Paulo. **Carolina 10**

Acusado de movimentar propina, ex-governador Beto Richa é preso

Trump avança análise let que encerra a paralização do governo dos EUA

Na Espanha, ministro de 2 anos é acusado morte 13 dias após cair em poço



TIGGO EX
O 1º SUV A ENCARAR DE FRENTE AMERICANOS, JAPONESES E ALEMÃES. **LANÇAMENTO**

0800-772 4379
www.chery.com.br

VEJA NA PÁGINA 5. **CHERY**

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 26 de janeiro de 2019.

A manchete, na primeira parte, é narrativa, procura relatar o evento sem tecer com ele relações de proximidade ou distanciamento aparentes. O jornal parece relatar o evento construindo com ele uma relação de (aparente) neutralidade. Entretanto, isso torna-se apenas um efeito de sentido quando se atenta para a linha fina da notícia. É nela que a memória do rompimento em Mariana-MG é recuperada, a perda de vidas humanas é mencionada por intermédio de um discurso relatado (“presidente da Vale diz...”) e o impacto econômico é mencionado, preservando o *éthos* de jornal de referência, bem como de jornal direcionado a um público-alvo de poder aquisitivo e escolaridade moderados ou altos⁶⁷.

Como é possível perceber, as edições da *Folha de S. Paulo* pós-rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG não contaram com manchetes a respeito do acontecimento. Entretanto, talvez pelo impacto da perda de vidas e pelas “lições aprendidas” com Mariana-MG, não foi dessa forma que o evento de Brumadinho-MG foi tratado. A *Folha* passou a noticiar o rompimento da barragem de Brumadinho-MG com mais ênfase. Conforme se vê, abaixo (figuras 14⁶⁸ e 15⁶⁹), cinco dias após o acontecimento, o jornal ainda colocava a temática em manchete, divergindo do modo como Mariana-MG fora tratada três anos antes. Em outras palavras, se se observa o mesmo período de tempo pós-rompimento, em relação aos dois acontecimentos (ou seja, cinco dias), constatamos que o jornal já não contava com Fundão em sua capa e que o caderno “Cotidiano”, destinado aos eventos de cunho diversificado que ocorrem no país, já não destacava o rompimento da barragem. Em referência a Brumadinho-MG, porém, como é possível confirmar por meio das figuras 14 e 15 (a seguir) essa postura se modificou.

Nessas figuras, é possível perceber essa sensível mudança: a manchete apela para outras estruturas com potencial de destruição e refere-se à capa do caderno “Cotidiano” que traz reportagem acerca do problema. Na capa, o número de barragens com alto potencial de danos (55 delas) tende a levar a instância de recepção ao impacto. Além disso, a foto do avião da polícia militar cuja legenda aponta para a prisão dos responsáveis pela *segurança* da barragem corrobora a ideia da gravidade do problema. Na capa do caderno “Cotidiano”, por sua vez, o número não aparece. Ao contrário, é representado por uma fração que leva o leitor a calcular o tamanho do risco em caso de rompimento das barragens da Vale S/A. O ponto de vista do jornal

⁶⁷ É a própria *Folha de S. Paulo* que traça o perfil de seus leitores: “O leitor típico da **Folha** tem 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade. Se uma pessoa for escolhida ao acaso no universo de leitores do jornal, a probabilidade de que seja homem é idêntica à de que seja mulher” (grifo do original). Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml. Acesso em 18/03/2022.

⁶⁸ Figura 14: https://drive.google.com/file/d/1B6v7tlCSewQsPjE_67gIwFxmAOIGD6b0/view?usp=sharing

⁶⁹ Figura 15: <https://drive.google.com/file/d/1gkplivIGYCYlDu-9HHD8DDNRLH8AG5hJ/view?usp=sharing>

parece ter sido deslocado desde as questões que envolveram o rompimento em Mariana-MG. Embora seu ethos de jornal de referência e jornal de cunho político-econômico seja preservado através da não tomada de posição, como é possível perceber em enunciados narrativos, pouco dotados de adjetivações etc., a cobertura jornalística do novo rompimento distancia-se, em alguma medida, da cobertura do rompimento da barragem em Mariana-MG. As figuras a seguir ilustram as observações feitas até agora:

Figura 14 – Capa do jornal Folha de S. Paulo cinco dias após o rompimento da barragem em Brumadinho-MG.



Figura 15 – Primeira página do caderno “Cotidiano” cinco dias depois do rompimento da barragem de Brumadinho-MG.



Fonte: Folha de S. Paulo, 30 de janeiro de 2019.

Fonte: Folha de S. Paulo, 30 de janeiro de 2019.

Há uma quantidade significativa de matérias sobre o rompimento da barragem de Mariana-MG na Folha, mesmo antes de sua autocrítica veiculada na coluna de ombudsman (já mencionada neste trabalho), entretanto, o fato de figurarem escondidas no interior dos cadernos sugere que o jornal não noticiou o evento com a mesma intensidade com que cobria a situação

política e econômica do país à época. Já acerca de Brumadinho-MG, a *Folha* cede espaço às populações atingidas, como é o caso dos indígenas (figura 16).

Figura 16: Reportagem da *Folha* sobre os problemas enfrentados pelos indígenas depois do rompimento da barragem em Brumadinho-MG

FOLHA DE SPALHO *** SABADO, 2 DE FEVEREIRO DE 2019 83

tragédia em Brumadinho cotidiana



Indígenas pedem água para festa e grávidas deixam aldeia

Sem água, pataxós cancelam festa, e grávidas deixam aldeia

Assentados há apenas 1 ano e meio, índios dependem de rio agora contaminado

Uma aldeia indígena no município de Brumadinho, em Minas Gerais, vive uma situação crítica desde o rompimento da barragem de Fundão em novembro de 2015. Os índios Pataxós, que vivem em uma comunidade há pouco mais de um ano e meio, dependem do rio local para beber água e para realizar suas atividades cotidianas. No entanto, o rio está contaminado com produtos químicos, o que tornou a água imprópria para consumo humano. Como resultado, os indígenas cancelaram uma festa planejada e algumas mulheres grávidas deixaram a aldeia em busca de atendimento médico em outros locais. A reportagem destaca a vulnerabilidade da comunidade e a falta de suporte governamental para lidar com as consequências do desastre ambiental.

RECEIO COBERTA NELA LA NA TUA VISTA PARA OS DEUS

Antes do rompimento da barragem, a região de Brumadinho era conhecida por suas paisagens bonitas e suas atividades recreativas. No entanto, o desastre ambiental mudou completamente a paisagem local, deixando uma área devastada e contaminada. A reportagem mostra como a comunidade indígena foi afetada por essa mudança, perdendo seu acesso à natureza e suas fontes tradicionais de água.

classificados

SEJA COMO ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS DA FOLHA

EMPREGOS, IMÓVEIS, NEGÓCIOS, SAÚDE, EDUCAÇÃO, SERVIÇOS, OUTROS

APP FOLHA DIRETO NA TELA DO CELULAR

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 de fevereiro de 2019.

Aliás, uma observação muito importante é a de que nas 13 edições da *Folha* a partir do rompimento da barragem em 2019, há contagem de mortos e desaparecidos, como é possível conferir na figura 17. Ainda que não haja manchete, há, pelo menos, uma chamada ou ao menos essa contagem na capa das edições, o que denota a diferença de tratamento do jornal em relação ao rompimento da barragem em Brumadinho-MG. A título de exemplo, reproduzimos, a seguir, a capa de edição de 05 de fevereiro de 2019, sem manchete sobre o assunto e com a referida contagem de vítimas:

Figura 17: capa com contagem de vítimas da tragédia em Brumadinho com detalhe



Fonte: Folha de S. Paulo, 05 de fevereiro de 2019.

A contagem de vítimas e de desaparecidos deixa de figurar na capa da *Folha* a partir da edição de 09 de fevereiro de 2019, quando, embora ainda existam significativas matérias acerca da temática, a cobertura torna-se um pouco mais espaçada. Diferentemente do *Estado de Minas* que coloca os rompimentos em todas as suas edições como tema principal, a *Folha* deixa de trazer o tema na capa a partir de 11 de fevereiro de 2019, vinte e dois dias que sucedem ao rompimento em Brumadinho-MG. Embora haja ainda textos que abordem a temática em edições posteriores a essa data, o espaçamento entre as matérias é notório e, a partir da edição de 18 de fevereiro de 2019, o assunto, com raras exceções, praticamente deixa de aparecer nas edições examinadas. Essas tímidas observações acerca das publicações da *Folha de S. Paulo* auxiliam no que diz respeito às análises. Isso porque na medida em que o jornal procura orientar as impressões dos leitores acerca dos eventos, manifestam também sua postura diante deles.

Dessa forma, ao atentar para algumas questões gerais observadas no exercício do exame das edições, somos auxiliados no que diz respeito às orientações das análises, especialmente porque é através dessas observações que é possível traçar, ainda que não esmiuçadamente, as tendências dos jornais quando da cobertura jornalística dos rompimentos das duas barragens mineiras.

Como o leitor deve ter observado, este capítulo tece comentários acerca de observações que guiam o trabalho como um todo. O propósito é o de apresentar, ao longo do estudo, por meio do modo como os jornais cobriram os eventos, as direções que seu(s) discurso(s) tomam e a maneira geral como esses acontecimentos aparecem nas edições dos 30 primeiros dias que sucedem aos colapsos. Em suma: enquanto o *Estado de Minas* demonstra maior comprometimento com as vozes dos sujeitos atingidos pelos rompimentos de barragem e se engaja discursivamente em alguma medida, a *Folha de S. Paulo*, que em alguns momentos deixa de publicar reportagens e/ou notícias sobre tais acontecimentos, com algumas exceções, está mais ocupada em abordar o lado técnico e econômico dos eventos (e de seus dobramentos), tendo como resultado a preservação de seu *éthos* de jornal voltado ao público de maior escolaridade e poder aquisitivo (ver nota 67). É esse público, aliás, que reforça essa necessidade.

O jornal *Estado de Minas*, por sua vez, compromete-se mais com os eventos, chamando a atenção para suas consequências (humanas, culturais, históricas). Como foi possível observar, os rompimentos das duas barragens costumam ter tratamento privilegiado na cobertura do jornal. A instância de recepção é instada a refletir sobre os eventos a partir do modo como o jornal os veicula em sua construção discursiva, e esta apela para os efeitos patêmicos, ou seja, acena para sentimentos que extrapolam a fronteira da indignação.

É preciso ainda tocar no assunto de que é por meio de enunciados destacados em discurso direto (as aforizações) que as vozes dos mais variados sujeitos envolvidos com os eventos são representadas nos jornais, evocando, assim, um efeito de sentido de polifonia, sobre o qual falaremos no próximo capítulo. Dessa maneira, é possível observar o modo como os discursos dos jornais são heterogêneos. No entanto, não seria viável partirmos para essas questões teóricas, sem antes contemplar – a exemplo do que se faz em um “voo panorâmico” – a generalidade dos acontecimentos, tal como ela se manifesta no fio discursivo dos jornais selecionados. Essas observações nos auxiliam a depreender os posicionamentos discursivo, ideológico/político e editorial de cada um deles no que diz respeito aos eventos em pauta. É por isso que este capítulo procurou observar essas questões de modo a delinear os primeiros traços que nos servirão de base.

Ainda sobre este primeiro capítulo, em suas primeiras páginas, como se viu, foi possível tratar de uma contextualização geral sobre a utilização de barragens na atividade mineradora, bem como da ruptura dessas estruturas ao longo de quase cem anos. Isso nos permitiu compreender que as *tragédias* de Mariana-MG e Brumadinho-MG não foram os únicos colapsos dessas estruturas no Brasil, que conta com outras ocorrências mais recentemente⁷⁰. É, portanto, necessária uma atenção especial a esse delicado assunto, com vistas a colocá-lo em pauta nos mais variados lugares e discursos.

É por insistir em falar sobre o tema que pequenas conquistas são obtidas, tais como a nova lei de segurança em barragens⁷¹ (sancionada durante a escrita deste trabalho), em que ficam proibidas as construções de barragens de tipo a montante, a partir da sanção da lei, e que preconiza que barragens desse tipo sejam descaracterizadas. Resta saber a que tipo de descaracterização de barragens a lei se refere, o modo como as empresas proprietárias dessas construções a montante farão tal desativação e ainda se elas entrarão com recurso (previsto em lei) para adiamento dessas providências...

⁷⁰ Já na primeira semana de 2022, um evento envolvendo a barragem da mina de Pau Branco em Nova Lima – MG ocupou lugar de destaque na cobertura de diversos jornais. O dique da barragem transbordou e levou água e lama à BR-040. O evento, segundo especialistas, ocorreu devido ao aumento das chuvas na região. Na mesma semana, trincas e deslizamentos foram observados por moradores nas encostas da barragem da mina Casa de Pedra em Congonhas-MG. A barragem fica acima da cidade e tem alto potencial de destruição em caso de rompimento.

⁷¹ A lei nº 14.066, de 30 de setembro de 2020 pode ser consultada em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.066-de-30-de-setembro-de-2020-280529982>. Acesso em: 18/03/2022.

CAPÍTULO 2: O DISCURSO MUDIÁTICO/JORNALÍSTICO: POLIFONIA E AFORIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DO LEITOR

A ideia de que a comunicação se dá por meio da linguagem, instituindo uma instância produtora e outra receptora, não é nova. Ao contrário, é uma ideia sobre a qual muitos estudiosos se debruçam. Nossa identidade epistemológica repousa na abordagem que se ocupa da *máquina midiática* e seus três lugares de construção de sentido, perspectiva charaudiana que nos auxilia na construção de um conceito de mídias jornalísticas que se volta para a situação enunciativa, principalmente no que tange aos efeitos de sentido produzidos.

Disso resulta a ideia de que trabalhamos com o discurso de informação que, de acordo com o autor, é uma atividade linguageira que auxilia o vínculo social e fortalece os vínculos identitários dos grupos sociais (CHARAUDEAU, 2015). Essa atividade de linguagem possui, portanto, princípios que influenciam o próprio funcionamento da sociedade. Dessa maneira, “as mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã)” (CHARAUDEAU, 2015, p. 15). É aqui que repousa uma de nossas observações mencionadas anteriormente: a de que as mídias constroem discursos modulados por esses interesses e, portanto, produzem efeitos de sentido que possibilitam-nos compreendê-los. Charaudeau (2015), em um quadro introdutório⁷² expõe o princípio que adotamos no que diz respeito ao jornal enquanto instância midiática produtora de discursos. Para o autor, três *lugares* devem ser levados em conta quando da construção de sentido no discurso midiático:

- a) **a instância de produção**, lugar das condições de produção onde se encontram as práticas de organização socioprofissionais, especialmente no que diz respeito às questões econômicas e aos efeitos pretendidos por cada veículo midiático. Além disso, é aí que se encontra a instância de produção textual-discursiva, na qual a intencionalidade se volta para os efeitos de sentido visados, dialogando com o que denominamos linha editorial que, por sua vez, dialoga com os interesses econômicos, incluindo a preocupação com os anunciantes e/ou patrocinadores das edições. É nesse lugar da máquina midiática que se encontram os “efeitos econômicos” e a intencionalidade que se dá pelos “efeitos visados”. De acordo com

⁷² O quadro introdutório sobre o qual falamos aparece na introdução da obra *Discurso das mídias*, de Charaudeau (2015, p. 28), com o título de “Figura 1 Os três lugares da máquina midiática”. As referências completas encontram-se no final deste trabalho.

o autor, esses dois efeitos se influenciam reciprocamente. No caso desta pesquisa, assumimos, então, que o discurso produzido pelos jornais é produto da relação inevitável entre a linha editorial e as práticas de anúncios e estratégias de vendagem e assinatura das edições, bem como da relação que se pretende estabelecer com o leitor. Além disso, é importante lembrar, a motivação do jornalismo de referência está presente: este se constrói através de um senso de indignação e uma motivação ética e cidadã (EMEDIATO, 2010);

- b) **o produto**, que, no nosso caso, são os jornais impressos sobre os quais nos debruçamos. Esse lugar de construção do sentido, onde o enunciador se encontra com o destinatário, é caracterizado pela organização estrutural do discurso. É do produto da máquina midiática que partem nossas análises e é a partir dele, portanto, que construímos nosso objeto. Em outras palavras: o produto, organizado discursivamente, coloca em contato a instância de produção do discurso de informação e a instância de recepção;
- c) **a instância de recepção**, lugar das condições de interpretação do discurso midiático. Essa instância se divide em: i) instância de recepção ideal (a imaginada pela instância de produção e, por vezes, depreendida na própria construção do discurso); e ii) instância de recepção real, à qual não se tem acesso a não ser por pesquisas específicas em recepção. Conforme a proposta charaudiana, na primeira se encontram os efeitos supostos e na segunda, os efeitos produzidos. Quanto a essa questão, é imprescindível dizer que não trataremos da instância de recepção propriamente dita, a real, mas levaremos em conta a maneira como a instância de recepção ideal é marcada e/ou se inscreve no discurso, deixando-se apreender por meio da própria análise do objeto.

O quadro de referência de Charaudeau, explicado acima, se baseia no que o autor denomina “funcionamento do ato de comunicação” e expõe de modo pragmático e de certa maneira desdobrado a troca que acontece entre as duas instâncias constitutivas de todo discurso, a de produção e a de recepção. Essa maneira de explicar como funciona a veiculação da informação nas mídias está muito voltada para a ideia de que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 19), o que vai diretamente ao encontro de nossos interesses na investigação do(s) discurso(s) que constituem o acontecimento discursivo constituído pelos

rompimentos de barragens. Aliás, a noção de opacidade na linguagem tem sido debatida por diversos autores, a exemplo de Authier-Revuz (1995), que propõe um estudo acurado sobre a heterogeneidade discursiva, levando em conta mecanismos como as modalizações, as glosas, os jogos metaenunciativos, o discurso relatado, entre outros. Essas noções são apreciadas sob a ótica de uma abordagem linguístico-enunciativa e, portanto, interdisciplinar por natureza. Charaudeau (2015), por sua vez, concentra suas postulações nos discursos de informação e, portanto, abre um panorama de reflexão sobre os jornais impressos e diários e seus “possíveis interpretativos”, questão que nos interessa bem de perto.

Julgamos pertinente a postulação charaudiana que procura refletir a esse respeito:

A distinção que propomos, entre os três lugares da construção do sentido, permite explicar a informação como algo que não corresponde apenas à intenção do produtor, nem apenas à do receptor, mas como resultado de uma cointencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis, e os efeitos produzidos. Esses três lugares definem, portanto, cada um em relação aos demais como num jogo de espelhos em que as imagens incidem umas sobre as outras (CHARAUDEAU, 2015, p. 28).

De qualquer maneira, o acesso que o pesquisador da ADF tem é o que diz respeito ao produto (em nosso caso, o jornal) e em cuja instância de produção delimita-se uma “instância autoral superior” (MAINGUENEAU, 2013) que restringe a atividade languageira aos seus gêneros discursivos constitutivos e à introdução das muitas vozes que falam por seu intermédio. É por meio do produto da troca comunicativa entre instâncias de produção e recepção que se possibilitam discutir os efeitos de sentido possíveis. E isso toca num ponto importante que cumpre-nos levar em consideração:

A enunciação não é totalmente enunciada, já que o enunciado contém lacunas a serem interpretadas. A enunciação só se completa por esse trabalho de interpretação que supõe, ou mesmo impõe, um lugar para interpretar, um sentido para se reconstruir e completar, uma direção para continuar interpretando (EMEDIATO, 2010, p. 81).

E essa atividade de interpretação só pode ocorrer via negociação de sentido entre os lugares de interpretação (EMEDIATO, 2010). Considerar, dessa forma, as instâncias de produção e recepção como fomentadoras do(s) discurso(s) que constituem o produto midiático leva, além disso, a atividade hermenêutica ao nível da historicidade. Ou seja, o produto da atividade midiática da informação é uma espécie de resultado das atividades sociais que têm por princípio os atos de linguagem.

Aliás, esses princípios de atos de linguagem dizem respeito, é sempre bom salientar, não somente “aos sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que

comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares” (CHARAUDEAU, 2015, p. 33). Um exemplo disso é o próprio regime de atualidade constituído, dentre outros aspectos, pela imprensa escrita (MAINGUENEAU, 2013). Valores culturais e sociais aparecem em uma lógica simbólica que serve à democracia cidadã (CHARAUDEAU, 2015), como veremos adiante nas aforizações. Essas falas tocam, por exemplo, em princípios éticos, morais, memoriais, dentre outros, que têm como função principal alçar a voz desses sujeitos ao foco desses discursos. A esse respeito, Emediato (2010) presume que “a informação midiática problematiza os acontecimentos, levanta hipóteses, desenvolve teses, apresenta (ou não) provas, impõe ou orienta conclusões, conferindo ao acontecimento um *valor simbólico*” (EMEDIATO, 2010, p. 79 – grifo nosso). Nessa perspectiva, cabe postular com o mesmo autor que, através dos discursos das mídias, é possível examinar o agenciamento de crenças partilhadas que seguem na direção do que ele denomina “ética cidadã” (EMEDIATO, 2010). Dessa forma, como veremos adiante, enunciados (em nosso caso, destacados em discurso direto) que mobilizam as vozes dos atingidos, dos políticos, dos especialistas e mesmo dos representantes das empresas responsáveis pelas barragens rompidas tratam de valores e elementos simbólicos que culminam no amparo aos princípios que mobilizam a sociedade, tais como o princípio democrático, para darmos um exemplo.

De acordo com as postulações charaudianas, por se acharem na necessidade de atingir o maior número de pessoas, as mídias procuram despertar a *afetividade* do destinatário da informação. Isso toca, dentre outros aspectos, na questão de que “o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2015, p. 12). Sendo assim, estudar os discursos midiáticos traz à tona as relações entre os sujeitos e as instâncias que produzem esses discursos, o que toca inevitavelmente nas noções de linguagem e no que chamamos em ADF de atividades languageiras.

Desse modo, ao admitirmos que a atividade comunicativa midiática é uma atividade languageira e que a linguagem é opaca e, por sua vez, heterogênea, assumimos que o discurso das mídias – no nosso caso, representado pelos jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* – é uma representação dos fatos, que se tornam acontecimentos discursivos na medida em que a informação é veiculada. E essa representação dos fatos por intermédio da linguagem, além de não transparente, é constituída por uma intencionalidade (da instância de produção desses discursos), na qual é possível verificar os efeitos de polifonia, através da gestão de diversas vozes. É nesse ponto que buscamos um vínculo entre essa noção de máquina midiática e a de polifonia no discurso midiático. Isso porque, ancorados na própria postulação charaudiana, “o

papel do analista é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar” (CHARAUDEAU, 2015, p. 29).

Assim, vejamos: a principal estratégia discursiva midiática/jornalística que examinaremos neste trabalho é denominada aforização. As aforizações são enunciados que, destacados de suas enunciações de origem, tornam-se títulos de notícias ou reportagens, legendas de fotos ou ainda figuram como frases tipograficamente isoladas (MAINGUENEAU, 2014) entre as colunas de uma matéria⁷³. As aforizações típicas, de acordo com o autor, ocorrem em discurso direto.

As aforizações dizem respeito, portanto, a pequenas frases ditas por sujeitos expressivos do ponto de vista do assunto abordado, que são colocadas em posição de destaque pelos veículos midiáticos, o que não exclui a possibilidade de que elas sejam alteradas ou mesmo criadas à revelia desses sujeitos, como comentaremos adiante. De qualquer forma, é preciso mencionar que as aforizações não são frases destacadas gratuitamente; elas conferem legitimidade ao(s) discurso(s) construídos nas/pelas mídias.

Por exemplo, na cobertura dos rompimentos das barragens mineiras, os depoimentos dos parentes de vítimas desaparecidas, das pessoas que perderam suas casas, dos governantes, dos bombeiros que trabalha(r)am nos resgates, dos repórteres enviados ao local etc. adquirem uma importância muito grande na construção do(s) discurso(s) sobre esses eventos. Dessa forma, enunciados retirados dessas falas figuram originalmente nos textos jornalísticos em geral. E, a depender da possibilidade de impacto no público leitor, se veem destacados na medida em que os jornais se interessam em construir um discurso que chame a atenção de sua instância de recepção. Essas falas se traduzem, em nossa abordagem teórico-metodológica, em vozes discursivas colocando em pauta a já conhecida proposta bakhtiniana de (efeitos de) polifonia.

E é por meio desse *coro de vozes* que o discurso midiático é constituído. Portanto, nesse ponto nevrálgico de nossa hipótese inicial, pretendemos introduzir a ideia ducrotiana de uma *teoria polifônica da enunciação*, pois acreditamos que é a partir da gestão das mais variadas vozes que falam no(s) discurso(s) dos jornais que encontraremos estratégias que levarão a instância de recepção idealizada pelo produtor do jornal a se tornar um leitor definitivo e/ou real desses veículos.

⁷³ Embora as aforizações possam aparecer em outros suportes e em outros gêneros de discurso, esclarecemos que, dada a natureza deste trabalho, vincularemos essa noção à sua produção no espaço midiático, particularmente nos jornais selecionados.

2.1 Concepções sobre as relações entre os discursos inscritos nos veículos noticiosos

Na passagem que precede a presente seção, propusemos uma reflexão breve acerca dos elementos de discurso charaudianos denominados “lugares da máquina midiática”. Esses lugares são, como já sabemos, o da produção midiática, o da construção do produto e o das condições de recepção desse(s) discurso(s). Nesse sentido, a produção do(s) discurso(s) é o lugar onde, via de regra, encontram-se as intenções de interpelação da instância de recepção, intenções essas que podem, por sua vez, ser depreendidas pelo estudo do produto, qual seja, os gêneros que constituem, em nossa pesquisa, os jornais selecionados para análise.

Por isso, em nosso objeto de estudos, encontramos uma série de elementos observáveis que evocam o encontro de vozes constitutivo dos diversos gêneros jornalísticos. Sabemos que, por definição, o aparecimento de vozes no(s) discurso(s) aproxima-nos de teorias polifônicas da linguagem. Muitos desses empreendimentos teóricos postulam que o aparecimento de elementos, tais como discurso direto, citação, presença de aspas e outros recursos tipográficos e/ou linguísticos sugerem o aparecimento de diferentes perspectivas discursivas, digamos assim em primeira instância, que, ao serem depreendidas pelo analista corroboram as condições naturalmente dialógicas dos discursos. Dizemos naturalmente dialógicas, pois, ainda que um texto pareça monofônico pela não explicitação das múltiplas vozes, da polifonia, enfim, que o atravessa, os discursos só se constituem em relação a outros discursos. Dessa maneira, monofonia e polifonia não passariam de efeitos de sentido em textos constitutivamente dialógicos (BARROS, 2003).

Aliás, essa noção de que os discursos se constituem em relação uns com os outros advém da ideia de que os atos de linguagem só se constroem em sociedade, o que nos leva a um ponto central não somente da ADF, mas de todo aparato teórico que constitui os estudos da linguagem: o de que a linguagem só pode ser apreendida socialmente e, portanto, os princípios de alteridade, dialogismo e, por consequência, polifonia são elementos naturais da atividade discursiva. Nessa linha de raciocínio, pensemos em um jornal enquanto atividade linguístico-discursiva que tem como objetivo veicular o discurso da informação. Nessa atividade, cuja visada é, em tese, informativa, muitas estratégias são acionadas e isso ocorre porque sua razão de ser advém da existência de uma instância de recepção potencialmente leitora. Sob essa égide, os jornais procuram construir um discurso que visa à corroboração de suas intencionalidades, de seus *pontos de vista* (no senso comum da expressão), suas ideias, suas crenças, seus *ethé* etc.

Esse processo os leva a assumir posições diversas através da relação que mantêm com as diferentes vozes que aparecem (ou não) na materialidade linguístico-tipográfica⁷⁴.

A ideia de polifonia não é nova, portanto. Advém de estudiosos que a propõem desde o início do século XX. Bakhtin, por definição, é o pioneiro. Sua ideia de que não seria possível apreender todos os elementos discursivos através de uma linguística pura e dura sendo necessário, assim, propor a consideração de elementos, digamos, extratextuais para apreensão dos discursos foi uma inovação que abalou os estudos da linguagem. Menos estruturalistas por natureza, os estudos bakhtinianos propõem que a relação entre os discursos é a condição maior para apreensão de seu sentido.

A proposta de uma reflexão acerca da polifonia discursiva em, pelo menos, duas abordagens dos estudos da linguagem é proveitosa. As duas abordagens que preconizamos perfazem i) a bakhtiniana, pioneira nos questionamentos sobre o foco nas estruturas linguísticas e ii) a ducrotiana⁷⁵, que, a partir das ideias bakhtinianas propõe a possibilidade de identificação de diferentes vozes em um fragmento de discurso.

Bakhtin parte do princípio de alteridade para propor que os discursos são dialógicos e, por consequência, polifônicos⁷⁶. Para o filósofo, os discursos surgem no interior de uma troca constante bem como através do reconhecimento do Outro e sua relação com o social. Ducrot, por sua vez, influenciado por essa ideia, propõe, em seus estudos pragmáticos/semânticos, que é possível depreender, mesmo em um único enunciado, o aparecimento de diferentes vozes. Se, de um lado as postulações bakhtinianas sobre as relações entre os discursos são importantes dada sua natureza dialógica, os postulados ducrotianos mostram que, a partir de fragmentos de discursos, é possível depreender essas relações. É sobre essa *bipartição* teórica que se ocupa esta seção.

A ideia de uma polifonia discursiva remonta aos arranjos musicais. Neles, a polifonia representa a presença de diferentes sons que constituem uma peça musical ou ainda, de diferentes vozes que possuem suas especificidades. Levada ao nível do discurso, é possível compreender a metáfora: o discurso não é unívoco. Muitas são as vozes que o constituem. A forma mais evidente de apreensão dessas vozes é o discurso direto em que a fala de um primeiro locutor é *quebrada* para a introdução de uma outra sequência, advinda de um outro locutor.

⁷⁴ Sobre isso, cabe mencionar a diferenciação entre locutor e enunciador. Ao locutor, é possível atribuir palavras precisas, ao enunciador, por outro lado, não.

⁷⁵ No decorrer das reflexões postuladas, outros conceitos que incluem as relações entre os discursos também serão mencionados, a exemplo da heterogeneidade enunciativa, de Authier-Revuz (1990).

⁷⁶ É nesse sentido que autores, como Brait (2003), tomam “dialogismo” e “polifonia” como equivalentes.

Reflitamos no modo como Bakhtin (2013) apreende o conceito de polifonia e o desenvolve em seu trabalho. Observemos, de início, a maneira como essa ideia auxilia na compreensão dos discursos de informação por meio das considerações de Bezerra (2013), no prefácio da edição brasileira de *Problemas da Poética de Dostoievsky* (BAKHTIN, 2013). Não é nossa intenção entrar, de forma alguma, no mérito do romance literário (polifônico), mas é possível, por analogia, pensar na noção de polifonia e relacioná-la ao estudo do discurso. Aliás, uma analogia teórica semelhante é proposta por Ducrot (1987) quando, a partir da teoria da narração, propõe uma reflexão sobre os conceitos de locutor e enunciador.

Na esteira dessa analogia, é possível fazer corresponder o jornal ao autor de um romance e suas personagens às “vozes” que são mobilizadas na construção do discurso (em nosso caso, atingidos, responsáveis pelas empresas proprietárias das barragens, especialistas etc.):

[...] No romance dostoievskiano, o autor também participa do diálogo, mas é ao mesmo tempo o seu organizador. É o regente de um grande coro de vozes, que participam do grande diálogo do romance, mas tendo a própria individualidade. Portanto, por maiores que sejam a liberdade e a independência das personagens, serão sempre relativas, e nunca se situam fora do plano do autor, que, sendo a “consciência das consciências”, promove-as como estratégia de construção dos seus romances, em que as vozes múltiplas dão o tom de toda a sua arquitetônica (BEZERRA, 2013, p. X).

Como já dissemos, Bakhtin e Ducrot se distanciam de certa forma em suas teorias na medida em que Bakhtin ocupa-se de uma reflexão acerca do discurso e de sua relação com outros discursos enquanto o trabalho de Ducrot postula que é justamente o *intralinguístico* que possibilita a identificação de diversas vozes. Bakhtin está voltado para as relações de alteridade existentes nos e por meio dos discursos e, portanto, suas reflexões estão na ordem do discurso apreendido em sua relação com o *extradiscursivo*, não apenas no fragmento linguístico. Assim, Bakhtin (1997, 2003, 2013) postula que o princípio fundador dos discursos é o dialogismo. Em uma passagem bastante conhecida do autor, vemos que

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não se pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica o discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 2003, p. 88).

Como é possível perceber, o princípio dialógico é fundamental na obra bakhtiniana. Assim, o fato de romper com as postulações estruturalistas era, com efeito, marcar sua posição na filosofia da linguagem. O autor é motivado, portanto, pelo princípio de que os discursos não surgem espontaneamente, mas no interior das relações humanas. Por isso, para ele, essas relações, dialógicas por natureza, ocorrem porque a linguagem é perpassada pela linguagem do outro.

Na (re)leitura da obra de Bakhtin, Fiorin (2017a) considera que

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si (FIORIN, 2017a, p. 51).

Desdobrando a teoria bakhtiniana, Ducrot (1987) propõe sua teoria polifônica da enunciação na qual é possível depreender vozes por meio de fragmentos discursivos, quais sejam, os enunciados⁷⁷. Essa concepção interessa a este trabalho, visto que os fragmentos de discurso encontrados nos jornais por meio do fenômeno da aforização estão permeados das relações dialógicas que servem aos propósitos dos efeitos de sentido visados. Assim,

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo faz-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais (FIORIN, 2017a, p. 28).

Nesse sentido, é preciso admitir que as relações entre os discursos (ou entre os enunciados, tomados como fragmentos de discursos, como assumimos aqui) podem ser de duas ordens distintas, mas complementares: 1) *constitutivas* (aquelas que estão na base mesma da construção do discurso); 2) *mostradas* (por meio de marcas tipográficas/linguísticas unívocas ou não) (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2011). Assim, enquanto fenômenos como o discurso

⁷⁷ Abrimos um parêntese aqui para explicar que o enunciado, para Ducrot, é um fragmento de discurso, enquanto, para Bakhtin é um todo comunicativo, o que o aproxima da noção atual de texto. Na introdução do capítulo em que trata da polifonia, Ducrot, aliás, diz que “esta teoria de Bakhtine (...) sempre foi aplicada a textos, ou seja, a sequências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz” (DUCROT, 1987, p. 161). E é na comprovação de que um “enunciado isolado” pode fazer ouvir mais de uma voz que reside, a nosso ver, a grande contribuição de Ducrot para os estudos bakhtinianos.

relatado (direto e indireto), a negação polêmica, as palavras entre aspas e a pressuposição são marcadas no fio do discurso, a paródia, a ironia e o discurso indireto livre são exemplos em que não se pode admitir marcas específicas do aparecimento dessas relações, embora as vozes estejam indicadas claramente e, de alguma maneira, possam ser percebidas nessas enunciações (FIORIN, 2017a). Por exemplo, no caso dos fenômenos mostrados e marcados, temos as aspas que “servem para demarcar o discurso do outro” (FIORIN, 2017a, p. 41). Trata-se de um recurso bastante recorrente nas aforizações. Um caso ilustrativo desse fenômeno pode ser representado pela seguinte passagem do jornal *Estado de Minas*:

“A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... não tem palavras”
Edílson Ferreira, ajudante geral na Vale, sobrevivente (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Esse fragmento aparece tipograficamente isolado (olho), no topo da página que traz uma reportagem intitulada “Eles ganharam vida nova” e é claramente a incursão de uma fala de sobrevivente que representa a *tragédia* em Brumadinho-MG de seu ponto de vista. Nela, além de estar posicionada no entorno do texto, de modo tipograficamente indicado, é possível perceber a presença de aspas, o que demarca a introdução de discurso alheio ao jornal e, portanto, da voz de um locutor outro, que não o representado pelo jornal *Estado de Minas*.

Sobre isso, aliás, a obra de Authier-Revuz (1990) nos parece bastante elucidativa. Nesse caso, abordaremos especificamente as formas marcadas da *heterogeneidade mostrada*, uma vez que essas formas “inscrevem o outro na sequência do discurso”, valendo-se de palavras ou recursos tipográficos unívocos. Assim, as marcas da heterogeneidade mostrada podem se revelar, por exemplo, em estratégias como o já mencionado discurso relatado (direto e indireto) e as palavras entre aspas⁷⁸. Como é possível observar, o discurso direto é recorrente na cobertura das *tragédias*. Ele demarca a introdução de uma voz que está a serviço dos efeitos visados e do próprio posicionamento do jornal. Isso se dá por meio de dizeres que são, portanto, marcadamente uma expressão da alteridade e, portanto, do dialogismo que atravessa esses discursos. O aparecimento dessas vozes, fruto das relações entre os discursos, leva a refletir que

A presença do Outro emerge no discurso, com efeito, precisamente nos pontos em que se insiste em quebrar a continuidade, a homogeneidade fazendo vacilar o domínio do sujeito; voltando o peso permanente do Outro localmente designado; convertendo a

⁷⁸ Um fenômeno que se aproxima das palavras entre aspas é o que Maingueneau (2001) chama de “ilha textual”, uma forma híbrida em que, no discurso relatado indireto, o locutor coloca entre aspas (ou com outro tipo de destaque) palavras ou expressões do citado, destacando-as das demais, numa mistura dos discursos indireto e direto. Trata-se, segundo o autor, de um fenômeno muito comum nas mídias atuais.

ameaça do Outro (...) no jogo reparador do “narcisismo das pequenas diferenças” ditas, opera-se um retorno à segurança, um reforço do domínio do sujeito, da autonomia do discurso, mesmo em situações que lhe escapam (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33-34).

Ainda segundo a autora,

Reconheceu-se, pois, para o dizer, uma dupla heterogeneidade enunciativa, produzida pela alteridade discursiva: colocada como condição de existência do dizer no plano constitutivo – não há dizer que não seja atravessado, e constituído, pelo discurso do outro do já-dito, de um lado, daquele a quem nos dirigimos, por outro lado – e, no plano representado, como objeto possível de uma representação reflexiva em pontos do dizer – os dizeres podem (se) dar a reconhecer os encontros que eles fazem com os dizeres outros, no caminho, próprio deles, de sua progressão (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 10).

Dessa forma, o fenômeno linguístico-discursivo da heterogeneidade mostrada (marcada) assegura que a presença do *fruto* de uma enunciação externa ao discurso revele, de forma mais ou menos *identificável*, a incursão de outros discursos no próprio fio do discurso vigente (AUTHIER-REVUZ, 1990). Esse tipo de heterogeneidade, ainda segundo as postulações da autora, é uma forma de negociação do sujeito com a própria heterogeneidade constitutiva. Em outras palavras, incluir marcas, tais como aspas, glosas, sequências em discurso direto ou indireto (e até mesmo a ironia, que é uma forma não marcada de heterogeneidade) constitui uma maneira de explicitar a presença desse discurso/enunciação outro/a e criar no sujeito, conseqüentemente, a ilusão de que o Outro não está em todo lugar (apenas onde sua presença foi demarcada). Essa posição da autora interessa ao exame da cobertura jornalística das *tragédias*, uma vez que, em muitos casos, as vozes que elas mobilizam aparecem demarcadas, destacadas para chamar a atenção do leitor. É o caso do exemplo acima mencionado.

É, portanto, nessa relação com o outro, ou seja, nessas marcas de alteridade, que o discurso midiático se constitui, de modo que as postulações da autora, com algumas ressalvas⁷⁹, são corroboradas quando vislumbramos os enunciados destacados em discurso direto (aforizações) que integram o discurso midiático/jornalístico. Esses são, aliás, os *pontos de heterogeneidade* que nos levam a refletir sobre o discurso, inclusive porque “*constitutivamente*,

⁷⁹ Em seus trabalhos, Authier-Revuz (1990, 1995, 2011, entre outros), busca conciliar as noções de ideologia (a relação com o poder) e inconsciente (a relação com o desejo), tomando como apoio teórico respectivamente as posições de Bakhtin e do Círculo e as considerações da psicanálise desenvolvida por Lacan (o que remete, inclusive, à palavra *Outro*, com inicial maiúscula), vertente que não assumimos aqui. Aliás, Maingueneau (1997), ao *reler* o conceito de heterogeneidade enunciativa proposto por essa autora, mostra que é possível assumir outras direções, como aquela que dialoga com a perspectiva pragmática/polifônica de Ducrot, tal como fazemos aqui.

no sujeito e no seu discurso está o *Outro*” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29 – grifos da autora). Nos pontos em que se encontra uma marca de heterogeneidade há, portanto, elementos que revelam um espaço de proximidade com enunciações exteriores. Em conformidade com a autora,

Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é *circumscrever* este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do restante da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido, etc.; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação... um caráter de particularidade acidental, de defeito local. Ao mesmo tempo, remete a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, *determina* automaticamente pela diferença um *interior*, aquele do discurso; ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso. (...)

Em resumo, as distinções operadas pelas formas marcadas de heterogeneidade mostrada relevam de uma relação de *um ao outro*, inscrita no comensurável, na *pluralidade* (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31 – grifos do original).

Voltando a Ducrot (1987), vimos que ele recupera postulados bakhtinianos tomando como do ponto de partida o enunciado e sua materialidade linguística, o que, para nós, é bastante significativo já que trabalhamos com aforizações. Para o autor, o aparecimento de um enunciado (portanto, de um produto do evento que é a enunciação) constitui um ponto importante no que diz respeito à polifonia. Isso porque o sentido é tomado como uma representação da enunciação, como uma descrição dela. Nesse movimento de o enunciado representar sua enunciação, estabelece-se o que o autor denomina “superposição de diversas vozes”. Dessa forma, um locutor, qual seja, aquele que se responsabiliza por um enunciado, coloca em cena em seu discurso, diferentes enunciadore⁸⁰ e locutores (outros).

Ducrot (1987), como comentamos rapidamente (ver nota 77), contesta os postulados até então predominantes, nos estudos da linguagem, em relação à unicidade do sujeito na ocorrência dos enunciados. Ao refletir sobre as ideias bakhtinianas, coloca em pauta a questão de que, nessas ideias, a polifonia se dá no sentido de que “vozes falam simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue outras” (DUCROT, 1987, p. 161). Entretanto,

⁸⁰ Os enunciadore, para Ducrot são seres a quem não se podem atribuir palavras precisas, já que eles funcionam como perspectivas, pontos de vista expressos na/pela enunciação. O trabalho de Alain Rabatel (2013) avança nessa questão, especialmente no que se refere à gestão das vozes que aparecem no discurso. Para o autor, a retomada de vozes “externas” ao discurso se traduz pela incursão de um ponto de vista que, por sua vez, é gerido pelo sujeito comunicante. Esse ponto de vista é, portanto, a voz de um enunciadore, uma “entidade” semântica que aparece no discurso. Não se trata necessariamente de um locutor, cuja menção deve(ria) aparecer em discurso direto ou com marcas na superfície textual. No caso desta pesquisa, pretendemos, em princípio, nos ocupar dos locutores (atingidos, especialistas, autoridades etc.) mobilizados no/pelo discurso especialmente através das aforizações. Isso porque elas remetem a representações de enunciações outras que se encontram normalmente em discurso direto. Reconhecemos, porém, a relevância do trabalho de Alain Rabatel quando se trata de discutir a hierarquização de vozes do/no discurso.

tudo isso ocorre no interior de um fragmento discursivo. Dito de outra forma, segundo o entendimento ducrotiano de Bakhtin, essa ideia sempre foi atribuída aos textos como um todo e não ao enunciado enquanto fragmento. Para ele, a ideia de que, em um fragmento de discurso seja possível ouvir mais de uma voz não é abordada nos postulados bakhtinianos. E, por mais que pareça monofônico, o enunciado enquanto fragmento de discurso pode ser, assim como os textos completos, constituído de diferentes vozes.

Para o autor, “todo enunciado traz consigo uma qualificação de sua enunciação, qualificação que constitui (...) o sentido do enunciado” (DUCROT, 1987, p. 164). Ao postular que o sentido é uma descrição da enunciação via enunciado, o autor ainda propõe uma diferenciação entre a frase (unidade inventada pela gramática) e o próprio enunciado (manifestação particular da frase). É essa manifestação particular da frase que interessa a Ducrot e, particularmente, a este trabalho.

Aliás, para o autor, qualquer enunciação constitui uma representação particular de uma situação (de comunicação). Essa perspectiva é efetivamente interessante para o caso dos enunciados postos em destaque pelos jornais no fenômeno discursivo da destacabilidade em discurso direto. Isso porque, ao representar uma enunciação, esses jornais reforçam suas intencionalidades em um novo evento enunciativo. Nesse sentido, os próprios enunciados destacados nos indicam que, ao *aparecerem* nos jornais são produtos de uma enunciação outra, qual seja, uma representação de suas enunciações de origem.

Essa representação não ocorre senão por conta de uma categoria proposta por Ducrot (1987) para a compreensão dos enunciados: o locutor. Assim, temos:

Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. Mesmo que não se leve em conta, no momento, o discurso relatado direto, ressaltar-se-á que o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que uma maneira quase evidente, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser, apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado (DUCROT, 1987, p. 182 - grifos do original).

Não entraremos na discussão do autor empírico do enunciado⁸¹, mas levaremos em conta o modo como o jornal converte os sujeitos falantes (que ele representa em seu discurso,

⁸¹ Sobre esse aspecto, Ducrot (1987) nos apresenta um exemplo bastante didático: em um documento escolar, o locutor é o responsável que o assina e não o sujeito que escreveu o texto do documento propriamente dito. Isso porque, ao assinar, o responsável assume aquilo que o documento postula, não interessando, portanto, à análise quem é o autor empírico do documento.

diga-se de passagem) na categoria de locutores, estes responsáveis pelos enunciados que o jornal destaca e faz circular através de seus gêneros constitutivos. Assim, em “‘Pulei de telhado em telhado’, diz menino” (FOLHA DE S. PAULO, 06 de novembro de 2015), no título de reportagem acerca dos atingidos, o locutor é representado pelo termo “menino” que complementa o verbo dicendi. O enunciado destacado aparece entre aspas, mostrando que é possível notar uma ruptura no discurso do jornal (locutor maior que agencia as vozes) para o aparecimento de um novo locutor. Assim, “menino” é aquele a quem é possível atribuir o fragmento destacado, o que, como é possível verificar, está inscrito na materialidade linguística do enunciado. Além disso, como foi dito de passagem, o termo “menino” é uma representação de um sujeito falante, bem como o próprio enunciado em destaque é uma representação (um produto) de sua enunciação. O mesmo ocorre em “Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris” (FOLHA DE S. PAULO, 01 de dezembro de 2015). Embora não esteja marcado por aspas, o enunciado, que figura como parte do título de uma notícia, pode ser atribuído a um locutor específico dado o complemento do verbo dicendi, o substantivo “Dilma”. Dessa maneira, o jornal, enquanto locutor encarregado da construção do produto, faz aparecer uma série de locutores (outros) representados de modo a atender suas intencionalidades, seus efeitos visados e/ou supostos.

Assim, na perspectiva ducrotiana, há uma diferenciação entre sujeito falante e locutor. Isso porque o locutor é uma entidade de discurso e o sujeito falante é um indivíduo “do mundo” que emite um enunciado. Dessa forma, o locutor, poderíamos assim dizer intuitivamente, é uma categoria utilizada para fins de análise, levando em conta que ele mesmo é uma representação do indivíduo “do mundo” no discurso. Dessa maneira, o menino que fala “Pulei de telhado em telhado” é um ser empírico representado na enunciação, como já vimos. Na medida em que seu enunciado enquanto fragmento de sua enunciação é representado pelo jornal, torna-se um ser de discurso e, portanto, um locutor. Nesse caso, pela relação posta entre jornal e ser empírico, é possível depreender uma das possibilidades de (efeito de) polifonia. O próprio fato de haver discurso direto, aliás, é um indicativo desse fenômeno⁸².

Mas essa apropriação da fala de um sujeito empírico representada no discurso não é desprovida de intencionalidade. Charaudeau (2015), por exemplo, admite que os três lugares da construção de sentido da máquina midiática se relacionam com diversos tipos de efeito que estão na base das representações. Assim, no lugar das condições de produção “os atores dessa

⁸² Isso sem perdermos de vista que o ser que interessa, particularmente, à ADF é o “ser de papel”, ou seja, o locutor (e não o sujeito “de carne e osso”).

empresa precisam pensar e justificar suas práticas, produzindo discursos de representação que circunscrevem uma intencionalidade orientada por efeitos econômicos” (CHARAUDEAU, 2015, p. 24) em uma lógica, digamos, capitalista da informação. E, além disso,

um jornalista, um diretor e um chefe de redação conceitualizam o que vão “pôr em discurso” com a ajuda dos meios técnicos de que dispõem, buscando atender a certas questões: o que pode incitar os indivíduos a se interessar pelas informações difundidas pelas mídias? É possível determinar a natureza de seu interesse (segundo a razão) ou de seu desejo (segundo a afetividade)? Pode-se eventualmente medir os graus desse interesse ou desse desejo? Como levar em conta, nesse espaço de motivações sociais, as diferenças entre um alvo dito “esclarecido” – que já dispõe de informações e meios intelectuais para tratá-las e que terá exigências de confiabilidade e de validade menores e se prenderá mais a efeitos de dramatização e a discursos estereotipados? Esse segundo espaço constitui um lugar de práticas, e também se acha pensado e justificado por discursos de representação sobre o “como fazer e em função de qual visada” – para um destinatário que pode ser cogitado apenas como o alvo ideal, receptivo, embora impossível de dominar totalmente (CHARAUDEAU, 2015, p. 25).

Valendo-nos dessa reflexão, aliás, é importante mencionar que nem sempre um locutor é representado *fielmente* nos discursos relatados⁸³. Isso se dá tanto no que diz respeito às representações de suas enunciações (pois, afinal, na aforização, falamos especialmente em discurso direto, o que, em tese, dificultaria o manejo dos enunciados; porém, o que se pode observar, às vezes, é um *deslizamento* de seus sentidos originais), quanto nas questões que consideram (ou não) o contexto social nas quais esses enunciados foram expressos. Podemos dizer, nesse caso, que os jornais colocam em cena os mais diferentes locutores de modo a servir à sua intencionalidade que pode ser da ordem dos próprios processos mecânicos da construção do *design* de uma página, por exemplo, ou da ordem do manejo desses enunciados para servir a interesses políticos, ideológicos, imaginários, econômicos etc.

Uma vez que estamos mencionando a teoria ducrotiana e fazendo-a “dialogar” com a ADF, é importante considerar que Ducrot (1987), em seu esboço de uma teoria polifônica da enunciação, propõe ainda uma distinção entre a noção de locutor⁸⁴ e a noção de enunciadore (ver nota 74), sendo os enunciadore

Estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192).

⁸³ Essa questão é levantada por Maingueneau (2013) sob a designação de “efeito de fidelidade”, que será retomado na seção sobre as aforizações.

⁸⁴ Não abordaremos aqui o desdobramento da noção de locutor: locutor (L) e locutor (λ).

Essa distinção é significativa na medida em que o jornal coloca na cena do discurso diversos pontos de vista, sendo, portanto, um gestor dessas vozes. Empresta ainda a sua voz enquanto locutor a outros locutores e a outros enunciadores. Em uma das páginas do caderno “Gerais”, uma reportagem aborda a temática dos rompimentos sob o ponto de vista dos atingidos. Vejamos:

Figura 18: Recorte de página do caderno “Gerais”



À ESPERA DE RESPOSTAS

Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

O título da matéria é “À espera de respostas” (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019). Embora não se possa atribuir essas palavras precisamente a um sujeito de discurso tal como em “Pulei de telhado em telhado, diz menino”, é possível depreender o efeito de sentido visado, qual seja, o de agenciar a voz dos atingidos, enquanto um enunciador, em embate com a voz do locutor do enunciado destacado que aparece logo acima (“Não sabemos o que aconteceu”). É notório que o jornal agencia duas vozes dentre tantas outras vozes igualmente disponíveis sob a égide de seus efeitos visados. Por isso, no objeto que procuramos analisar no decorrer desta pesquisa, é possível dizer que a gestão dessas vozes está tanto no nível dos locutores quanto no nível dos enunciadores (muito embora nosso foco esteja nos locutores dada à própria natureza da estratégia discursiva em pauta, a aforização).

De qualquer forma, vemos que, ao acionar diferentes locutores e enunciadores, o jornal adquire o estatuto de um *grande locutor* que coloca em cena as mais diferentes vozes (pontos de vista – enunciadores – e locutores – aforizadores) sob a égide do funcionamento da máquina midiática.

Pelo que foi dito até aqui, é possível constatar que dialogismo e polifonia são termos largamente utilizados nos estudos da linguagem. Remontam às trocas, às relações, às vozes, à heterogeneidade, enfim, à natureza da humanidade. São termos que instauram, nos estudos discursivos, o que é fundamental: o modo como se dão as associações entre os discursos advindas da organização da sociedade e das relações entre os sujeitos. É de vital importância

tratar delas para discutir acerca das esferas de atividade humana. Além disso, esses termos apontam para a presença das vozes que podem ser apreendidas por meio das materialidades linguístico-discursivas.

Como já comentamos, em alguns autores, a exemplo de Brait (2003), dialogismo e polifonia atuam como sinônimos. Para a autora, esses dois termos discorrem sobre as vozes que se instauram em um discurso. Entretanto, pelo fato de figurarem incontáveis vezes em pesquisas diversas, os termos circulam com diferentes nuances, o que, aliás, só reforça o conceito de que os discursos se constituem uns em relação aos outros. Preferimos aqui compreender o dialogismo como um termo emprestado da obra de Bakhtin pela ADF para admitir que ele “se refere às relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como com os enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem” (MOIRAND, 2016). Assim como preferimos tomar o estudo da polifonia como “o fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o *autor* pode falar várias vozes ao longo de seu texto” (NOLKE, 2016 – grifo nosso). E essas vozes podem aparecer na forma de enunciadores ou de locutores (DUCROT, 1987).

Nessa distinção, pisamos em um terreno arenoso, é fato. Entretanto, o desdobramento entre textos polifônicos e monofônicos, “segundo as estratégias discursivas acionadas” (BARROS, 2003, p. 6), parece produtivo para o que nos interessa nesta pesquisa. Assim, o dialogismo ainda constitui a essência dos discursos, ainda que um texto possa parecer monofônico. A autora continua:

Monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma *efeitos de sentido* decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em texto, por definição, dialógico. Os textos são dialógicos porque *resultam do embate de muitas vozes sociais*; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir (BARROS, 2003, p. 6 – grifos nossos).

Os grifos foram acrescentados à passagem porque os efeitos de sentido advêm da situação de comunicação e, além disso, da materialidade linguístico-discursiva. Assim, marcas tipográficas tais como o uso de aspas ou o isolamento tipográfico (nos jornais) de um enunciado que denota discurso direto etc. devem fazer emergir um efeito de sentido de polifonia e, portanto, em uma abordagem dos efeitos visados, uma ideia, por exemplo, de razoabilidade. Ora, se um jornal empresta seu espaço para outros locutores e esses locutores são sujeitos representativos simbolicamente, do ponto de vista da instância de recepção (imaginada), então, cria-se um efeito de legitimidade e assim por diante. A polifonia é, então, assimilada enquanto

efeito de sentido e encontro/gestão de vozes. Já a questão do “embate de vozes” do qual um texto é resultado nos remete às relações existentes entre os discursos, quais sejam, as relações que os enunciados mantêm uns com os outros, postulado que discorre sobre o dialogismo constitutivo dos discursos (MOIRAND, 2016). Dessa forma, vejamos: uma das maneiras pelas quais os jornais colocam em cena as diversas vozes é por meio do fenômeno discursivo das aforizações. Já falamos algumas vezes sobre isso. Nelas, sob o princípio da não ocultação das vozes que representam os sujeitos sociais envolvidos com as *tragédias*, cria-se um efeito de polifonia, num jogo interdiscursivo demarcado por enunciados destacados em discurso direto.

O próprio exemplo acima (figura 18⁸⁵) pode elucidar a questão. A fala de Fabio Schvartsman aparece tipograficamente isolada bem como entre aspas e é um claro exemplo de discurso direto, ou seja, da incursão de uma voz outra através de um locutor. O embate social identificado pelo jornal em sua voz é indicado pela presença de um enunciador, qual seja, a voz dos atingidos que figura no título da reportagem, sem, entretanto que seja possível identificar um locutor. Esse embate resulta, assim, na construção do discurso do jornal *Estado de Minas* materializado pela reportagem em si, bem como pelo todo da página que representa, ao modo do jornal, o acontecimento. É possível, dessa maneira, perceber que o jornal traz ao foco essas duas vozes, gerindo-as de modo a construir um posicionamento, qual seja o de chamar a atenção para os resultados da *tragédia* e postular que não há providências sendo tomadas por parte de seus responsáveis. Esse exemplo pode evidenciar o dialogismo constitutivo dos discursos, visto que remonta às relações entre enunciações que resultam, por sua vez, em um encontro dessas vozes materializadas em locutores ou mobilizadas como pontos de vista.

É importante mencionar que o modo de observação dos fenômenos discursivos que efetivam esse encontro de vozes, bem como o destacamento de enunciados, via aforização, implica partir de uma perspectiva na qual, circunscritas numa historicidade que não se relaciona à linearidade da história tradicional⁸⁶ no tocante à própria heterogeneidade dos discursos midiáticos, as construções discursivas constituem enunciações dialógicas e polifônicas nas quais subjaz um efeito visado por parte dessas instâncias de produção, qual seja a construção de um *éthos* imparcial e justo, a observação de uma ética cidadã sintonizada com os discursos das minorias, dos menos favorecidos, da justiça social, dentre outros princípios. Trata-se do *éthos* do jornalismo de referência.

⁸⁵ Figura 18: <https://drive.google.com/file/d/1Gc0bRIVek0QUb6S9aiYZipv6n9MGU2ou/view?usp=sharing>

⁸⁶ Ver POSSENTI (2015).

Assim temos em pauta: i) os posicionamentos discursivos, ideológico/político dos jornais no que diz respeito aos eventos de rompimento de barragens, estes, por sua vez, constituindo instâncias de fomento desse(s) discurso(s); e ii) o próprio efeito de polifonia enunciativa desses jornais depreendida por intermédio de estratégias, tais como a colocação de enunciados em destaque.

Nessa perspectiva, por meio do exame das aforizações nos textos jornalísticos do *Estado de Minas* e da *Folha de S. Paulo*, poderemos ver reveladas diferentes vozes, que são sistematizadas, geridas e confrontadas. É possível mencionar pelo menos cinco polos, categorizados em enquadramentos interpretativos que auxiliarão na construção do eixo de análises, como apontamos na Introdução e que repetimos aqui: o enquadramento testemunhal, que se origina dos enunciados cujos aforizadores *viram* os acontecimentos ou seus desdobramentos; o enquadramento vivencial, cujos aforizadores *viveram* os acontecimentos, representados, em sua maior parte, pelas vítimas dos rompimentos das barragens; o enquadramento técnico-governamental, cujos aforizadores são os especialistas ou sujeitos envolvidos com o poder executivo, legislativo ou judiciário, que dão pareceres acerca dos acontecimentos; o enquadramento artístico-cultural e religioso, cujos aforizadores são representados por artistas em geral e sacerdotes ou ainda cujos enunciados têm temática religiosa; e o enquadramento acional, representado por sujeitos aforizadores que, supõe-se, têm o poder de agir sobre os acontecimentos.

Antes de prosseguir para a próxima seção, julgamos oportuno retomar e sumarizar os pressupostos deste trabalho. Serão observados e analisados fragmentos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas* nos quais é possível constatar os efeitos de polifonia relacionados no que diz respeito à inscrição do(s) discurso(s) sobre as tragédias em uma memória coletiva cuja duração (longa ou curta) ainda está por identificar. O acontecimento histórico/bruto (os rompimentos das barragens) dá origem à discursividade que é construída por meio de especificidades como o próprio *aparecimento* de vozes diversas (divergentes ou não), especialmente por intermédio do que Maingueneau (2014) denomina frases sem texto, ou *aforizações*. Dessa forma, os jornais figuram como um *grande locutor* que se responsabiliza pela enunciação com todas as suas especificidades. A postulação deste trabalho parece, assim, ser capaz de dialogar com a percepção de que os jornais, enquanto instâncias de produção, organizam as vozes que colocam em cena na construção de seu(s) discurso(s) a serviço de um efeito visado, qual seja o de atender às demandas de suas linhas editoriais, preocupados com seus anunciantes, bem como com seu público-alvo. Essas instâncias circunscrevem, pois, o discurso de informação, levando à mobilização de diferentes estratégias de captação, dentre as

quais um lugar especial deve ser atribuído aos enunciados destacados, como buscaremos demonstrar.

2.2 A aforização na construção discursiva dos jornais

Refletir sobre a noção de aforização implica, inicialmente, compreender a ideia maingueneuniana de destacabilidade. Isso porque, primeiramente, a ideia de um enunciado, advindo de uma enunciação outra e que se torna título, legenda de foto, intertítulo, olho etc. de um texto jornalístico advém de uma noção de enunciado potencialmente destacável em determinada enunciação. Sobre isso Possenti, ao explicar o título da obra de Maingueneau (2014), *Frases sem Texto*, diz:

É que a problemática foi inicialmente apresentada a partir do conceito de destacabilidade, que se refere a um conjunto de propriedades de certas frases que as fazem ser destacadas e circular, eventualmente, fora do texto de que fizeram parte na origem. “Sem texto” qualifica o final de um processo, que vai da destacabilidade ao destacamento, passando eventualmente por modificações que tornam a sequência mais pregnante (POSSENTI, 2014, p. 7).

Discorrendo sobre a ideia de destacabilidade, Maingueneau (2014) admite, inicialmente, que é importante considerar o modo como os enunciados destacados se apresentavam antes do destacamento, ou seja, em suas enunciações de origem. No caso dos jornais, de um enunciado que se torna legenda de foto, título de notícia e/ou reportagem ou ainda se encontra tipograficamente isolado na função de olho⁸⁷ e/ou intertítulo, nem sempre é possível apreender sua enunciação de origem. Isso porque a *frase* advém da fala de um sujeito que foi reproduzida pelo próprio jornal. Dessa forma, o acesso possível se dá por intermédio do enunciado já representado e não mais por intermédio de sua enunciação, digamos, original. Aliás, o próprio autor assegura que “toda aforização é uma enunciação segunda, do já-dito: o já-dito de uma enunciação atestada” (MAINGUENEAU, 2014, p. 33). Não é nossa intenção entrar no mérito da questão, embora seja importante tocar no assunto. Atualmente, muitas falas de sujeitos influentes socialmente e que detêm a atenção dos veículos midiáticos podem ser encontradas em vídeos ou em gravações de áudio, mas, via de regra, quando encontra fragmentos desse tipo

⁸⁷ O conceito de olho no jornalismo refere-se a um fragmento de texto isolado tipograficamente de uma notícia ou reportagem e que figura em uma posição de destacamento. É um recurso que visa o “arejamento” da leitura, de acordo com o manual de edição da *Folha de S. Paulo*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_o.htm. Acesso em: 03/03/2022.

em jornais, um leitor não se preocupa em verificar se tal enunciado foi devidamente (con)textualizado ou não.

Assim, para simplificar, tomamos o termo *enunciação de origem*, neste trabalho, como o lugar onde é possível ter acesso a um dado enunciado, antes que ele seja destacado no texto do jornal. Isso implica que ter acesso direto (ou não) à enunciação de origem (ou ao texto-fonte⁸⁸) de um enunciado destacado relaciona-se a dois tipos de aforização: por *destacamento fraco* e por *destacamento forte* (MAINGUENEAU, 2014). Como explicam Landim e Lara (2021), no primeiro caso, o enunciado destacado pode ser facilmente verificado, pois se encontra nas imediações de seu texto-fonte (este se encontra no mesmo espaço ou nas páginas subsequentes ao destacamento). No segundo caso, o texto original de onde o enunciado destacado foi *recortado* não está diretamente acessível ao leitor⁸⁹.

De qualquer forma, para Maingueneau (2014), há enunciados que são, naturalmente, “candidatos” a um destacamento: eles são normalmente generalizantes e “se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los)” (MAINGUENEAU, 2014, p. 14). O autor trata dessa questão preconizando que esses enunciados resultam de certa saliência textual, que se dá, por exemplo, quando eles condensam uma ideia geral. Dentre outros aspectos, é isso que abre caminho para a *destextualização* e a posterior circulação desse enunciado em diferentes lugares (dos jornais, em nosso caso) de modo mais ou menos autônomo. A essa possibilidade (prévia) de destacamento o autor dá o nome de *sobreasseveração*.

A sobreasseveração seria, assim, um enunciado destacável, o que não significa que ele será, de fato, destacado. Em outras palavras, nada garante que um enunciado destacável (sobreasseverado) seja destacado (aforizado) pela instância midiática. Isso porque, a depender dos efeitos pretendidos, frases que não teriam a princípio um lugar privilegiado em determinada enunciação passam a ser destacadas, o que significa que seus locutores passam a ser aforizadores pelo trabalho do jornal.

⁸⁸ É amplamente conhecido o princípio de que os discursos se constroem a partir de outros discursos. Assim, reconhecemos que os enunciados em discurso direto alçados à posição de destaque têm origem em uma enunciação dada que, em muitos casos, precede seu aparecimento no interior de um gênero jornalístico. No entanto, para que seja possível classificar as aforizações em destacamento forte ou destacamento fraco, consideramos a acessibilidade do leitor ao enunciado destacado no interior de textos circulantes em uma dada edição do jornal. São esses os chamados textos-fonte. Quando um enunciado em discurso direto alçado à posição de destacamento é encontrado no texto-fonte, entendemos que tal processo ocorre por destacamento fraco.

⁸⁹ No caso deste trabalho, como se verá, os enunciados destacados, em sua grande maioria, estão ligados ao destacamento fraco, visto que podem ser encontrados nas notícias e outros gêneros da própria edição dos jornais.

Nas palavras de Maingueneau, isso implica a impossibilidade de determinar se essas “pequenas frases” são assim porque “os locutores de origem as quiseram [...] destacáveis, destinadas à retomada pelas mídias, ou se são os jornalistas que as dizem dessa forma para legitimar seu dizer” (MAINGUENEAU, 2006, p. 80). Para nós, os efeitos visados tendem a influenciar esses destacamentos. Assim, a opção de destacar um dado enunciado não sobreasseverado (ou seja, sem nenhuma saliência textual) fala muito sobre o(s) ponto(s) de vista assumido(s) pelo jornal. Aliás, as pesquisas de Lara (2013) com revistas francesas e brasileiras concluiu que os jornalistas destacam, em geral, enunciados que eles supõem que vão atrair os leitores, independentemente de esses enunciados se mostrarem ou não destacáveis (sobreasseverados) na origem, constatação que podemos, evidentemente, estender aos jornais.

O destacamento, portanto, não ocorre de maneira ingênua. Como insistimos, os jornais são guiados pelo funcionamento dos três lugares da máquina midiática e, no lugar da instância de produção, os discursos são pautados pela intencionalidade dos efeitos visados (CHARAUDEAU, 2015). Assim, as *frases* mais impactantes do ponto de vista de uma instância de recepção idealizada podem estar mais propensas ao destacamento do que aquelas que possam ter sido sobreasseveradas em enunciações anteriores. Outra ideia que surge é a de que, por não ser precedido e nem sucedido por nenhum outro enunciado (daí, a denominação *Frases sem texto*”, que intitula a obra de Maingueneau), um enunciado destacado pode assumir sentidos outros, diferentes daqueles que teriam na *enuniação original*. Isso não significa, como veremos adiante, que os enunciados destacados estejam desprovidos de contexto, mas, ao serem destacados, eles corroboram a tese maingueneana de que as aforizações estão em uma outra esfera de enuniação.

O autor chama essa propriedade da aforização de “sintoma de mudança de estatuto pragmático”; afinal, quando são destacados, os enunciados adquirem certa “independência” (MAINGUENEAU, 2014). Essa é, aliás, uma característica fundamental das aforizações, que se relaciona à captação de leitores. Afinal, um enunciado destacado pode levar esses sujeitos à leitura do texto jornalístico completo até mesmo por curiosidade, materializando, assim, uma instância de recepção real.

Dessa forma, os enunciados destacados se desprendem de suas *enunciações originais* e, por seu caráter generalizante e às vezes até mesmo por um efeito sentencioso, abrem caminho para os mais variados efeitos de sentido, o que parece ser de sumo interesse para os veículos midiáticos enquanto instâncias de produção, como já mencionamos. Desse modo, partindo do princípio de que os enunciados destacados funcionam como sequências mais ou menos autônomas, bem como do princípio de que podem aparecer tipograficamente isolados, eles

passam, segundo Maingueneau (2014), a figurar em um outro regime de enunciação, a que ele denomina *enunciação aforizante*. O autor explica a origem do termo *aforização*, da seguinte maneira:

A escolha deste termo, entretanto, não é totalmente satisfatória: em grego antigo *aphorizo* é, de fato, uma operação de determinação, e *aforisma*, uma definição. Preferimos apoiar-nos em um uso contemporâneo que vê no aforismo “uma frase com ar sentencioso, que resume em algumas palavras uma verdade fundamental” (*Grand Larousse de la langue Française*). Com a diferença, entretanto, de que a aforização, tal como a entendemos, não é reservada aos enunciados sentenciosos, mas se aplica ao conjunto das frases sem texto (MAINGUENEAU, 2014, p. 27).

As aforizações, portanto, são sequências que, independentemente de seus (con)textos originais, aparecem em lugares de destaque e evocam efeitos de sentido diversos que corroboram ou não seu aparecimento primitivo. No caso das mídias, por se tratar, em geral, de enunciados destacados advindos das falas de sujeitos significativos do ponto de vista de uma dada publicação – nesta pesquisa, de um dado jornal – e de seus efeitos pretendidos, tais enunciados, quando são curtos, costumam aparecer como títulos de textos variados, como é o caso de: “Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris” (FOLHA DE S. PAULO, 01 de dezembro de 2015), fala atribuída a Dilma Rousseff destacada pelo jornal para funcionar como título de notícia. Em outros casos, sequências mais longas podem igualmente aparecer destacadas. Entretanto, figuram como olho ou intertítulo, como é o caso de: “‘É difícil lidar com uma tragédia, porque ela deixa a questão emocional em primeiro plano. O humor não sobrevive nessa atmosfera’ **Laerte**, cartunista” (ESTADO DE MINAS, 09 de novembro de 2015) e tendem a não aparecer em títulos de textos por razões óbvias de extensão da frase. Este enunciado destacado está localizado abaixo da foto da cartunista, em página que traz reportagem de título “Nó na garganta” que aborda, dentre outros assuntos, o *Fórum das Letras* realizado em Ouro Preto-MG. Outras vezes, as aforizações podem aparecer como chamada para uma reportagem, como é o caso de “Chances de resgatar funcionários com vida são pequenas, diz governador” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de novembro de 2015). Esta última frase destacada encontra-se no topo da primeira página do caderno intitulado “Cotidiano” da *Folha de S. Paulo*, logo abaixo de uma foto da lama derramada pelo rompimento da barragem em Mariana-MG, levando o leitor a compreender que, no interior do caderno, há uma reportagem que aborda o tema. Isso implica que a condição de pequena frase atribuída à aforização não significa, necessariamente uma frase pequena em termos de extensão.

A problemática da fidelidade das aforizações em relação às suas enunciações originais têm sido trazida à tona por alguns autores a exemplo de Lara (2013) e do próprio Maingueneau

(2013, 2014, 2016). Isso porque a aforização, na condição de discurso citado, “trata dos diversos modos de representação, no discurso, de falas atribuídas a instâncias outras que não a do locutor” (MAINGUENEAU, 2016, p. 172). E por ser uma representação, ainda que seja uma ruptura em forma de heterogeneidade mostrada/marcada em discurso direto, a aforização sofre as coerções da instância autoral superior (MAINGUENEAU, 2013) – o próprio jornal –, conceito que, evidentemente, não advém da ideia de uma entidade todo-poderosa que instaura vozes em seu discurso atendendo a *caprichos pessoais*. Essa instância autoral superior representa a essência de um locutor que mobiliza enunciadores e locutores (outros) em função do funcionamento dos três lugares da máquina midiática (CHARAUDEAU, 2015).

Dessa forma, o jornal, enquanto locutor citante, agencia as mais variadas vozes, destacando, dentre muitas possibilidades, enunciados que visam aos efeitos pretendidos. Esse agenciamento de vozes diversas não é feito de qualquer maneira, portanto. O jornal objetiva preservar seu *éthos* ético (no sentido da ética cidadã, inclusive) por meio desses destacamentos. Assim, ainda que haja pontos de vista variados disponíveis ao destacamento, a instância autoral superior dá preferência para uns em detrimento de outros. Ou coloca-os em relação dialógica para construir, com a instância interpretativa, um efeito de sentido, como é o caso da figura 18⁹⁰, em que ao mesmo tempo em que o ponto de vista dos atingidos é mobilizado, a fala do presidente da Vale S/A é trazida para *dizer* que não há respostas.

Essa postura de destacador que visa, dentre outros efeitos, a captação da instância de recepção deve passar a ideia de fidelidade às enunciações que dão origem aos destacamentos. Esse efeito de fidelidade (MAINGUENEAU, 2013) estabelece, de fato, uma relação de confiança entre instância de produção e de recepção, via produto. Em outras palavras, o efeito de fidelidade se dá pela própria ideia de que o jornal deve ser fiel ao acontecimento e às falas dos sujeitos para que possibilite ao leitor acesso aos fatos de modo, digamos, fidedigno. Essa é uma discussão que levanta indagações. Por que o jornal preserva uma fala tal como aparece em sua enunciação de origem? E em que circunstâncias essas falas são modificadas? Que efeitos de sentido essas modificações visam? Quais são as interpretações possíveis desses destacamentos? Como o destacador se determina em relação ao que é destacado? Sabe-se, insistimos, que todo esse processo se dá em função dos efeitos visados e, não necessariamente, em função de efeitos de fato produzidos. Os destaques em discurso direto (aforizações prototípicas) podem ser justificados pelas próprias alegações de Maingueneau (2013). De acordo com o autor,

⁹⁰ Figura 18: <https://drive.google.com/file/d/1Gc0bRIVek0QUb6S9aiYZipv6n9MGu2ou/view?usp=sharing>

A escolha do discurso direto como modo de discurso relatado geralmente está ligada ao gênero de discurso em questão ou às estratégias de cada texto. Em particular, pode-se procurar:

- criar autenticidade, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas;
- distanciar-se, seja porque o enunciador citante não adere ao que é dito e não quer misturar esse dito com aquilo que ele efetivamente assume; seja porque o enunciador quer explicitar, por intermédio do discurso direto, sua adesão respeitosa ao dito, fazendo ver o desnível entre palavras prestigiosas, irretocáveis e as suas próprias palavras (citação de autoridade);
- mostrar-se objetivo e sério (MAINGUENEAU, 2013, p. 183).

Assim, é possível indicar que o *aparecimento* da aforização, via discurso citado (direto), se dá no seio de uma encenação discursiva que tem como eixo os efeitos visados e a preservação de um *éthos* jornalístico que objetiva mostrar-se fidedigno aos fatos, o chamado jornalismo de referência. É o próprio autor que nos dá elementos para essa compreensão quando postula que

Mesmo quando o DD [discurso direto] relata falas consideradas como realmente proferidas, trata-se apenas de uma *encenação* visando criar um efeito de autenticidade, de uma espécie de imitação. De toda maneira, não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva (...) e um enunciado citado entre aspas em contexto totalmente diverso. Como a situação de enunciação citada é reconstruída pelo sujeito que relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um toque pessoal (MAINGUENEAU, 2013, p. 182).

É importante mencionar o motivo pelo qual os conceitos de discurso citado e de discurso direto foram evocados no diálogo com a noção de aforização. É que a aforização prototípica apresenta-se em discurso direto, funcionando, assim, como uma espécie de citação. As citações, como se sabe, dão credibilidade ao discurso, pois funcionam como uma forma de legitimação do que é dito. Assim, a aforização, por seu caráter de discurso citado/discurso direto mistura-se ao discurso do jornal constituindo com ele um todo comunicativo dotado de finalidades e propósitos, incluindo os julgamentos em relação aos destacamentos e as relações que a instância autoral superior, no caso, o jornal, mantém com esses enunciados. O próprio fato de destacar determinadas falas indica a intervenção do locutor que cita em relação ao enunciado citado. A proposta deste trabalho é, pois, refletir um pouco sobre essa questão.

Assim, é importante ceder um espaço à preocupação que temos com a *lógica de citação* da enunciação aforizante (MAINGUENEAU, 2010). Nesse sentido, consideremos com Mouillaud (2002), a seguinte questão:

A reprodução (ou citação) põe face a face universos de discursos diferentes, que devem ser articulados no interior de uma enunciação única, aquela do locutor que reproduz o enunciado de um outro locutor. O enunciado produzido deve possuir uma isotopia, quer dizer que ele deve, em certo nível, fazer desaparecer a solução de continuidade entre os discursos. Entretanto, para que tenha efeito de reprodução, é necessário que a diferença do enunciado de citação seja mantida. Se ele desaparecesse sem que nenhuma marca permitisse identificar uma parte do enunciado como a propriedade de um outro enunciador, a citação se perderia no processo geral da intertextualidade (MOUILLAUD, 2002, p. 123).

Como vemos, a aforização coloca no jogo do discurso dois fenômenos enunciativos distintos: o da enunciação *outra*, aquela da qual advém um enunciado destacado e a própria enunciação que *cita* tal enunciado. Esses enunciados advindos de enunciações outras remetem, como mencionamos, às formas de heterogeneidade mostrada, sobretudo marcada, de Authier-Revuz (1990), e criam, por sua vez, um efeito de polifonia. Assim, marcas do discurso direto, como as aspas e os verbos dicendi, por exemplo, não devem ser desprezadas nesse aspecto. São essas marcas que levam a instância de recepção a compreender, em última análise, que determinado enunciado ocupa lugar privilegiado nas páginas de um jornal. Seguindo, aliás por essa senda, sublinhamos as palavras de Maingueneau, para quem

A aforização implica a figura de um enunciador que não somente *diz*, mas que *mostra que diz aquilo que diz*. Ele apresenta a força de uma enunciação que engaja a responsabilidade do locutor, uma tomada de posição exemplar diante do mundo. O paradoxo da aforização é que ela implica uma descontextualização do enunciado aforizado, que só tem sentido no novo contexto onde ele é colocado (MAINGUENEAU, 2013, p. 236).

Dadas essas reflexões, chamaremos a atenção especialmente para as aforizações no sentido de funcionarem como estratégias de captação de leitores. Isso porque, ao colocar no jogo enunciativo as palavras de sujeitos notáveis do ponto de vista do leitor (considerando as noções de instância de recepção imaginada pela instância de produção do discurso), os jornais contam com esses enunciados que fogem ao “tradicionalismo” das manchetes clássicas. As falas de indivíduos “reais” passam a funcionar como chamarisco aos possíveis leitores dos jornais, o que lhes confere um *status* de relevância na constituição do texto jornalístico.

Os exemplos sobre os quais discorreremos nesta seção são ilustrativos em relação às noções de aforização enquanto efeito de polifonia no que diz respeito ao locutor que agencia os pontos de vista representados, dentre outros sujeitos, pelos atingidos, pelos especialistas, pelos técnicos e por representantes governamentais. É importante, entretanto, dizer que, ora transcrevemos os exemplos, ora recortamos imagens que contêm enunciados destacados. Isso não se refere a nenhum processo metodológico específico, mas à nossa necessidade de ilustrar,

em determinados aspectos, o funcionamento desse regime enunciativo. Além disso, nesta seção, pretendemos apenas demonstrar a produtividade de nosso objeto em relação às aforizações. Ou seja, procuraremos refletir sobre alguns enunciados destacados e até mesmo suas interpretações possíveis, de modo breve e de forma que eles possam exemplificar a noção de aforização.

A imagem que segue ilustra bem essa pretensão. Como é possível perceber, diferentes enunciados em discurso direto foram destacados tornando-se (sub)títulos de depoimentos prestados pelos sobreviventes do rompimento da barragem em Mariana-MG no jornal *Estado de Minas*. Os subtítulos que vemos na Figura 19⁹¹ remetem ao acontecimento (rompimento da barragem e destruição de Bento Rodrigues) e indicam que os locutores postos em cena pelo jornal estão narrando à sua maneira o modo como viveram os momentos subsequentes ao rompimento da barragem em Mariana-MG. Como é possível perceber, a maneira como esses enunciados estão dispostos, o fato de se encontrarem entre aspas e, em alguns casos, atrelados às fotos dos locutores, sugerem a importância dessas falas no/para o jornal. Dar esse tipo de destaque às falas das vítimas sugere que o jornal, enquanto locutor citante, intervém em relação ao acontecimento narrado.

Os atingidos pelo rompimento da barragem são, pois, em primeira instância, os protagonistas do discurso do *Estado de Minas*. Nessa perspectiva, é possível perceber que os enunciados em destaque não estão dispostos dessa maneira injustificadamente. Eles são modos de chamar a atenção da instância de recepção imaginada no intuito de angariar leitores reais dos textos. Além disso, representam uma maneira de inscrever o outro na materialidade do texto. Em outras palavras, são uma das maneiras de mobilizar locutores que corroboram o ponto de vista do jornal no modo como constrói o acontecimento a partir dessas falas destacadas. A preferência do jornal em relação a destacar essas falas – e não outras igualmente disponíveis – revela sua identidade enunciativa, qual seja as práticas editoriais que dão voz e se solidarizam com as vítimas das *tragédias*. A ideia que perpassa essa construção discursiva é a de que as pessoas têm direito à segurança e a presença das barragens é uma constante ameaça àqueles que não teriam suas vozes ouvidas e seus direitos respeitados. O jornal parece destacar essas vozes possibilitando diferentes sentidos aos enunciados destacados. Vejamos a figura:

⁹¹ Figura 19: https://drive.google.com/file/d/1uG6Y3v1nY8mbI-Sc_9x_rlSQrkuRWMoh/view?usp=sharing

Figura 19: Texto do jornal *Estado de Minas* dedicado à narrativa dos sobreviventes sobre os momentos vividos por ocasião do rompimento da barragem de Fundão.



Fonte: *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2015.

Os jornais são bastante produtivos em relação às aforizações. Como vemos nos exemplos da imagem, não raramente é possível observar enunciados destacados advindos de enunciações outras. Essas frases, por sua vez, foram originalmente ditas em situações enunciativas específicas, mas podem ser retiradas desses contextos para aparecer nas enunciações midiáticas⁹², tornando-se, então, aforizações. Dessa maneira, quando um jornal se apropria da fala de um sujeito para torná-la um título de notícia, por exemplo, está colocando na cena da enunciação um efeito de polifonia, já que mobiliza esses locutores e, na própria superfície textual, é possível identificar o discurso citado.

Ora, usar as falas dos sujeitos em discurso direto provoca um efeito de fidelidade que confere, dessa maneira, ao discurso do *Estado de Minas*, um efeito de legitimidade, esperado de um jornal de referência. É, dentre outros aspectos, por meio da destacabilidade que o jornal

⁹² Desde que guardadas as devidas regras da aforização: enunciados de outros sujeitos, preferencialmente em discurso direto, que advêm, portanto, de outras enunciações e que se tornam legendas de foto, títulos de textos jornalísticos etc., tal como já foi mencionado.

produz esse efeito polifônico, ao colocar no jogo enunciativo essas falas que têm como princípio uma relação dialógica gerida por esse locutor em posição de instância autoral superior. Soa aproximadamente como a ideia bakhtiniana de distanciamento máximo “que permite ao autor assumir o grau extremo de objetividade em relação ao universo representado e às criaturas que o povoam” (BEZERRA, 2013, p. IX). Os aforizadores, que são os locutores a quem se pode atribuir a autoria dos enunciados destacados em forma de aforização, devem, pois, ser apreendidos como sujeitos cujos discursos – ou fragmentos de discurso – são trazidos à baila, geralmente, para atender às demandas dos produtores do discurso.

Dois exemplos de enunciados aforizados no jornal *Estado de Minas* encontram-se a seguir. Neles, lemos frases de moradores da região de Mariana-MG que se transformaram em títulos de textos jornalísticos:

- a) “Vi minha casa coberta de lama” (enunciado destacado utilizado como título no *Estado de Minas*, 06 de novembro de 2015).
- b) “Foram-se os laços de identidade” (enunciado destacado usado como título no *Estado de Minas*, 08 de novembro de 2015).

Os dois enunciados são referentes ao rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG, em 2015. Neles vemos, respectivamente, destacados: i) a fala de uma moradora de Bento Rodrigues, distrito de Mariana-MG, ao narrar sua chegada ao vilarejo logo após o evento; ii) um enunciado destacado advindo da fala do professor de história Israel Quirino, importante figura marianense que estuda a história da região. Esses enunciados encontram-se marcados pela presença de aspas, indicando o discurso direto e mostrando que se trata, pois, de aforizações prototípicas (MAINGUENEAU, 2014).

Mais algumas observações são possíveis em relação a esses dois exemplos de aforizações: em a), o jornal usa as palavras da moradora de Bento Rodrigues como título, o que reforça a necessidade de focar o discurso nas pessoas comuns que foram diretamente atingidas pelo rompimento da barragem, especialmente no que tange ao vilarejo mais afetado pela passagem da lama. A fala da moradora sugere que a perda repentina de sua casa tem implicações importantes em sua vida, ativando, portanto, uma crença partilhada socialmente, qual seja a da importância da casa, do lugar de convívio familiar. Nesse sentido, há uma transição entre a condição de moradora à condição de “sem teto”. Um complemento à parte que pode ser observado na página do jornal é a foto que ilustra a matéria. Nela há pessoas com as mãos levantadas em sinal de comoção em relação ao que presenciam: a lama que devasta o vilarejo.

Essas questões sugerem que um dos efeitos visados, a captação do leitor, se dá pelo enunciado destacado/aforizado, que, não raras vezes, é complementado pela imagem (no caso,

uma foto). Tais elementos, frequentemente utilizados para reforçar a ideia na qual um discurso se apoia – e aqui nos referimos às consequências e à abrangência do rompimento da barragem de Fundão nas mídias mineiras representadas pelo jornal *Estado de Minas* – constroem com ele uma relação de unidade, remetendo à memória do acontecimento e suas variadas significações evocadas pelo enunciado destacado e, eventualmente, pela imagem que a ele se atrela. Sobre esses possíveis interpretativos e o trabalho hermenêutico da instância de recepção no que se refere a esses enunciados, teceremos alguns comentários mais adiante.

Outra observação em relação às aforizações que ocorrem no objeto estudado é que os elementos simbólicos, constitutivos do imaginário da comunidade local também são mobilizados por meio dos destacamentos. Assim, em b), é possível ler o enunciado atribuído ao professor de História Israel Quirino⁹³, que fala sobre a identidade e a memória de Bento Rodrigues, perdidas por ocasião da *tragédia*. Na esteira da aforização do professor, o jornal posiciona-se no sentido de que as perdas ocorridas no vilarejo não foram somente do patrimônio físico, isto é, elementos constitutivos da memória local estão incluídos nas perdas. O jornal parece optar por se utilizar dessa voz para indicar que a igreja, a escola, os locais onde as festas tradicionais de Bento Rodrigues aconteciam eram parte constitutiva do próprio imaginário de mineiridade dos habitantes e turistas. Entretanto, agora Bento Rodrigues encontra-se destruído pela invasão dos rejeitos. Este é um dos possíveis interpretativos que tendem a levar o leitor a construir sua opinião acerca do evento que corrobore o(s) posicionamento(s) do jornal. Ao assumir que “foram-se os laços de identidade”, o locutor deixa implícito (pressuposto, mobilizando, portanto, um enunciador, no sentido de Ducrot) que esses laços existiam antes da tragédia, apontando, ao mesmo tempo, para a dimensão do prejuízo causado pelo rompimento da barragem de Fundão, já que afeta a própria identidade do local e de seus moradores.

Os exemplos são ilustrativos do leque de possibilidades interpretativas que as aforizações podem incitar. Isso acontece porque “enunciações *destacadas* [...] se distinguem das inúmeras enunciações que se pode dizer que são *presas*, submissas à lógica do texto e do gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 137 – grifos do original). Na seção que antecede a esta, uma ocorrência de aforização foi mencionada para ilustrar a ideia de um locutor posto em cena pela instância autoral, corroborando, dessa maneira, a ideia de efeito de polifonia abordada

⁹³ Israel Quirino é um importante colaborador de jornais marianenses. No jornal *Voz de Marianna*, que circulou na cidade nos últimos anos da década de 1980, seus textos são essencialmente históricos e valorizam a memória mineira, a mineiridade e a identidade do mineiro por meio de narrativas sobre monumentos, símbolos da identidade local, bem como por editoriais e crônicas (LANDIM, 2017). Além de ser um professor de história (pre)ocupado com o patrimônio memorial da cidade, ele é um marianense e, portanto, está também ligado ao prejuízo cultural, simbólico, ambiental e humano que representa o rompimento da barragem de Fundão.

neste trabalho. Agora será possível compreender tal ocorrência na prática da enunciação aforizante. O enunciado é:

- c) “Pulei de telhado em telhado”, diz menino (enunciado destacado como título de reportagem na *Folha de S. Paulo*, 06 de novembro de 2015).

Nesse exemplo da *Folha*, é possível ver destacada a frase que chama a atenção do leitor, especialmente porque nessa data, o rompimento da barragem de Fundão já estava sendo abordado pelas mídias jornalísticas por todo o país. Tal enunciado aponta para a gravidade da situação vivida pelos moradores por consequência do rompimento da barragem em Mariana-MG. Assim como nos enunciados destacados já assinalados como aforizações, o depoimento de um atingido diretamente pela lama vazada cria, dentre outros efeitos de sentido, um efeito de autenticidade, de legitimidade. Isso porque o enunciado destacado se refere a alguém que testemunhou e viveu o evento e não a alguém que narra o que “ouviu dizer”. Nesse enunciado destacado como título de reportagem, a expressão “de telhado em telhado” reforça o drama vivido pelos moradores de Bento Rodrigues e, especialmente pelo menino que, ainda em tenra idade, precisou lutar contra um *tsunami de lama* para manter a própria vida.

A mudança de estatuto pragmático dos enunciados destacados (aforizações) foi mencionada acima. Isso significa que as enunciações aforizantes não são regidas pela lógica do gênero e instauram, dessa forma, uma outra condição de ocorrência discursiva. Como afirma Lara (2013, p. 9), inspirada em Maingueneau (2014), “nas mídias, os enunciados destacados surgem, via de regra, como ‘pequenas frases’, isto é, enunciados curtos e propensos a retomadas”. Essas retomadas possuem suas especificidades e, dentre elas, o fato de ocorrerem de modo mais ou menos independente da lógica dos gêneros jornalísticos clássicos, conferindo à aforização, em sua condição prototípica, o caráter de *frase sem texto*, como vimos. A seguir, dedicamos um espaço maior a essa reflexão, começando pela seguinte citação:

Essa condição da aforização remete a um tipo de enunciação que obedece a uma outra lógica, distinta da do texto. Do ponto de vista mais imediato, isso significa que a aforização não é nem precedida nem seguida de outras frases com as quais estaria ligada por relações de coesão, de modo a formar uma unidade textual, ancorada num gênero de discurso. Logo, o que caracteriza a aforização é a recusa em entrar na lógica do texto e do gênero de discurso, o que não significa, por outro lado, que ela seja destituída de contexto (LARA, 2013, p. 3).

É importante, porém, destacar que nem sempre as aforizações aparecem sozinhas; alguns destacamentos podem ocorrer envolvidos em uma relação de coesão com outros enunciados em formato de sequências curtas e, ainda assim, guardar as especificidades desse regime enunciativo.

Maingueneau discorre sobre essa relação de aparente incompatibilidade entre textualização e aforização. Para o autor, sendo uma sequência destacada de um texto, ao qual a instância de recepção tem ou não acesso imediato⁹⁴,

A aforização mantém uma relação paradoxal com o texto, ela se opõe à textualização, porém se inscreve inevitavelmente “no interior” de um texto. Em certo sentido, podemos até mesmo dizer que é o texto que ressalta a aforização, que torna saliente esse regime de enunciação que o contesta (MAINGUENEAU, 2015, p. 62).

O autor, em várias outras oportunidades, estende a reflexão a esse respeito. Nós, inclusive, já mencionamos essa especificidade da aforização em outra oportunidade. Entretanto, é importante trazê-la novamente para que seja possível contemplá-la um pouco mais. Para Maingueneau, portanto, há dois regimes de enunciação aos quais é importante dar atenção:

I - o regime de enunciação textualizante: nele, nos deparamos com o que, de modo elementar, entendemos por um texto. Ou seja, essas enunciações “decorrem do fato de que os locutores têm por objetivo encadear enunciados no interior do quadro mais geral dos múltiplos gêneros de discurso” (MAINGUENEAU, 2013, p. 239).

II - o regime de enunciação aforizante: aqui encontram-se os enunciados destacados (tais como os estudados nesta seção). Nesse regime, há duas classes de destacamento, de acordo com Maingueneau: i) as fórmulas sentenciosas “que por natureza não possuem contexto situacional nem contexto original” (MAINGUENEAU, 2010, p. 10); ii) “o destacamento por extração de um fragmento de texto, quando nos encontramos em uma lógica de citação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 10). O autor ainda qualifica essas duas classes de enunciações aforizantes como *enunciações aforizantes originais* (ou primárias), aquelas que se dão por meio de provérbios, adágios e *slogans*, por exemplo, e as *derivadas* (ou secundárias), que resultam do destacamento de uma sentença advinda de uma enunciação outra (MAINGUENEAU, 2013), podendo tal destacamento se dar como *forte* ou *fraco*, como já mencionamos. São as aforizações secundárias, sobretudo as oriundas de um destacamento fraco, que interessam a este trabalho (ver nota 89).

Os dois exemplos a seguir são respectivamente enunciados destacados na capa do jornal *Estado de Minas* e olho em texto noticioso do jornal *Folha de S. Paulo*:

⁹⁴ O que, como vimos, tem relação com as aforizações (secundárias) por destacamento fraco e por destacamento forte, respectivamente.

- d) “Parecia que estava tudo perdido” (enunciado destacado como parte da capa do *Estado de Minas*, 02 de fevereiro de 2019).
- e) “Onda de lama fazia tremer o chão, o capim e a gente”, diz agricultora (enunciado destacado empregado em olho, *Folha de S. Paulo*, 27 de janeiro de 2019).

O enunciado destacado em d), como foi dito, é um recorte de uma das capas do jornal em que podemos observar o depoimento de dois homens que estavam em uma camionete atingida pela lama da barragem rompida em Brumadinho-MG. Sua narrativa foi amplamente divulgada pelas mídias, depois de um vídeo em que o veículo aparece tentando fugir da massa de lama que se aproximava. A aforização e), por sua vez, corresponde à fala de uma agricultora que foi destacada de uma notícia sobre o encontro de sobreviventes no dia subsequente ao rompimento da barragem de Brumadinho-MG.

Voltemos um pouco aos exemplos sobre os quais já discorremos. Vemos que todos os enunciados destacados nos exemplos de a) a e) estão em discurso direto (como se pode ver pela presença das aspas), mostrando-se em sintonia com o que Maingueneau (2014) chama de *aforizações prototípicas*, bem como com a noção de heterogeneidade mostrada (marcada) (AUTHIER-REVUZ, 1990). Essas enunciações estão em uma lógica de citação que confere ao discurso do jornal certa legitimidade por trazer à tona falas de cunho testemunhal e vivencial das *tragédias*. Entretanto, não constituem um gênero de discurso em si. Estão destacadas, o que lhes confere um funcionamento independente, especialmente no que diz respeito ao seu caráter tipográfico, colocado propositalmente em destaque. Esse destaque, embora segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, seja dado muitas vezes como ponto de arejamento de leitura, funciona também como uma estratégia que evoca muitas interpretações possíveis. Isso porque, por não serem precedidos e nem sucedidos por enunciados outros em relação de coesão, possuem uma significação que possibilita esse tipo de atividade cognitiva. A destacabilidade tende, assim, a se fazer visível por meio de marcas tipográficas e a adquirir um caráter menos sentencioso. Tende também a estar nitidamente separada da linearidade textual, e esse é o motivo pelo qual é possível dizer que a aforização é um enunciado que *salta* do texto, muito embora mantenha com ele uma relação de interação.

Nem sempre as aforizações jornalísticas tratam de enunciados generalizantes – outra característica apontada por Maingueneau (2014) para as aforizações prototípicas. Há enunciados na 1ª. pessoa do singular (como a) e c), por exemplo) que, nesse caso, ao apostarem em um posicionamento mais subjetivo, parecem querer enfatizar a própria condição de vítima ou de testemunha desses locutores, o que legitima a construção discursiva dos jornais. O mesmo ocorre com a locução “a gente” em e), em que encontramos uma referência a um número

indeterminado de pessoas, dentre elas, o próprio locutor do enunciado em destaque. Quanto a essa questão, Maingueneau (2012, p. 49-50) admite que não é possível determinar *a priori* quais são as condições necessárias e suficientes para que uma sequência seja considerada uma aforização, o que obriga o analista a raciocinar em termos de aforizações mais (ou menos) prototípicas. Para o autor, a aforização pura não existe, já que cada uma delas pertence necessariamente a um tipo e é afetada por esse pertencimento.

É possível perceber, portanto, por meio desses enunciados alçados à condição de aforizações, que o que mais importa nesse tipo de regime enunciativo é que um enunciado é *retirado* de uma enunciação para ser colocado em outra, o que sugere uma estratégia de captação de leitores⁹⁵, bem como corrobora o efeito de polifonia, uma vez que põe em cena diferentes locutores na construção do discurso. Dessa maneira, no caso das mídias, as aforizações não vêm à tona de qualquer maneira. Elas são motivadas. De acordo com Maingueneau (2013, p. 237),

- a aforização tem por efeito personalizar os enunciados, autenticá-los de algum modo. Em uma máquina midiática particularmente voltada para o testemunho direto, é preferível citar um enunciado atestado que ler um texto;
- tem também um efeito de dramatização: um enunciado enfático, que engaja uma tomada de posição forte convém particularmente à espetacularização midiática;
- permite chamar a atenção do público: atrai o olhar sobre uma página de jornal ou de revista, serve de ponto de partida para uma reportagem ou para uma entrevista televisiva;
- é econômica: o enunciado destacado deve condensar a mensagem da pessoa evocada. Ora, a questão do número dos enunciados é crucial nas mídias, que são rigorosamente formatadas;
- inscreve-se na evolução atual da imprensa escrita (...) que vai no sentido do estilhaçamento do texto em módulos curtos e do desenvolvimento visual. O enunciado destacado constitui um módulo elementar dessas páginas fragmentadas, simultaneamente lidas e vistas (MAINGUENEAU, 2013, p. 237).

Seguindo essa linha de pensamento maingueneauiana, o *corpus* desta pesquisa pode oferecer material para análise e reflexão acerca da aforização. A seguir, algumas delas foram selecionadas aleatoriamente para ilustrar esse funcionamento enunciativo. A intenção aqui não

⁹⁵ As aforizações não são a única maneira de captar o leitor. Mas é preciso ao menos indicar o fato de que elas são ligadas tanto ao sentido simbólico quanto ao sentido pragmático dos discursos jornalísticos (CHARAUDEAU, 2015), o que significa que a atividade de informação pode se valer: i) de uma lógica ligada à mídia de referência, na qual é possível identificar o sentimento de indignação (EMEDIATO, 2010); ii) de uma lógica mais direta e material na qual a visibilidade do evento pode(ria) passar por uma estratégia de dramatização (CHARAUDEAU, 2015). É possível, dessa forma, postular que a visada informativa cuja credibilidade, neste caso, passa pelas falas de sujeitos envolvidos com as *tragédias* é constituída, dentre outros aspectos, por uma preocupação de enfatização desses eventos em que o próprio discurso direto pode servir como estratégia de dramatização (MAINGUENEAU, 2011).

é a de analisar propriamente os enunciados destacados, mas evidenciar que os jornais, na atualidade, oferecem vasto material para essa reflexão. Assim temos:

Figura 20: Enunciado destacado da fala da ministra do meio ambiente sobre o impacto da lama em Abrolhos-BA.

FOLHA DE S. PAULO
SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2015. B1

cotidiano

Lama de Minas deve atingir área de 9 km de mar no Espírito Santo

Justiça determinou nova multa se mineradora não impedir chegada de rejeitos ao litoral. Pág. B4

Emergência
Estado aceita
rediscutir plano
se escolas forem
desocupadas
Pág. B6

“Que terá impacto lá, terá. Só vamos avaliar tudo depois que acabar”

IZABELLA TEIXEIRA
ministra do Meio Ambiente, sobre
possível impacto da lama no mar da
região de Abrolhos (BA), rica em
bancos de corais

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 20 de novembro de 2015.

Figura 21: Enunciado destacado da fala de um promotor marianense.

‘Não esperem nada da Vale’, diz promotor de Mariana

Carolina Linhares

BRUMADINHO (MG) “Não esperem da Vale nada. Vocês que vão conseguir, unidos, resolver o problema de vocês”, disse o promotor do Ministério Público de Minas Gerais, André Sperling, a cerca de 200 atingidos pelo rompimento da barragem da Vale, na sexta (25), em Brumadinho.

Na tarde desta segunda (28), os atingidos do bairro Parque da Cachoeira fizeram sua segunda assembleia sobre o caso e receberam orientação do Ministério Público, da Defensoria Pública, da Ordem dos Advogados do Brasil e do Movimento dos Atingidos por Barragens.

À noite, a companhia afirmou que doará R\$ 100 mil a parentes de cada vítima do rompimento da barragem (leia mais em Mercado). Autoridades confirmam 65

mortos e 279 desaparecidos. Uma funcionária da Vale, designada para ser o canal com a comunidade na assembleia, respondeu a questionamentos dos moradores, prometendo resolver problemas. Foi a primeira comunicação direta e efetiva da mineradora com os atingidos desse bairro desde sexta.

Lauriane Pereira, 34, perdeu a casa em que vivia com o marido e dois filhos. “Não levamos nem documento”, diz, ao narrar a correria quando viram a lama se aproximando. Cerca de 30 casas foram destruídas no bairro.

Ela não sabia, por exemplo, que existe um centro de apoio da Vale em Brumadinho, onde ela pode solicitar estadia em hotel. Atingidos e familiares de vítimas reclamam da falta de informações por parte da empresa.

“A gente tem uma bagagem



Atingidos pelo rompimento da barragem em assembleia para listar demandas à mineradora Vale. Carolina Linhares/Folhapress

do acidente de Mariana e muitos erros estão propensos a acontecerem aqui igual aconteceram lá. A nossa situação aqui é desde o início para tirar o protagonismo das empresas e passar para os atingidos”, disse Aylton Magalhães, defensor público.

vendo situações de Mariana.

No domingo (27), representantes da Vale estiveram no centro comunitário do bairro para cadastrar atingidos. O cadastro, porém, foi considerado insuficiente pelo Ministério Público em Mariana, por não conseguir abranger os danos sofridos pelas famílias.

Organizou-se então uma primeira assembleia e ficou definido que a comunidade, órgãos públicos e empresa se reuniriam novamente nesta segunda para listar demandas e estabelecer uma comissão de representantes.

“Não é o momento de fazer cadastramento com a Vale. Vocês vão buscar indenização por meio de uma assessoria técnica escolhida por vocês, com assistente social, advogado, engenheiro. Não é a Vale que vai dizer o direito que vocês têm, são vocês”, completou Sperling.

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 29 de janeiro de 2019.

Essas aforizações são do jornal *Folha de S. Paulo* e tratam respectivamente do rompimento da barragem de Mariana-MG, em 2015, e do rompimento da barragem de Brumadinho-MG, em 2019. Embora os dois sejam enunciados destacados de enunciações outras, têm mecanismos de funcionamento diferentes. Um está destacado ao lado do título do texto jornalístico, empregado como olho, enquanto o outro constitui o próprio título. Na prática, esses diferentes funcionamentos não retiram deles o *status* de estratégia de captação de leitores, tampouco modificam o regime de enunciação (aforizante). Ambas as aforizações têm como alvo levar a instância de recepção à leitura dos textos que as seguem.

Constituem, portanto, enunciados curtos que encerram em si mesmos mensagens importantes de pessoas envolvidas com as *tragédias*: a primeira, de uma especialista/política e

a segunda, de um especialista já experiente no que se refere às relações com a Vale S/A no trato com rompimento de barragem. Afinal, o promotor (do Ministério Público de Minas Gerais) seria um sujeito legitimado para falar com os atingidos. Aliás, essa aforização (fig. 21) tem uma curiosa execução. Enquanto enunciado destacado e constituinte do título da matéria jornalística, faz emergir uma possibilidade de interpretação, segundo a qual a Vale S/A não tomará providência alguma em relação aos atingidos. Entretanto, quando da leitura do texto, é possível interpretar também que a enunciação de origem não foca na ausência de atitude da empresa, mas na necessidade de união dos atingidos. Leiamos, na íntegra, a fala de onde essa aforização/título foi retirada⁹⁶: “Não esperem da Vale nada. Vocês que vão conseguir, unidos, resolver o problema de vocês” (FOLHA DE S. PAULO, 29 de janeiro de 2019).

Vemos que a aforização/título foi *recortada* dessa fala maior de Sperling e, portanto, *amputada* de seu sentido completo (obtido na junção dos dois enunciados). De qualquer forma, aforizações como essa são responsáveis por aguçar a curiosidade da instância de recepção e levá-la ao texto. Sobre isso, aliás, Maingueneau (2010) nos adverte em relação ao trabalho interpretativo/hermenêutico que o leitor tem ao se deparar com um enunciado destacado:

A descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho interpretativo. (...) Certamente, não se trata de uma hermenêutica tão rica e institucionalizada quanto a que acompanha os textos filosóficos, religiosos ou literários, mas é uma verdadeira “atitude hermenêutica” que leva os leitores ou os ouvintes a mobilizar certo número de estratégias interpretativas: partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar essa pertinência. Pouco importa qual seja a interpretação que ele construa, o essencial é que ele postule um além do sentido imediato e aja de acordo. Fazendo isso, o destinatário é chamado a justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento: o fato de esse enunciado ser apresentado em um regime aforizante leva o destinatário a legitimar a totalidade do quadro situacional (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

Via de regra, esse trabalho interpretativo não ocorre sem que o destinatário/leitor observe as imagens, especialmente fotos dos aforizadores (locutores aos quais é possível atribuir a *autoria* de tais enunciados), que acompanham esses enunciados destacados. Ainda é possível verificar mais alguns destacamentos nas páginas dos jornais, desta vez no *Estado de Minas* (figura 22):

⁹⁶ É preciso atentar que, embora a fala esteja entre aspas no corpo do texto jornalístico, ainda assim é uma representação do jornal sobre a fala do promotor de justiça André Sperling, ou seja, nada garante que se trata, efetivamente, de palavras ditas por ele, já que não temos acesso à enunciação primeira.

Figura 22: Enunciados destacados em reportagem.



Fonte: *Estado de Minas*, 15 de novembro de 2015.

As duas aforizações da figura 22 são parte de uma reportagem lançada pelo jornal *Estado de Minas* intitulada “Heróis anônimos de um drama sem fim”. Ela reúne narrativas de vida de pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, Mariana-MG. Cada uma das histórias está narrada com um subtítulo diferente na reportagem. Em duas delas, as aforizações representam a fala dos atingidos e, portanto, resumem em si mesmas as consequências da *tragédia* para essas pessoas. Funcionam como chamarisco para a reportagem e, além disso, mostram a foto dos locutores, legitimando o posicionamento do jornal que, neste caso, é o de realçar o lado das vítimas. Nesse sentido, consideramos as postulações maingueneauianas para quem

A presença muito frequente de fotos do rosto dos locutores ao lado das aforizações pessoais aparece como a manifestação de algo constitutivo. O rosto tem duas propriedades notáveis:

- (1) é a única parte do corpo considerada capaz de identificar o indivíduo como distinto de qualquer outro;
- (2) é, no imaginário profundo, a sede do pensamento e dos valores transcendentais.

A foto autentica a aforização do locutor como sendo *sua* fala, aquela que faz dele um Sujeito plenamente responsável. Ela acompanha naturalmente, portanto, a aforização. A foto do rosto também é, além disso, o produto de um destacamento, que elimina todo contexto situacional (roupa, lugar, momento...) que uma foto normal permite ver (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

O autor conclui que a foto e a aforização formam, juntas, um destacamento midiático. Dessa forma, a foto do rosto, desprovida de um “momento enunciativo”, passa a ser representativa do sujeito estável, e a aforização sugere valores persistentes ou, nas palavras do autor, “na duração atemporal do valor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 17). É o que parece acontecer na referida reportagem.

O diálogo entre a polifonia de Ducrot e a heterogeneidade discursiva proposta por Authier-Revuz, apesar de não ser exatamente novo – ver, por exemplo, a “releitura” feita por Maingueneau (1997) – mostra-se bastante produtivo, razão pela qual é retomado neste trabalho.

Além disso, como foi possível verificar nos exemplos desta seção, a ideia geral deste trabalho é a de mostrar o funcionamento da aforização e seus possíveis efeitos de sentido, que podem levar a reflexões sobre a instância de recepção idealizada pelos jornais, inscrita, dessa forma, no próprio texto. Esse diálogo é possível principalmente porque a responsabilidade da enunciação midiática recai em grande medida sobre o jornal, o “grande locutor”, instância autoral superior (MAINGUENEAU, 2013), que agencia os locutores (outros) na construção de seu discurso, trazendo à tona esses locutores em detrimento de outros que estariam igualmente disponíveis. Nesse caso, o jornal é o responsável por colocar em prática a dinâmica da aforização como uma de suas estratégias de captação de leitores, o que, por sua vez, nos auxilia a compreender a intenção de interpelação do sujeito enquanto leitor de matérias jornalísticas por meio desses enunciados destacados.

Como já foi dito em outros momentos deste trabalho, por intermédio das aforizações, é possível verificar as diversas falas dos sujeitos envolvidos com a temática das *tragédias*, corroborando as postulações sobre heterogeneidade enunciativa e efeito de polifonia. Essas falas, que se tornam títulos de textos jornalísticos, legendas de fotos e algumas vezes ficam “soltas” nas páginas dos jornais, são retiradas/destacadas de depoimentos, entrevistas etc. Além disso, insistimos, estão a serviço do posicionamento político-ideológico-discursivo dos jornais, visto que entram na lógica de sua construção discursiva por meio do modo como os jornais gerenciam essas vozes.

É válido, dessa maneira, destacar o funcionamento interativo da aforização, o qual pode ser compreendido na medida em que a busca da instância de produção por causar efeitos diversos sobre a instância de recepção são verificadas. Essa situação pode, inclusive, gerar um desacordo entre o locutor de origem (responsável pelo que é dito) e esse mesmo locutor tomado como aforizador de um enunciado destacado por terceiros – o jornalista, a equipe que produziu a matéria (em consonância com o posicionamento do jornal). É assim que numerosos locutores tornam-se aforizadores não por sua própria vontade, sendo produzidos como tais pelo próprio trabalho de citação. Trata-se de um fenômeno recorrente nas mídias contemporâneas (MAINGUENEAU, 2014) que, apesar de evocar efeito de fidelidade, dada à própria natureza

de discurso direto⁹⁷, pode deslocar o sentido original quando comparado aos efeitos de sentido possibilitados pelo destaque.

É imprescindível considerar ainda que “na maior parte das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando é destacado” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11). Lara corrobora a ideia de Maingueneau (2014), ao mostrar em seus trabalhos (ver LARA, 2013; 2014; 2016) que, no processo de destaque, os enunciados, frequentemente, sofrem cortes, acréscimos, substituições, mais (ou menos) significativos. Essa é uma questão que pretendemos também observar no *corpus* da pesquisa.

De qualquer forma, os locutores/aforizadores, no que diz respeito à temática de nosso estudo, se impõem nos textos, dada à gravidade dos acontecimentos, e tendem a evocar desde um *éthos* comprometido com um discurso mais técnico, como é o caso de parte das aforizações que ocorrem no jornal *Folha de S. Paulo*, até um *éthos* mais sensível, mais voltado ao patêmico, especialmente no que diz respeito aos enunciados destacados no jornal *Estado de Minas*, cuja preferência está em colocar na cena discursiva as consequências sociais dos dois rompimentos de barragem.

Dessa forma, partindo da premissa de que os enunciados destacados/aforizações são uma parte importante nos/dos textos midiáticos/jornalísticos, podemos verificar que o *Estado de Minas* e a *Folha de S. Paulo*, em suas construções discursivas sobre os rompimentos de barragem em Minas Gerais, são ricos em enunciados desse tipo. Antes de dar início às análises propriamente ditas, julgamos importante indicar a caracterização geral dos enunciados destacados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, bem como traçar o perfil de cada *locutor-jornal* em função dos enunciados que destaca e das relações que mantém com esses enunciados. É o que faremos nas duas próximas seções.

2.3 Enquadrando as aforizações: caracterização geral dos enunciados destacados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*

Para falar sobre os enunciados destacados dos jornais pautados neste trabalho, é preciso, previamente, traçar o perfil dessas aforizações. No intuito de abordar como se dá a interpretação das aforizações, Maingueneau (2014) faz observações bastante relevantes acerca do modo como

⁹⁷ Há um imaginário que leva a acreditar que o discurso direto seria mais fiel ao discurso original do que outros tipos de discurso citado, o que, sabemos, não passa de um efeito de sentido. Melhor ver, no discurso direto, apenas “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior” (MAINGUENEAU, 1991, p. 134).

as aforizações são tratadas pelos sujeitos interpretantes, em outras palavras, de seus “possíveis interpretativos” (CHARAUDEAU, 2015).

Maingueneau (2014) menciona que as aforizações podem ser *primárias* (provérbios, máximas etc., ou seja, aquelas que circulam de forma autônoma) e *secundárias* (destacadas de um texto, seja por destacamento forte, seja por destacamento fraco). Já comentamos que a grande maioria das aforizações examinadas nesta pesquisa parecem estar ligadas ao destacamento fraco, visto que podem ser encontradas nas notícias e outros gêneros da própria edição dos jornais (ver nota 89). No entanto, encontramos, às vezes, aforizações por destacamento forte. O jornal *Estado de Minas* faz uso desse tipo de aforização em algumas edições a exemplo do que ocorre na capa da edição do dia 01 de fevereiro de 2019, completada uma semana do rompimento da barragem de Brumadinho-MG. A capa reproduzida a seguir mostra, acima da manchete, um verso retirado de um poema de Carlos Drummond de Andrade sobre a mineração no estado de Minas Gerais. Nesse caso, por ter sido *recortado* de um poema relativamente conhecido e indicado como tal pelo jornal, estamos diante de um caso especial que compreendemos como uma aforização secundária por destacamento forte. Chama a atenção, nesse caso, a presença de um “aforizador” célebre – constituído como tal pelo próprio jornal – e que não está envolvido diretamente com o rompimento:

Figura 23: capa do jornal *Estado de Minas* com uso de aforização primária



Fonte: *Estado de Minas*, 01 de fevereiro de 2019.

Essa categorização das aforizações parece muito útil e importante quando se observam as ocorrências desses enunciados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*. Entretanto, tais ocorrências mobilizam muitos aforizadores, ou seja, sujeitos que são colocados pelos

jornais como fontes desses dizeres e, especialmente, dessas frases em destaque. Assim, a proposta que ora se faz é a de que, no que diz respeito ao enquadre interpretativo, é possível identificar, por meio dos diferentes aforizadores, bem como de sua própria temática, eixos temáticos que sugerem uma reorganização parcial desses enquadres no sentido de atender às demandas do objeto em pauta.

Além disso, é preciso observar que todo enunciado aforizado cuja temática se volta aos rompimentos das barragens mineiras nos jornais estudados é resultado de um manejo desses enunciados por parte do jornal(ista), que não perde de vista a visada informativa. Sendo assim, de certa maneira, o enquadre informacional que, de acordo com Maingueneau (2014) visa um *fazer saber*, é constitutivo de todas as aforizações: fazer saber (aos leitores) que os atingidos perderam seus bens e/ou seus familiares; fazer saber que os jornalistas testemunharam o acontecimento e visam a informar os leitores a esse respeito; fazer saber que o trabalho de resgate está sendo executado; fazer saber o que disseram os governantes; fazer saber as leis que podem ser aplicadas sobre os responsáveis; fazer saber das perdas memoriais e históricas decorrentes dos rompimentos, dentre outros. E toda essa visada é organizada por um sujeito com a capacidade de analisar o mundo, tal como a teoria maingueneuniana propõe, qual seja o jornal(ista). Além disso, em alguns exemplos, até mesmo os jornalistas se mostram, ao lado de especialistas, seres capazes de *analisar o mundo*. É preciso, ainda que de relance, mencionar uma especificidade desse fenômeno: ainda que essa visada de *fazer saber* seja constitutiva do próprio enunciado destacado, no lugar onde figura, em nosso caso, é viável e até mesmo útil teórico-metodologicamente falando, considerar que as aforizações derivam de uma maquinaria midiática global que indica que o *fazer saber* tenha pelo menos dois direcionamentos, quais sejam, o do próprio enunciado destacado e o da atividade jornalística como um todo.

A reorganização dos enquadramentos que é aqui proposta, para além de um debate teórico, é uma questão voltada às necessidades metodológicas da proposta de análise e não uma discussão rigorosamente técnica. Visa a facilitar uma classificação mais ou menos estabilizada dos enunciados em um arcabouço temático, muito embora suas orientações possam se entrecruzar sob a égide da grande visada do discurso do jornalismo (dito de) referência que é a de *fazer saber*. Tecidas essas observações, sigamos com a proposta de reorganização do enquadramento interpretativo das aforizações sobre os rompimentos das barragens mineiras.

Essa reorganização não modifica essencialmente a postulação maingueneuniana. Sob a égide de uma perspectiva informacional, dada à natureza do discurso jornalístico, essa reorganização, sempre do ponto de vista de um eixo temático e do próprio aforizador, varia de testemunhal a técnico-governamental, passando por um enquadramento artístico-cultural e por

um acional, bem como por um enquadramento vivencial, que contempla a fala dos atingidos em diferentes graus: moradores e trabalhadores, os que perderam parentes e os que perderam suas coisas etc. Algumas dessas falas destacadas orientam-se mais no sentido da opinião, outras têm dimensão simbólica, argumentativa, narrativa etc. e ainda podem ser classificadas como aforizações mais ou menos prototípicas. O emprego delas varia: ora em manchetes, ora em títulos de reportagens, notícias e entrevistas, ora em legendas de fotos, intertítulos ou olho, em posições paratextuais etc. Essas dimensões deverão ser abordadas durante as análises. Entretanto, para além disso, o trabalho procura inclinar-se para reflexões sobre como o jornal, enquanto um *locutor principal*, que atua como instância autoral em alguma medida, se aproxima, se afasta ou ainda se distancia dos enunciados que ele mesmo destaca. Essas questões serão abordadas adiante. Por ora, é preciso detalhar um pouco mais o enquadramento interpretativo proposto, bem como outras características gerais das aforizações.

Dessa forma, a observação de algumas regularidades possibilitou seguir com um enquadramento interpretativo de base, que contempla uma visada informativa geral, que, como já foi mencionado, é constitutiva do discurso jornalístico, e o desdobramento desse enquadramento em cinco linhas de frente mais recorrentes nesses enunciados destacados: o enquadramento testemunhal, o enquadramento vivencial, o enquadramento técnico-governamental, o enquadramento artístico-cultural e o enquadramento acional.

A princípio, a ideia era a de selecionar as aforizações de acordo com três enquadramentos: testemunhal, vivencial e técnico-governamental. Entretanto, na medida em que o exame dos enunciados avançava, surgiu a necessidade de adicionar os outros dois enquadramentos, o artístico-cultural e o acional. Isso porque o *Estado de Minas* reserva parte do espaço de suas publicações para depoimentos de pessoas com algum tipo de destaque cultural com o objetivo de veicularem suas impressões acerca dos acontecimentos. Além disso, há diversos enunciados que propõem alguma medida ou tomada de decisão a partir das *tragédias*, sugerindo um tratamento de ordem acional para essas ocorrências. Esses enquadramentos possuem aforizadores (*donos* das falas em destaque) diversos, como é possível conferir no quadro 1:

Quadro 1: Enquadramento interpretativo das aforizações sobre os rompimentos de barragens nos jornais <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>Estado de Minas</i> e seus aforizadores: visada informativa geral					
Testemunhal	Vivencial		Técnico-governamental	Artístico-cultural e religioso	Acional
Jornalistas (informativo)	Moradores	Trabalhadores	Engenheiros	Cantores	Políticos
Moradores	Famílias atingidas	Da Vale S/A	Economistas	Artistas	Especialistas
Sujeitos diversos	Agricultores	Da Samarco	Governantes (poder executivo)	Atrizes e atores	
	Famíliares de vítimas	Da Copasa	Gestores das empresas	Cartunistas	
	Indígenas	Bombeiros	Jornalistas (informativo)	Sacerdotes	

Fonte: Elaboração própria.

O enquadramento testemunhal, como afirma Maingueneau (2014) expressa as experiências de aforizadores. Neste caso, jornalistas, moradores e outros sujeitos envolvidos em diferentes níveis com os acontecimentos passam a ter suas falas destacadas pelos jornais e são elevados à posição de aforizadores. Entretanto, é preciso fazer uma ressalva. Durante o exame dos enunciados destacados, foi possível observar pelo menos dois tipos de testemunho quais sejam: i) daqueles que *viram* os acontecimentos e ii) daqueles que *viram* e *viveram* os acontecimentos. Nesse sentido, é preciso pensar no efeito de sentido do termo *testemunhal* que, no sendo comum indica(ria) *presenciar* ou ainda *declarar*, mas não necessariamente *participar* ou *vivenciar*. É por isso que indicamos a necessidade de uma espécie de desdobramento do enquadramento testemunhal, propondo uma nova categoria, o enquadramento vivencial. Nele, é possível observar os aforizadores que são os próprios atingidos pelos rompimentos, representados por figuras expressivas tais como moradores e trabalhadores. O enquadramento técnico-governamental, como o próprio nome sugere, tem como característica principal sua temática menos voltada ao envolvimento com os eventos e mais ocupada com uma temática técnico-especializada e/ou da ordem dos poderes político e jurídico e suas ações acerca dos acontecimentos. Também propomos o enquadramento artístico-cultural e religioso, cujos aforizadores são sujeitos do meio artístico ou ainda de autoridades religiosas que têm suas falas veiculadas pelos jornais. O enquadramento acional está bastante voltado às propostas e os aforizadores costumam ser os especialistas e os políticos. É nesse enquadramento que se encontram planejamentos e medidas a serem tomadas (nem sempre realizadas) a partir das *tragédias*.

A fronteira entre esses enquadramentos interpretativos é, como toda atividade humana, naturalmente fluida. Assim, é necessário mencionar que os enquadramentos interpretativos aqui propostos possuem potencial de se articularem e se “atravessarem”. Por exemplo, os bombeiros, além de figurarem como trabalhadores, também podem emitir pareceres técnicos sobre os resgates. Já os jornalistas, além de figurarem como testemunhas dos rompimentos em diversas ocasiões, ainda emitem avaliações técnicas como resultado de suas investigações. Assim, esses aforizadores podem aparecer tanto em um enquadramento como em outro. Isso dependerá em grande medida dos efeitos de sentido, das possibilidades interpretativas dos enunciados destacados e das relações que o locutor (jornal) mantém com os aforizadores.

Outras características das aforizações se vinculam a alguns dados gerais sobre esses enunciados, tais como seu emprego e sua orientação geral. Por orientação, entendemos as direções opinativas, a dimensão simbólica ou explicativa, dentre outras. Por emprego, entendemos os usos dos enunciados destacados, tais como quando são empregados em manchetes, títulos de notícias, reportagens ou entrevistas, intertítulos, posição paratextual (olho), legenda de fotos etc. Além disso, chamaremos a atenção para as aforizações no sentido de serem mais ou menos prototípicas. O quadro a seguir ajuda a sistematizar essas características:

Quadro 2: Outras características das aforizações		
Orientação	Emprego	Tipo
Opinativa	Manchete	(Mais) prototípicas
Explicativa	Posição paratextual (olho)	Menos/não prototípicas
Simbólica	Título/intertítulo/subtítulo de notícia, reportagem ou entrevista	
Narrativa	Legenda de fotos e/ou chamadas para <i>matérias</i>	
Argumentativa		
Descritiva		
Informativa		

Fonte: Elaboração própria, com base em Charaudeau (2016) e Maingueneau (2014).

2.4 Perfil da mobilização dos enunciados destacados: o papel do *locutor-jornal* e suas relações com as aforizações

Antes de dar início às análises propriamente ditas, vale recuperar algumas noções que as norteiam para abordar brevemente o perfil do jornal enquanto mobilizador de discursos diversos através de aforizações. Nesse sentido, é possível lembrar que as aforizações são enunciados destacados que advêm de discursos outros, configurando-se como discurso direto, vinculado à presença de um sujeito de discurso que o jornal(ista) traz à tona, o qual denominamos locutor outro ou ainda aforizador.

A maquinaria midiática, que engloba os jornais, implica uma relação entre o próprio discurso jornalístico e os discursos extrínsecos a ela que, combinados através da materialidade do produto, têm a finalidade de informar. Dessa maneira, por implicar relações externas ao discurso, mobiliza diferentes vozes trazendo a presença do outro através, dentre outros fenômenos discursivos, da apropriação de suas falas. Coloca, dessa maneira, as palavras do outro em seu(s) discurso(s), gerindo-as a seu modo, em concomitância com seu posicionamento discursivo, ideológico, editorial etc. Essa atividade acontece sob a pretensão de uma imparcialidade, imputada típica e deontologicamente ao jornalismo de referência e reforçada, muitas vezes, pela própria atividade jornalística e pela construção de seu *éthos*.

Entretanto, é preciso compreender que a apropriação de falas por meio de enunciados destacados não se dá de outra forma senão ancorada nas intencionalidades dos veículos midiáticos e, dentre elas, o objetivo de despertar na instância de recepção a afetividade e o desejo pela leitura. No que diz respeito às aforizações, esse processo ocorre, via de regra, pelo destacamento de “pequenas frases” em discurso direto. Isso não significa, no entanto, que as aforizações sejam necessariamente compostas por uma frase única. Uma sequência longa é perfeitamente passível de destacamento, ainda que se afaste da prototipicidade de uma aforização. Nesse caso, Lara (2014), por exemplo, fala em “aforizações periféricas”.

Como essas frases não possuem, a princípio, relações de coesão com outras que se ligariam a elas, dada à própria natureza do destacamento, mobilizam os mais variados efeitos de sentido, o que sugere que a ocorrência das aforizações serve como importante modo de chamar a atenção do leitor em potencial. Essas frases em destaque indicam, além da alteridade natural a esse processo de destacamento, a noção de que os jornais mobilizam dizeres outros e, ao fazer esse movimento, atribuem aos sujeitos que *falam* (em discurso direto) a autoria dos enunciados que destacam. Esse postulado, como vimos, passa até mesmo pela discussão sobre a fidelidade do jornal(ista) ao sentido original desses enunciados. Entretanto, o que interessa

muito de perto para este trabalho é o fato de que o uso de discurso direto em enunciados destacados instaura um efeito de fidelidade, já que a característica principal atribuída ao discurso direto é a de transcrever uma fala tal como foi pronunciada.

Dessa forma, compreendemos que a ocorrência de diferentes vozes no discurso dos jornais é parte constitutiva de nossas análises. Aliás, o próprio conceito de polifonia e dialogismo bakhtiniano já cuida de observar esse fenômeno, como já discutimos anteriormente. O esboço de uma teoria polifônica da enunciação proposto por Ducrot (1987) também aborda a problemática do ponto de vista interno ao enunciado. Além disso, há que se considerar que os jornais, ao mobilizarem tais discursos, relacionam-se de alguma forma com eles. Não é o postulado de base deste trabalho pensar em hierarquização dessas vozes, mas é imprescindível observar que, de um modo geral, o discurso jornalístico, ao mesmo tempo em que noticia, aborda temas, editorializa e/ou faz chamadas para diferentes matérias (reportagens, notícias, entrevistas etc.), convoca diferentes *pontos de vista* (e aqui nos comprometemos mais com o senso comum da expressão), tecendo com eles relações de acordo, desacordo ou (aparente) neutralidade.

Entretanto, que relações o locutor principal, doravante locutor jornal⁹⁸, mantém com as vozes que convoca? Onde e em que circunstâncias discursivas o locutor jornal mobiliza essas vozes? A quem elas são atribuídas? Ao que parece, nas aforizações, o jornal, enquanto locutor que coloca em pauta outros discursos através do discurso direto, implementa essas vozes no intuito de: i) corroborar seu próprio ponto de vista a partir do qual constrói todo seu discurso que se traduz em diferentes gêneros jornalísticos; ii) conferir *pontos de vista* aos diferentes aforizadores que coloca em cena; iii) abordar as temáticas a partir de diferentes falas, ao mesmo tempo em que tece com elas diferentes relações, muito embora o faça a partir de um efeito de sentido de *relato dos fatos*.

Esse efeito, por sua vez, é de suma relevância, já que tende a reforçar à instância de recepção que o veículo não fala por si mesmo, o que reforçaria o *éthos* de um jornal de

⁹⁸ É importante mencionar que o fato de que há diversos textos jornalísticos assinados por um ou mais jornalistas, a princípio sugere a ideia do locutor jornalista individual. Todavia, é importante salientar que, em nosso trabalho, embora os jornalistas sejam, com efeito, os sujeitos produtores desses textos, eles o fazem sob a égide da linha editorial do jornal enquanto instituição midiática. A menos que se trate de textos especificamente assinados por sujeitos individuais diversos, como é o caso de algumas colunas de *ombudsman*, o jornal é o responsável pelo conteúdo. Há marcas mais ou menos sutis no tocante ao fenômeno de comprometimento com o conteúdo, interessante tema para ser futuramente explorado, como quando um jornal sinaliza que determinado texto foi produzido por um “estagiário sob supervisão” ou quando menciona abertamente que não é responsável pelo que é dito por sujeitos individuais. Esse mecanismo de *desinscrição* pode ser exemplificado pelo programa “Grande Debate” da rede CNN. Nele, a apresentadora enfatiza que as ideias ali desenvolvidas “não refletem necessariamente a posição da emissora”.

referência. Desse ponto de vista, tal premissa substancia projetos democráticos, tais como o de ceder espaço a todas as vozes da sociedade. Isso, por consequência, reforçaria o imaginário de que todo discurso que veicula pensamentos advindos de diferentes fontes é mais bem fundamentado do que aquele que fala arbitrariamente. Essa observação, aliás, é constitutiva do lado deontológico que apregoa a importância da ética na atividade jornalística, o que efetivamente não garante caráter antiautoritário a nenhum veículo de informação, sendo necessário, para tanto, fazer um exame mais criterioso da questão. Apesar disso, importa salientar que “o jornal de referência caracteriza-se por uma relação deontológica regulada com a figura do cidadão e sua ética” (EMEDIATO, 2010, p. 84). A questão levantada é enfatizar a ideia de que a veiculação de vozes confere aos jornais um efeito polifônico.

Em nosso caso, nas análises que seguem, há sempre, pelo menos, duas vozes que se correlacionam: a do locutor jornal e a do locutor por ele mobilizado, que é “transformado” em aforizador pelo próprio trabalho de citação, como afirma Maingueneau (2014). Assim, é importante compreender que os locutores postos em cena nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas* vão além de meras entidades textuais. Eles figuram como parte integrante dos discursos, revelando que esses jornais se valem de seus (dos locutores) enunciados, a partir de suas próprias convicções editoriais e do modo como objetivam chamar a atenção de sua instância de recepção.

O próximo capítulo tratará de analisar os enunciados destacados que indicam os enquadramentos interpretativos mais recorrentes nas edições analisadas dos dois jornais.

CAPÍTULO 3: ANÁLISES DE ENUNCIADOS DESTACADOS NOS JORNAIS

FOLHA DE S. PAULO E ESTADO DE MINAS

Este capítulo foi reservado para que sejam tecidas análises que representam o percurso teórico empreendido até aqui⁹⁹. Nele será possível encontrar enunciados destacados proferidos não apenas por sobreviventes e atingidos pelos rompimentos das barragens, mas também por atores políticos, especialistas, socorristas e repórteres. Apesar de destacados, nem sempre esses enunciados correspondem integralmente às características das aforizações prototípicas¹⁰⁰, propostas por Maingueneau em seus diversos trabalhos, daí a intenção de apontar para tais ocorrências como mais ou menos prototípicas uma vez que admitimos com Maingueneau (2012) que a aforização *pura* não existe. Entretanto, é de vital importância, ainda que pareça evidente, frisar que esses enunciados ocorrem a partir do discurso relatado, mais precisamente do discurso direto. Com ou sem aspas, com ou sem verbos dicendi, esses enunciados são trechos que, a princípio, parecem ter sido retirados da fala de um sujeito envolvido em alguma medida com as *tragédias*. Cabe lembrar que o fato de se encontrarem em discurso direto não dá garantia de que sejam, de fato, transcrições literais dessas falas. O que interessa ao trabalho é que são representativos desses sujeitos e são constitutivos dos gêneros jornalísticos na medida em que auxiliam na construção discursiva dos jornais.

O *corpus* da pesquisa, como já foi dito, compreende um conjunto de edições dos jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* no período que compreende os 30 dias pós-rompimento de barragens em Minas Gerais, especificamente, notícias, reportagens e entrevistas que envolvem aforizações. Trata-se, a nosso ver, do período mais significativo e prolífico para a produção de matérias sobre as *tragédias*, tendo em vista que, por terem acabado de acontecer, elas estão – ou, pelo menos deveriam estar – em maior evidência. A partir desse *corpus*, selecionamos aforizações de diferentes enquadramentos interpretativos que, para além de corresponderem ao modo como os jornais representam os sujeitos envolvidos com os

⁹⁹ Em princípio, pensamos em tratar, separadamente, das aforizações do *Estado de Minas* daquelas da *Folha de S. Paulo*, ou ainda em abordar os dois rompimentos em capítulos distintos. No entanto, a forma como as análises foram sendo conduzidas, muitas vezes de forma comparativa, levou-nos a mantê-las em um único capítulo, o que, somado às muitas imagens ilustrativas que foram recortadas dos dois jornais tornou o capítulo um pouco mais extenso do que prevíamos.

¹⁰⁰ Lara (2013, p. 10), ao retomar as características prototípicas da aforização maingueneuniana (MAINGUENEAU, 2014), aponta alguns indícios desse fenômeno discursivo: “índices textuais (preferências por enunciados que se reduzem a uma única frase); índice lexicais (presença de verbos como repetir e martelar, que ressaltam o caráter memorizável da aforização); índices aspectuais (caráter genérico do enunciado); índices sintéticos e prosódicos (construções simétricas, em quiasma...); índices semânticos (presença de tropos: metáforas, paradoxos...), entre outros”. A autora lembra, no entanto, como assinalamos aqui, que a aforização *pura* não existe, o que nos obriga a raciocinar em termos de aforizações mais ou menos prototípicas.

acontecimentos bem como o modo como suas falas são representadas, facilitam o percurso metodológico das análises. As edições que estão contempladas na pesquisa são as seguintes:

- Rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG: selecionadas digitalizações de edições de 06 de novembro de 2015 a 29 de novembro de 2015 do jornal *Estado de Minas*; e selecionadas edições de 06 de novembro a 05 de dezembro de 2015 do jornal *Folha de S. Paulo*;
- Rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG: selecionadas edições de 26 de janeiro a 25 de fevereiro de 2019 dos jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo*.

Cabe aqui uma ressalva importante quanto aos dados obtidos no *Estado de Minas*: as edições do jornal que sucederam ao rompimento da barragem em Mariana-MG, no ano de 2015, não contam com as trinta edições diárias. Isso porque, como funcionários do *Estado de Minas* nos advertiram, essas edições de jornal impresso – digitalizadas e disponibilizadas em acervo digital – foram perdidas devido a um ataque de *hacker* ao *website* do jornal.

Sendo assim, fazemos uso das digitalizações de Nathalia de Souza Ferreira (a quem agradecemos a disponibilidade de seu valioso trabalho) que, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique de Aguiar Mendes (DELET/UFOP) e fomento do Programa de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da FAPEMIG, desenvolveu importante trabalho intitulado “Análise discursiva da narrativa midiática sobre o rompimento das barragens de rejeitos da Samarco em Mariana (MG)”. No referido trabalho, a autora fez importantes digitalizações de edições que foram usadas como objeto de estudo sobre o modo como o jornal *Estado de Minas* construiu a narrativa discursivo-midiática da *tragédia* em Mariana-MG. Por meio dessas digitalizações, portanto, tivemos a oportunidade de apreender as aforizações referentes ao período que cobre 23 edições a partir do rompimento da barragem de Fundão.

A consulta às outras edições tanto do jornal *Estado de Minas* quanto do jornal *Folha de S. Paulo* advêm: i) de assinatura e aquisição de exemplares físicos referentes ao rompimento da barragem de Brumadinho–MG do jornal *Estado de Minas*; ii) da consulta ao acervo digitalizado da *Folha de S. Paulo*, bem como da aquisição de exemplares físicos desse jornal referentes ao rompimento da barragem de Brumadinho–MG.

Em todas essas edições foi realizada uma consulta minuciosa em busca de enunciados destacados em discurso direto sobre a temática das barragens. Chegamos, assim, a um total de 293 aforizações. Dada a inviabilidade de examinarmos detidamente um número tão expressivo de aforizações (mesmo em se tratando de uma tese de doutorado), retivemos para análise, neste

capítulo, 28 do *Estado de Minas* e 11 da *Folha de S. Paulo* por julgá-las representativas dos já citados enquadramentos interpretativos (ver seção 2.3.). É preciso advertir o leitor de que esse número aparentemente discrepante resulta do fato de que o *Estado de Minas* mobiliza mais a aforização como estratégia discursiva do que a *Folha de S. Paulo*, pelo menos no que diz respeito aos eventos focalizados na presente pesquisa, o que, evidentemente, tem a ver com o próprio posicionamento assumido por cada jornal em relação ao rompimento das duas barragens, como vimos no capítulo anterior. O jornal mineiro se vale inclusive de agrupamentos ou blocos de aforizações (ou seja, enunciados destacados que figuram em uma mesma página e/ou fazem parte de um mesmo texto jornalístico).

Ora, se a *Folha de S. Paulo* faz menos uso de aforizações, isso não implica que elas não apareçam com regularidade nas *matérias* desse jornal. Porém, as poucas ocorrências de agrupamentos de enunciados destacados, como é costume do *Estado de Minas*, coloca a *Folha de S. Paulo* em aparente desvantagem no número de enunciados analisados. Nesse sentido, vale lembrar que nossa pesquisa não é quantitativa, mas qualitativa e interpretativa, o que, a nosso ver, justifica os *recortes* feitos. É importante ainda mencionar que as aforizações analisadas neste capítulo são diferentes das aforizações já mencionadas e/ou brevemente analisadas nos capítulos anteriores. Isso se deve ao fato de que foi necessário que utilizássemos os destacamentos como material de ilustração e/ou representação dos conceitos trabalhados nos capítulos anteriores.

Partindo desse postulado, nos dedicaremos, a seguir, às análises dos enunciados destacados/aforizações sob a égide dos cinco enquadramentos sobre os quais já dissertamos, quais sejam: o enquadramento testemunhal, o enquadramento vivencial, o enquadramento técnico-governamental, o enquadramento artístico-cultural e o enquadramento acional.

3.1 Análises dos enunciados destacados

Tecidos esses breves comentários, a partir de agora serão propostas análises dos enunciados destacados. As seções serão separadas a partir dos enquadramentos interpretativos sugeridos anteriormente.

Não existe uma razão específica para que iniciemos as análises pelo enquadramento testemunhal. A ordem dos enquadramentos retrata apenas a própria ordem das aforizações observadas durante o trajeto da pesquisa.

3.1.1 O enquadramento testemunhal

Como já foi mencionado, o enquadramento testemunhal decorre de uma experiência do aforizador com o acontecimento em pauta. Em um primeiro momento, seria possível conceber o enquadramento testemunhal como englobando o enquadramento vivencial. Entretanto, há uma ligeira distinção entre o conteúdo desses enunciados: alguns focam a experiência a partir do que viveram durante o acontecimento, outros focam suas experiências a partir do que viram, mas não viveram. A distinção se torna necessária a partir daí. Nesta subseção, as aforizações serão examinadas pela ordem cronológica dos rompimentos. Fazemos isso apenas para tornar a exposição mais didática. Cada enquadre interpretativo, entretanto, possui determinadas características que demandam observações específicas. Assim, a cada enquadramento, procuraremos esclarecer o leitor quanto a essas especificidades.

O quadro a seguir dá uma visão geral do modo como esses enunciados serão abordados nesta subseção do capítulo. São, ao todo, seis enunciados destacados (ou grupos de enunciados), intercalados entre publicações do *Estado de Minas* (*EM*) e da *Folha de S. Paulo* (*FSP*). Alguns deles estão reunidos por se apresentarem agrupados nas próprias publicações dos jornais:

Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
“Ficamos isolados como muitos moradores” (Mateus Parreiras)	Olho	<i>EM</i>	07/11/2015	Mariana
“Muitos homens não aguentaram trabalhar”, diz servidor (Gerbus Siqueira, servidor da Defesa Civil Municipal de Rio Doce)	Linha fina	<i>FSP</i>	02/12/2015	Mariana
“Presenciei novamente o que vi em Mariana. Destruição, choro e desespero de parentes atrás de desaparecidos” (Mateus Parreiras, jornalista do <i>Estado de Minas</i>) “Acompanhei a agonia das famílias com a chegada de cada um dos ônibus da Vale com os sobreviventes” (Renan Damasceno, jornalista do <i>Estado de Minas</i>)	Olho	<i>EM</i>	26/01/2019	Brumadinho

Quadro 3: Enunciados destacados sob o enquadramento testemunhal (continuação)				
<p>“A informação que eu tive é que o canteiro de obra tampou. Na hora que fiquei sabendo, até arrepiei. Graças a Deus me mandaram embora. Melhor a vida que o emprego” (William Novato da Silva, ex-funcionário da Vale)</p> <p>“Eu só vi a lama quebrando tudo. Lá de casa eu escutei o barulho e vim correndo” (Marcio Palhares da Silva, morador da região que se ofereceu para ajudar nas buscas)</p>	Olho	FSP	26/01/2019	Brumadinho
<p>“Vi muita mãe de família pegando o celular, chorando com filho desaparecido” (Francisco “Paraíba”, vendedor)</p>	Olho	EM	26/01/2019	Brumadinho
<p>[...] O vilarejo parecia um grande velório. Não havia os gritos de desespero nem o choro convulsivo que eu esperava encontrar em uma zona de guerra arrasada. O que se viam eram pessoas atônitas com a notícia do desaparecimento de tantos parentes, amigos e vizinhos, andando de lá para cá, se reunindo em pequenos grupos nas esquinas” (José Antônio Bicalho, jornalista que vive em Minas Gerais e que foi um dos primeiros a chegar ao Córrego do Feijão)</p>	Olho	FSP	30/01/2019	Brumadinho

Fonte: Elaboração própria.

- 1) “Ficamos isolados como muitos moradores” - Mateus Parreiras (ESTADO DE MINAS, 07 de novembro de 2015).

Figura 24: Recorte da capa do *Estado de Minas* com enunciados destacados.



Fonte: *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2015.

O enunciado destacado em uma faixa preta com letras brancas, em itálico, na lateral direita inferior da capa do jornal, como vemos na figura 24¹⁰¹, tem como aforizador o repórter Mateus Parreiras, que fala de si e do colega Juarez Rodrigues, utilizando, portanto, o nós exclusivo (= eu + ele). Como há certo comprometimento das páginas por conta das digitalizações que mencionamos anteriormente, não nos foi possível verificar o título da reportagem no jornal impresso. Entretanto, com o auxílio da tecnologia e dos *sites* de busca, encontramos o mesmo texto na versão *on-line* do jornal¹⁰², cujo título é “Por dentro da destruição: repórter do EM percorre distrito de Bento Rodrigues”. Verificamos as duas versões do texto (impressa e *on-line*) e notamos que não há diferença entre elas. No enunciado destacado, é possível perceber alusão à condição dos moradores de Bento Rodrigues em relação de certa equivalência à condição do aforizador: tanto os primeiros quanto o segundo se encontravam isolados, fosse pela lama ou pelo bloqueio dos caminhos que levavam até o povoado, devido às equipes de resgate que cercavam o local. Entretanto, essa equivalência tem suas singularidades, especialmente se se leva em consideração o tipo de enquadramento interpretativo desta aforização.

A reportagem, assinada pelo aforizador, é introduzida a partir da ideia de que apenas um observador poderia dar conta de descrever o grande problema em que estava envolvido o vilarejo de Bento Rodrigues. Nesse sentido, o enquadramento testemunhal parece adequado. No entanto, se se observam os detalhes no desenvolvimento da reportagem, observa-se que o jornalista coloca-se como parte quase integrante dos sujeitos atingidos, como é possível conferir no seguinte excerto:

Quem diria que, numa tentativa de me aproximar dessa comunidade isolada depois do rompimento de duas barragens de minério, seria arrancado da posição de espectador e sentiria o gosto amargo de estar também cercado por obstáculos e sob a ameaça de novas inundações de lama contaminada?

Tal sequência parece deslocar o enquadramento. Entretanto, ainda que o jornalista se coloque pessoalmente na posição de vítima, sua motivação para estar no local é determinante: não se trata de alguém que vivia na região ou que foi diretamente atingido pelo rompimento; ao contrário, trata-se de um sujeito que enquanto *ser no mundo* colocou-se sob risco para levar ao jornal *Estado de Minas* e a seus leitores um relato que visasse a proximidade com a realidade

¹⁰¹ Figura 24: <https://drive.google.com/file/d/19qNbyMz2Lr1BaNI65venLP3D2Rxj5Y8/view?usp=sharing>

¹⁰² Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/07/interna_gerais,705438/por-dentro-da-destruicao-reporter-do-em-percorre-distrito-de-bento-ro.shtml. Acesso em 03/03/2022.

dos atingidos. O próprio enunciado destacado na capa do jornal sugere essa distinção: “Ficamos isolados **como** muitos moradores”. A conjunção comparativa em destaque não permite fundir jornalistas e moradores. O termo sugere certo tipo de comparação, deixando transparecer a distinção entre essas duas categorias. A separação entre jornalista e moradores é decisiva no fechamento da reportagem. Do ponto de vista do jornalista, enquanto narrador, sua experiência não passava de uma “amostra” da trágica situação:

*Eram de um distrito vizinho, Antônio Pereira, e apesar de não pilotarem helicópteros, nos salvaram mostrando uma picada na mata fechada, por onde nos conduziram praticamente exauridos de nossas forças até a segurança da estrada além do lamaçal. Veja então, que ainda que tenha sentido o gosto do isolamento, **minha situação era apenas uma amostra do que vinham enfrentando os moradores de Bento Rodrigues**, que nem sequer tinham picadas por onde escapar (grifo nosso).*

A reportagem inicia-se em primeira pessoa: um *eu* discursivo identificado ao jornalista que decidiu direcionar-se a pé até o vilarejo de Bento Rodrigues, devido às restrições nas estradas impostas pelas autoridades e equipes de resgate. E continua, transformando a primeira pessoa do discurso em um “nós” (exclusivo), o qual adiciona à narrativa o fotógrafo do *Estado de Minas*. A matéria narra o difícil percurso dos dois em busca de alcançar o vilarejo por caminhos alternativos. O difícil trajeto culmina na descrição da condição do vilarejo e finaliza narrando os percalços da volta, quando eles já estavam cansados e com pouca água reservada. O excerto da reportagem transcrito acima aborda o momento em que, perdidos, os dois personagens da história se encontram com um grupo de lavradores que mostraram um caminho (picada) de volta. A conclusão a que chega o jornalista (em excerto no qual volta à primeira pessoa do singular) é a de que sua experiência em busca do vilarejo não pode ser nivelada ao drama dos moradores de Bento Rodrigues.

O texto parece construir-se em uma dimensão argumentativa, apesar de ser organizado, na maior parte, no modo narrativo (CHARAUDEAU, 2016a). A narrativa, entretanto, é utilizada no intuito de instaurar entre o locutor jornal, instância de produção desse discurso, e o leitor potencial, instância de recepção, uma relação de persuasão. A narrativa é uma estratégia discursiva de *busca de racionalidade* tanto quanto uma *busca de influência* que objetiva convencer o leitor (CHARAUDEAU, 2016a) da gravidade do evento e do sofrimento dos moradores atingidos.

Voltando os olhos especificamente para a aforização, é importante notar que o enunciado destacado na capa da edição não se encontra no interior da reportagem, parecendo,

ter sido *fabricado* pelo jornal¹⁰³. Ele descreve a situação do repórter e do fotógrafo e é empregada em posição paratextual, na capa da edição. Ocorre, portanto, a nosso ver, uma aforização que deriva de uma *ideia* e não propriamente de um enunciado *ipsis litteris*. Não é possível estabelecer uma motivação para esse fenômeno discursivo, porém as pesquisas de Lara (2014; 2015; 2016) comprovam que as mídias (nesse caso, revistas impressas) recorrem a ele, com alguma frequência, para destacar algo que (supõe-se) seja digno de atenção – no nosso caso, a fala de um legítimo representante do locutor jornal.

O enunciado a seguir, embora seja de enquadramento testemunhal, tem outro tipo de aforizador. Enquanto o *Estado de Minas* aforiza a fala do jornalista, enviado especial à região do rompimento da barragem, a *Folha de S. Paulo*, apesar de também ter seus enviados especiais, escolhe aforizar a fala de um servidor público.

- 2) “Muitos homens não aguentaram trabalhar”, diz servidor - Gerbus Siqueira, servidor da Defesa Civil Municipal de Rio Doce – MG (FOLHA DE S. PAULO, 02 de dezembro de 2015).

Este enunciado encontra-se destacado em linha fina do jornal *Folha de S. Paulo* em edição do dia 02 de dezembro de 2015. A reportagem assinada por dois jornalistas enviados especialmente à região do rompimento da barragem para acompanhar seus desdobramentos narra a história do homem e de alguns colegas que trabalharam no resgate de alguns corpos que, arrastados pela lama, pararam naquela região. A figura 25 auxilia a localização do enunciado destacado em discurso direto:

Figura 25: título de reportagem e aforização na linha fina

Cidade mineira símbolo do rio Doce reteve cadáveres e destroços de barragem

“Muitos homens não aguentaram trabalhar”, diz servidor; maior município na rota da lama ainda tem fila de até 2 horas por água

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 02 de dezembro de 2015.

O enunciado só pode ser apreendido em uma construção contextual a partir do diálogo que estabelece com o título da reportagem, qual seja “Cidade mineira símbolo do rio Doce

¹⁰³ Poderia também tratar-se de um destacamento forte: essa fala teria ocorrido em outro momento/outro discurso a que o leitor não tem acesso imediato. Entretanto, o fato de se tratar de uma espécie de enunciado-resumo da reportagem parece sugerir sua *fabricação* pelo jornal, a fim de atrair o leitor.

reteve cadáveres e destroços de barragem”. Nesse sentido, vale mencionar que o verbo “aguentar” não se refere ao peso físico do trabalho, mas às marcas emocionais que o sintagma “reteve cadáveres” evoca a partir dessa relação.

A reportagem é iniciada com uma descrição da chegada da lama e da motivação das pessoas que se encontravam sobre a ponte quando isso ocorreu:

Quando a avalanche de lama estava prestes a entrar na formação do rio Doce, no município homônimo a 91km de Mariana (MG), Gerbus Siqueira e dezenas de outros homens a esperavam na ponte de entrada da cidade.

Ele, como funcionário da Defesa Civil municipal. A maioria dos outros, por mera curiosidade.

Essa introdução descritiva parece ser deliberadamente preparada pelo locutor jornal enquanto um sujeito discursivo narrador com vistas a preparar a instância de recepção para uma narrativa dos fatos. Entretanto, uma sequência, mantendo o discurso ainda no nível do locutor jornal, sugere uma tomada de posição:

O município não foi avisado pela mineradora Samarco, presidida por Ricardo Vescovi. O frenesi, porém, já estava instalado desde a noite anterior, quando circulou a notícia da vinda de mais de 40 bilhões de litros de rejeitos da barragem em Mariana.

A visada dessa sequência sugere uma crítica à postura da mineradora que, do ponto de vista do locutor jornal, não cumpriu seu papel. Este é um aspecto importante, pois, é por meio de introduções como esta que se torna possível perceber que a voz do jornal não se opõe à orientação simbólica do enunciado que aforiza, tampouco à voz do aforizador.

O texto continua dando sequência ao acontecimento da chegada da lama à região e introduz, então, a voz do aforizador que participou do resgate de alguns corpos. O trecho que traz ao discurso o ponto de vista do servidor é relativamente longo: narra parte do resgate do menino Tiago Damasceno, levado pela lama e encontrado na região, além de outros resgates tão ou mais dramáticos:

Pelo menos seis corpos foram encontrados num raio de 15 km. Gerbus participou de alguns resgates.

O mais triste, conta, foi retirar do rio o cadáver de Tiago Damasceno Santos, 7, que vivia em Bento Rodrigues, distrito de Mariana destruído.

“O corpo estava perfeitinho, sem roupa, como todos os outros. A sorte foi que ele ficou preso em uma pedra enlameada. Quer dizer, sorte para a família, que pôde ao menos enterrá-lo”, completa.

“Também encontramos um corpo que só existia da cintura para cima, já estava em putrefação. Foram dias horríveis, muitos homens não aguentaram trabalhar. Em um dos resgates, precisamos ficar horas ao lado do corpo até o rabeção chegar de Mariana para a perícia, pois os cachorros ameaçavam comer o cadáver”, relembra.

Cabe notar que, apesar da parte inicial desse trecho não figurar entre aspas, o verbo dicendi “conta” deixa claro para o leitor que não se trata do ponto de vista do jornal. Ele funciona como parte de um discurso indireto (“ele [Gerbus] conta que...”), o que reforça a visada informativa do jornal por, ao menos na materialidade do texto, não tecer com ele relações de desacordo. Em seguida, aparece o discurso direto, sinalizado, claramente, pela presença de aspas e pelos verbos dicendi “completa” e “relembra”, corroborando e complementando, então, o que vinha sendo narrado. Trata-se de duas falas de Gerbus, o que comprova a heterogeneidade da sequência. O locutor jornal enquadra-se, assim, em uma função de reprodutor/organizador das falas de outrem, o que lhe confere credibilidade – porque dá espaço para quem viu, de perto, dizer o que viu – e reforça seu *éthos* de jornalismo de referência. Também é preciso dizer que a aforização, na linha fina da reportagem, tende a ser mais prototípica especialmente no que diz respeito à sua extensão curta. Seguem mais duas aforizações oriundas do *Estado de Minas*, mas agora sobre o rompimento da barragem em Brumadinho-MG:

- 3) “Presenciei novamente o que vi em Mariana. Destruição, choro e desespero de parentes atrás de desaparecidos” Mateus Parreiras, jornalista do *Estado de Minas*.

“Acompanhei a agonia das famílias com a chegada de cada um dos ônibus da Vale com os sobreviventes” - Renan Damasceno, jornalista do *Estado de Minas* (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Esses dois enunciados estão destacados na parte inferior da capa do *Estado de Minas* no dia subsequente ao rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG. Os enunciados estão em posição paratextual na capa da edição, como é possível conferir na figura 26, ou seja, não constituem títulos de textos jornalísticos ou mesmo legenda de fotos.

Figura 26: Recorte da capa *Estado de Minas* no dia que sucede o rompimento da barragem em Brumadinho-MG



Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

Os dois enunciados comportam um modo de organização mais voltado para o descritivo, uma vez que se referem ao que foi visto (CHARAUDEAU, 2016a) pelos aforizadores. Em relação ao primeiro, é possível ratificar o enquadramento testemunhal via verbo em primeira pessoa: “presenciei”. Aliás, o verbo em primeira pessoa torna a aforização menos generalizante, sugerindo um enunciado destacado menos prototípico. De qualquer forma, o enunciado não perde de vista a ideia da aforização, que é a de chamar a atenção do leitor. Nesse caso, isso ocorre por meio de um efeito de sentido patêmico. Expressões como “destruição”, “choro” e “desespero” são ilustrativas desse efeito.

Embora se trate de um enunciado cujo aforizador é o próprio jornalista, a ideia do desdobramento da voz do jornal através de seus enviados especiais corrobora um ideal polifônico. O enunciado encontra-se em posição paratextual, na capa do jornal. Aliás, há quatro enunciados destacados na capa, como é possível atestar por meio da figura 26, circundando o lide da manchete “Outro Crime”. Os enunciados que estão ao lado direito do leitor referem-se ao enquadramento testemunhal, ou seja, os aforizadores são enviados ao local da *tragédia* para falar sobre suas impressões. Já os que se encontram ao lado esquerdo do leitor, embora também tenham aforizadores jornalistas, enquadram-se em uma temática técnica devido a seu conteúdo, como veremos adiante.

No exame da edição, não foi encontrado nenhum texto que contenha as palavras aforizadas, sugerindo, mais uma vez, que o enunciado foi *fabricado* pelo jornal. Nesse sentido, é preciso levar em conta a página 13 (ANEXO¹⁰⁴ 1) do caderno Gerais. Nela é possível

¹⁰⁴ Anexo 1: https://drive.google.com/file/d/1X4lPFym1U_HoZOVlWOY7n-EWwpOJpgG/view?usp=sharing

recuperar parte da descrição contida na aforização da capa, esta que analisamos. Todavia, não é possível afirmar, com certeza, que seja uma modificação ou adaptação dela:

“Não era possível que o pesadelo de Mariana e a devastação que o rompimento da Samarco provocaram no Rio Doce se repetiriam, mas, inacreditavelmente, me vi no meio desse filme novamente. Vivi mais uma vez tudo isto: a ansiedade de chegar, passando por bombeiros, ambulâncias e parentes desesperados em busca de notícias dos desaparecidos. Essa tragédia humana foi muito maior. Não há lugar onde não vejo mães chorando pelos filhos que não atendem ao celular, homens se arriscando na lama, devastação e um rombo nas matas e recursos hídricos que agora atinge a Bacia do Velho Chico’ – Mateus Parreiras, repórter do Estado de Minas”.

Sugerimos um tratamento descritivo para o enunciado com base em Charaudeau (2016a, p. 157) para quem “o descritivo faz-nos descobrir um mundo que se presume existir como um *estar-aí* que se apresenta como tal, de maneira imutável. Esse mundo, que necessita apenas ser *reconhecido*, basta *ser mostrado*” (grifos do original). O aforizador exerce papel de observador, daquele que *presencia* um estado de coisas, daí a relevância do enquadramento testemunhal no que diz respeito às possibilidades interpretativas que acompanham esse destacamento. A própria aforização nos oferece pistas através do verbo (presenciei) e do estado de coisas que o sujeito que aforiza encontra através dessa *presença*: destruição, choro e desespero de parentes atrás de desaparecidos.

O segundo destacamento que se encontra ao lado direito do leitor na capa da edição pode ser recuperado em reportagem do caderno “Cotidiano” da mesma edição. O texto que inspirou a aforização (que, aliás foi bastante modificada em seu destacamento) é uma reportagem, intitulada “Eles ganharam vida nova”, que narra os sofrimentos das famílias que esperavam por seus parentes, muitas vezes sem notícias. A reportagem é constituída por uma coletânea de depoimentos dessas pessoas atingidas diretamente pelo rompimento da barragem de Brumadinho-MG. A configuração tipográfica da página em que a reportagem se apresenta dispõe de fotos e de enunciados destacados em posição paratextual (conforme ANEXO 2¹⁰⁵), ou seja, de aforizações. Todos esses destacamentos (há quatro deles) advêm dos depoimentos de moradores da região ouvidos pelos jornalistas que assinam a reportagem. O efeito de polifonia é claro até mesmo no que antecede à leitura da matéria: são vozes diversas selecionadas ali para figurarem como pontos de arejamento da leitura e/ou como chamariz ao

¹⁰⁵ Anexo 2: <https://drive.google.com/file/d/1oszAM3RWwVwmKZmPlumanUqYyS6ZcrF5/view?usp=sharing>

leitor. Outra função desses destacamentos pode ser a de preparar o leitor para compreender a ideia geral da reportagem, tal como a técnica de leitura instrumental (*skimming*) sugere. A função dessas aforizações é diversa e não é preocupação central da discussão aqui proposta.

Muito embora o jornal, enquanto locutor principal, valha-se dessas vozes para a construção de seus postulados, ele também interfere ao longo do texto da reportagem como quem complementa os conteúdos dos locutores colocados em discurso direto, em trechos introduzidos ou concluídos pelo locutor jornal. Isso aproxima a voz do jornal do conteúdo proposto pelos trechos em discurso direto que, aliás, estão praticamente em sequência. O efeito do texto é claro: a voz desse locutor se constrói através das falas que coloca em cena. O locutor jornal fala através da acomodação das vozes dos moradores. No exemplo a seguir, entretanto, é possível observar trechos mais longos assumidos pelo jornal. E, a despeito de intervir nessas falas, não é possível afirmar que o jornal não construa com elas uma relação de acordo:

Pensei que meu filho ia ficar sem pai logo hoje que completa 10 meses”, conta aliviada Franciele da Silva, com o bebê no colo, ao lado de Cássio Henrique. O ajudante estava com a roçadeira nas costas e abafadores nos ouvidos, quando se assustou com o encarregado chegando correndo para avisar sobre o rompimento da barragem. “Nós não ouvimos nada. O encarregado chegou e assustamos, pois não sabia o que estava acontecendo. Aí saímos correndo, em fuga, para a parte mais alta que a gente pôde”, lembra Cássio. As horas de confinamento à espera das camionetes carregadas de trabalhadores também foram de apreensão. “Ficamos umas duas horas lá. Os trabalhadores foram chegando de camionete, trouxeram água, deram assistência”, lembra Edílson – grifos nossos.

Como já foi bem observado e exemplificado, a reportagem é construída com excertos em discurso direto, alguns deles aforizados ao redor do texto. Entretanto, o aforizador que aparece na capa da edição fica por conta de um dos jornalistas que assinam a reportagem. A aforização em si indica, através da sequência “acompanhei a agonia das famílias com a chegada de cada um dos ônibus da Vale” – grifo nosso – que o aforizador desempenha um papel de testemunha que relata sua própria experiência ao lado das famílias dos atingidos. A sequência por nós destacada é uma representação do estado das coisas que o repórter encontra no local. Seu olhar em relação aos acontecimentos está “parado” (CHARAUDEAU, 2016a), do ponto de vista da materialidade discursiva.

De qualquer forma, o que fica evidente no conjunto desses dois enunciados analisados é o foco mais humano no rompimento da barragem de Brumadinho-MG, o que é indicado, de

um lado, por vocábulos como “tragédia”, “choro”, “desespero”, “desaparecidos”, “agonia”, “sobreviventes”, e, de outro, por uma certa oposição à lei e aos planos da Vale S/A que sinalizam exatamente o lado mais impessoal do acontecimento.

A seguir, analisamos mais dois enunciados agrupados, visto que foram localizados na mesma página do jornal *Estado de Minas*. São eles:

- 4) “A informação que eu tive é que o canteiro de obra tampou todo. Na hora que fiquei sabendo, até arrepiei. Graças a Deus me mandaram embora. Melhor a vida que o emprego”. **William Novato da Silva**, ex-funcionário da Vale (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

“Eu só vi a lama quebrando tudo. Lá de casa eu escutei o barulho e vim correndo”. **Marcio Palhares da Silva**, morador da região que se ofereceu para ajudar nas buscas (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Esses relatos, fragmentos de depoimentos de dois homens, um ex-funcionário da Vale S/A e um morador da região, são duas das aforizações que compõem a reportagem intitulada “Choro, tristeza e apreensão” (figura XX, adiante). Eles consistem em: i) uma menção ao que aconteceu com o canteiro de obras, lugar onde o aforizador, representado pelo ex-funcionário da empresa, trabalhou, e sua reação ao saber da notícia; e ii) o relato de um morador que escutou o barulho do rompimento e foi ao local para oferecer auxílio. As aforizações, menos prototípicas por constituírem excertos relativamente longos em primeira pessoa, ocorrem, ao que tudo indica, por destaque forte. Embora não tenha sido encontrado na edição do jornal nenhum texto que veiculasse essas falas (o que poderia sugerir que elas foram *fabricadas* pelo jornal), o fato de elas figurarem junto das fotos dos aforizadores parece conferir-lhes autenticidade, atribuindo-lhes o caráter de algo que foi efetivamente dito por eles em outro momento/outro discurso. Lembremos que, para Maingueneau (2010, p. 17), “a foto autentica a aforização do locutor como sendo *sua* fala, aquela que faz dele um Sujeito plenamente responsável.”

É importante esclarecer que essas duas falas da edição de 26 de janeiro de 2019 foram classificadas em um enquadramento testemunhal, uma vez que nenhum dos aforizadores menciona um envolvimento maior com a *tragédia*. Todos os outros relatos destacados na mesma página possuem relação com salvamento de vítimas ou parentesco com desaparecidos. Casos como esses e outros já citados destoam dos demais, pois não se trata de destaque fraco, o mais utilizado pelo jornal *Estado de Minas*. Outra exceção fica por conta do que ocorre na seção “Frases” que, como mencionaremos adiante, tem preferência por aforizar falas de atores políticos em destaque forte.

Figura 27: Aforizações por destaque forte no jornal *Estado de Minas*



Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

Os dois enunciados da Figura 27 encontram-se ao lado da foto de destaque da reportagem, no interior de uma seção do jornal, criada especificamente por ocasião da *tragédia*, intitulada “Palavras de Angústia”. Há cinco enunciados destacados nesse espaço: os dois reproduzidos acima (figura 27) e três outros que serão analisados na subseção “enquadramento vivencial”. Há um sexto enunciado destacado, que se localiza logo abaixo da foto maior da reportagem (a de Jefferson Ferreira dos Passos, morador responsável pelo salvamento de duas vítimas, que é alçado à condição de aforizador). Esse enunciado chama a atenção porque destoa dos demais pela extensão, podendo ser considerado uma “aforização periférica (LARA, 2014), como mostra o Anexo 3¹⁰⁶.

De qualquer forma, o que chama a atenção, é o valor da vida colocado em primeiro plano, como pode ser depreendido da aforização atribuída a William Novato da Silva, na figura 27, por meio do postulado: a vida é mais importante do que o emprego. O locutor ainda evoca Deus, o ser supremo que o guiou ao livramento. Aqui vemos resgatadas a crença, a religiosidade e a divindade em um discurso colhido pelo jornal, todas funcionando como estratégia de legitimação do dizer através dessas *instituições imaginárias da sociedade* (CASTORIADIS,

¹⁰⁶ Figura 34: https://drive.google.com/file/d/1YEAm_5mZ33Yn-zaoeEVcGug2AVkMOOFJ/view?usp=sharing

1982). Além disso, é possível que o jornal, ao colocar em destaque a fala desse ex-funcionário, esteja propondo uma reflexão ao seu leitor potencial, qual seja a da simplicidade da fé mesmo diante da imensa catástrofe que rodeia essas pessoas.

A segunda aforização por destacamento forte, ainda na figura 27, narra a história de Márcio Palhares da Silva. De acordo com o relato, o homem ouviu o barulho e decidiu oferecer auxílio. Por ser destacamento forte, como observamos, não é possível verificar se houve alguma modificação do enunciado por parte do jornal em relação à sua ocorrência original; entretanto, vale observar a sequência narrativa do excerto. A citação abaixo nos auxilia no que diz respeito ao relato:

Para que haja narrativa, é necessário um “contador” (que se poderá chamar de *narrador, escritor, testemunha, etc.*), investido de uma intencionalidade, isto é, de *querer transmitir alguma coisa* (uma representação da experiência do mundo) a alguém, um “destinatário” (que se poderá chamar de *leitor, ouvinte, espectador, etc.*), e isso, de uma *certa maneira*, reunindo tudo aquilo que dará sentido particular a sua narrativa (CHARAUDEAU, 2016a, p. 153).

O contador do relato, constituído pelo aforizador (representado pelo referido morador), é, portanto, investido de uma intencionalidade, qual seja a de responder à abordagem da equipe de reportagem do jornal *Estado de Minas* que colhia informações acerca do rompimento. Do ponto de vista desse contador/aforizador, o destinatário se desdobra em, pelo menos, duas instâncias: o jornalista que o entrevistou e o leitor que, agora do ponto de vista da instância de produção do jornal, é clivada, como já se sabe: de um lado, o público-alvo (instância de recepção imaginada) e de outro, o leitor real (instância de recepção concreta). A sequência dos acontecimentos é curta, mas acontece em três etapas: i) “Eu só vi a lama quebrando tudo”; ii) “lá de casa eu escutei o barulho” e iii) e vim correndo. Dessa forma, como sujeito que narra, o aforizador “desempenha essencialmente o papel de uma testemunha que está em contato direto com o vivido” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 157).

O enunciado a seguir, também sob a égide do enquadramento testemunhal, é atribuído a um vendedor que foi abordado pelos jornalistas do *Estado de Minas* e que dá seu testemunho acerca da reação de familiares de possíveis vítimas ao se depararem com a notícia do rompimento da barragem.

- 3) “Vi muita mãe de família pegando o celular, chorando, com filho desaparecido”, Francisco “Paraíba”, vendedor (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Esse enunciado em destaque encontra-se no chapéu da mesma página em que se localizam as aforizações que acabamos de analisar. Trata-se de um enunciado relativamente curto, mas produzido em primeira pessoa, o que o afasta de uma aforização prototípica. Entretanto, torna-se uma das importantes maneiras de chamar a atenção do leitor via testemunho. O aforizador é representado por um vendedor, cuja loja, segundo a reportagem, era um dos poucos estabelecimentos abertos em Brumadinho-MG, depois do rompimento da barragem.

Dos enunciados categorizados como testemunhais nesta página, o único que figura em funcionamento de destacamento fraco é este. Ele aparece logo no primeiro parágrafo da reportagem principal da página. Trata-se de uma maneira de legitimar a narrativa através de um morador local. Aliás, a sequência, em discurso direto, figura como as primeiras palavras do texto, o que, aliás, remonta às postulações maingueneunianas de que os enunciados destacados frequentemente aparecem no início ou ao final dos textos jornalísticos.

O excerto é transcrito a seguir:

Brumadinho – “Foi uma correria. Todos apavorados quando a notícia chegou. Todo mundo saiu correndo. Todos fecharam os comércios e foram logo embora. Vi muita mãe de família pegando o celular, chorando, com filho desaparecido. O sentimento, ao ver as pessoas passando, é de muita dor”. O relato é do vendedor Francisco ‘Paraíba’, de 37 anos, dono do único estabelecimento aberto na tarde de ontem na Praça da Bandeira, a principal de Brumadinho.

O discurso direto inicia a reportagem e dá origem, como já foi observado, à aforização que se encontra no topo da página (ANEXO 3¹⁰⁷). Tal enunciado não é eleito para o destacamento de forma gratuita. O trecho aforizado demonstra ser um dos que evocam a memória da maternidade e o imaginário do amor de mãe, circulantes na sociedade. Além disso, o termo “mãe de família” reforça ainda mais esse *saber de crença* que, unido com a descrição da cena do ponto de vista do locutor colocado no discurso pelo jornal, constrói para o leitor a imagem da grande movimentação na cidade ao se espalhar a notícia do colapso da barragem. Ver figura 28, a seguir:

¹⁰⁷ Figura 34: https://drive.google.com/file/d/1YEA_m5mZ33Yn-zaoeEVcGug2AVkMOOFJ/view?usp=sharing

Figura 28: Aforização no chapéu da notícia do jornal *Estado de Minas*



Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

Como já foi observado em outros momentos, através de outros exemplos, o excerto mostra a presença de, pelo menos, dois locutores: o jornal, enquanto *narrador* que escolhe trazer, em discurso direto, o depoimento de alguém que testemunhou os fatos e o próprio aforizador (que denominamos igualmente locutor outro), representado pelo vendedor. Essas vozes aparecem na construção da reportagem como complementares. Enquanto o locutor jornal visa narrar ao leitor o acontecimento, o depoimento do vendedor aparece como fonte legitimadora desse dizer. Tais vozes estão, pois, em relação de acordo, especialmente quando continuamos a leitura do parágrafo:

Ele narra, no olhar de um morador, o clima de desolação que tomou conta da pacata cidade, de cerca de 36 mil habitantes, depois do rompimento da barragem do Córrego do Feijão.

Nesse momento da narrativa, o locutor outro torna-se, com efeito, um ponto de vista para o locutor jornal, especialmente se se leva em conta a expressão “no olhar de um morador”. O excerto traz ainda uma oposição relevante entre “pacata cidade” e “desolação”, indicando um *antes* e um *depois* do rompimento da barragem.

Vejamos mais um caso, desta vez, retirado da *Folha de S. Paulo*. Trata-se de um destacamento feito a partir do texto de um jornalista mineiro que escreveu sobre suas impressões ao chegar ao vilarejo do Córrego do Feijão. Como se pode ver, é uma aforização atípica, dada a sua extensão:

- 6) [...] O vilarejo parecia um grande velório. Não havia os gritos de desespero nem o choro convulsivo que eu esperava encontrar em uma zona de guerra arrasada. O que se viam eram pessoas atônitas com a notícia do desaparecimento de tantos parentes, amigos e vizinhos, andando de lá para cá, se reunindo em pequenos grupos nas esquinas. – José Antônio Bicalho, jornalista que vive em Minas Gerais e foi um dos primeiros a chegar ao Córrego do Feijão (FOLHA DE S. PAULO, 30 de janeiro de 2019).

O enunciado no olho da *matéria*, denominada “depoimento” pelo jornal, localiza-se em destaque no espaço em branco que há entre três colunas (figura 29¹⁰⁸). É importante contextualizar: José Antônio Bicalho é editor de um site alternativo mineiro de notícias chamado *O Beltrano*, jornal que parece estar inativo atualmente, dado que as últimas notícias datam de 2019. O nome do jornal aparece ao fim do depoimento, indicando que o espaço foi cedido a um elemento externo ao funcionamento institucional da *Folha de S. Paulo*. Essa informação é importante na medida em que se analisa o processo de destacamento. Falaremos sobre isso em seguida.

O depoimento narra a chegada do jornalista ao vilarejo Córrego do Feijão e traz à baila excertos em discurso relatado que colocam o leitor a par da situação do local depois do rompimento da barragem. O destacamento se dá a partir da impressão de um depoente que engendra seu discurso em primeira pessoa de maneira que o leitor possa construir mentalmente a imagem do vilarejo e compreender os desdobramentos do rompimento da barragem. A aforização, que, diga-se de passagem, constitui o primeiro parágrafo do depoimento, parece ter ficado por conta do próprio jornal, na edição do dia 30 de janeiro de 2019, cinco dias depois do rompimento da barragem. Não é uma aforização prototípica, mas ocorre inegavelmente por destacamento fraco e a partir de uma orientação descritiva. Chama a atenção, além disso, o fato de ela não vir entre aspas, como ocorre com parte das aforizações, embora não haja dúvidas quanto à sua condição de discurso direto.

A ênfase do destacamento recai sobre a descrição da perspectiva do narrador, representado pelo jornalista mineiro que, é importante frisar, não é jornalista da *Folha de S. Paulo*. A figura a seguir (figura 29¹⁰⁹) dá uma ideia do que estamos mostrando. A *matéria* está ampliada no Anexo 4¹¹⁰ para melhor visualização.

Este é um caso singular no que diz respeito às enunciações aforizantes: há uma exterioridade que se instaura por meio de *quem* assina a matéria, que é veiculada pelo jornal com visada informativa. Nesse sentido, o fato de a aforização acontecer, ao que tudo indica, a partir da diagramação da reportagem, mostra que o processo de destacamento é de responsabilidade do jornal e não do *autor* do depoimento, que cumpre, por sua vez, papel de aforizador. É nesse sentido que repousa uma reflexão: se o destacamento se dá por ocasião da diagramação, então, tal processo é representativo do fato de que o manejo das aforizações ocorre via locutor jornal.

¹⁰⁸ Figura 29: <https://drive.google.com/file/d/1XBzNyu5kJhqfaq-eKcUvmb45hcSw3qIR/view?usp=sharing>

¹⁰⁹ Figura 29: <https://drive.google.com/file/d/1XBzNyu5kJhqfaq-eKcUvmb45hcSw3qIR/view?usp=sharing>

¹¹⁰ Anexo 4: <https://drive.google.com/file/d/1XoAeLw2XB3xEUmyNCKPPmQF3X-umSpqX/view?usp=sharing>

Figura 29: Depoimento do jornalista José Antônio Bicalho; cf ANEXO 4

Em vez de uma zona de guerra, vilarejo parece grande velório

Um dos primeiros jornalistas a chegar no local do desastre conta suas impressões

DEPOIMENTO

José Antônio Bicalho
Jornalista que vive em Minas Gerais

BRUMADINHO (MG) O vilarejo parecia um grande velório. Não havia os gritos de desespero nem o choro convulsivo que eu esperava encontrar em uma zona de guerra arrasada. O que se viam eram pessoas atônitas como notícia do desastre: parentes, amigos e vizinhos, andando de lá para cá, se reunindo em pequenos grupos nas esquinas. Logo que havia lágrimas, e muitas, mas não aquela energia de revolta que eu aguardava. Estavam todos em estado de choque, perplexos, entorpecidos.

Ao redor das pessoas havia o caos. No início da tarde, as poucas ruas do pequeno vilarejo de Córrego do Feijão se enfiavam de carros de polícia, do Corpo de Bombeiros, ambulâncias, caminhões, tratores e vans das TVs. No grande largo gramado em frente à igreja, no centro do vilarejo, havia o frestê dos helicópteros decolando e pousoando a cada cinco minutos.

Nas casas não havia água, luz nem internet. E todos os moradores estavam nas ruas, buscando informações sobre os seus, consolando-se mutuamente.

Córrego do Feijão é muito pequeno. São apenas algumas dezenas de famílias distribuídas por meia dúzia de ruas. Para se chegar à vila de Belo Horizonte, é preciso atravessar o maciço de montanhas Parque Estadual da Serra do Buaçu até o distrito de Casa Branca, que tem bom comércio e vários condomínios de sítios. Dali são mais 10 quilômetros por estrada de terra até o povoado.

A estrada se transforma em rua principal de Córrego do Feijão e é possível atravessar o vilarejo a pé em 15 minutos. Ali, todas as famílias dependem, direta ou indiretamente, da mineração de ferro feita na montanha que lhes rodeia e fecha o horizonte.

Na manhã do dia seguinte da tragédia, os números que dimensionariam o desastre ainda eram imprecisos. Até a liberação da primeira lista de resgatados, no início da noite, falava-se da possibilidade de morte de algo entre 200 e 300 pessoas, mas só na lista de empregados não contratados, divulgada pela Vale, havia mais de 400.

Cinco dias após o acidente, o número de mortos subiu

para 84. Dos corpos localizados, 49 foram identificados. Ainda há 35 desaparecidos. Já é certo, porém, que o rompimento da barragem do Córrego do Feijão é a maior tragédia humana provocada pela mineração no país, maior do que a ocorrida em Mariana, há três anos, quando morreram 19 pessoas.

Por uma coincidência, eu estava em Casa Branca na hora do acidente e, por isso, fui um dos primeiros jornalistas a chegar a Córrego do Feijão. Como estava também em Bento Rodrigues, o vilarejo arrasado pelo rompimento da mineradora Samarco em novembro de 2015, meu primeiro sentimento foi de alívio por ver que a malha urbana do bairro não foi atingida pela lama. No entanto, logo entendi por que a tragédia de agora é muito maior do que aquela outra.

Em Córrego do Feijão, diferentemente de Bento Rodrigues, as estruturas físicas de trabalho e permanência de trabalhadores estavam abaixo da barragem de contêineres de rejeitos. O escritório adminis-

trativo, o refeitório, a oficina, o laboratório, o almoxarifado e todas as demais estações de trabalho estavam bem abaixo da barragem. E foram, todos eles, empilhados pela lama segundos após o rompimento, sem possibilidade de fuga a quase ninguém.

Em Bento Rodrigues, essas estruturas estavam acima da barragem e, por isso, as mortes dos trabalhadores se deram apenas entre aqueles que estavam justamente na manutenção da barragem.

Já em Córrego do Feijão, a morte veio para todos. E é difícil imaginar que o acidente se deu na hora do almoço, em algum momento entre rajão e rajão, quando os trabalhadores, com capacidade para mais de cem pessoas, deveria estar lotado.

É difícil imaginar a lama matando as pessoas que estavam ali, abafando ou trancando. Depois de arrasar toda a estrutura operacional da mina e de matar os trabalhadores, a lama correu vale abaixo, num área rural distante apenas 200 metros da área urbana de Córrego do Feijão.

Neste momento, ainda não sei quem morreu. Há famílias, vítimas e irmãos atingidos, mas moradores dizem que na área havia algo próximo a dez sítios e casas rurais, além da Pousada Nova Estância, um lugar requintado.

A pousada era frequentada por turistas a caminho do Instituto Inhotim, de arte contemporânea, um dos maiores do mundo no gênero. Quem se hospedava ali eram os turistas que não queriam ficar em Belo Horizonte, a mais de uma hora de distância do museu, nem na cidade de Brumadinho.

No meio do caminho entre Brumadinho e a pousada, há uma opção para quem buscava permanecer num lugar charmoso, bucólico e rural. O cenário básico dos hóspedes era tomar o café da manhã, na sequência, sair para o Inhotim, com retorno no final da tarde.

Dona da pousada, Cleonice Coelho Mascarenhas, 58, foi enterrada nesta terça (29). Seu marido, Márcio Mascarenhas, e o filho, Mircio Paulo Coelho Mascarenhas, continuam desaparecidos. Há pedidos também são procurados.

Consegui conversar com três pessoas que vieram a bordo de lama de perto: um trabalhador da área de lavagem de caminhões de transporte de minério da Vale e dois moradores da área rural atingida.

Segundo seus relatos, os três mais ou menos parecidos, o

primeiro aviso veio do comportamento estranho e silencioso dos cachorros e galinhas. Minutos depois, o rugido do arraste da lama. O que se entendeu foi uma grande movimentação de poeira sendo erguida ao longe. Em minutos, apareceu a grande montanha de lama espessa, dobrando-se em ondas sucessivas umas sobre as outras, mais altas que casas, quebrando árvores, arrastando pedras e tudo mais que houvesse pela frente.

Wander Alves Bezerra trabalhava na lavagem de caminhões. Cochilou no dormitório depois do almoço na hora do acidente. Disse que acordou com o rugido e que correu para um monte próximo, de onde viu a onda passar a poucos metros. Na sequência, conseguiu retirar da lama uma adolescente que ele acredita que tenha queado as pernas.

Cleusa Oliveira morava em um sítio. A onda de lama passou a 100 metros da sua casa. Foi avisada do rompimento por telefone por uma vizinha e correu com sua mãe e três sobrinhas para uma área mais alta nos fundos da casa, de onde viu a onda passar levantando um poeirão, que, levando tudo, formou um burilho que entrava pelo ouvido, pelo nariz, pela barriga.

Se o drama humano provocado pela tragédia está colado à vista nas ruas de Córrego do Feijão, mesmo sem que se saiba ainda o número exato de mortos, feridos e desabrigados, o drama ambiental ainda é uma incógnita.

Em Mariana, a lama correu para o grande rio Doce, matando toda a vida dele até sua foz no Espírito Santo. Aqui em Brumadinho, a lama correu para o importante rio Paracatu, tributário do São Francisco antes que esse atinja a enorme barragem hidroelétrica de Três Marias.

Uma barragem, que tinha capacidade de 1,7 milhões de m³ — cerca de um quarto do total do volume despejado pelo rompimento em Mariana, em 2015 — se rompeu. Pelo menos outra barragem transbordou após o rompimento da primeira.

Basta saber se a dimensão ambiental dessa nova tragédia será menor nessa mesma proporção. Pode ser vital ali quem com os rios, mas também com apenas um. Quantos metros cúbicos de lama será necessário para matar um rio como o São Francisco? Isso saberemos em breve.

[...]

O vilarejo parecia um grande velório. Não havia os gritos de desespero nem o choro convulsivo que eu esperava encontrar em uma zona de guerra arrasada. O que se viam eram pessoas atônitas com a notícia do desaparecimento de tantos parentes, amigos e vizinhos, andando de lá para cá, se reunindo em pequenos grupos nas esquinas

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 30 de janeiro de 2019.

O caso é, evidentemente, diferente daqueles em que determinadas matérias são assinadas por repórteres que trabalham para o próprio jornal. Nesses casos, eles se encontram sob a égide do funcionamento organizacional e, portanto, são seus representantes. É por isso que propomos um tratamento específico para a ocorrência desse último destacamento. No caso em questão, há cessão de espaço, o que caracteriza vínculo externo ao funcionamento institucional. Passemos, na sequência, ao enquadramento vivencial.

3.1.2 O enquadramento vivencial

Nesta seção, trataremos dos enunciados destacados cujos aforizadores são aqueles que foram diretamente atingidos pelos rompimentos das barragens. Neste enquadramento, vamos propor o exame de aforizações, sendo algumas analisadas em grupo por encontrarem-se na mesma página. São três enunciados de *Folha de S. Paulo* (um relacionado ao rompimento da barragem de Mariana-MG e dois relacionados ao rompimento da barragem de Brumadinho-

MG); dois do *Estado de Minas* (um tematizado pelo rompimento da barragem em Mariana-MG, em 2015 e outro pelo rompimento ocorrido em Brumadinho-MG); e dois grupos deste último (ambos referentes ao rompimento da barragem em Brumadinho-MG), totalizando nove enunciados aforizados. Esses dois grupos de enunciados do *Estado de Minas* encontram-se cada um em uma edição diferente e foram selecionados para análise por revelarem as narrativas (de vida) de pessoas envolvidas cujas vozes foram veiculadas pelo jornal *Estado de Minas* para divulgar a situação desses sujeitos.

O quadro a seguir (quadro 4) apresenta a ordem em que as aforizações serão abordadas na análise que segue:

Quadro 4: Enunciados destacados sob o enquadramento vivencial				
Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
“A gente via a água cobrindo o Bento” (secretária da escola municipal de Bento Rodrigues)	Subtítulo	<i>EM</i>	07/11/2015	Mariana
“Jesus, não quero morrer” (Thiago Damasceno, vítima do rompimento) “Sem informação, ela quer cavar a lama com a mão” (Miguel Narkievicius, parente de vítima)	Título	<i>FSP</i>	09/11/2015	Mariana
“Com mais informações, talvez o sofrimento fosse menor” (Isabel Nunes, atingida, parente de vítima)	Olho	<i>EM</i>	28/01/2019	Brumadinho
“Tinha acabado de passar do lado da lagoa. Estourou e desceu aquele monte de barro. Casa foi entupindo, vaca descendo, carro, árvore, gente morta... Nem gosto de ficar falando, porque meu tio estava lá também” (Maurício, Almeida, morador de Brumadinho) “Meu menino chegou correndo falando que a barragem tinha arrebentado. Peguei a mulher, os filhos, os documentos e saí correndo, de carro, até um ponto mais alto” (Marcos Antônio Coelho Brito, morador da região) “Minha esposa trabalha aqui. Por volta de 12h15, ela me ligou e falou: ‘está tendo um terremoto, está tremendo, as árvores estão caindo! Meu Deus do céu, tenha misericórdia’. Aí, a ligação caiu. (Jorge Santana de Araújo, que conversava ao telefone com a mulher, funcionária da Vale, no momento da tragédia)	Olho	<i>EM</i>	26/01/2019	Brumadinho

Quadro 4: Enunciados destacados sob o enquadramento vivencial (continuação)				
Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
<p>“Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos. Graças a Deus, consegui salvar duas vítimas. Uma quebrou a perna e não tinha condições de ficar em pé. A outra senhora estava mais liberada e consegui levar para um lugar mais firme. Depois de uns 40 minutos o helicóptero chegou” (Jefferson Ferreira dos Passos, que se enfiou na lama e salvou duas pessoas que estavam na Pousada Nova Estância)</p>	Olho	<i>EM</i>	26/01/2019	Brumadinho
<p>“Pegamos serviço às 6h e trabalhamos até 11h30 para depois ir almoçar. O ocorrido (rompimento das barragens) foi ao meio-dia e meia. Foi a hora que Deus estava ali olhando por nós” (Edílson Ferreira, ajudante geral da mineradora Vale)</p> <p>“Quando eu vi o Edílson descendo do ônibus, nem acreditei. Dei um pulo de alegria” (Maria Raquel, mulher do ajudante geral Edílson Ferreira)</p> <p>“Pensei que meu filho ia ficar sem pai logo hoje que completa 10 meses” (Franciele da Silva, mulher do sobrevivente Cassio Henrique)</p> <p>“A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... não tem nem palavras” (Edílson Ferreira, ajudante geral na Vale, sobrevivente)</p>	Olho	<i>EM</i>	26/01/2019	Brumadinho
<p>“Era uma onda por cima da outra”, relata funcionário (funcionário da Vale S/A)</p>	Título	<i>FSP</i>	26/01/2019	Brumadinho

Fonte: Elaboração própria.

- 1) A gente via a água cobrindo o Bento”, secretária da escola municipal de Bento Rodrigues (ESTADO DE MINAS, 07 de novembro de 2015).

O enunciado destacado decorre de uma reportagem do jornal *Estado de Minas* composta por diversos pequenos textos, cujo título principal é “O desespero dos sobreviventes”. Um dos textos que compõem a reportagem é intitulado “A gente via a água cobrindo o Bento”, enunciado cujo aforizador é a secretária da escola municipal do vilarejo.

Acima desse subtítulo, que aparece na Figura 30¹¹¹ a seguir, há uma foto de Bento Rodrigues invadido pela lama. Casas sem telhado e objetos retorcidos complementam a cena.

¹¹¹ Figura 30: <https://drive.google.com/file/d/1hn561yxgOJmjTf960UxH2htJXByHDkbo/view?usp=sharing>

Cercado de outros enunciados destacados (ver ANEXO 5¹¹²), o subtítulo em foco chama a atenção. O texto da reportagem é uma narrativa baseada no depoimento da secretária da Escola Municipal Bento Rodrigues, que relata como os alunos e os funcionários foram salvos antes de a lama cobrir a escola onde minutos antes todos estudavam e trabalhavam alheios ao acontecimento que mudaria para sempre a vida do vilarejo. A narrativa ocorre a partir de sequências em discurso direto que se mesclam à narrativa principal, qual seja a do locutor jornal. Construir a narrativa a partir do discurso direto parece ser uma estratégia de legitimação, uma vez que, como já foi dito, esse tipo de discurso preconizaria fidelidade às palavras dos locutores outros, o que, como vimos até aqui, não passa de um efeito de sentido.

Para que possamos analisar o enunciado destacado, é preciso, porém, tecer algumas rápidas observações acerca do texto-fonte. Logo de saída, é possível observar que o locutor jornal comporta-se como um gestor de diversas vozes que ali aparecem como formas de depoimento sobre o acontecido. O texto já se inicia com uma frase entre aspas (“Você vai trabalhar no Bento? Cuidado!”). Isso implica que rumores sobre os perigos da região já circulavam entre os moradores. Esse locutor, que a princípio não é identificável, não representa menos do que a *vox populi*, trazida pela narrativa para com ela se identificar.

A narrativa continua revezando a voz do jornal, locutor principal, que incorpora a fala de locutores diversos como elementos constitutivos de seu objetivo principal: narrar os momentos que se seguiram ao rompimento da barragem de Fundão do ponto de vista daqueles que vivenciaram o acontecimento, como é o caso da secretária da escola municipal do vilarejo Bento Rodrigues. O efeito de polifonia é claro: há aparecimento de diversas vozes na construção discursiva. As relações com discursos extrínsecos ao jornal são bastante evidentes, muito embora, por se aproximarem os pontos de vista, haja um acordo entre os locutores e suas vozes. Outra questão a ser observada é a de que, quando a voz do jornal aparece (voz do narrador) enquanto locutor, prevalece o uso de verbos em terceira pessoa, cujos protagonistas são os próprios atingidos ali representados (discursivamente). Essas ocorrências corroboram a ideia de que o jornal, embora não se inscreva efetivamente na materialidade textual com o uso de primeira pessoa, deixa transparecer seu posicionamento por meio da não refutação dos conteúdos em discurso direto que traz para a sua construção discursivo-narrativa.

É claro que um exame mais acurado do texto pode trazer muitas revelações acerca do posicionamento do jornal mesmo no nível intradiscursivo, a ideia aqui é a de apontar para essas ocorrências no sentido de indicar que o enunciado destacado no subtítulo não está em desacordo

¹¹² Anexo 5: <https://drive.google.com/file/d/1Zou1LHjUxotND6GzdU9YUFETnbcmsbQT/view?usp=sharing>

com as vozes que aparecem no decorrer da reportagem. Seguem algumas ocorrências de verbos em terceira pessoa, que ilustram o que acabamos de afirmar:

*Por 10 anos, a secretária da Escola Municipal Bento Rodrigues **ouviu** o alerta sobre os riscos...*

*A notícia de que a barragem **rompera** foi dada por Wisley, marido da diretora da escola...*

*Atordoadas, Miriam e Eliene **avisaram** alunos e professores...*

Figura 30: Texto “A gente via a água cobrindo o Bento”



Fonte: *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2015.

O foco da análise é a aforização. Por isso, observemos ainda que sua escolha se dá a partir de uma instituição social, com valor simbólico, a escola. Além disso, o enunciado destacado no subtítulo foi retirado da parte central do texto, o que não parece ser acidental. Isso porque é comum que as aforizações resultem de enunciados localizados no final (ou no início) de seus textos-fonte. Tal caracterização deixa transparecer que a motivação para o destacamento está na destruição do vilarejo e no clímax da cena narrada que se encontra exatamente na aforização, o que retrata(ria) bem a construção imaginária da imagem descrita por parte da instância de recepção.

Ainda no caso dessa aforização, é preciso mencionar que se trata de um destacamento fraco, ou seja, aquele em que é relativamente fácil encontrá-lo nas imediações do destacamento. Ser denominado fraco não significa, no entanto, que o destaque seja menos impactante do ponto

de vista da instância de recepção idealizada: o efeito de um enunciado tal como “a gente via a água cobrindo o Bento” parece ser marcante no sentido dar visibilidade à dramaticidade dos sujeitos atingidos diretamente pelo rompimento da barragem. Trata-se, portanto, de uma aforização relativamente prototípica. Isso porque ocorre a partir de uma frase curta, mas, que pelo viés do enquadre vivencial, atrai a utilização de expressões pessoais. Dessa maneira, do ponto de vista mais linguístico, chama a atenção o uso de “a gente” (nós exclusivo = eu + eles, ou seja, os demais sujeitos que estavam na escola) e o verbo “ver” (“a gente viu”), mostrando que eles não ouviram simplesmente contar, mas vivenciaram o que aconteceu.

Essa aforização intitula a reportagem mais longa da página, como é possível conferir no anexo 5¹¹³. Entretanto, vale uma observação acerca da página como um todo: ela é dotada de mais cinco enunciados destacados que funcionam como subtítulos de depoimentos colhidos pelo jornal.

O primeiro deles, do lado esquerdo da página, é o de Giovanna Rodrigues, moradora de Bento Rodrigues. A aforizadora é mãe de Thiago Damasceno (cf. ANEXO 5¹¹⁴), menino de sete anos que não sobreviveu à invasão da lama. O enunciado escolhido pelo jornal para ser destacado é: “Minha mãe machucou a perna”. No momento de seu depoimento, a aforizadora ainda não tinha notícias sobre o filho, como é possível conferir no excerto que compõe seu depoimento:

O menino estava com a avó em casa, em Bento Rodrigues, quando a lama atingiu o vilarejo. Além do filho, ela também dividia a atenção com mãe [sic] que se feriu. “Minha mãe machucou a perna e foi para o Hospital de Pronto-Socorro João 23, em Belo Horizonte falaram que meu filho correu para um lugar mais alto, mas até agora (15 horas depois) não sabemos de nada”, contou Giovanna muito comovida e amparada por amigos, inclusive por um psicólogo voluntário.

Os outros enunciados em destaque da mesma página são os seguintes (cf. ANEXO 5¹¹⁵):

“Se eu tentasse salvá-la, morreria”

“Era a nossa família gritando”

“Fiquei muito assustado com tudo”

“Foi como um filme de terror”

¹¹³ Anexo 5: <https://drive.google.com/file/d/1Zou1LHjUxotND6GzdU9YUFETnbcmsbQT/view?usp=sharing>

¹¹⁴ Figura 30: <https://drive.google.com/file/d/1hn561yxgOJmjTf960UxH2htJXByHDkbo/view?usp=sharing>

¹¹⁵ Anexo 5: <https://drive.google.com/file/d/1Zou1LHjUxotND6GzdU9YUFETnbcmsbQT/view?usp=sharing>

Todos eles estão dispostos como títulos de depoimentos de atingidos pelo rompimento da barragem: o primeiro, de Sebastião Felipe dos Santos, que conseguiu salvar a irmã, mas não a sobrinha de seu cunhado; o segundo, de Jefferson Inácio de Caetano e de Altieris Caetano que, de acordo com o jornal, estavam revoltados e ajudaram a salvar por volta de doze pessoas em Bento Rodrigues; a terceira aforização é de Geraldo Henrique Silva, dono de um estabelecimento cujo manequim foi vestido com um pano preto em que estava escrita a palavra “luto”; o último, Marcone de Souza, morador de Bento Rodrigues que, de acordo com o jornal estava nos arredores do bloqueio feito pela polícia e “olhava perplexo a destruição de onde vivia”.

De todas essas aforizações, a única que poderia não figurar entre as frases de atingidos, é a de Geraldo Henrique Silva, pois o texto em que seu depoimento é veiculado não indica seu envolvimento direto com a *tragédia*. De qualquer maneira, figura entre esses depoimentos, declarando que houve um abalo emocional do aforizador/comerciante. Chama a atenção, nesse conjunto de aforizações, uma espécie de “rede” de vocábulos de valor negativo, que, somados, dão a dimensão da *tragédia*: “morrer”, “gritando”, “assustado”, “filme de terror”.

Na reportagem, ainda é possível notar que há outro enunciado, cujo processo de destacamento aparece na capa da edição, como é possível conferir na figura 31¹¹⁶ e no excerto abaixo, retirado da reportagem:

“Foi a noite mais longa da minha vida”, conta o professor de Educação Física Paulo Leandro Freitas Eleutério, 28 anos, que ajudou no resgate dos alunos da Escola Municipal Bento Rodrigues, totalmente soterrada pela lama. Foi a conta da gente escapar. Deixamos a escola e fomos para a parte mais alta. Uns cinco minutos depois ela foi tomada pela lama”.

Ele conta que inicialmente ouviu um barulho forte e pensou que fosse um helicóptero sobrevoando a escola. “Mas ele foi aumentando e quando resolvi sair para ver o que era vi a diretora gritando para todo mundo sair e uma onda de poeira grande e muita lama chegando”. Na hora, segundo ele, havia cerca de 40 alunos, inclusive adultos que participam de um programa de alfabetização. “Foi um desespero. As crianças chorando querendo os pais e a gente gritando e mandando correr”. Paulo foi resgatado hoje de manhã e já está em casa com a família (grifo nosso).

O enunciado grifado dá origem à aforização localizada na capa da edição do jornal, como é possível conferir na figura 31, a seguir:

¹¹⁶ Figura 31: https://drive.google.com/file/d/1EAw3D_bhfREBICRw0ilIznQq2dgLq52Y/view?usp=sharing

Figura 31: Recorte da capa do jornal *Estado de Minas*

Fonte: *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2015.

Escolher aforizar os relatos dessas vítimas é bastante significativo sob vários aspectos. A instituição escolar tem um peso simbólico muito importante: representa a infância que, por sua vez, representa o futuro das gerações. Esse imaginário sociodiscursivo (CHARAUDEAU, 2018) se ancora na importância da educação e na força que ela representa para a sociedade. Como sabemos, os imaginários são efetivados por meio de discursos, daí a denominação imaginários sociodiscursivos. A reportagem narra a fuga dos alunos e dos funcionários da escola para local alto, onde pernoveram sozinhos, na chuva, até serem encontrados pelas equipes de resgate. Certamente, essa é uma das maneiras pelas quais esse imaginário se materializa em discurso. Além disso, a menção da escola destruída pela lama é parte relevante do relato atribuído à secretária: “Já distantes da escola, na subida do morro, viram que a lama cobriu toda a escola”. A destruição da escola representa a destruição do futuro do Bento. A importância da instituição escolar é tamanha que a reportagem é o texto mais extenso da página.

O enunciado em destaque é parte de um relato em forma de narrativa, e é possível depreender do destaque que o aforizador não apenas pronuncia-se em relação ao acontecimento; ele está no interior da história – é personagem –, sendo o enunciado destacado apenas parte do seu relato. “*O sujeito que narra* desempenha essencialmente o papel de uma testemunha que está em contato direto com o vivido (...), isto é, com a experiência na qual se assiste a como os seres se transformam (...)” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 157 – grifos do

original). Em outras palavras, a aforização é mais uma voz, dentre tantas outras, que compõem a construção discursivo-narrativa do rompimento da barragem no discurso do jornal.

Outros dois enunciados de enquadramento vivencial podem ser conferidos na *Folha de S. Paulo*. Trata-se de títulos de pequenas reportagens de uma mesma página que abordam a situação de pessoas vítimas do rompimento em Mariana-MG e sua situação no momento da abordagem jornalística. Embora esse tipo de enquadramento que envolve efeitos patêmicos não seja muito recorrente na *Folha*, estes dois enunciados revelam que o jornal também coletou depoimentos de sujeitos que vivenciaram o rompimento da barragem:

2) “Jesus, não quero morrer”, Thiago Damasceno, vítima do rompimento.

“Sem informação, ela quer cavar a lama com a mão”, Miguel Narkievicius, parente de vítima (FOLHA DE S. PAULO, 09 de novembro de 2015).

Esses enunciados estão localizados na última página do caderno “Cotidiano” da *Folha*. É importante observar que a capa da edição em questão não menciona a *tragédia* em Mariana-MG. As menções ao caderno “Cotidiano” na capa da edição (ANEXO 6¹¹⁷ e/ou figura 32¹¹⁸) recaem: i) sobre a chamada para uma matéria sobre o rodízio de veículos na cidade de São Paulo, localizada no final da página; ii) sobre a previsão do tempo, localizada igualmente no final da página e iii) sobre a manchete da edição, que destaca modificações na contagem de números de homicídios no estado de São Paulo: “Governo de São Paulo manobra números e reduz homicídios”.

Do ponto de vista do jornal, a escolha é sugestiva: o efeito de sentido provocado é o de que o rompimento da barragem não teria sobre os leitores o mesmo nível de influência do rodízio paulistano de veículos ou mesmo da previsão do tempo. Em outras palavras, ao contrário do jornal *Estado de Minas* que coloca o evento em todas as manchetes de suas capas, a *Folha de S. Paulo*, mesmo passados quatro dias do rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG, continuava mantendo o evento sob significativo apagamento. Isso é revelador das escolhas da instância de produção, pois sugere uma instância de recepção voltada apenas para os acontecimentos do estado de São Paulo e para os eventos políticos. Essa postura, porém, ensejou críticas: houve acusações de negligência na cobertura jornalística sobre o rompimento da barragem mineira. Entretanto, na medida em que os desdobramentos da *tragédia* passaram a atingir populações maiores com problemas como falta d’água, por exemplo, o assunto passou

¹¹⁷ Anexo 6: <https://drive.google.com/file/d/1H6j9jfEczwD1YLCOAJEBAEu8CLCBqrEJ/view?usp=sharing>

¹¹⁸ Figura 32: https://drive.google.com/file/d/1C2XRWk9wk7dyOLQhmX_xvt364woKDdd_/view?usp=sharing

a aparecer na capa do jornal com algumas chamadas (discretas) para matérias do caderno “Cotidiano”. As críticas à *Folha de S. Paulo* renderam até mesmo uma coluna de *ombudsman* que procurou “esclarecer o mal-entendido”. A justificativa proposta pela referida coluna foi a de que a *Folha* optou por abordar os ataques terroristas coordenados em Paris, não levando em consideração o fato de que esses ataques ocorreram mais de uma semana após o rompimento da barragem...

Feitas essas observações, as aforizações que estão em pauta nessa subseção constituem títulos de textos curtos¹¹⁹ que apresentam depoimentos de atingidos pelo rompimento da barragem em Mariana-MG. Nelas, o jornal se concentra em trazer à construção de seu discurso locutores que retratam o sofrimento das pessoas. Acima desses títulos, há ainda outros enunciados destacados (vide imagem a seguir com detalhe ampliado da página). O enunciado que corresponde à fala do menino desaparecido “Jesus, não quero morrer” teve dois destaques: acima do título da reportagem e no próprio título da reportagem. Já o enunciado que está acima do texto do lado oposto não foi utilizado como título, apesar de corresponder ao mesmo aforizador.

No primeiro caso (o do enunciado “Jesus, não quero morrer”), trata-se de uma aforização por destacamento fraco, pois é muito simples buscar a origem da voz que aparece no título do depoimento: ela está no enunciado destacado acima dele e reaparece no 2º parágrafo do texto em fala da mãe do menino. Há aqui um destacamento duplo, embora cada um deles tenha um efeito de sentido diferenciado. O primeiro, que está acima do título do depoimento, é uma transcrição *ipsis litteris* do texto que vem em seguida. A voz da mãe do menino, que relata sua experiência sobre o desaparecimento do filho, recupera duas outras vozes, de outros enunciadorees (RABATEL, 2013): a da avó paterna do menino e a do próprio menino desaparecido. O interesse por essa aforização se dá porque o relevo maior é conferido à fala do menino, que é exatamente a que causa maior impacto (não à toa ela reaparece em letras maiores e bordeada por uma linha verde como título do texto).

Afinal, um menino de 7 anos que clama por livramento é figura persuasivamente comovente e, ao que tudo indica, constitui uma estratégia para chamar a atenção da instância

¹¹⁹ A distinção entre notícia e reportagem esteia-se no fato de que a notícia, focalizando um acontecimento considerado relevante para o conhecimento público, é, via de regra, um texto mais pontual e mais curto. A reportagem, por outro lado, implica um aprofundamento da notícia, trazendo detalhes importantes para os interessados em determinado assunto. É, portanto, um texto mais longo e mais propício à reflexão. No caso dos textos jornalísticos utilizados no presente artigo, nem sempre é possível classificá-los, de forma rígida, como sendo uma notícia ou uma reportagem pelas características geralmente atribuídas a cada um desses gêneros. Quando isso ocorre, preferimos usar os termos mais genéricos “texto” ou simplesmente “matéria” (ver nota 16).

de recepção. O complemento desse efeito de sentido se dá no próprio texto que narra a história da família do menino, bem como no depoimento da avó: “‘Ele era a minha vida, era tudo para mim, não sei o que será de mim sem meu neto’, repete aos prantos. ‘Mas a esperança é a última que morre’”. Essas palavras representam, portanto, mais uma voz que corrobora a ideia de um efeito de sentido polifônico. Aliás, é oportuno mencionar que o locutor jornal não constrói com esses locutores outros uma relação de desacordo. Na realidade, o fato de as vozes de atingidos aparecerem na construção da narrativa sugere, além do efeito polifônico já observado, que elas constituem um rico elemento do/no texto. Não fosse o apagamento observado na capa da mesma edição, seria plausível pensar que a *Folha de S. Paulo* estaria assumindo uma *conduta discursiva* similar à do *Estado de Minas*.

Ainda em relação ao mesmo texto, a crença religiosa é também um significativo elemento não apenas na voz do aforizador “menino”, mas também na voz da mãe que aparece no decorrer da reportagem. O nome “Jesus” remete à importante figura da religião católica, que se faz muito presente no imaginário de mineiridade. Entretanto, no desenvolvimento da *matéria*, a mãe relata sua fé espírita: “Se eu não fosse espírita, meu mundo já teria desabado”. De qualquer forma, a religião se faz presente no texto, reforçando os saberes de crença (CHARAUDEAU, 2018) que circulam socialmente e que “são procedentes de um movimento de avaliação, findo o qual o sujeito determina seu julgamento a respeito dos fatos” (CHARAUDEAU, 2018, p. 198). À aforização é conferida, dessa maneira, uma orientação simbólica por meio de menção ao exercício da fé dos atingidos e da vítima. Por sua extensão (uma única frase), o enunciado destacado se aproxima de uma aforização prototípica, afastando-se, porém, dela por ser proferido em primeira pessoa.

O segundo enunciado dessa subseção (“Sem informação, ela quer cavar a lama com a mão”) segue o mesmo padrão de configuração gráfica, como vemos na figura 32. Acima dele, encontra-se outro enunciado destacado (ver ANEXO 6¹²⁰ e/ou figura 32), que, porém, não é reutilizado (no todo ou em parte) como ocorreu no enunciado destacado do aforizador menino (que acabamos de analisar). Nesse último caso, parece haver uma *aforização* da *aforização*. Naquele, trata-se de duas aforizações distintas: uma que aparece no título do depoimento de Miguel Narkievicius e outra que vem acima dela, sem assumir uma função específica, em posição paratextual.

A aforização do título do depoimento de Miguel Narkievicius se dá por destacamento fraco, já que a fala do aforizador pode ser encontrada logo no primeiro parágrafo da reportagem,

¹²⁰ Anexo 6: <https://drive.google.com/file/d/1H6j9jfEczwD1YLCOAJEBAEu8CLCBqrEJ/view?usp=sharing>

onde lemos: “‘Minha tia quer ir até a barragem cavar a lama com as próprias mãos. Ela está desesperada sem informações’, conta Miguel Narkievicius, 30, sobrinho de Sileno Narkievicius de Lima, funcionário da Integral Engenharia desaparecido desde quinta-feira (5)”. O enunciado, ao ser destacado do texto-fonte, é alterado, sem que haja, porém, grandes modificações de sentido. Assim, “minha tia” se torna simplesmente “ela” e “quer ir até a barragem cavar a lama com as próprias mãos” torna-se “[ela] quer cavar a lama com a mão”, eliminando-se o trecho “ir até a barragem”, talvez pelo seu caráter óbvio, e substituindo-se “com as próprias mãos” por “com a mão”. Provavelmente, essas modificações se deram para que a aforização atendesse à extensão curta, própria dos títulos. Nota-se ainda que uma parte do enunciado subsequente ao aforizado foi neste introduzida em posição inicial: “sem informação”, que parece vir para esclarecer a ação pretendida. O enunciado destacado não só acentua o desespero da personagem convocada pelo aforizador, mas também aguça a curiosidade do leitor, obrigando-o a ler o texto-fonte para saber quem é o “ela” de que se está falando.

Embora a aforização “solta” na página (a que se encontra acima do título do depoimento em posição paratextual) não tenha sido listada para análise neste trabalho especificamente, entendemos ser importante apontar para um detalhe significativo. A voz da aforizadora aparece duas vezes (sequencialmente) no texto: “A técnica de segurança do trabalho Ana Paula Alexandre, 40, mulher do operador de escavadeira Edinaldo Oliveira de Assis, 40, diz que ‘a espera por informações é cansativa’. ‘Vão passando os dias e a esperança vai indo embora’. Ela diz torcer para que um dos corpos já encontrados seja do marido. ‘*É melhor encontrá-lo morto do que não encontrá-lo mais.*’” (grifo nosso).

O enunciado destacado no topo da página vem com acréscimo de informação entre colchetes (voz do jornal com visada informativa). A pergunta que propomos para reflexão é: por que aforizar tal enunciado quando a voz do aforizador na segunda fala (em itálico acima) incorpora elementos patêmicos mais expressivos? Além disso, ela se encontra no final da matéria, parecendo ser, portanto, um enunciado propenso ao destacamento (uma sobreasseveração). Uma resposta viável para essa indagação é o fato de a *Folha de S. Paulo* abordar os eventos em uma linguagem mais “precisa”, menos dotada de efeitos patêmicos (ao contrário do que observamos no jornal *Estado de Minas*), em uma visada mais informativa e técnica, buscando, via de regra, resguardar seu *éthos* de um jornal imparcial. Na verdade, a própria disposição dos textos na página mostra que a preferência do jornal parece ser pela notícia (e não pelos depoimentos dos atingidos), como vemos na figura 32 (colocada igualmente

- 3) “Com mais informações, talvez o sofrimento fosse menor”, Isabel Nunes, atingida, parente de vítima (ESTADO DE MINAS, 28 de janeiro de 2019).

Antes de qualquer análise acerca da aforização em pauta, é preciso informar que ela se encontra na capa da edição de 28 de janeiro de 2019 e refere-se ao rompimento da barragem de Brumadinho-MG. Seguindo o exemplo de suas edições acerca do rompimento da barragem em Mariana-MG, o *Estado de Minas* aborda o evento desde a capa em suas edições pós-acontecimento. Aliás, como foi mencionado em outra ocasião, o jornal representa o ocorrido a partir de determinadas denominações: a primeira edição pós-rompimento, por exemplo, utiliza a expressão “outro crime”, como vimos, representando, além do próprio acontecimento em Brumadinho-MG, um acesso à memória dos atingidos em Mariana-MG, três anos antes. Na capa que traz a referida aforização não há divisão de espaço com outras notícias ou chamadas para matérias jornalísticas no interior da edição. A totalidade da página é dedicada a fotos e a textos referentes ao colapso da barragem e a seus mais variados desdobramentos.

A aforização que observamos na Figura 33¹²², a seguir, aparece como parte constitutiva de uma foto cujo destaque se dá nos olhos da aforizadora. A foto do rosto, como já vimos, constitui “o produto de um destacamento, que elimina todo contexto situacional (roupa, lugar, momento...) que uma foto normal permite ver. (...) de um ponto de vista antropológico, pode-se considerar que a questão é outra: toda cabeça é sempre destacada de um corpo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 16/17).

A aforização ocorre por *destacamento mais ou menos fraco*. A ideia de denominá-la assim advém do fato de que o enunciado destacado localiza-se na capa da edição, e o texto em que se encontra essa sequência (texto-fonte) encontra-se no caderno “Gerais”, mais precisamente na página 14 em reportagem intitulada “A força no abraço” (ANEXO 7¹²³). A temática da espera ansiosa por notícias de desaparecidos é abordada no texto jornalístico a partir do ponto de vista de diferentes locutores que *aparecem* no discurso. No caso do texto em questão, muitos locutores são trazidos e são organizados pelo locutor jornal em torno de um conteúdo mais ou menos restrito: o sofrimento das pessoas atingidas. A voz do locutor jornal aparece para tecer elos entre os mais variados depoimentos. São pelo menos 14 (catorze) ocorrências em discurso direto entre aspas na construção da reportagem. Boa parte delas advém de atingidos aguardando por notícias de familiares desaparecidos. Algumas são relatos de

¹²² Figura 33: https://drive.google.com/file/d/1q2iXJXB6MVD96G_P_J9nq_M1-7Qd4F3l/view?usp=sharing

¹²³ Anexo 7: <https://drive.google.com/file/d/13SZ4mLGNiR9QNf-suPOYACg2uuSb6jsQ/view?usp=sharing>

peças que conseguiram escapar da força da lama e estavam recebendo algum tipo de ajuda benéfica.

Figura 33: Recorte da capa do jornal *Estado de Minas*



Fonte: *Estado de Minas*, 28 de janeiro de 2019.

Chama a atenção falas que poderiam ser mais impactantes no que diz respeito a produzir determinados efeitos de sentido se aforizadas, especialmente se se considera a globalidade do texto. Observem-se os exemplos a seguir. Todos eles envolvem sequências contendo discurso direto e são constitutivos da reportagem:

“Estou segurando minha mãe, ela está desesperada, saiu andando por aí, entrou no mato e fui atrás”, disse, ontem, Mary Cristina Nunes, de 32 anos, que também não esconde a apreensão pelo desaparecimento do irmão Peterson Firmino Nunes, de 35, casado e pai de três filhos.

“Pois é, na hora que não precisa, eles ligam a sirene. Agora, quando tem que avisar, não fazem nada”, disse Malvina, para em seguida, citar baixinho o nome do filho Peterson e dizer que quer o filho vivo.

“Sem perdoar a mineradora e lembrando a tragédia ocorrida há pouco mais de três anos em Mariana, na Região Central, Fernando perguntou: ‘Até quanto a Vale vai destruir Minas e causar tanto mal?’”.

“Quero saber quanto a vida do meu pai vai valer”.

Entretanto, a sequência em discurso direto eleita para figurar como aforização advém de uma mulher que aguardava notícias de primos. A voz de Isabel Nunes aparece no meio da

reportagem intitulada “A força no abraço”, mais especificamente em um subtítulo denominado “Desespero”. Do ponto de vista simbólico, a fala de uma mulher que narra o desespero da mãe que aguarda notícias de seu filho desaparecido por ocasião da *tragédia* (depoimento que aparece logo nos primeiros parágrafos da reportagem) poderia produzir efeito patêmico mais significativo do que a fala de uma mulher que aguarda notícia de primos. Por que a fala de Izabel Nunes é, então, aforizada no lugar da fala da mãe do rapaz de trinta e cinco anos, pai de três filhos igualmente desaparecido? Por que, dentre pelo menos catorze ocorrências em discurso direto entre aspas, a fala de Izabel Nunes é destacada na capa da edição?

A resposta não parece simples, e de fato, não é. Entretanto, é possível refletir sobre a questão. O enunciado destacado na capa sofreu sensível modificação com provável comprometimento da interpretação. Na reportagem, o enunciado está no seguinte excerto: “Desde o rompimento da barragem, tem sido muita correria, ninguém tem sossego. Se tivéssemos mais informações, *talvez pudéssemos ficar mais calmos*”, disse baixinho Izabel sem conter o pranto e com a cabeça encostada no pilar da varanda” (grifo nosso). Entretanto, na aforização, o que temos é “Com mais informações, *talvez o sofrimento fosse menor*” (grifo nosso), em uma flagrante substituição.

Essa modificação sugere duas interpretações não excludentes: i) a de que o jornal compreende a implicação da ideia de sofrimento na falta de informação. Nesse sentido, a expressão “ficar mais calmos” do texto-fonte se oporia, de certa forma, à representação do sofrimento (que é mais contundente); ii) a de que a modificação serviria de chamarisco à instância de recepção levando-a a materializar-se como leitor efetivo da matéria. De qualquer maneira, sabemos que essas modificações são relativamente comuns no discurso midiático (LARA, 2013; 2014; 2016), todavia, é importante que possamos sinalizá-las, pois há casos em que elas se tornam *ciladas* interpretativas. Compreendemos ainda que o enunciado aforizado induz a uma visada argumentativa que evoca um raciocínio de hipótese, o que possibilita-nos pensar em certo estímulo ao senso crítico da instância de recepção. Ora, se não há informações, o tratamento da *tragédia* não tem atendido às necessidades básicas dos atingidos, o que orienta a aforização na direção opinativa. O enunciado não é de forma alguma generalizante, mas deve ser interpretado no seio da conjuntura social, contexto construído pela própria capa do jornal que despende todo o seu espaço com fotos e textos acerca do rompimento da barragem.

Como vemos, a foto é ainda mais específica, pois seu foco encontra-se nos olhos da aforizadora. Os olhos sugerem a expressividade do sujeito. Em sentido simbólico, são “as janelas da alma” tal como nos ditos vincianos. Os olhos ainda significam “a percepção” em algumas culturas (saberes de crença). Nesse sentido, o destaque da foto com olhos voltados

para uma direção não especificada pode sugerir a falta de percepção (em relação à ausência de informação mencionada na aforização) ou ainda uma *alma vazia*, já que não parece haver direcionamento indicado no olhar.

A seguir, analisaremos um grupo de quatro aforizações que são encontradas em uma reportagem do jornal *Estado de Minas*. Elas ocorrem por destacamento fraco e são acompanhadas das fotos dos atingidos que, na ocasião, tinham parentes desaparecidos e/ou haviam trabalhado nos primeiros resgates antes mesmo de os socorristas chegarem. São frases cujo efeito patêmico é forte. Declarações das primeiras pessoas a encontrarem sobreviventes e que estavam sujas de lama quando fotografadas pelos jornalistas.

O título da reportagem é “Choro, tristeza e apreensão”, que, aliás, remonta ao sentimento primário – tristeza – de uma razão catártica (EMEDIATO, 2010), o que é típico do jornalismo popular. Entretanto, a ideia da indignação, própria de um jornal de referência, se mantém.

O grupo de aforizações que será analisado é o seguinte:

- 4) “Tinha acabado de passar do lado da lagoa. Estourou e desceu aquele monte de barro. Casa foi entupindo, vaca descendo, carro, árvore, gente morta... Nem gosto de ficar falando, porque meu tio estava lá também”. **Maurício Almeida**, morador de Brumadinho (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019, p. 14).
- 5) “Meu menino chegou correndo falando que a barragem tinha arrebentado. Peguei a mulher, os filhos, os documentos e saí correndo, de carro, até um ponto mais alto.” **Marcos Antônio Coelho Brito**, morador da região (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019, p. 14).
- 6) “Minha esposa trabalha aqui. Por volta de 12h15, ela me ligou e falou: ‘está tendo um terremoto, está tremendo, as árvores estão caindo! Meu Deus do céu, tenha misericórdia!’” Aí, a ligação caiu. **Jorge Santana de Araújo**, que conversava ao telefone com a mulher, funcionária da Vale, no momento da tragédia (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019, p. 14).
- 7) “Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos. Graças a Deus, consegui salvar duas vítimas. Uma quebrou a perna e não tinha condições de ficar em pé. A outra senhora estava mais liberada e consegui levar para um lugar mais firme. Depois de uns 40 minutos o helicóptero chegou.” **Jefferson Ferreira dos Passos**, que se enfiou na lama e salvou duas pessoas que estavam na Pousada Nova Estância” (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019, p. 14).

Os dois primeiros excertos encontram-se na segunda página do caderno “Gerais” do jornal *Estado de Minas*, dedicada a uma matéria que explora a reação da comunidade diante do rompimento da barragem. Nela, podemos ver destacados em letras maiores e rodeados de fotos, alguns excertos retirados de relatos colhidos pelos jornalistas. É possível verificar, assim, que a (re)construção discursiva do acontecimento passa pelos depoimentos desses atores sociais.

Em outras palavras: esses destacamentos têm um valor de vivência do real, como afirmam Charaudeau (2016b) e Emediato (2016). O valor de legitimidade do discurso construído pelo jornal como um todo, no que se refere à cobertura do rompimento da barragem enquanto fato jornalístico, passa por esses depoimentos.

O primeiro enunciado em destaque tem origem no discurso direto que está localizado no quinto parágrafo da reportagem onde se lê:

O jovem Maurício Almeida, de 26 anos, estava próximo do local do rompimento da barragem. “Quando passamos próximo da lagoa, chegamos perto da jangada, estourou. Desceu aquele tanto de barro por cima das casas, árvores, gente morta, muita coisa péssima”, relatou. Ele descobriu que o tio é um dos desaparecidos. “É uma coisa que a gente não esperava. De repente, do nada, acontece. Pode ser o dinheiro que for, não compra a vida de ninguém”, complementou.

Como é possível verificar, o excerto dá origem à aforização. Coloca o locutor outro da reportagem no centro do destacamento, junto a outros locutores que aparecem no corpo do texto (ou não, como é o caso das aforizações (4), analisadas na subseção “enquadramento testemunhal”). O enunciado aparece modificado na posição destacada, da seguinte forma:

- i) no lugar de “quando passamos próximo da lagoa, chegamos perto da jangada, estourou”, aparece, na aforização, “tinha acabado de passar do lado da lagoa. Estourou...”. Não há significativa modificação de conteúdo; a sequência parece ter sido condensada num processo que dinamiza a leitura, com omissão de, pelo menos, um detalhe (“chegamos perto da jangada”). A típica redução de enunciados motivada pelo destacamento parece ser a maior razão da mudança;
- ii) no lugar de “desceu aquele tanto de barro por cima das casas, árvores, gente morta, muita coisa péssima”, aparece, na aforização, “e desceu aquele monte de barro. Casa foi entupindo, vaca descendo, carro, árvore, gente morta...” Se, com o uso do gerúndio, a aforização sugere que as ações descritas estavam em movimento no momento narrado pelo aforizador, ganhando um efeito de sentido de dinamicidade, esse efeito de sentido se perde na enunciação que origina a aforização, pois o verbo “desceu” está no pretérito perfeito, indicando uma ação concluída;
- iii) a frase “ele descobriu que o tio é um dos desaparecidos”, no corpo do texto, é uma informação veiculada pelo jornal, mas é aforizada como “nem gosto de ficar falando, porque meu tio estava lá também”. Como não existe acesso à enunciação original, não é possível explicar como se dá o processo de modificação. Não sabemos se o aforizador

realmente proferiu tal frase ou se o jornal a *fabricou* para compor a aforização. De qualquer forma, a informação de que o tio do rapaz é um dos desaparecidos na *tragédia* consta nas duas enunciações: a aforizante e a textualizante, qual seja, a própria reportagem.

O uso do gerúndio tanto na aforização de Maurício Almeida quanto na de Marcos Antonio Coelho Brito (“Meu menino chegou correndo falando que a barragem tinha arrebitado. Peguei a mulher, os filhos, os documentos e saí correndo, de carro, até um ponto mais alto.”), na medida em que confere maior dinamicidade ao enunciado, pode muito apropriadamente funcionar como estratégia de captação de leitor, especialmente no que tange à intenção do jornal (enquanto sujeito comunicante e instância de produção), no sentido de *convencer* seu público-alvo (leitores em potencial – instância de recepção) a dedicar alguns momentos à leitura da reportagem, captando, assim, sua adesão e simpatia (MACHADO, 2016)¹²⁴.

Figura 34: Reportagem intitulada “Choro, tristeza e apreensão”

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO
CHORO, TRISTEZA E APREENSÃO
 Tragédia fechou o comércio e comoveu parentes de funcionários e moradores de Brumadinho, que passaram o resto do dia em busca de notícias dos desaparecidos

“Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos. Graças a Deus conseguiu salvar duas vitimas. Uma quebrou a perna e não tinha condições de ficar em pé. A outra senhora estava mais liberada e conseguiu levar para um lugar mais firme. Depois de uns 40 minutos, o helicóptero chegou.”

VARRIDA PELA LAMA

Palavras de angústia

Tragédia

Fonte: *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019.

¹²⁴ A Fig. 34 está ampliada no ANEXO 3. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1YEA_m5mZ33Yn-zaoeEVcGug2AVkMOOFJ/view?usp=sharing

É possível notar que os dois últimos enunciados são muito mais expressivos no que diz respeito à família. Isso porque neles, o foco está nos laços familiares rompidos pela força da lama. Em (6) é possível acompanhar o drama da narrativa, pois Jorge Santana de Araújo relata os últimos momentos em que conversou com sua esposa. Este relato, posto em destaque pelo jornal, nos leva à dimensão argumentativa e, por que não mencionar, patêmica dessa história. É, sem dúvida, uma estratégia discursiva de *convocação* do leitor para o texto da reportagem que se encontra nas imediações da frase destacada. Laços familiares são parte constitutiva dos sujeitos organizados em sociedade; por isso, o aparecimento de figuras como “esposa”, “irmã”, “sogra”, bem como a menção a laços de coleguismo (em “colegas”) são sempre um convite à atenção.

Em (7) (“Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos [...]”), é possível, dessa maneira, verificar que esses laços são rememorados pelo jornal ao colocá-los em destaque. Para além disso, valores como a valentia e a *justiça com as próprias mãos* podem ser evocados aqui, uma vez que o relato menciona o tempo levado para que o socorro aéreo chegasse. Esses são imaginários que normalmente se propõem a alcançar o leitor e a levá-lo a aderir ao posicionamento do jornal, que, neste caso, se assemelha a uma denúncia, ressaltando a gravidade e a seriedade do evento. Esse resgate dos laços sociais humanos é, sem dúvida, uma das maneiras de legitimar o discurso construído pelo jornal no que diz respeito ao rompimento da barragem. Tudo isso, aproximando-se essencialmente da importância do relato vivencial como fonte legitimadora.

Outro grupo de aforizações importantes para análise encontra-se na página 16 da edição de 26 de janeiro de 2019. Os enunciados estão agrupados porque se localizam nas imediações de uma única reportagem sobre a angústia daqueles que esperavam por notícias de parentes, quando os encontraram descendo do ônibus da Vale S/A e também porque representam uma mesma *entidade* de discurso, qual seja, os atingidos e os sobreviventes.

- 8) “Pegamos serviço às 6h e trabalharíamos até 13h30 para depois ir almoçar. O ocorrido (rompimento das barragens) foi ao meio-dia e meia. Foi a hora que Deus estava ali olhando por nós”. **Edilson Ferreira**, ajudante geral da mineradora Vale.

“Quando eu vi o Edilson descendo do ônibus, nem acreditei. Dei um pulo de alegria” **Maria Raquel**, mulher do ajudante geral Edilson Ferreira.

“Pensei que meu filho ia ficar sem pai logo hoje que completa 10 meses” **Franciele da Silva**, mulher do sobrevivente Cassio Henrique.

“A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... não tem nem palavras”, Edilson Ferreira, ajudante geral na Vale, sobrevivente (ESTADO DE MINAS, 26 DE JANEIRO DE 2019).

Os enunciados agrupados são constitutivos da mesma página e são aforizados por destacamento fraco. Isso significa que são facilmente acessados pelo leitor. Além disso, são empregados como olho (ANEXO 2¹²⁵).

Como é possível observar também em outras ocorrências, as vozes desses aforizadores aparecem no jornal como fonte de legitimação do dizer. Reforçam o comprometimento do jornal com a veiculação das vozes dos atingidos, de suas reivindicações, de seus lamentos e de suas narrativas. Não seria possível ao jornal construir um discurso tão comprometido com a denúncia e com a divulgação dos desdobramentos do rompimento das barragens não fosse pelo manejo e pela gestão dessas vozes.

Nesse sentido, o efeito de polifonia, no qual insistimos, é uma constante nessas publicações. Muito embora seja possível perceber, em vários exemplos, que a voz do jornal normalmente aparece em relação de acordo com as vozes dos atingidos, dos especialistas, bem como das testemunhas dos rompimentos das barragens, ainda assim é impossível negar que o aparecimento dessas vozes traga à construção discursiva do jornal uma variedade de pontos de vista e de dizeres que os *traduzem*. Na ótica do leitor ideal, o encontro dessas vozes fundamenta(ria) a produção jornalística sobre uma base sólida, qual seja, o discurso de quem, com efeito, viveu ou tem a devida competência para opinar sobre o evento.

Em relação aos enunciados destacados, especificamente, é possível afirmar que o primeiro deles recupera um *saber de crença*: além de evocar a figura do Deus como protetor de sua vida, ainda retoma a fé de um ser divino que vela e intercede pelos seres humanos. Ademais, o enunciado pode ainda ser visto pelo seu caráter narrativo no que se refere à sequência dos acontecimentos: primeiro, *pegaram no serviço*, depois decidiram almoçar mais tarde¹²⁶ para adiantar os afazeres e ir embora mais cedo. Essa dinâmica de horário de trabalho é interpretada pelo locutor como o zelo de Deus para com ele e seus colegas. Assim, é possível ver recuperados os elementos de fé como estratégias de captação de leitor, além de funcionarem também como importante relato vivencial do sofrimento das pessoas na região do rompimento da barragem.

Os dois enunciados que se seguem têm ênfase nas relações familiares: a esposa de um sobrevivente revela sua alegria e a mãe de uma criança inclui, em sua fala, o papel do pai na vida de um filho. Ambas as falas encontram-se no corpo da reportagem sem indicações de desacordo com o locutor jornal. A distinção das aforizações, no grupo em foco, fica a cargo do

¹²⁵ Anexo 2: <https://drive.google.com/file/d/1oszAM3RWwVwmKZmPlumanUqYyS6ZcrF5/view?usp=sharing>

¹²⁶ A reportagem informa que o funcionário decidiu almoçar mais tarde. Caso contrário, estaria almoçando no refeitório da empresa quando houve ali a invasão da lama. No entanto, estava em outra região no momento do rompimento, trabalhando.

enunciado de Edílson Ferreira no chapéu da página (“A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... não tem nem palavras”), aforizador também do primeiro enunciado. Isso porque, do ponto de vista de uma instância de recepção ideal, aquela cuja atenção seria captada pela reportagem, o enunciado pode levar não só ao quadro interpretativo de uma vivência do ocorrido, mas também de uma testemunha ocular. Esse efeito de sentido decorre do uso do verbo “olhar” em: “olhar lá de cima e ver tudo”. Nesse aspecto, o enunciado aforizado pode construir outras possibilidades de interpretação que não se relacionam ao da enunciação que deu origem ao destacamento, qual seja:

*“A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... Não tem nem palavras. Meus camaradas, um primo que é a mesma coisa que um filho para mim, não tenho notícia dele até agora. É doído mesmo. O que eu vi hoje, nunca mais quero ver na vida”,
conta Edílson.*

Do ponto de vista do aforizador, ele não é um mero espectador. Antes é um sobrevivente e uma vítima em diferentes níveis: perdeu colegas e um primo, a quem considerava como um filho. Estão aí os valores simbólicos que corroboram o agrupamento dessas aforizações que se relacionam tanto no que diz respeito ao papel dos aforizadores na cena do discurso quanto na realidade da vida.

Outro enunciado que chama a atenção advém do título de uma reportagem da *Folha de S. Paulo*. Nele, um funcionário da Vale S/A relata o que viu, em depoimento colhido pelo jornalista:

- 9) “Era uma onda por cima da outra”, relata funcionário – funcionário da Vale S/A (FOLHA DE S. PAULO, 26 de janeiro de 2019).

Como temos chamado a atenção para alguns detalhes das edições em que se encontram diferentes aforizações, vamos tecer algumas observações acerca desta que, diga-se de passagem, sucede o rompimento da barragem de Brumadinho-MG. Já foi mencionado anteriormente que a capa dessa edição, diferentemente da capa que sucede ao colapso de barragem de rejeitos em Mariana-MG, traz o evento na manchete na *Folha de S. Paulo* (ANEXO 8¹²⁷). O texto que acompanha a manchete é uma síntese do que será noticiado ao longo da edição: rememora Mariana-MG; noticia o rompimento em Brumadinho-MG; coloca um locutor outro no fio discursivo, o presidente da Vale S/A para divulgar que a *tragédia*

¹²⁷ Anexo 8: <https://drive.google.com/file/d/1hT3yVj9LXypCYIglD6gN3olddnipWYcP/view?usp=sharing>

humana será maior desta vez; aborda o percurso da lama, mencionando as instalações da empresa e a pousada Nova Estância; menciona aprovação do governo, contra a vontade da comunidade, por ampliações da exploração mineral na região; veicula a informação de que o presidente sobrevoará a região atingida e, por último, aborda as questões econômicas por meio de menção de queda nas ações da empresa. Os elementos ilustrativos são um mapa da região e uma foto grande que retrata o trabalho de resgate.

Figura 35: Detalhe da página B3 do caderno Cotidiano

cotidiano



‘Era uma onda por cima da outra’, relata funcionário

Parentes de desaparecidos após a tragédia faziam ronda em hospitais da região para procurar seus parentes

BRUMADINHOS, RIO HORIZONTE, RECIFE, RIO, SALVADOR E SÃO PAULO. Funcionário de uma empresa que presta serviços à mineradora Vale, Mayke Ferreira afirma que o rompimento da barragem de Brumadinho atingiu escritórios, refeitório e dormitório da matriz e outros que ficam próximos à barragem.

Mayke, que atua na lavagem de caminhões da Vale, diz que estava em um dormitório próximo de onde a lama passou, numa área que não foi atingida.

“Fui acordado por um grande estrondo, seguido de um barulho crescente. Quando sai, via uma nuvem de poeira gigantesca e uma onda de lama. Era uma onda que vinha

por os hospitais de Belo Horizonte. Sem qualquer tipo de notícia, os parentes foram a Brumadinho na tentativa de encontrá-la. Faltar trabalho foi deixamos na barragem da Vale como solidão.

O último contato que foi como família foi há duas semanas atrás por meio de um aplicativo de mensagens. Após o rompimento da barragem, a família tentou falar com ele, mas celular estava desligado.

“Não sei sabemos ainda se ele estava no refeitório no momento do rompimento. Mas temos certeza de que vamos encontrá-lo com vida”, diz auxiliar administrativa, Tábata Fimentel, 22, prima de Fautler.

Já Maria da Glória foi ao

Bombeiros trabalham em área atingida pela lama de barragem de Brumadinho (MG)
Pessoas aguardam notícias de parentes desaparecidos no desastre Famílias desabrigadas pela tragédia são acomodadas em escola municipal da cidade mineira

Fonte: *Folha de S Paulo*, 26 de janeiro de 2019.

O evento também ganha notoriedade na própria capa do caderno “Cotidiano”. A primeira página traz matéria referente ao rompimento da barragem, bem como uma foto de grande extensão. As duas páginas que seguem continuam dando ênfase ao evento. Há, pelo menos, três matérias acerca da temática. Uma delas tem como título a aforização que passamos a analisar (figura 35): “‘Era uma onda por cima da outra’, relata funcionário.”

Como é possível reconhecer, o enunciado aforizado aparece como constitutivo do título de uma reportagem que relata como pessoas que estavam próximas à barragem rompida se salvaram; também veicula a fala de pessoas que buscavam por informações, mas não as encontravam. Trata-se de um enunciado descritivo cujo destaque fraco torna fácil encontrar a voz do aforizador no corpo do texto jornalístico. Embora Maingueneau (2010) aponte para o verbo “relatar” como um *opositor* de aforizações, neste caso observamos

justamente o contrário. O verbo relatar, na sua condição de verbo dicendi, sugere que o enunciado provém de um sujeito que legitima seu discurso: nesse caso, um sujeito que vivenciou o rompimento da barragem (e que, portanto, está apto a contar como foi). Vejamos o excerto de onde a aforização foi retirada:

Mayke, que atua na lavagem de caminhões da Vale, diz que estava em um dormitório próximo de onde a lama passou, numa área que não foi atingida. “Fui acordado por um grande estrondo, seguido de um barulho crescente. Quando saí, vi [sic] uma nuvem de poeira gigantesca e uma onda de lama. Era uma onda que vinha por cima da outra e um ronco das coisas sendo arrastadas”, diz o funcionário.

A reportagem introduz a voz que foi escolhida para ser destacada no título, ou seja, explica quem é o sujeito/locutor que falará em seguida. Logo após, transcreve seu testemunho em forma de narração, na qual observamos um encadeamento de acontecimentos: i) o sujeito foi acordado pelo barulho que crescia; ii) visualizou poeira e lama quando saiu do local onde estava; iii) viu ondas de lama que passavam e coisas que eram arrastadas, o que parece ser o clímax da narrativa.

A narrativa é um poderoso legitimador do discurso, especialmente no que diz respeito a um sujeito envolvido com o acontecimento. O excerto parece contar com três entidades discursivas: o locutor jornal, que atua como um narrador principal; os locutores (outros), cujas sequências em discurso direto aparecem na construção da matéria; e o locutor aforizador que atua como contador da história vivida por ele enquanto prestador de serviços para a Vale S/A. É o locutor jornal atuando como narrador que introduz a fala do funcionário em discurso direto (bem como todas as outras – são pelo menos seis ocorrências de discurso direto entre aspas no texto) e com ela tece uma relação de acordo, tomando esse locutor como uma peça importante na formação de seu conteúdo discursivo. “Para que haja narrativa, é necessário um ‘contador’.” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 153). No caso em pauta, a aforização, que foi retirada de uma curta narrativa (de vida) ratifica a importância dos relatos. Já a pequena modificação feita no enunciado destacado – a omissão do verbo vir (“que vinha”) – parece conferir-lhe maior impacto e dramaticidade.

Passemos ao terceiro enquadramento interpretativo que recortamos – aquele que se ocupa das aforizações cuja temática recai sobre uma base técnica e/ou governamental.

3.1.3 O enquadramento técnico-governamental

O enquadramento técnico-governamental das aforizações deste estudo tem como princípio abordar uma temática de descrição de detalhes técnicos, legislativos e de poderes executivos. Tem como aforizadores principais os bombeiros, socorristas, jornalistas e representantes dos poderes legislativo e executivo. Propomos para análise nesta subseção, sete enunciados (sendo um deles uma combinação de duas frases aforizadas). Destes, três foram encontrados nas edições do jornal *Estado de Minas* e quatro foram retirados do jornal *Folha de S. Paulo*. Procuramos, a exemplo do enquadramento vivencial, apresentar esses enunciados combinados entre os jornais e apresentá-los na sequência dos rompimentos ocorridos em 2015 e 2019. Para nos auxiliar na visualização de tais aforizações e suas características mais gerais, apresentamos o quadro a seguir (quadro 5), seguido das análises de cada um dos enunciados:

Quadro 5: Enunciados destacados sob o enquadramento técnico-governamental				
Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
“Licença não é salvo-conduto” (promotor Carlos Eduardo Pereira Pinto)	Título	<i>EM</i>	08/11/2015	Mariana
Promotor: “Foi negligência” (coordenador da Promotoria do Meio Ambiente)	Título	<i>EM</i>	10/11/2015	Mariana
Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris (Dilma Rousseff, presidente do Brasil)	Título	<i>FSP</i>	01/12/2015	Mariana
Será difícil achar funcionário vivo (Fernando Pimentel, governador de Minas Gerais)	Título	<i>FSP</i>	09/11/2015	Mariana
“Empresas fazem o que está previsto em lei? Então, que se mude a lei para tornar as exigências mais vigorosas” (Marcílio de Moraes, jornalista) “A tragédia em Brumadinho atropela os planos da Vale, que trabalhava para ampliar a vida útil da mineração” (Marta Vieira, jornalista)	Olho	<i>EM</i>	26/01/2019	Brumadinho
“Quando a lama chegava no alto da coxa, a perna paralisava. Impedia o movimento” (Christiane Moreira, brigadista)	Olho	<i>FSP</i>	26/01/2019	Brumadinho
Barragem tinha estabilidade garantida, afirma mineradora (mineradora Vale S/A)	Subtítulo	<i>FSP</i>	02/02/2019	Brumadinho

Fonte: Elaboração própria.

- 1) “Licença não é salvo-conduto” promotor Carlos Eduardo Pereira Pinto (ESTADO DE MINAS, 08 de novembro de 2015).

A aforização constitui o título da entrevista do jornal *Estado de Minas* com o promotor Carlos Eduardo Pereira Pinto, realizada três dias após o rompimento da barragem em Mariana-MG. Tem ênfase argumentativa por construir um raciocínio a respeito dos limites da licença da Samarco para operar a barragem e é uma aforização mais prototípica (pela curta extensão, pelo caráter genérico) por destaque fraco.

Os temas abordados na entrevista são as possíveis causas do rompimento da barragem, os danos causados pelo colapso, as obrigações de reparação por parte da empresa, o alcance da lama (que naquele momento ainda era incerto) e a possibilidade de reconstrução de Bento Rodrigues. Além disso, há uma importante fração da entrevista que versa sobre a licença para operações de extração de minério por parte da Samarco, que estava regularizada na ocasião do rompimento. É dessa parte significativa da entrevista que é selecionada a frase do promotor que será aforizada e funcionará como título.

O texto, por se tratar de uma entrevista, é naturalmente dialógico. Uma entrevista, enquanto gênero de discurso, é marcada pela presença de um entrevistador, no caso representado pelo *Estado de Minas* e por um ou mais entrevistados. A escolha do entrevistado não é mero desejo do entrevistador; precisa relacionar-se com os assuntos que estão na ordem do dia. O rompimento da barragem é, com efeito, um dos assuntos mais explorados pelo referido jornal na ocasião. Logo, a ideia de entrevistar um promotor sugere interesse pelo assunto. Aliás, como já mencionamos, o *Estado de Minas* dá preferência para falas de atingidos e de sujeitos que têm algum tipo de legitimidade para falar de barragens e das possíveis condenações acerca do colapso dessas estruturas, em uma visada de *fazer-saber* à sociedade os detalhes técnicos a respeito do tema.

Ditas essas primeiras palavras, os olhos do leitor devem voltar-se para a dinâmica de relação entre perguntas e respostas na entrevista que dá origem ao destaque. O texto que introduz a entrevista é um importante elemento para a apreensão de um possível interpretativo (CHARAUDEAU, 2015) da aforização:

Figura 36: recorte da entrevista com promotor Carlos Eduardo Ferreira Pinto



Fonte: *Estado de Minas*, 08 de novembro de 2015.

A *palavra-chave* da aforização é “salvo-conduto”. É graças a ela que o jornal relata a fala do promotor em discurso direto (“Não é porque [a barragem] estava licenciada que um rompimento pode ser visto dentro de um contexto normal”) logo na introdução da entrevista. Ou seja, o fato de a barragem ter licença para operar não concede aos operadores o direito a proceder fora de padrões de segurança. A frase aforizada advém de uma ação discursiva responsiva:

A obra, afirma a empresa, estava licenciada e com todos os laudos necessários.

Isso nesse momento não significa nada pra gente. Licenciamento não é salvo-conduto. Não é porque estava licenciada que um rompimento desses pode ser visto dentro de um contexto normal. É mais ou menos como alguém sair embriagado na rua e dizer: “Eu tenho carteira de motorista”. Não é essa a lógica (sublinhado nosso; negrito do original).

O excerto é argumentativo: “a argumentação é a tomada de posição contra outra posição” (FIORIN, 2017a, p. 29), o que está manifestado no trecho. Nele, o leitor se defronta com o encontro de, pelo menos, três vozes: i) a do locutor jornal enquanto entrevistador; ii) a do locutor empresa, a quem se pode atribuir a sentença “a obra estava licenciada e com todos os laudos necessários”, em discurso indireto (“a empresa afirma que”); e iii) a voz do locutor entrevistado. O confronto não se instaura entre entrevistador e entrevistado, mas entre a voz do entrevistado e aquela evocada pelo jornal por ocasião da pergunta. Assim, em “licenciamento não é salvo-conduto”, a resposta, embora direcionada em primeiro plano ao jornal(ista), dialoga em sentido mais amplo com o sujeito de discurso instaurado na entrevista pelo entrevistador, em notória tomada de posição e relação de oposição. Essa observação, a propósito, parece ser importante no que diz respeito ao destacamento: já que é o jornal quem aforiza e, para além disso, posiciona-se ideologicamente como uma instância denunciadora, o enunciado destacado, para além dos leitores, pode ter como instância de recepção ideal a própria Samarco.

Outro enunciado, cujo aforizador é um promotor, encontra-se na edição de 10 de novembro de 2015 do jornal *Estado de Minas*. Nele, a temática da negligência por parte da empresa responsável pela barragem que se rompeu é colocada em pauta:

2) Promotor: “Foi negligência” (ESTADO DE MINAS, 10 de novembro de 2015).

Esse enunciado em regime aforizante foi empregado no título de uma pequena *matéria* no jornal *Estado de Minas* e se relaciona ao rompimento da barragem de Fundão, em Mariana–MG. Nele é possível, de saída, perceber que a fala perfaz discurso direto, tanto pela presença das aspas quanto pela presença dos dois pontos. Como o enunciado é curto e generalizante, é possível constatar uma aforização prototípica. Trata-se da fala do coordenador da Promotoria do Meio Ambiente, que tem uma orientação opinativa, com visada acusativa, dado o papel social do aforizador (promotor).

A matéria trata do tempo que o Ministério Público de Minas Gerais precisará para concluir o inquérito que investiga(va) o rompimento da barragem. No texto, o rompimento é chamado de *tragédia*, como em muitas outras ocorrências no *Estado de Minas*. No caso do texto jornalístico em questão, o locutor jornal informa ao leitor que o Ministério Público mineiro “acusa” a empresa Samarco “responsável pelo desastre” de “negligente”. O locutor jornal procura posicionar-se no sentido de responsabilizar a empresa pela *tragédia* e ainda traz à cena discursiva a voz do promotor que corrobora a responsabilização, como é possível conferir no seguinte excerto, localizado no primeiro parágrafo:

O inquérito em que o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) investiga a tragédia do rompimento das barragens em Mariana deve ser concluído em 30 dias, mas o promotor Carlos Eduardo Ferreira Pinto, coordenador da Promotoria do Meio Ambiente, já acusa a empresa Samarco, responsável pelo desastre, de negligente: “Não há fatalidade nisso. Não podemos admitir que seja acidente um rompimento de um empreendimento de tamanha magnitude. Por isso, considero que seja uma negligência”, afirmou.

Estão sendo apuradas quatro hipóteses: o cumprimento das condicionantes de licenciamento da Samarco, a explosão de uma mina da Vale próximo ao local, possível abalo sísmico e que as obras de alteamento da barragem causaram o rompimento. “Estamos na fase de apurar quais são os fatos. Nenhuma barragem se rompe por acaso. Seguindo neste contexto, temos de identificar qual foi a causa: se má operação da empresa ou falha no monitoramento. Não podemos encarar como acidente um fato deste tamanho”, enfatiza o promotor.

As apurações caberão a uma força-tarefa do Ministério Público. O procurador-geral de Justiça, Carlos André Mariani Bittencourt, designou nove promotores de Justiça para trabalhar no caso que envolve o maior desastre ambiental do estado (grifos nossos).

A aforização, embora curta, é curiosa, pois envolve a presença de um locutor outro trazido ao discurso do jornal para tecer com ele uma relação de acordo. O tema da negligência, trazido à reportagem por intermédio da aforização, aparece à primeira vista, como uma outra voz, o que corrobora o efeito de polifonia na matéria. No corpo do texto jornalístico, é possível perceber que o jornal se posiciona em relação ao acontecimento quando, em aposto (“responsável pelo desastre”), aponta para a Samarco como responsável (ver grifo acima). Além disso, no final do excerto, o jornal corrobora seu posicionamento em relação ao evento. Grifamos a última parte da sequência para ilustrar isso: o excerto destacado não é uma classificação essencial do acontecimento, sem o qual à instância de recepção seria negada a compreensão sobre que “caso” é mencionado no texto. As relações entre os enunciados e o desenvolvimento do texto seriam suficientes para que a informação pudesse ser processada; no entanto, o jornal classifica o acontecimento, qualificando-o como “o maior desastre ambiental do estado”. O tema da negligência é complementado, portanto, pelas intervenções do locutor jornal.

Um enunciado destacado em formato de título de notícia pode ser conferido na edição de 01 de dezembro de 2015, desta vez, no jornal *Folha de S. Paulo*. A aforização é atribuída à Dilma Rousseff, então presidenta do Brasil:

3) Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris (FOLHA DE S. PAULO, 01 de dezembro de 2015).

Essa aforização foi mencionada anteriormente neste trabalho nas discussões teóricas acerca dos locutores que os jornais colocam em cena em seus discursos, bem como da própria noção de aforização. Entretanto, é selecionada para análise nesta subseção para que possam ser revisadas algumas especificidades de sua enunciação.

Em primeiro lugar, é preciso descrever sua ocorrência e seu emprego. O enunciado é título de uma notícia da *Folha de S. Paulo*, em edição lançada quando a *tragédia* em Mariana-MG completava quase um mês. A essa altura, a lama já havia percorrido todo o rio Doce e *desaguado* no mar em Regência-ES. Tal contexto histórico é importante na medida em que já existiam novos fatos que confirmavam a dimensão e a gravidade do acontecimento. A notícia localiza-se na penúltima página do caderno “Cotidiano” (B7), sendo precedida de uma

reportagem (contribuição do jornal mineiro *O Tempo*) sobre o “perfil” de Ricardo Vescovi (B6), então presidente da Samarco, responsável pela barragem de Fundão.

A *Folha de S. Paulo* não emprega um chapéu para essas matérias (como faz o *Estado de Minas*), indicando ao leitor o assunto sobre o qual tratará nas páginas subsequentes. No jornal mineiro, em todo agrupamento de matérias que abordam a temática do rompimento da barragem de Fundão há uma delimitação tipográfica com a fórmula (empregada como chapéu) *tragédia em Mariana* ou seus desdobramentos *tragédia mineira* e *tragédia brasileira*. Entretanto, na *Folha*, especialmente na edição analisada aqui, os textos estão, frequentemente, uns seguidos dos outros, mas destituídos desse recurso.

A relação entre as duas matérias pode ser identificada na medida em que se levam em consideração seus conteúdos e as temáticas que colocam em pauta, relativas à barragem: i) na notícia, intitulada pela aforização, tanto a fala de Dilma Rousseff (“ação irresponsável”) quanto a informação sobre desbloqueios financeiros na conta bancária da Samarco aparecem como fatos narrados; ii) na reportagem sobre o “perfil” do então presidente da empresa, sua trajetória *exemplar* como executivo culmina em questionamentos acerca de sua atuação na Samarco. Nesta reportagem (B6), há dois enunciados destacados cujo aforizador é representado pelo próprio presidente da Samarco. Já a aforização empregada no título da notícia, na página ao lado, indica a possibilidade de uma relação dialógica entre os três enunciados. É possível visualizar o emprego tipográfico desses enunciados na figura 37. Ao lado direito da foto de Ricardo Vescovi, há dois trechos de um vídeo, recuperado pelo jornal, em que ele conversa com os funcionários da Samarco. À direita, na página subsequente, encontra-se o título aforizado da notícia, ao lado da foto de um helicóptero que sobrevoa a lama (as aforizações serão transcritas ao longo da análise, pois a disposição da figura não permite o aumento da imagem):

Figura 37: recorte de duas páginas do caderno Cotidiano



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 01 de dezembro de 2015.

Logo de saída, mesmo sem ler os textos na íntegra, é possível observar que o leitor, enquanto instância interpretante, se depara com, pelo menos, três locutores diferentes: o próprio jornal, o presidente da Samarco e Dilma Rousseff. Isso se deve à presença do verbo dicendi no título da notícia à direita e aos dois enunciados em destaque à esquerda, cuja transcrição é a seguinte:

“Somente um estudo aprofundado com uma combinação de diversas disciplinas como geotecnia, geologia, sismologia, mecânica dos solos pode chegar a uma explicação para o que aconteceu” Em vídeo publicado em 5.nov. após queda da barragem Fundão em Mariana (MG)

Tenha calma, calma e equilíbrio em relação às críticas da imprensa e da sociedade, que tem todo o direito de se manifestar. Ninguém deve esperar apoio amplo e imediato de pessoas que não conhecem a Samarco” Ricardo Vescovi, diretor-presidente da mineradora Samarco, em vídeo divulgado aos funcionários em 25 nov.

Essas duas aforizações transcritas não são prototípicas. Afinal, trata-se de enunciados relativamente longos, com mais de uma oração, sugerindo, portanto, “aforizações periféricas” (LARA, 2014). Ocorrem por destacamento forte, pois não é possível ao leitor localizar as falas nos textos que os cercam a não ser pela informação veiculada pelo próprio jornal sobre vídeos publicados pela Samarco. O conteúdo desses enunciados é questionado pelo menos duas vezes: uma pelo título da notícia em regime de aforização (ação irresponsável contra estudo aprofundado) e outra pela “desconstrução” da imagem do presidente da Samarco desenvolvida ao longo da reportagem que coloca essas vozes em confronto e em relação de desacordo.

Conforme a reportagem intitulada “Reviravolta após a tragédia” (ANEXO 9¹²⁸), Ricardo Vescovi passa de estagiário a presidente da empresa, em uma trajetória repleta de reconhecimento já que foi paraninfo de uma turma de formandos da UFOP, foi agraciado com a medalha Escola de Minas, fez a Samarco ser reconhecida como melhor empresa do setor, além de ter sido eleito o melhor empresário pela revista *Ecológica*. Entretanto, após o rompimento da barragem, sua trajetória foi colocada sob questionamento, segundo o que postula a reportagem. Algumas vozes aparecem no corpo do texto indicando que o jornal objetiva mostrar ao seu leitor o *outro lado* do perfil do presidente da Samarco. O excerto da reportagem que indica essa postura enunciativa do jornal é o seguinte:

¹²⁸ Anexo 9: https://drive.google.com/file/d/1V_s5ympWz9UaOpXe5cF5gX47yfGt-rmv/view?usp=sharing

“Se existe uma pessoa que pode recuperar o que aconteceu ela se chama Ricardo. O governo vai sair fora. Eu já fui governo e sei”, afirma Hiram Firmino, editor da publicação [revista Ecológica] e ex-secretário do Meio Ambiente de Belo Horizonte.

O juiz Frederico Gonçalves, de Mariana (MG), parece discordar. Em liminar, ele comparou a Samarco ao “botequim da esquina” por não ter cumprido decisão de bloquear R\$ 300 milhões para que o valor fosse empregado na reparação às vítimas.

A assessoria de imprensa da mineradora não respondeu aos pedidos de entrevista – e se negou a informar até a idade exata do executivo hoje.

Nesse excerto, é possível perceber pelo menos três locutores: o próprio locutor jornal e dois locutores (outros), representados por Hiram Firmino e por Frederico Gonçalves, a quem não se atribui um enunciado completo, mas um sintagma que qualifica a Samarco: “botequim de esquina”. O locutor jornal coloca-se em desacordo com o primeiro (Firmino), especialmente pelo enunciado “o juiz Frederico Gonçalves (...) parece discordar” e, por meio do sintagma entre aspas, coloca na cena discursiva um segundo locutor, construindo entre eles uma relação dialógica de desacordo. Logo em seguida, vincula-se a essa segunda voz por meio do enunciado “a assessoria de imprensa da mineradora não respondeu...”, corroborando a ideia de desacordo com o locutor representado por Hiram Firmino. Além disso, o travessão, que traz informação adicional, conclui o dialogismo do excerto, afirmando que a empresa se negou a dizer “até mesmo” a idade do executivo. Do ponto de vista do leitor, uma interpretação possível para tal intervenção seria o fato de que, se até mesmo a idade do sujeito não pode ser revelada, quanto mais outras informações, o que comprometeria a empresa, corroborando a ideia de sua culpabilidade.

Já em relação ao título de notícia (“Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris”, cf. figura 38 e anexo 10¹²⁹), consideramos que se trata de uma aforização mais prototípica, muito embora esteja empregada no título da notícia sem a presença de aspas. As aspas, nesse caso, são dispensáveis no que diz respeito à possibilidade de compreensão de que a passagem se trata de discurso direto: há um verbo dicendi. Além disso, o enunciado é generalizante, o que implica que ele faz sentido mesmo que seja empregado de modo autônomo. Entretanto, por figurar em uma página cuja imagem retrata a lama espalhada pela região do rompimento bem como pela própria circulação da notícia em diversos meios midiáticos, a instância de recepção deve(ria) ser capaz de compreender que a fala da presidente se refere ao

¹²⁹ Anexo 10: <https://drive.google.com/file/d/1CVHSt2OoxiF3nof1xqs55RqpCSREeKc9/view?usp=sharing>

rompimento da barragem, qualificando-o como “desastre”, cuja motivação foi uma “ação irresponsável”.

A construção da notícia é curiosa. Há, pelo menos, duas linhas finas, como é possível conferir na imagem a seguir (figura 38):

Figura 38: notícia da *Folha* sobre fala de Dilma Rousseff

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 1º DE DEZEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ cotidiano B7



Helicóptero de socorro sobrevoa região destruída em MG

Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris

Presidente disse que haverá punição por rompimento de barragem em MG

Mineradora Samarco consegue decisão na Justiça para desbloquear contas e paga funcionários

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A presidente Dilma Rousseff afirmou aos líderes mundiais em Paris, na abertura da COP21, a conferência do clima, que a tragédia ambiental em Mariana (MG) foi causada por uma ação irresponsável e que haverá punição.

“A ação irresponsável de empresas provocou o maior desastre ambiental na história do Brasil na grande bacia hidrográfica do rio Doce”, disse, em discurso na abertura do evento nesta segunda (30).

“Estamos reagindo ao desastre com medidas de redução de danos, apoio às populações atingidas, prevenção de novas ocorrências e também punindo severamente os responsáveis.”

O governo brasileiro chegou a ser criticado na semana passada por relatores da ONU pela demora para reagir ao desastre. Em seguida, anunciou uma ação judicial com os governos de Minas e Espírito Santo para a criação de fundo de R\$ 20 bilhões para reparar danos.

DESBLOQUEIO DE CONTAS

Depois de ameaçar suspender os pagamentos de funcionários e fornecedores por causa de bloqueios em suas contas, a mineradora Samarco conseguiu autorização do juiz Frederico Gonçalves, de Mariana (MG), para movimentar suas contas e saldar as dívidas.

A decisão foi tomada na tarde desta segunda-feira (30), e a empresa, presidida por Ricardo Vescovi, afirma que tem movimentado recursos para cumprir seus compromissos financeiros.

De acordo com o Metabáse, sindicato que representa a maior parte dos trabalhadores da mineradora em Mariana, os salários dos funcionários já foram pagos.

A nova decisão não livra a empresa da determinação de ter R\$ 300 milhões bloqueados para garantir que cumpram compromissos legais como indenizações às vítimas do rompimento da barragem.

A empresa também deve pagar mais aproximadamente R\$ 300 milhões até o dia 2 de dezembro, referentes à primeira parcela de um fundo de reparação ao ambiente.

Quando a Samarco anunciou que podia dar calote nos funcionários devido ao bloqueio das contas, o Ministério Público criticou a medida.

“Ela fez isso simplesmente para jogar os empregados contra a população atingida, que é uma forma desleal de tratar essa questão muito importante”, afirmou Guilherme Meneghini, promotor da comarca do município. A empresa não comentou.

Colaboraram JOSÉ MARQUES, enviado a Mariana (MG), e THIAGO AMÂNCIO, de SP

▶ LEIA MAIS sobre a COP21 em “Mundo”

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 01 de dezembro de 2015.

A notícia trata de dois fatos que envolvem os desdobramentos do rompimento da barragem em Mariana-MG: o primeiro diz respeito à fala de Dilma e o segundo, ao desbloqueio de contas da Samarco. Por esse motivo, é possível observar a presença de duas linhas finas ou, em outras palavras, de dois pequenos resumos dos fatos. Nossa concentração se dá na notícia sobre a fala da presidente, pois é tal fala que dá origem à aforização.

O lide da notícia situa o leitor acerca do fato e o segundo parágrafo traz em discurso direto a fala da presidente. Como é possível conferir nos excertos transcritos a seguir, o jornal enquanto locutor não parece tecer com a fala da presidente nenhuma relação de acordo ou desacordo:

“A ação irresponsável de empresas provocou o maior desastre ambiental da história do Brasil na grande bacia hidrográfica do rio Doce”, disse, em discurso na abertura do evento nesta segunda (30).

“Estamos reagindo ao desastre com medidas de redução de danos, apoio às populações atingidas, prevenção de novas ocorrências e também punindo severamente os responsáveis.”

Há que se observar ainda a ligeira alteração do enunciado quando é aforizado. No lugar de “A ação irresponsável de empresas provocou o maior desastre ambiental da história do Brasil”, a aforização reduz o enunciado, transformando-o em “Ação irresponsável provocou desastre”. A redução, típica de aforizações, omite alguns detalhes para o leitor, quais sejam: i) ausência do artigo (*a ação irresponsável x ação irresponsável*): indetermina a “ação” e reduz, no que tange à instância de recepção, a possibilidade de identificar que ação foi irresponsável e de quem é essa ação; ii) redução sintagmática (*o maior desastre ambiental da história do Brasil x desastre*): a instância de recepção não tem acesso ao tipo de qualificação que o locutor dá ao acontecimento; é preciso ler o texto para acessar tais informações.

O jornal *Folha de S. Paulo* é bastante representativo das aforizações em formato de título de textos jornalísticos em geral. O rompimento da barragem de Mariana-MG, em 2015, rendeu mais uma ocorrência como a que acabamos de analisar. Desta vez, o aforizador foi o então governador do estado de Minas Gerais:

- 4) Será difícil achar funcionário vivo, diz governador de MG - Fernando Pimentel, governador de Minas Gerais (FOLHA DE S. PAULO, 09 de novembro de 2015).

Figura 39: Título de reportagem informativa na última página do caderno “ Cotidiano”.

Será difícil achar funcionário vivo, diz governador de MG

Entre os desaparecidos há 13 pessoas que trabalhavam nas barragens rompidas

Folha chegou ao centro de vilarejo afetado; a lama chegou ao teto das casas, e telhado e portas foram arrancados

JOSÉ MARQUES
GOVERNADOR DE MINAS GERAIS

O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT), recebeu neste domingo (8) que os 13 funcionários que trabalhavam nas barragens da empresa Samarco em Mariana, na hora em que ele se pronunciou, “infelizmente não são encontrados com vida”.

“Lamentavelmente não temos que nos lamentar aqui. Os centros limítrofes das áreas atingidas que estão desaparecidos não são sabidas.”
“Essas 13 pessoas são de origem (8) — das mesmas famílias retratadas lá por estarem obrigadas em aceitar o emprego na fábrica por conta própria.”
“A gente pode localizar alguém que ficou ou ficou perdido, não quero ficar a cargo de ninguém. Não sei que a gente consegue, mas a medida que o tempo vai passando, a esperança vai diminuindo”, disse o governador. Aproveitando de falar sobre o acidente, a Folha entendeu pela primeira vez na tarde deste domingo no subditado de Santa Bárbara, um acidente afetado pela lama.
“A cent é digna da passagem de um furacão. Há cascadas de lama, pessoas foram quase por completo de lama, e outras lançadas metros adiante. Se os casos mais afetados são difíceis de ler.”
“A marca da terra chegou sob o rio. Em um bar, a mesa de madeira ficou na porta.”
“O mar de lama passou por cima da escola. Apesar de algumas pessoas resistirem em pé, um colar com um cartão de identificação de identificação em um ponto em um bar.”
“A proximidade da barragem é regular. Conforme andavam, bombas por vezes acumulavam as pedras.”

AVISO SONORO
Pimentel falou ainda sobre a falta de um aviso sonoro para alertar moradores. “Não sei se seria muito mais eficiente nesse caso”, disse, que repete a alegação de Samarco de que a medida não é obrigatória por lei.
Em seguida, minimizou, dizendo que “é importante que haja comunicação sonora”.
As barragens se compõem na altura (1). O motivo ainda é desconhecido. Na hora do acidente, um funcionário da empresa morreu após sofrer uma parada cardíaca.
Segundo o Inquérito de Bombeiros, para as próximas semanas as buscas focarão em encontrar sobreviventes.
Pelo terceiro dia, os bombeiros se dividiram entre o número de mortos. Neste domingo, ao contrário do que o Twitter da corporação e o Facebook dizem, pediu-se para encerrar uma segunda etapa como vítima do acidente.
Além disso, dois corpos foram encontrados em BH, em Ponte Nova e um terceiro já está sendo resgatado no fim da tarde.
De Belo Horizonte foram o senador Aécio Neves (PSDB) e a ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, Nilma Lino Gomes, e chegaram em visita a Mariana neste domingo, uma melhor comunicação em relação às operações de busca.
Neste domingo, o prefeito Duarte de (19%) em atendimento por estresse e cansaço.



Escombros de vila que ficou parcialmente coberta pela lama após acidente em barragem

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015.

Essa aforização é retirada da fala do então governador do estado de Minas Gerais Fernando Pimentel sobre o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana-MG e tem como princípio de funcionamento um destacamento fraco e um funcionamento mais prototípico. Isso

significa que é possível identificar facilmente a transcrição da fala do governador no corpo do texto da reportagem e também que o enunciado ocorre em discurso direto e tem extensão curta.

O enunciado destacado da fala do governador constitui o título da notícia circundada pelas pequenas reportagens cujos títulos são aforizações analisadas no enquadramento vivencial (ver ANEXO 6¹³⁰) e, embora não contenha aspas, é possível observar que se encontra em discurso direto (sobretudo pela presença do verbo dicendi: dizer), levando-nos a compreender que se destina a uma espécie de “auditório universal”, tal como nos sugere Maingueneau (2010) inspirado em Perelman. Nessa condição, o destacamento nos permite compreender que “fundamentalmente monologal, a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

É preciso ainda observar que o enunciado escolhido para o destacamento localiza-se logo no início da notícia, tendência da aforização prototípica. No primeiro parágrafo, lemos o seguinte: “O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT) reconheceu neste domingo (8) que os 13 funcionários que trabalhavam nas barragens da empresa Samarco em Mariana, na hora em que elas se romperam ‘difícilmente serão encontrados com vida’”.

Há ligeira alteração no enunciado por ocasião do processo de destacamento: “Os 13 funcionários (...) dificilmente serão encontrados com vida” para “Será difícil encontrar funcionário vivo”. A modificação, em tese, não prejudica a interpretação, mas parece deixar o número de funcionários propositadamente vago para aumentar o impacto da informação, ainda que possamos também pensar na necessidade de deixar o título mais curto.

Embora a fala do governador do estado no interior da reportagem sugira que ainda havia esperança, mesmo que remota, e que não havia desejo de demovê-la de parentes que aguardavam por notícias, a escolha do jornal foi a de aforizar justamente o excerto que destaca o pessimismo diante das buscas. Esta é uma observação relevante, pois é possível depreender dela que um enunciado focado no que é trágico pode chamar mais a atenção do leitor do que um enunciado que se desloca para o oposto. Além disso, o fato de o título do texto mencionar que a frase em destaque advém de uma autoridade política legitima o que está sendo dito. Isso leva a aforização a um outro nível interpretativo, uma vez que o foco está em uma fonte legitimadora. Aliás, a preferência da *Folha de S. Paulo* por conteúdos mais *realistas* é bastante comum. Na reportagem em pauta, aliás, é possível ler alguns detalhes que descrevem o estado de Bento Rodrigues após a passagem da lama:

¹³⁰ Anexo 6: <https://drive.google.com/file/d/1H6j9jfEczwD1YLCOAJEBAEu8CLCBqrEJ/view?usp=sharing>

Após autorização dos bombeiros, a Folha esteve pela primeira vez na tarde deste domingo no subdistrito de Bento Rodrigues, o local mais afetado pela lama. A cena é digna da passagem de um furacão. Havia casas sem telhado, preenchidas quase por completo de lama, e carros lançados metros adiante. Só as casas mais afastadas resistiam com teto.

A marca da terra chegava ao teto. Em um bar, a mesa de sinuca parou na porta. O mar de barro passou por cima da escola. Apenas algumas paredes resistiam de pé, uma delas com um cartaz afixado. O ferro de carteiras despontavam na lama. A profundidade do barro era irregular. Conforme andavam, bombeiros por vezes afundavam as pernas.

A descrição em si sugere um discurso mais objetivo. Vejamos que, por mais que descreva a situação de Bento Rodrigues com detalhes, a reportagem da *Folha* não foca em um discurso voltado às estratégias de dramaticidade. Antes, preocupa-se em descrever tudo com uma linguagem objetiva como quem localiza (“subdistrito de Bento Rodrigues, o local mais afetado pela lama”) e qualifica (“A cena é digna da passagem de um furacão”) (CHARAUDEAU, 2016a), focalizando objetos, não pessoas. Esta é, aliás, uma diferença sensível entre a cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* e a do *Estado de Minas*. Enquanto esse último prefere utilizar frases nominais nas manchetes e centrar suas preocupações nas pessoas, a *Folha* faz uma abordagem menos inscrita enunciativamente. Isso pode indicar que o envolvimento do jornal não é tão “afetivo” tanto por escolha ideológica quanto por distanciamento geográfico de sua sede em relação ao local da *tragédia*.

Passemos ao *Estado de Minas* que, em aforizações cujo destaque se constitui em formato de olho, veicula os seguintes enunciados acerca do rompimento da barragem em Brumadinho – MG:

- 5) “Empresas fazem o que está previsto em lei? Então, que se mude a lei para tornar as exigências mais vigorosas”, Marcílio de Moraes, jornalista.

“A tragédia de Brumadinho atropela os planos da Vale, que trabalhava para ampliar a vida útil da mineração”, Marta Vieira (ESTADO DE MINAS, 26 de janeiro de 2019).

Essas aforizações encontram-se em destaque na capa da edição de 26 de janeiro de 2019, no dia que sucede ao rompimento da barragem de Brumadinho-MG. É a primeira edição do jornal desde o rompimento. A localização das aforizações segue o padrão das aforizações do

exemplo 3 do “Enquadramento Testemunhal” (ver figura 26¹³¹ e ANEXO 11¹³²). Figuras na capa da edição, ao lado esquerdo do leitor, circundando o lide da manchete. É importante, aliás, fazer uma pequena inserção a respeito do conteúdo discursivo do lide. Isso porque é possível depreender de sua leitura a inscrição enunciativa do locutor jornal em relação ao acontecimento que, aliás, como já foi mencionado, é nominalizado e taxativo: “Outro Crime”. De acordo com o *lide*, que transcrevemos a seguir:

*Ainda sem punições criminais e com as reparações dos prejuízos causados pelo desastre da Samarco **andando a passo de tartaruga, a tragédia se repete**. Desta vez, a represa de rejeitos da Mina Córrego do Feijão, da Vale, na Grande BH, se rompeu no início da tarde de ontem, liberando toneladas de lama que atingiram prédios, casas e veículos na área da mineração e comunidades próximas. Pelo menos sete pessoas morreram, cinco foram hospitalizadas e cerca de 150 estavam desaparecidas. O presidente da Vale, Fabio Schvartsman, reconheceu tratar-se de **“uma tragédia humana terrível”**. Também houve **incalculável** impacto ambiental. A onda de rejeitos chegou ao Rio Paraopeba – **afluente do São Francisco** -, responsável por grande parte do abastecimento de água da Grande BH. A Copasa interrompeu a captação direta no rio, mas descartou problemas para o fornecimento à região metropolitana da capital, garantido por três represas do Sistema Paraopeba e pelo Rio das Velhas. O presidente Jair Bolsonaro se solidarizou com os atingidos, mobilizou ministros e visitará hoje o local do acidente, que deverá sobrevoar juntamente com o governador Romeu Zema (grifos nossos).*

Os negritos foram acrescentados ao texto para complementar a ideia de um locutor que se inscreve enunciativamente no texto, ainda que não se utilize de primeira pessoa. Os exemplos grifados são apenas ilustrativos dessa questão, pois, em um exame mais acurado, é possível constatar que existem outros detalhes que poderiam figurar como inscrição enunciativa do jornal. A ideia dessa inserção é a de corroborar as interpretações possíveis das aforizações e não analisar detalhadamente o texto do lide. Cabe salientar que essas inscrições são importantes pistas de que a linha editorial do jornal está sendo mantida. Dessa forma, as expressões “ainda sem punições criminais” e “andando a passos de tartaruga” para se referir- à memória do rompimento da barragem em Mariana-MG três anos antes, denotam uma atividade discursiva que tem como ponto de partida uma memória (pré-)estabelecida acerca da experiência de colapso de estrutura de rejeitos.

¹³¹ Figura 26: <https://drive.google.com/file/d/1mnxXcq-4nLYnbTbW-i-Ev8-otwXOLSpA/view?usp=sharing>

¹³² Anexo 11: <https://drive.google.com/file/d/14k8bjHmvtgrFalfZlqAJNILzPnvNaCV0/view?usp=sharing>

A expressão aspeada “uma tragédia humana terrível” leva à reflexão. Presume-se que, em alguma medida, as palavras atribuídas ao presidente da Vale S/A estejam se aproximando e se distanciando ao mesmo tempo. Isso porque é possível que o locutor jornal coloque na cena do discurso este outro locutor (presidente da Vale S/A), aproximando-se dele no nível da significação, mas tecendo com ele relação de crítica no nível do sentido, daí a necessidade de marcar com aspas esse outro “espaço enunciativo”. É, portanto, a marca tipográfica das aspas que determina o distanciamento, sugerindo que do ponto de vista externo ao discurso, a *tragédia humana* é um já-dito com o qual o locutor jornal está em relação de acordo que, por sua vez, antecede o discurso do locutor outro (presidente da empresa). Essa interpretação pode ser corroborada pelo verbo “reconheceu”, cuja ideia é a de admitir. Ou seja, do ponto de vista do locutor jornal, se o locutor outro reconhece, há, sim, um acordo prévio de que o evento deve ser denominado “tragédia humana”. Nesse caso, estamos diante daquilo que Maingueneau (2001) chama de “ilha textual”.

Outra expressão destacada é “afluente do Rio São Francisco”, que aparece em função de aposto, entre travessões. Como um conteúdo isolado da sentença, o aposto em pauta é simbólico já que o Rio São Francisco é o maior rio genuinamente brasileiro (nasce no Brasil e não corre para outros países) e é de extrema importância para o estado de Minas Gerais e para a região Nordeste. O rio é simbólico porque passa por uma região vulnerável do país, abastecendo de água populações desassistidas. O rio é tão simbólico que possui até mesmo um apelido – Velho Chico. O aposto ativa toda uma memória sobre a dimensão dos valores do rio. Instaurar no discurso o rio São Francisco é uma forma de sensibilizar o leitor, transformando-o em um *atingido* pelo rompimento da barragem e comprometendo os responsáveis pela *tragédia* no sentido de afetar sua imagem por meio de elemento simbólico tanto cultural quando ambientalmente falando.

Se a ideia aqui é a de analisar os enunciados destacados, observar o lide, ainda que superficialmente, auxilia na reflexão sobre seus possíveis interpretativos. Isso porque, ao serem organizadas como argumentos, as aforizações que o circundam persuadem o leitor a tomar a mesma posição ideológica do jornal, cuja essência pode ser depreendida pelo próprio texto em questão. É nesse sentido que a dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018) de todo discurso trabalha em conjunto com o dialogismo que o jornal propõe entre a enunciação aforizante e o lide, ainda que ambas as sequências não estejam no mesmo nível enunciativo. Maingueneau (2014) explica: a aforização é um tipo de enunciação não-textualizante, ou seja, não está sob a égide da lógica dos gêneros discursivos.

As aforizações analisadas nesta subseção não parecem prototípicas: não ocorrem em uma única frase e não são generalizantes. Entretanto, possuem ocorrência em discurso direto e em posição paratextual, o que corrobora a ideia de que estão realmente no nível de enunciação destacada. Elas estão organizadas discursivamente, como já foi mencionado, em um modo argumentativo e dialogam, para além do enquadramento técnico, em torno de uma sugestão acional: no primeiro enunciado porque sugere uma modificação nas leis e no segundo porque coloca em jogo o futuro da mineração a partir da ideia de que o rompimento atrapalha os planos da vida útil da mineração.

Tudo isso acontece sob a égide do argumento. Isso porque “argumentar é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 207). Para o autor, “argumentar consiste em efetuar operações abstratas de ordem lógica, destinadas a explicar ligações de causa e efeito entre fatos ou acontecimentos, estabelecer entre eles uma relação de causalidade” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 112). Isso é ilustrativo do que ocorre nos dois enunciados analisados aqui, pois o efeito de sentido que provocam é o de persuasão, levando a instância de recepção a compreender a lógica de raciocínio do aforizador. Se fosse possível modificar um pouco o discurso sem, no entanto, modificar seu sentido, reescrever a primeira sentença implicaria em: *As empresas fazem o que está previsto em lei, portanto a lei precisa ser modificada para que haja mais exigências*. Isso é o mesmo que dizer que as leis não são suficientemente garantidoras da segurança das populações que circundam as barragens. (Re)organizando o discurso dessa maneira, é possível chegar mais explicitamente a uma estrutura de argumento, tal como propõe Charaudeau (2016): uma asserção de partida, uma asserção de passagem e uma asserção de chegada.

A introdução do trecho argumentativo se dá em uma visada acusativa do gestor do estado de Minas Gerais, culminando em sugestões diversas. O jornal, representado pelo repórter que assina a matéria da qual se origina a aforização constrói um texto predominantemente argumentativo. A matéria é intitulada “A reprise do descaso”, no âmbito de uma categoria do jornal denominada “análise da notícia”, e é assinada pelo jornalista/aforizador¹³³. O enunciado foi aforizado *ipsis litteris* e, vale mencionar, não é um enunciado que abre ou fecha a reportagem. É o meio dela que abriga o enunciado aforizado. A seguir, é possível conferir o excerto de onde a aforização foi *recortada*:

¹³³ Lara (2014) fala, nesse caso, em autoaforização, quando é o “autor” do texto que “recorta” sua própria fala para “alçá-la” à condição de aforização.

É inadmissível que se possa imaginar que Minas, um estado minerador desde a sua fundação, não tenha o devido zelo com a atividade na qual sua economia se estruturou. As empresas fazem o que está previsto na lei? Então que se mude a lei para tornar as exigências mais rigorosas. Que se obriguem os acionistas a abrir mão de parte do lucro para que as barragens ofereçam nenhum risco. Que se estabeleça a prisão de diretores e responsáveis técnicos em casos graves, como o ocorrido em Mariana e ontem em Brumadinho.

O procedimento de destacamento se desloca ligeiramente quando se observa a ocorrência do segundo enunciado destacado (ver ANEXO 11¹³⁴), do lado esquerdo do lide, logo abaixo do enunciado que acabamos de analisar. A aforização foi selecionada do primeiro parágrafo, mais precisamente, da primeira frase da matéria, o que sugere que essa destacabilidade segue padrões mais prototípicos. A reportagem, que também se encontra no caderno “Gerais” do *Estado de Minas*, é intitulada “Plano era expandir a mina” e é assinada pela jornalista Marta Vieira, que assume o papel de aforizadora na capa do jornal.

Esse fenômeno discursivo que torna o jornalista um aforizador é comum nos destacamentos do *Estado de Minas*. O jornal coloca sua cobertura jornalística em posição de evidência e comporta-se como se fosse o seu próprio ponto de vista uma motivação noticiosa, tanto que aforiza seus próprios enunciados. Embora não haja qualquer materialidade linguístico-discursiva que introduza essa ideia, dada a própria natureza da enunciação aforizante (a de não funcionar por relações de coesão), o efeito que se tem quando o leitor se depara com um enunciado em discurso direto funcionando como título, legenda etc. é o de que o jornal está dizendo “tal pessoa disse isso; leia aqui”. Nesse caso, o *éthos* do jornal parece bastante narcísico: “nossos jornalistas disseram isso; leia aqui”, e o locutor jornal não pode senão colocar-se em relação de acordo com esses enunciados destacados, afinal de contas, são seus próprios representantes quem cumprem o papel de aforizadores.

O enunciado de Marta Vieira sofre ligeira alteração quando aforizado se comparado à reportagem de onde foi retirado. Esse fenômeno já foi observado em outros casos por Maingueneau (2012) e Lara (2013; 2014; 2016) quando afirmam que as aforizações usualmente sofrem alterações por ocasião do destacamento. No caso, a alteração sofrida altera não somente a materialidade do enunciado, mas sensivelmente seu sentido. Enquanto a aforização enfatiza o objetivo de “ampliar a vida útil da mineração”, o texto original diz:

¹³⁴ Anexo 11: <https://drive.google.com/file/d/14k8bjHmvtgrFalZlqAJNILzPnvNaCV0/view?usp=sharing>

Tragédia de Brumadinho atropela os planos nos quais a mineradora Vale vinha trabalhando para ampliar a vida útil da jazida Córrego do Feijão.

No enunciado destacado, o sentido é ampliado, generalizado pela substituição de “a vida útil da jazida Córrego do Feijão” por “vida útil da mineração”. Nele, é possível perceber uma declaração: a de que a empresa tinha planos para estender o tempo de exploração de minério e esses planos só foram “atropelados” porque houve um rompimento de barragem (uma das explicações possíveis sobre a declaração proposta pelo aforizador). Tanto a primeira aforização organizada discursivamente em modo argumentativo quanto a segunda sugerem (como uma interpretação possível, vale dizer) um efeito de indignação contra uma atividade que, do ponto de vista do jornal, desrespeita tanto o meio ambiente quanto as populações que se organizam no entorno dela. Corresponde, portanto, à própria proposta desse regime enunciativo que é a de, segundo Maingueneau (2010), ser mais universalizada para que o trabalho interpretativo possa abranger um espaço que esteja sob a égide do universo de crenças mobilizadas por esse regime enunciativo.

Os enunciados que seguem (6 e 7) são ambos originários da *Folha de S. Paulo* e correspondem, respectivamente, à fala de uma brigadista que trabalhou no resgate de pessoas em Brumadinho–MG e à fala da mineradora responsável (a Vale S/A) acerca da estabilidade da barragem:

- 6) “Quando a lama chegava no alto da coxa, a perna paralisava. Impedia o movimento”
Christiane Moreira, brigadista (FOLHA DE S. PAULO, 26 de janeiro de 2019).

Como veremos na figura 40¹³⁵, esse enunciado destacado encontra-se em posição paratextual, em formato de olho. Como o próprio *site* da *Folha de S. Paulo* sugere¹³⁶, o olho é um recurso tipográfico que destaca partes “importantes” das matérias, com o objetivo de “arejar” a leitura. O olho é um recurso que permite algumas alterações para adaptação do conteúdo ao espaço. Muitas aforizações aparecem nesse formato, como temos visto ao longo desta pesquisa.

Como foi observado, essa edição do jornal é a primeira que sucede ao rompimento da barragem em Brumadinho-MG. Diferentemente do que ocorreu em Mariana-MG, a cobertura da nova *tragédia* foi manchete da edição. O enunciado destacado nesta subseção tem como

¹³⁵ Figura 40: https://drive.google.com/file/d/1MCgv3CLlB-CW89mlDmnd7qX4RkW6_ZL_/view?usp=sharing

¹³⁶ Informação disponível no manual de edição da *Folha de S. Paulo*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_o.htm. Acesso em: 03/03/2022.

aforizadora a brigadista Christiane Moreira e encontra-se originalmente no último parágrafo do texto, entre aspas, em discurso direto.

Ante de chamar a atenção para a própria aforização, vale destacar o lide da notícia, a exemplo do que fizemos acima. Isso porque a *Folha de S. Paulo* não poupa palavras para qualificar o rompimento da barragem em Mariana-MG, desmontando as críticas que recebera na ocasião:

Três anos após o maior desastre mundial da história da mineração, em Mariana (MG), o Brasil registra um novo desastre. Uma barragem se rompeu e pelo menos uma outra transbordou na sequência, em Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte. Sete corpos foram encontrados, e cerca de 200 pessoas estão desaparecidas, segundo os Bombeiros.

As instalações pertencem à Vale. Segundo o presidente da empresa, Fabio Schwartzman, o dano ambiental será muito menor que o de Mariana, mas a tragédia humana deverá ser maior (grifos nossos).

Classificar o rompimento da barragem em Mariana-MG como o “maior desastre mundial da mineração” tem especial efeito de sentido quando o jornal pretende noticiar evento semelhante, no caso, o colapso da barragem da mina do Córrego do Feijão. Há duas sequências em destaque que circundam o corpo da notícia. Uma delas não é propriamente uma aforização. Trata-se de um olho que não funciona em discurso direto e cujo conteúdo recai sobre os dados da ANA (Agência Nacional de Águas):

Segundo relatório da ANA (Agência Nacional de Águas), ao menos 45 barragens no Brasil estão vulneráveis e têm risco de rompimento.

O outro enunciado em formato de olho figura em discurso direto, com verbo dicendi, o que indica uma estratégia para chamar a atenção do leitor. Isso porque, além da foto da montanha de lama, da manchete, do subtítulo e do próprio lide da notícia que se encontra separado do texto, o enunciado indica a aforizadora: uma brigadista que relata a dificuldade do trabalho de resgate.

Figura 40: Primeira página do caderno Cotidiano com notícia sobre Brumadinho-MG.



a
l,
a
r-
s
e
r
s
a
n
o
”

**“Quando a lama
chegava no
alto da coxa, a
perna paralisava.
Impedia qualquer
movimento”,
diz a brigadista
Christiane
Moreira**

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 26 de janeiro de 2019.

Trata-se de uma aforização por destacamento fraco, já que é fácil encontrar o enunciado no corpo do texto, como já mencionamos. Não há nenhuma alteração no enunciado se comparado ao relato contido no texto. A aforização, no entanto, parece chamar a atenção dado o próprio imaginário do trabalho do corpo de bombeiros em eventos catastróficos ao redor do mundo. Além disso, o fato de haver um relato de alguém que caminhou na lama em busca de sobreviventes parece focar o discurso em um trabalho digno de ser divulgado, até mesmo em um jornal que tende para um discurso mais racional, sem grandes dramaticidades. Ainda assim, o *éthos* de jornal de referência é preservado. Isso porque, apesar das crenças e imaginários mobilizados pelos discursos sobre o trabalho de brigadistas, o relato não foge à realidade dos fatos. Isso traz à baila a questão de impotência mediante o caos que a lama trouxe às localidades atingidas.

Passemos agora ao último enunciado elencado para análise neste enquadramento. Trata-se de um enunciado aforizado que representa a fala da Vale S/A acerca da estabilidade da barragem rompida:

- 7) Barragem tinha estabilidade garantida, afirma mineradora (FOLHA DE S. PAULO, 02 de fevereiro de 2019).

O enunciado foi aforizado em subtítulo de reportagem acerca do vídeo, amplamente divulgado pelas mídias, que mostra o momento do rompimento da barragem da mina do

Córrego do Feijão em Brumadinho-MG. A reportagem traz ao leitor informações acerca da ciência da empresa em relação ao tempo que a lama levaria para atingir suas dependências, tais como o refeitório, por exemplo. Traz ainda uma série de revelações que levam o leitor a construir uma cena acusatória: a de que a Vale S/A tinha conhecimento do potencial de destruição rápida que o colapso da barragem traria e não protegeu as pessoas que ali circulavam. Com essas informações em mente, o leitor chega ao subtítulo da reportagem, qual seja, a aforização que ora analisamos.

O subtítulo é complementado pelo termo “outro lado”, indicando ao leitor que a partir dali o locutor jornal modificaria o *ponto de vista* para informá-lo acerca das argumentações apresentadas pela Vale S/A. O texto continua relatando ao leitor as informações da empresa, em discurso indireto (“A Vale afirma que...”) ou naquilo que Authier-Revuz (1998) denomina “modalização do discurso em discurso segundo”, ou seja, o uso de expressões como: *segundo x, para retomar as palavras de y* etc (“Segundo a empresa”):

A Vale afirma que a barragem 1 possuía sistema de vídeo-monitoramento [sic], sistema de alerta através de sirenes e que a população próxima da estrutura estava cadastrada. Segundo a empresa, houve um simulado de emergência com a população em 16 de junho de 2018 e com os funcionários em 23 de outubro.

No excerto, portanto, as palavras atribuídas à empresa são relatadas pelo locutor jornal à instância interpretante. As informações da Vale S/A assim veiculadas incluem: um plano de emergência protocolado na prefeitura; inspeções quinzenais na barragem etc. Elas indicam que os dizeres da empresa aparecem ali a partir da própria voz do locutor jornal. Há apenas um momento em que a fala da empresa aparece em discurso direto entre aspas (verificar excerto abaixo), mas ela *não* dá origem à aforização.

O caso é curioso, pois sugere que o jornal forja o enunciado destacado a partir da *perspectiva* da empresa, que ele traz à sua enunciação. O enunciado que dá origem à aforização é o seguinte:

A estrutura possuía todas as declarações de estabilidade aplicáveis e passava por constantes auditorias externas e independentes, diz a empresa, além de inspeções quinzenais – a última em 22 de janeiro. “Toda essa documentação sempre esteve e continua à disposição das autoridades”, diz comunicado da empresa.

Há alteração no processo de destacamento, o que afeta sensivelmente o sentido da frase. No lugar de “a estrutura possuía todas as declarações de estabilidade aplicáveis”, a aforização passa a ser “barragem tinha estabilidade garantida”. O termo “garantida” não aparece no

enunciado que dá origem ao destacamento. No lugar dele, são citadas as “declarações aplicáveis”. Isso muda o sentido do enunciado no que diz respeito a uma declaração que pode ser questionada, ao passo que uma garantia, não. Além disso, a aforização aparece sem aspas, a exemplo de outras ocorrências já analisadas da *Folha de S. Paulo*. Nesse caso, talvez isso se deva ao fato de que a aforização não procede de uma fala em discurso direto, como observamos mais acima.

Como as informações veiculadas no início da reportagem constroem de saída uma cena denunciante, como foi dito no início da análise, é possível mencionar que há, pelo menos, duas vozes em relação de desacordo na reportagem: a do locutor jornal e aquela que ele mesmo representa da perspectiva da empresa, construindo, assim, um efeito de polifonia em que as vozes não se harmonizam. A aforização é prototípica do ponto de vista de sua extensão, por ser constituída de apenas uma frase, característica demandada pelos títulos. Ocorre por destacamento fraco, já que o enunciado que dá origem a ela aparece no terceiro parágrafo que sucede ao subtítulo.

O próximo enquadramento interpretativo ocupa-se de uma temática artística, cultural e religiosa. Não ocorre nas edições examinadas na *Folha de S. Paulo*, sendo, portanto, uma especificidade do *Estado de Minas*, que reforça, assim, o *éthos* de um jornal que veicula não apenas quadros técnicos e políticos, voltando-se também para a formação do indivíduo e suas relações sociais.

3.1.4 O enquadramento artístico-cultural e religioso

O enquadramento artístico-cultural e religioso consiste em enunciados destacados cujos aforizadores são artistas em geral, tais como cantores, atrizes e atores, cartunistas etc. Também é possível encontrar aforizadores representativos de segmentos simbólicos da sociedade, tais como o religioso, cujos aforizadores são normalmente sacerdotes. São poucas as ocorrências de aforizações nesse tipo de enquadramento. Entretanto, há importantes segmentos sociais envolvidos, o que justifica analisar essas aforizações neste trabalho. Como já mencionamos, não foi possível encontrar aforizações de enquadramento artístico-cultural e religioso no jornal *Folha de S. Paulo*.

Serão analisados seis enunciados, sendo três deles advindos do rompimento da barragem em Mariana–MG e três deles advindos do rompimento da barragem em Brumadinho–MG. O quadro 6 (a seguir) dá uma ideia geral desses enunciados. Logo em seguida do quadro, as análises serão realizadas.

Quadro 6: Enunciados destacados sob o enquadramento artístico-cultural e religioso				
Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
“É terrível ver o rio avermelhado” (Sebastião Salgado, fotodocumentarista)	Título	EM	16/11/2015	Mariana
“A catástrofe de Mariana acabou com meu coração. Arranca um pedaço da gente” (Mag Magrela, grafiteira)	Olho	EM	16/11/2015	Mariana
“O diabo que fez isso” (Maria do Carmo, atingida)	Título	EM	05/11/2015	Mariana
“Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem. Está dentro da nossa capacidade alcançar e reconhecer um sentido nesse horror que ainda desconhecíamos?” (Svetlana Aleksievitch, Prêmio Nobel de Literatura, 2015)	Subtítulo	EM	24/02/2019	Brumadinho
“Chorei algumas vezes” (Caetano Veloso, músico)	Título	EM	27/01/2019	Brumadinho
“Rio de lágrimas e sangue” (Dom Vicente Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte)	Título	EM	31/01/2019	Brumadinho

Fonte: Elaboração própria.

- 1) “É terrível ver o rio avermelhado” – Sebastião Salgado (ESTADO DE MINAS, 16 de novembro de 2015).

Essa aforização é usada no título de uma entrevista com o fotógrafo documental mineiro Sebastião Salgado, internacionalmente reconhecido por seu trabalho fotográfico sobre refugiados da seca africana e sobre diferentes migrações, cujo reconhecimento rendeu-lhe inúmeros prêmios internacionais.

A entrevista é curta e foi veiculada tanto na versão impressa quanto na página virtual do *Estado de Minas*. Nessa última, entretanto, não há aforização empregada no título. A entrevista, como sabemos, consiste na interação entre um perguntador e um perguntado. Como se trata de uma entrevista escrita, sabe-se que há intervenção do veículo de imprensa no sentido de adaptar as respostas ao espaço destinado ao texto bem como ao gênero entrevista escrita. Sendo assim, partimos do princípio de que as respostas contidas na entrevista já partem de uma adaptação.

Dadas essas considerações iniciais, examinemos a aforização. O enunciado que dá origem a ela encontra-se na primeira resposta do fotógrafo:

Qual a impressão que você teve ao ver o Rio Doce?

Quando a gente vê fotos ou pela TV, não tem noção do que é realmente. Mas aqui, pessoalmente, estou chocado. É terrível ver a água avermelhada, como se fosse um gel, os

peixes mortos. É uma morte biológica brutal. Nunca ia imaginar que no rio em que nadei tanto na minha infância, hoje não consigo nem colocar a mão (grifo nosso).

Como é possível observar logo de início, o enunciado que dá origem ao destaque tem ligeira alteração ao ser aforizado. No lugar de “é terrível ver **a água** avermelhada”, vê-se “é terrível ver **o rio** avermelhado”. Essa substituição de elementos, típica de muitas aforizações, parece ocorrer porque o enunciado destacado mostra-se isolado do texto (muito embora esteja empregado em seu título), precisando a instância de recepção construir para ele uma interpretação possível. Assim, entre “água” e “rio”, o termo que engloba melhor a temática da fala aforizada é o segundo.

A aforização ocorre por destaque fraco, tem uma orientação opinativa, pois veicula a visão do rio a partir da perspectiva de um sujeito. É uma aforização prototípica por se tratar de um enunciado curto e entre aspas, o que indica discurso direto. A figura 41 abaixo é uma digitalização da página impressa do jornal:

Figura 41: recorte de página com entrevista de Sebastião Salgado



Fonte: *Estado de Minas*, 16 de novembro de 2015.

Outra aforização deste enquadramento, no que se refere ao rompimento da barragem de Mariana–MG, é atribuída à fala da grafiteira Mag Magrela. A aforização está em formato de olho e vem de uma reportagem sobre um evento cultural que promoveu a pintura de diversos painéis de grafite na cidade de Belo Horizonte. Vejamos:

- 2) “A catástrofe de Mariana acabou com meu coração. Arranca pedaço da gente” Mag Magrela, grafiteira (ESTADO DE MINAS, 16 de novembro de 2015).

Essa aforização localiza-se na parte baixa da página do jornal *Estado de Minas* e é empregada como olho. O título da reportagem não está acessível na digitalização do jornal. Entretanto, em pesquisa pela *Internet*, foi possível encontrar o mesmo texto veiculado no *Portal Uai*, um portal de notícias pertencente ao mesmo grupo de capital fechado proprietário do *Estado de Minas*. No texto do *Portal Uai*, o título é “Mag Magrela expressa sua dor pela tragédia de Mariana em mural de 72m²”. Não há aforização.

Nossa análise, entretanto, visa a refletir sobre o emprego da aforização no texto impresso como estratégia para atrair a atenção do leitor, como é possível conferir na figura 42.

Figura 42: recorte de página com reportagem sobre o Projeto Telas Urbanas

SHIRLEY PACELI

Desconforto. Em tons de laranja, tal qual a lama que escou da barragem rompida da mineradora Samarco e tingiu o Rio Doce, duas mulheres se sustentam em cima de pedras que se desmancham no ar. “A catástrofe de Mariana acabou com meu coração. Arranca pedaço da gente!”, afirma a grafiteira Mag Magrela, de São Paulo, enquanto desenha o painel descrito acima, que ocupará 72 metros quadrados no Viaduto Gil Nogueira, na Avenida Portugal, em Belo Horizonte.

Mag é uma das convidadas do projeto Telas Urbanas, iniciativa da Fundação Municipal de Cultura para promover a arte mural na região da Pampulha, que vai até o próximo dia 22. Entre buzinas, cantadas e pedidos por pintura de escudos de times mineiros, na tarde de anteontem, houve aqueles que passaram debaixo no viaduto e gritaram frases variadas para descrever o quão bonito estava o trabalho “Colorido né?”

Mas Mag não quer embelezar nada: “Meu trabalho mudou a partir do momento em que entendi a força que as ruas exercem diretamente nas pessoas. Quero passar uma mensagem. (Meu trabalho) carrega significado”, diz.

Do bullying sofrido na escola veio o apelido que Carol Maciel, de 30 anos, levou para as ruas da capital paulista em 2007. Personagens sempre foram seu forte: antes infantis e até alguns masculinos brutos. Aos poucos, desenvolveu um trabalho cada vez mais autoral. “Procurando meu próprio estilo cheguei ao meu autorretrato. Sinto-me mais representada”, afirma.

Mag passou a retratar em seus grafites situações com as quais lidava em seu cotidiano, como relações amorosas e o incômodo com atitudes machistas. A representação de vaginas, algumas disfarçadas em flores, é recorrente em seu traço. “É como se eu dissesse: é só isso que você quer de mim? Meu corpo e minha beleza?”, explica.

As cores laranja e azul vieram da memória afetiva do chão e do céu da infância feliz na Bahia. Já os azulejos, volta e meia presentes nas imagens que cria, são referência à mãe portuguesa e ao avô pedreiro. “Ele tinha ‘nois’ e colocava caquinho em tudo que é parte do chão. E são muito presentes também no cenário de São Paulo”, afirma.

São Paulo é a terra também da pichação, prática admirada pela artista. “Adoto pichação ‘fchoe’ marginalizado, porque as pessoas não entendem. Sempre me perguntaram porquê. E depois você vê que a sociedade é desse jeito. O cara mora na pop, não tem estrutura no bairro, tem problema familiar... Ele coloca para fora. Os gringos piram na pichação. É como desarte para cidade pulsar, viva!”, avalia.

CONSUMISMO Com um mural com a proposta de criticar o consumismo exagerado, o grupo Minas de Minas, de BH, também participa como convidado do projeto, formado pelas grafiteiras Lídia Soares (Viber), Carolina Jaúed (Krol), Nayara Gessica (Nica) e Louise Libero (Musa), o time foi formado em 2012.

“O consumismo mascara tudo à nossa volta. Estamos incomodadas com essa coisa de que ‘você precisa do melhor telefone que tiver’. Queremos lembrar que isso não é para ser normal. Somos manipuladas”, opina Nica.

Enquanto Nica e Musa lançam mão da técnica de letras em 3D, soam as reproduções de notas de dinheiro e referências às grandes marcas mundiais para passar seu recado. Krol representa com seus pinócis a mulher ideal das propagandas de beleza.

Já Viber, que está com exposição individual em cartaz na Urban Arts, grafita dois personagens da rua refletindo sobre o que é felicidade. “Esse projeto acaba sendo uma conquista para a gente. E o grafite sendo aceito por outras pessoas, que antes tratavam como vandalismo”, avalia Viber.

Impulso à arte urbana

O edital do projeto Telas Urbanas foi lançado pela primeira vez em julho deste ano. Criticado por artistas da cena de grafite local, o texto foi cancelado, reescrito e relançado em outubro, com adequações diversas. Entre elas está o aumento dos cachês destinados aos participantes, a desburocratização no processo de inscrição e o fornecimento de equipamento de segurança.

Com execução do Museu de Arte da Pampulha, em parceria com a Associação Cultural dos Amigos do Museu de Arte da Pampulha (Amap), o projeto sofreu um corte de recursos e acabou sendo dividido em duas etapas – metade dos artistas selecionados só deve finalizar o trabalho depois do carnaval de 2016.

Ao todo, são 68 participantes. Entre eles estão Gabriel Dias, Iron, Biga, Mone e Celso, John, Priscila Armoni e Felipe Godoy. Outros 15 artistas foram convidados, sendo três paulistas com trabalhos reconhecidos internacionalmente: Mag Magrela, Paulo Ito e Onesto. Todos os projetos inscritos passaram pela seleção de uma curadoria, que levou em conta a capacidade técnica, a experiência e a adequação ao tema “Cidade que vibra”.

“O projeto é importante para criar uma relação diferente das pessoas com os espaços públicos. Trazê-las para mais perto dos suportes da cidade e reativar alguns pontos que acabam ficando ‘mortos’. É tem também a importância de incentivar essa cena de arte urbana de BH, que carece demais”, afirma o artista Comum, curador do projeto, que atua desde 2004 na capital.

As mãos de Mag Magrela após grafitar na Pampulha na tarde de anteontem

As Minas de Minas (Musa, Krol, Viber e Nica), que pintam mural com crítica ao consumismo

“A catástrofe de Mariana acabou com meu coração. Arranca pedaço da gente!”

Mag Magrela, grafiteira

Fonte: *Estado de Minas*, 18 de novembro de 2015.

Em posição paratextual, a aforização não é generalizante (como costumam ser as aforizações prototípicas). Antes, é uma enunciação que indica a percepção pessoal do sujeito de discurso representado pela grafiteira paulista, convidada para fazer uma pintura no Projeto “Telas Urbanas”, de Belo Horizonte.

O rompimento da barragem e seus desdobramentos são nomeados pela aforizadora como “catástrofe”, e o uso do pronome pessoal (1ª. Pessoa) corrobora a ideia de que a percepção é pessoal, opinativa, portanto. A sequência “arranca pedaço da gente” indica que há uma referência indeterminada em relação aos sujeitos que se comovem com a *tragédia*.

A relação que o locutor jornal instaura com a aforizadora enquanto locutora (outra) pode ser depreendida por meio do primeiro parágrafo da reportagem:

Desconforto. Em tons de laranja, tal qual a lama que escoou da barragem rompida da mineradora Samarco e tingiu o Rio Doce, duas mulheres se sustentam em cima de pedras que se desmancham no ar. “A catástrofe de Mariana acabou com meu coração. Arranca pedaço da gente!”, afirma a grafiteira Mag Magrela, de São Paulo, enquanto desenha o painel descrito acima, que ocupará 72 metros quadrados no Viaduto Gil Nogueira, na Avenida Portugal, em Belo Horizonte.

Como é possível verificar, o excerto coloca em relação dois locutores: o próprio jornal e a grafiteira, que fala em discurso direto. É possível ainda mencionar a relação tecida entre eles por meio da colocação da fala da grafiteira como uma espécie de complementação da ideia postulada nas primeiras palavras do jornal. Assim temos: i) em “desconforto”, um substantivo que engloba a cena da pintura; ii) em “em tons de laranja, tal qual a lama que escoou da barragem rompida da mineradora Samarco e tingiu o rio”, a descrição da pintura com especial ênfase na comparação entre a cor da tinta que representa as mulheres desenhadas na imagem e a cor da lama que tinge o rio. A lama, nesse caso, compara-se ao papel da tinta, o que pode ser depreendido pela escolha lexical do verbo “tingir”. Trata-se de uma intervenção do jornal que introduz, ao mesmo tempo em que corrobora, o discurso relatado/direto.

Decorrido um mês da *tragédia* em Mariana, o jornal *Estado de Minas* lançou um caderno especial chamado “Vozes de Mariana: a dor em primeira pessoa” em que depoimentos de diversos atingidos foram veiculados na edição impressa do domingo, dia 05 de dezembro de 2015. Foi nesse caderno que a aforização a seguir foi encontrada:

- 3) “O diabo que fez isso” Maria do Carmo (ESTADO DE MINAS, 05 de dezembro de 2015, caderno especial “Vozes de Mariana”).

O enunciado é de Maria do Carmo, de 68 anos, que perdeu sua chácara em Bento Rodrigues no rompimento da barragem de Fundão. Sua voz é veiculada no Caderno “Vozes de Mariana”, especial de um mês de rompimento da barragem. O *Estado de Minas* inspirou-se na obra de Svetlana Aleksievitch intitulada em língua portuguesa “Vozes de Chernobyl”. Na obra,

a autora reúne depoimentos de sobreviventes do maior acidente nuclear do mundo. Assim como em “Vozes de Chernobyl”, o caderno “Vozes de Mariana”, em menor escala no que diz respeito ao número de relatos, reúne diversos depoimentos de sobreviventes da *tragédia* em Mariana. O caderno traz ainda um subtítulo: “A dor em primeira pessoa”, referindo-se às narrativas (de vida) desses atingidos e divulgando-as através de um veículo de informação de grande alcance. Além disso, uma versão digital desses depoimentos está disponível na *internet*. O caderno conta, ao todo, com dezesseis depoimentos, todos eles intitulados em regime de aforização¹³⁷.

A aforização de Maria do Carmo poderia ser enquadrada sob a égide vivencial, visto que a aforizadora é uma vítima direta: ela perdeu a própria casa que, embora não tenha sido invadida pela lama, teve de ser deixada para trás. Seu relato menciona que ela tinha acabado de preparar um pudim para a neta quando se deu conta do barulho e perguntou ao vizinho qual era o problema. Entretanto, a frase aforizada chama a atenção por seu conteúdo de crença religiosa. Mobiliza *saberes de crença*, que circulam socialmente. Por esse motivo, optamos por posicioná-la nesse último enquadramento.

O depoimento da moradora coloca em relação de desacordo o bem e o mal através das figuras de Deus e do Diabo. Embora em desacordo, as representações dos dois seres aparecem no mesmo nível no discurso: um com poder de fazer o bem e outro com poder de fazer o mal, o que pode ser conferido no seguinte excerto:

Deus não quer essas coisas. Não faz nada de ruim para nós. Mas você sabe que o diabo tem poder. Ele que fez isso. O Diabo. Deus não prejudica. Tanto é que Deus salvou muita vida. Deus salvou muita vida e tem poder de salvar mais. Deus vai me dar tudo de volta, como eu tinha. Minha paz, minha casa, vai me dar minha vizinhança.

Não há intervenção do jornal nos depoimentos que compõem este caderno. Assim, o que podemos destacar deste e de todos os depoimentos do caderno “Vozes de Mariana” é que neles a presença do *contador* é indispensável, o que lhes confere um valor de narrativa de vida¹³⁸. Isso corrobora o postulado narrativo de Charaudeau (2016) para quem

¹³⁷ Os títulos de depoimentos em regime de aforização no caderno “Vozes de Mariana” são os seguintes: 1) O diabo que fez isso, Maria do Carmo; 2) Vai ficar na memória o que a gente tinha, José do Nascimento; 3) Uma vida não tem preço, Geraldo da Silva; 3) O lugar não dá mais nada, José Pascoal; 4) Isso aqui vai virar uma poeira só, Edinaldo da Silva; 5) A nossa história não pode acabar no dia cinco, Paula Geralda Alves; 6) Aqui em Mariana os meninos ficam presos, Nívea da Silva; 7) Quando vi todo mundo quietinho, disse: Corre gente!, Miriam Carvalho; 8) Puxava minha mãe, que puxava meu primo, Marcos Junior de Souza; 9) Demorei anos para fazer minha casinha, Marinalva Salgado; 10) As pessoas estavam estarecidas, Leonard Farah; 11) Só não perdi minha família e a fé em Deus, Leontina Marcelino; 12) Eu salvaria meu cachorro, porque ele é vida, Onézio Souza; 13) O pessoal tinha esse pesadelo, Sandra Quintão; 14) A última coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e nada mais, Pamela Rayane; 15) Na hora, eu perguntava: Vocês viram minha mãe?, Marcelo José Felício.

¹³⁸ A narrativa de vida ocorre quando um sujeito conta a uma outra pessoa (pesquisador ou não) um episódio

Contar representa uma *busca* constante e infinita: a da resposta às perguntas fundamentais que o homem se faz: “Quem somos? Qual é a nossa origem? Qual é o nosso destino?” dito de outro modo: “qual é a verdade de nosso ser?”

Como esta não se deixa descobrir, o homem, através de seu imaginário, produz narrativas que, falando de fatos e gestos dos seres humanos, liberam parcelas desta verdade.

Contar é, então, uma atividade linguageira cujo desenvolvimento implica uma série de tensões e até mesmo de contradições (CHARAUDEAU, 2016^a, p. 154).

O caderno “Vozes de Mariana”, lançado em 2015, dá origem a publicação semelhante em 2019, quando ocorre o rompimento da barragem em Brumadinho-MG. Desta vez, o caderno “Vozes de Brumadinho”, também com o subtítulo “A dor em primeira pessoa” dá origem a doze depoimentos cujos títulos funcionam em regime de aforização¹³⁹, assim como a publicação sobre as vítimas de Mariana-MG.

Chama a atenção a capa do caderno, com a seguinte aforização:

- 4) “Eu quero narrar a história de forma a não perder de vista o destino de nenhum homem. Está dentro da nossa capacidade alcançar e reconhecer um sentido nesse horror que ainda desconhecíamos?” Svetlana Aleksievitch, Prêmio Nobel de Literatura (ESTADO DE MINAS, 24 de fevereiro de 2019, caderno especial “Vozes de Brumadinho”).

Sob o excerto aforizado, há um pequeno banco sobre a lama, simbolizando o *lugar de fala* dos depoentes: todas pessoas que têm seus relatos ouvidos pelo jornal são fotografadas e filmadas assentadas sobre o mesmo banco.

Por ocorrer em destaque forte, a aforização não permite à instância de recepção recuperar a enunciação original, o que a leva a fazer *deslizar* o sentido para um novo contexto: o do rompimento da barragem de Brumadinho-MG. Apenas o leitor mais atento ou mais experimentado na literatura pode acessar a motivação da fala da escritora: sua obra sobre Chernobyl. Ao final da leitura do enunciado, porém, mesmo para o leitor alheio à obra que inspirou o caderno, fica possível compreender que se trata de uma frase dita em outro momento e cujo conteúdo é reutilizado no contexto sócio-histórico materializado pelo rompimento da

qualquer de sua experiência vivida. Nesse caso, o verbo “contar” é essencial, pois mostra que a produção discursiva do sujeito tomou a forma *narrativa* (BERTAUX, 2005).

¹³⁹ Os depoimentos contam com aforizações em posição paratextual (olho). Seus títulos em regime de enunciação aforizante são os seguintes: 1) “Não estou acreditando. De novo?”, Leonard Farah; 2) “Este é o momento de ajudar as pessoas”, Jefferson Passos; 3) “Sirlei tinha grande amor pelas pessoas”, Edson Albanez; 4) “Meu coração está esfaqueado, sangrando”, Malvina Firmino; 5) “Será que vão colocar cruz na lama”, Atenagos de Jesus; 6) “Foi um milagre a gente conseguir sair”, Elias de Jesus Nunes; 7) “A vida da gente foi embora”, Dari Pereira; 8) “Tiraram o corpo dela em uma caixa, nossa, de verdura”, Adriana Leal; 9) “A sensação era de que, talvez, tivesse mais gente viva!”, Karla Lessa; 10) “Ter sido mãe desses dois foi muito especial”, Helena Taliberti; 11) “Mandei mensagem: Responda, menina. E nada...”, Joel de Almeida; 12) “O diabo veio e lambeu tudo”, Neli Pedrosa.

barragem da Vale S/A. Há, pois, uma relação dialógica/interdiscursiva entre a enunciação presente (o caderno especial) e a enunciação original. Além disso, é possível verificar, tanto pela presença das diversas narrativas de vida trazidas ao leitor quanto pelo enunciado de autoria da jornalista russa, que são variadas as vozes que constituem a publicação, o que reitera nosso postulado de construção de um efeito de sentido polifônico para traduzir o dialogismo constitutivo do texto.

O enunciado evoca o sentimento de horror, vivido originalmente pelos sobreviventes de Chernobyl e revivido pelos sobreviventes de Brumadinho-MG. Do ponto de vista do jornal, que coloca o enunciado em regime de destacamento, o horror, além do objetivo de veicular as vozes dos atingidos, é um dos sentimentos que motivam a produção do caderno especial. Vale recuperar aqui uma reflexão realizada anteriormente neste trabalho: o jornal *Estado de Minas*, ao mobilizar sentimentos típicos da motivação das mídias populares, tais como o horror (EMEDIATO, 2010), institui certa fluidez entre a fronteira do jornalismo popular e do jornalismo de referência. O jornal tende, entretanto, a construir um *éthos* de jornal de referência através de sua construção tipográfica e genérica.

Por meio do texto (ANEXO 12¹⁴⁰) que introduz ao leitor as narrativas contidas no caderno, o ciclo interpretativo e dialógico da aforização se fecha. Nele, é possível resgatar a memória (cognitivo-discursiva) do acidente nuclear que inspirou “Vozes de Chernobyl”, bem como o próprio caderno inspirado nele em 2015 “Vozes de Mariana”. O texto informa ao leitor quem são os jornalistas envolvidos na produção do novo caderno especial e a motivação de tal produção. Ao mencionar os nomes dos narradores (e aforizadores), o jornal afirma:

Porque eles, e tantos outros brasileiros que vivem entre o luto e o medo desde 25 de janeiro de 2019, não podem ser vítimas de mais um crime: o do silenciamento.

Em relação à cultura brasileira, um de seus mais significativos representantes é convocado como aforizador nesta subseção. Trata-se do músico Caetano Veloso e de seu enunciado aforizado pelo jornal *Estado de Minas*, em 2019, referente ao rompimento da barragem de Brumadinho–MG, como é possível verificar a seguir:

¹⁴⁰ Anexo 12: <https://drive.google.com/file/d/1vDVyrTLMPiIwljXrQPitYHKoj7H-p3rJ/view?usp=sharing>

- 5) “Chorei algumas vezes” – Caetano Veloso, músico (ESTADO DE MINAS, 27 de janeiro de 2019).

O enunciado destacado é título de uma seção instaurada pelo jornal *Estado de Minas* no caderno “Cotidiano”, denominada “Depoimento”. Nela, o jornal cita a publicação na rede social *Instagram* que o músico Caetano Veloso realizou por ocasião do rompimento da barragem de Brumadinho-MG. A aforização inclina-se para um lado mais prototípico dessas ocorrências, embora esteja em primeira pessoa. Isso porque é uma frase curta que sofre ligeira alteração por ocasião do destacamento. Além disso, está na ordem do narrativo no que diz respeito ao que foi vivido (CHARAUDEAU, 2016^a; BERTAUX, 2005) pelo cantor por ocasião da notícia: chorou algumas vezes.

O texto, enquanto publicação do perfil do cantor, não foi preparado para o jornal, mas este se apropria daquele, veiculando-o em seção do caderno “Gerais”. A citação é notória quando se observa o modo como o jornal diagramou o texto, com enquadramento especial para o *print* da postagem, como é possível observar na figura 43:

Figura 43: Reprodução da postagem de Caetano Veloso em uma *cenografia* de depoimento



Fonte: *Estado de Minas*, 27 de janeiro de 2019.

O procedimento discursivo, nesse caso, é semelhante ao do enunciado (6) (ANEXO 4¹⁴¹), situado no enquadramento testemunhal, em que o locutor que se responsabiliza pelo que é dito não é o próprio jornal, embora este, ao veicular tal discurso esteja tecendo com ele relação de concordância. O recurso da destacabilidade, entretanto, tem emprego diferente no caso da presente aforização: enquanto na *Folha de S. Paulo* o enunciado em destaque figurava como olho, aqui o *Estado de Minas* dá preferência ao título. Aliás, o título é de responsabilidade enunciativa do jornal, muito embora esteja entre aspas denotando discurso direto, já que a

¹⁴¹ Anexo 4: <https://drive.google.com/file/d/1XoAeLw2XB3xEUmyNCKPPmQF3X-umSpgX/view?usp=sharing>

postagem do *Instagram* não possui esse recurso e tampouco um título como este se adequaria às práticas desse gênero discursivo/textual.

É na esteira desse pensamento que é possível depreender desse processo o encontro entre, pelo menos duas vozes: i) a do locutor jornal, que aforiza, intitulado o depoimento e veiculando-o a uma de suas edições; e ii) a do próprio locutor que assume o dizer, representado neste caso pelo cantor.

O texto, dotado de impressões pessoais, é organizado a partir de um acontecimento passado na vida de Caetano Veloso e descreve o entorno de Inhotim, desenvolvendo a partir daí um raciocínio que procura compreender o motivo pelo qual a sensibilidade do cantor não conseguia enxergar beleza no local. Há um paradoxo instaurado no discurso: a beleza da cultura mineira não se harmoniza com a atividade mineradora. A partir da leitura do texto, que se assemelha a uma pequena crônica de cunho argumentativo, é possível ainda apontar para o aparecimento de um dialogismo demarcado (FIORIN, 2017a), a partir de uma busca intertextual que se materializa pela citação do poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade, poeta que, a propósito, tem postura crítica marcada no que diz respeito à atividade mineradora no estado de Minas Gerais.

Como mencionamos no início desta subseção, aforizadores que representam a religiosidade também aparecem nas publicações do jornal *Estado de Minas*. Uma dessas aforizações pode ser conferida a seguir. Trata-se do enunciado de um bispo da Igreja Católica que presta seu depoimento ao jornal:

- 6) “Rio de lágrimas e sangue” – Dom Vicente Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte (ESTADO DE MINAS, 31 de janeiro de 2019).

Essa aforização ocorre por destacamento fraco, visto que é possível encontrar no corpo do texto a frase que deu origem ao destacamento. Ela se encontra logo no início da reportagem. Trata-se de uma aforização que é empregada no título da reportagem e está entre aspas, não sendo, porém, acompanhada de nenhum verbo dicendi. Nesse sentido, é possível depreender que se trata de uma aforização prototípica: por seu caráter de discurso direto, por ser generalizante e por possibilitar ao leitor mobilizar suas próprias interpretações dentro do quadro do evento que o jornal cobre à época da edição: em 31 de janeiro de 2019, decorridos seis dias do rompimento da barragem de Brumadinho-MG.

Figura 44: Reportagem sobre ações da igreja católica acerca do rompimento da barragem

“RIO DE LÁGRIMAS E SANGUE”

GUSTAVO WERNICK

Brumadinho – “Há um rio de lágrimas e sangue correndo entre nós. E ninguém pode ficar de fora, ignorar o que está acontecendo”. Misto de lucidez e emoção, a frase é do bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, dom Vicente Ferreira, que acompanha de perto os efeitos trágicos do rompimento da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho, na Grande BH, e visitou famílias das vítimas ao lado do arcebispo metropolitano dom Walmor Oliveira de Azevedo e o titular da Paróquia São Sebastião, padre René Lopes. Hoje, às 19h30, dom Walmor vai presidir, na Matriz de São Sebastião, no Centro de Brumadinho, a missa de sétimo dia por intenção dos que morreram sob a lama de rejeitos de minérios da estrutura da Vale. A cerimônia será concelebrada por dom Vicente e pelo padre René.

A pedido de dom Walmor, todas as paróquias da arquidiocese deverão organizar missas de sétimo dia por intenção das vítimas. Na capital, a celebração eucarística será às 18h15, no Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Boa Viagem, na Região Centro-Sul, sendo presidida pelo bispo auxiliar Giovanni Luiz da Silva. A arquidiocese compreende 28 municípios, sendo dividida pelas regiões episcopais Nossa Senhora Aparecida, Esperança, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Piedade. Para atender a quem está sofrendo tanto, dom Walmor designou 13 diáconos (auxiliares da igreja nos trabalhos de evangelização) que, junto dos padres, atendem o público.

Na tarde de terça-feira, após visitar comunidades atingidas, como o Parque das Cachoeiras, e se encontrar



Dom Walmor pediu que todas as paróquias organizem missas de sétimo dia pelas vítimas

com famílias na Estação Conhecimento (focal de busca de informações para famílias), em Brumadinho, dom Walmor disse que a mensagem é de “reacender a esperança no coração de todos, pois o estado vive a dor emoldurada pela degradação da natureza”. Ele disse ainda que Minas, a partir de agora, não poderá mais ser a mesma. “É hora de mudança e de mudança muito radical. Quando a gente burla a verdade, quando a gente fica na contramão da Justiça, está agindo na contramão de Deus”. Para o arcebispo, “tudo que é um atentado à vida das pessoas é fruto de ganância e fruto da perda do sentido exato daquilo que é a vida como dom. Por isso, precisamos fazer um novo caminho”.

Em nota, a arquidiocese informa que o arcebispo já se reuniu como secretário de Estado de Governo, Custódio Mattos, e tem participado de reuniões com parlamentares para reforçar uma solicitação feita ao governador Romeu Zema, no dia 5, durante

visita ao Santuário Basílica Nossa Senhora da Piedade, em Caeté, na Grande BH: “modernização da legislação ambiental em Minas, caminho para evitar desastres como os ocorridos em Brumadinho e Mariana”.

Antes de seguir para Brumadinho, o arcebispo foi ao Instituto Médico-Legal (IML) também com a missão de acolher a quem busca notícias sobre familiares desaparecidos. No dia seguinte à tragédia, dom Walmor celebrou missa com todos os bispos auxiliares (dom Joaquim Mol, dom Otacílio Lacerda, dom Vicente Ferreira e dom Geovane da Silva) e consolou os que estão de luto.

FÉ E ESPERANÇA Desde o rompimento da barragem em Brumadinho, a arquidiocese começou uma ampla campanha para acolher as famílias vítimas da tragédia, incluindo, principalmente, amparo psicológico, espiritual e material. No início da semana, após visitar a comunidade do Cór-

rego do Feijão, onde está montado um centro de operações, o bispo auxiliar dom Vicente Ferreira disse ser fundamental, nesse momento, o acolhimento às famílias dos mortos já identificados e dos desaparecidos sob a lama de rejeitos de minério, e ajuda espiritual aos profissionais que trabalham, desde o início da tarde do dia 25, no resgate e tentativa de salvamento de centenas de pessoas.

Na companhia do padre René Lopes, o bispo abençoou brigadistas, bombeiros militares e outros integrantes das equipes de socorro. “As pessoas trabalham durante muito tempo, estão esgotadas. A tristeza é grande em todos os cantos, portanto, torna-se importante levar uma palavra de conforto a cada um”, explicou dom Vicente, acrescentando que, além de um município enlutado, há os danos irreparáveis ao meio ambiente. “Não se trata de uma profissão religiosa, mas de confiança em Deus. Assim, estamos recebendo pessoas de todas as crenças”, lembrou padre René. No local, os dois religiosos se encontraram com o embaixador de Israel, Yossi Shelley.

DESESPERO São dilacerantes os depoimentos das pessoas que procuram a Estação do Conhecimento, informa o bispo auxiliar de BH: “De tão desesperados, alguns falam até em tirar a própria vida. As pessoas recebem as notícias de morte de um parente, por exemplo, e ficam sem amparo, daí a importância de haver esse acolhimento e também ajudando na cerimônia de despedida, no sepultamento”.

Indignado e considerando “lamentável, terrível e inacreditável” o rompimento da barragem, padre René afirma que não se pode chamar de



“De tão desesperados, alguns falam até em tirar a própria vida”

Dom Vicente Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, que abençoou brigadistas, bombeiros militares e outros integrantes dos equipes de socorro em Brumadinho

acidente o que, na verdade, é “um crime contra pessoa humana e a natureza”. É, comovido, diz que “precisamos aprender com nossos erros, mas nesse caso, há o poder da ganância e a exploração.”

Fonte: *Estado de Minas*, 31 de janeiro de 2019.

O olho da reportagem também conta com uma aforização (“De tão desesperados, alguns falam até em tirar a própria vida”, dom Vicente Ferreira), como é possível verificar na figura 44. Antes de partir para a análise desses enunciados, vamos transcrever a sequência em discurso direto que inspira a aforização/título:

“Rio de lágrimas e sangue”

Brumadinho – “Há um rio de lágrimas e sangue correndo entre nós. E ninguém pode ficar de fora, ignorar o que está acontecendo”. Misto de lucidez e emoção, a frase é do bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, dom Vicente Ferreira, que acompanha de perto os efeitos trágicos do rompimento da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho, na Grande BH, e visitou famílias das vítimas ao lado do arcebispo metropolitano dom Walmor Oliveira de Azevedo e o titular da Paróquia São Sebastião, padre René Lopes (grifo nosso).

A partir da leitura do excerto, é possível compreender que, com o aparecimento da voz de um locutor (outro) [Dom Fernandes] representada pelo enunciado em discurso direto, o jornal procura posicionar-se em relação ao evento em pauta, instaurando entre a sua própria voz, inscrita no discurso através do enunciado grifado (“misto de lucidez e emoção”), e a voz de Dom Fernandes (enunciado em discurso direto) uma relação de acordo. O enunciado em discurso direto em sua totalidade e sem modificações típicas de regime aforizante também pode

ser encontrado em outra reportagem da mesma edição, como mostra a figura 45. Nesse caso, trata-se também de destacamento fraco, pois a fala do sacerdote encontra-se no corpo da reportagem, no último parágrafo:

Figura 45: Reportagem cuja aforização também é de Dom Vicente Ferreira

MINAS DE MUITOS MEDOS

Ao mesmo tempo em que a contagem de corpos de vítimas do colapso das barragens da Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, Grande BH, se aproxima de romper a casa das três dígitos, os reflexos da catástrofe ultraparam fronteiras e, em Minas, espalham pelo mapa meio de tragédias semelhantes. Orem, relatos especiais de direitos humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) cobraram investigação imediata, completa e imparcial do rompimento da represa, e lesaram o antecedente da tragédia em Mariana, ocorrida em 2015. Ao mesmo tempo, outras gigantes da mineração que há décadas exploram reservas de ferro na Região Central mineira assumiram a disposição de seguir a decisão da Vale - dona da mina onde ocorreu o desastre mais recente - e desativar represas de rejeitos como o mesmo nível de risco das duas que estouraram nos últimos três anos.

Entre as cinco maiores empresas do setor ouvidas ontem pelo Estado de Minas, além da Vale, três trabalham no fim do uso das barragens: a Usiminas, o grupo Geráudio e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), e uma, o grupo ArcelorMittal, já encerrou um único reservatório que mantém no estado. Já a Vale, após a catástrofe na Grande BH, anunciou a decisão de descomissionar 10 barragens construídas no modelo montante, o mais simples, mais barato e mais arriscado. Mas a ameaça se distribui pelo território mineiro, que vive sob o prelo de mais de 350 reservatórios cheios com milhares de toneladas de rejeitos em centenas de cidades.

Entre elas, a situação mais emblemática talvez seja a de Conga-

ria, a chamada "Cidade dos Profetas", também na Região Central, que há muito tempo também o apelido de "Cidade do Medo". Não é sem motivo: há a população convivendo com nada menos que 24 barragens erguidas pela mineração, cada qual com maior potencial para causar estragos não apenas nos próprios limites municipais, mas até em municípios vizinhos, como Ouro Preto, declarado patrimônio cultural da humanidade pela Unesco.

A que desperta maior apreensão se ergue a poucas centenas de metros das primeiras habitações da cidade histórica: Barragem Casa de Fez, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A mineração foi multada pela prefeitura em R\$ 2 milhões, por descumprir medidas de segurança exigidas pelo município em seu complexo. A mesma punição, e por motivo idêntico, foi aplicada à Vale, a Ferrous e à Geráudio, que ao lado da CSN responderam pelas 23 represas de rejeitos e uma de água que se espalham pelo território de Congonhas e representam ameaça potencial para sua população, seus visitantes e seus vizinhos.

Em Brumadinho, onde o que já foi meio se transformou em catástrofe, dor, luto e prejuízo, a Justiça agiu para suspender as atividades de mais um empreendimento da Mineração Rio de Lata (MR), no mesmo Córrego do Feijão. A empresa estava próxima à barragem da Vale que se rompeu provocando até agora 99 mortes confirmadas, e deixando 259 desaparecidos. O pedido de suspensão foi feito pelo Ministério Público de Minas Gerais. O MP sustenta que, pela proximidade, a atividade da MR na região também está em risco.

66

Há um rio de lágrimas e sangue correndo entre nós. E ninguém pode ficar de fora. Ignorar o que está acontecendo"

Dom Vicente Ferreira, Bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte

NO VALOR DA ÁGUA

É esse tipo de passivo que preocupa setores como os comitês de bacias hidrográficas, cujos representantes fizeram ontem visita técnica à área da represa que se rompeu e cobraram medidas de proteção aos recursos hídricos em todo o país. "Primeiro, prestamos solidariedade às vítimas, que tanto sofrem. Mas temos de alertar que não foi só aqui em Brumadinho que esse tipo de coisa ocorreu. Houve o rompimento de barragem em Barcarena, no Pará (em fevereiro de 2016), e também o vazamento do minério roduto que liga Minas ao Espírito Santo (em Santo Antônio da Gramma, em março). Precisamos dar um basta nisso", diz o presidente do Comitê de Bacia do Rio São Francisco, Arivaldo Miranda, que defende "tirar da gaveta a Lei Nacional de Recursos Hídricos".

extenuante processo de busca por vítimas. Orem, novo alerta foi feito pelo Corpo de Bombeiros em relação às notícias falsas que vêm atrapalhando os trabalhos de busca dos militares. Seguindo o tenente Pedro Alhara, porta-voz da corporação, os trabalhos estão sendo que ser interrompidos para verificar informações contidas nas chamadas "fake news", a maioria delas relacionadas à descoberta de desaparecidos ainda com vida.

"O serviço das forças de segurança está muito prejudicado pelas 'fake news'. Todas as vezes que recebemos informações sobre sobreviventes, com uma referência de ter sido encontrado, o que é situação muito difícil de ser verificada, a gente é obrigado a parar para averiguar a informação. Então, paralisamos os serviços. Essa divulgação de notícias falsas prejudica e atrasa a recuperação de corpos", alertou o tenente. O apelo pela não disseminação de informações que prejudicam o andamento dos trabalhos foi reforçado inclusive pelo governador Romeu Zema (Novo).

Com as chances de encontrar sobreviventes em risco à lama se reduzindo a cada dia, o avanço na contabilidade de corpos faz aumentar o desgastante trabalho de sepultar os mortos. Tarefa de corpos que nunca viram semelhante sobrecarga na cidade da Região Metropolitana de BH, acostumada a registrar de três a quatro sepultamentos mensais e que só ontem, quando começaram a ser enterradas as vítimas da tragédia, já assustou a quatro. A tendência é que o número suba nos próximos dias, com mais corpos sendo resgatados e liberados pelo Instituto Médico-legal (IML). Situação que levará muitos dos corpos a conviver com a constatação de que conexões a seguir conhecidos e amigos.

Em memória deles, todas as paróquias da Arquidiocese de Belo Horizonte devem organizar hoje missas de sétimo dia por intenção das vítimas. O pedido partiu do arcebispo metropolitano, dom Walmor Oliveira de Azevedo, que vai presidir, na Matriz de São Sebastião, no Centro, a celebração em Brumadinho. "Há um rio de lágrimas e sangue correndo entre nós. E ninguém pode ficar de fora. Ignorar o que está acontecendo", resumiu o bispo auxiliar da Arquidiocese de BH, dom Vicente Ferreira, que vai concelebrar a cerimônia.

A CONTABILIDADE DA CATÁSTROFE

Confira os números das buscas em Brumadinho até o início de ontem

99

mortos

57

identificados

259

desaparecidos

393

localizados

Fonte: *Estado de Minas*, 31 de janeiro de 2019.

Entre as ocorrências aforizantes da reportagem intitulada "Rio de lágrimas e sangue", é possível ainda tecer alguns comentários. A metáfora instaurada na fala do bispo auxiliar remonta ao simbólico religioso, especialmente, ao imaginário que leva a instância de recepção a reaver expressões como "rio de lágrimas" e "lágrimas de sangue", essa última recuperando o sofrimento do Cristo por ocasião da espera de sua morte¹⁴². Essa notória relação com o sofrimento corrobora o conteúdo do olho da reportagem que ocorre em enunciado aforizado e menciona o desespero das pessoas visitadas pelo sacerdote que mencionam a hipótese de suicídio.

O quinto e último enquadramento interpretativo será explorado, na próxima seção, por meio de quatro enunciados destacados. Eles foram obtidos em publicações tanto da *Folha de S. Paulo* quanto do *Estado de Minas*.

¹⁴² A narrativa de Jesus Cristo no Getsêmani encontra-se na Bíblia, em alguns livros evangélicos, como é o caso de Mateus (Mt 26, 36-46) e Lucas (Lc 22, 39-54). As referências completas podem ser encontradas em: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

3.1.5 O enquadramento acional

O enquadramento interpretativo acional advém de um postulado maingueneauiano que afirma que determinados enunciados são destacados porque sugerem uma mudança. De acordo com o autor “muitas vezes, na verdade, a aforização é posta em cena porque seu produtor é um ator, a quem se atribui o poder de modificar uma situação” (MAINGUENEAU, 2014, p. 123). Nesse sentido, vale dizer que a figura do aforizador é de suma relevância: um sujeito pode perfeitamente propor uma ação em sua fala enquanto, ao mesmo tempo, não tem poder de mobilização. Por exemplo, a um jornalista é outorgado o direito de escrever um editorial ou uma coluna sobre o rompimento da barragem, criticando ações governamentais e propondo mudanças legislativas, entretanto, seu *lugar de fala* não permite que implemente essas mudanças. Dessa forma, um jornalista não faria o papel de um aforizador acional do mesmo modo como um integrante do poder executivo, por exemplo, o faria. O quadro 7 permite visualizar os enunciados que serão analisados nesta subseção:

Quadro 7: Enunciados destacados sob o enquadramento acional				
Aforização	Emprego	Jornal	Data	Local do rompimento
“Esse valor que é a primeira ordem de bloqueio de bens da Samarco, é para ser usado exclusivamente na reparação das vítimas de Mariana. Vamos com muito rigor para que essas vítimas tenham os seus direitos assegurados” (Guilherme Meneguim, promotor)	Olho	EM	14/11/2015	Mariana
Agora tenho uma missão de vida, diz chefe da Vale (Murilo Ferreira, presidente da Vale)	Título	FSP	03/12/2015	Mariana
“Vamos ser duros com a Vale”, afirma Damares (Damares Alves, ministra)	Título	EM	08/02/2019	Brumadinho
“Queremos dar um final digno para as famílias”, diz capitão (capitão do corpo de bombeiros)	Título	FSP	30/01/2019	Brumadinho

Fonte: Elaboração própria

A primeira aforização no enquadramento acional advém de uma reportagem do *Estado de Minas* e refere-se a sanções que deveriam ser impostas à Samarco. A figura social do aforizador é de especial relevância, por tratar-se de um promotor que, em tese, teria o poder de mobilizar ações que beneficiariam as vítimas do rompimento da barragem de Mariana-MG. Assim temos:

1) “Esse valor que é a primeira ordem de bloqueio de bens da Samarco, é para ser usado exclusivamente na reparação das vítimas de Mariana. Vamos atuar com muito rigor para que essas vítimas tenham os seus direitos assegurados” Guilherme Meneguim, promotor (ESTADO DE MINAS, 14 de novembro de 2015).

Esse enunciado é o olho de uma reportagem intitulada “Bloqueio para resgatar vidas”, publicada no *Estado de Minas*, em 14 de novembro de 2015. Refere-se à fala do promotor Guilherme Meneguim. Não é uma aforização prototípica por se tratar de um enunciado relativamente longo, que contém mais de um período. Tem uma dimensão explicativa, pois indica que o promotor está detalhando ao seu interlocutor os trâmites jurídicos acerca do rompimento da barragem.

Há, pelo menos, duas questões incitantes no que diz respeito a essa voz que aparece na reportagem: o primeiro parágrafo inicia-se em discurso direto, relatando a fala do promotor sobre a liminar que bloqueava 300 milhões da Samarco. A fala dá origem ao título da reportagem, como é possível verificar no excerto:

“O Ministério Público requereu (a liminar) para garantir que as vidas destruídas sejam resgatadas”. Foi com essas palavras que o promotor Guilherme Meneguim, da Promotoria de Direitos Humanos de Mariana, justificou o pedido de bloqueio de R\$ 300 milhões das contas da mineradora Samarco (grifo nosso).

A segunda questão que deve ser observada é a própria origem da aforização que se dá por outra passagem em discurso direto:

“Isso é para garantir que as recomendações sejam cumpridas. Esse valor, que é a primeira ordem de bloqueio de bens da Samarco, é para ser usado exclusivamente na reparação das vítimas de Mariana. Como eu disse, vamos atuar com muito rigor para que essas vítimas sejam efetivamente reparadas e tenham todos os seus direitos assegurados”, disse o promotor (grifo nosso).

Como vemos, trata-se de uma aforização por destacamento fraco, pois ela pode ser conferida no texto-fonte, que se encontra ao lado. As expressões grifadas são suprimidas na aforização, muito provavelmente por uma questão de espaço. A oração “como eu disse” faz pouca diferença para a informação mobilizada. Já “sejam efetivamente reparadas” parece estar englobada na oração subsequente “tenham todos os seus direitos assegurados”. Dessa forma, o conteúdo da aforização é pouco modificado, o que altera pouco seu sentido.

Chama a atenção na reportagem que outras vozes são ali mobilizadas pelo locutor jornal a exemplo da voz do juiz que assina o despacho. Esta aparece como um contraponto à voz do

promotor, muito embora o bloqueio do dinheiro tenha sido determinado pelo próprio juiz. O jornal apropria-se de sua voz usando aspas para demarcar seu distanciamento, como é possível perceber no excerto a seguir:

Segundo o juiz, a questão requer cuidado para que a empresa não seja “demonizada” diante da “intensa comoção social”. Segundo ele, a Samarco é uma companhia regularmente estabelecida há anos e “que no cumprimento de seu objeto social, gera empregos diretos e indiretos e tributos, revelando-se como importante player das economias local, regional e brasileira”

Esse excerto é bastante “mesclado” em termos de discurso relatado: apresenta tanto a modalização do discurso em discurso segundo (AUTHIER-REVUZ, 1998): “Segundo o juiz”; “Segundo ele”, quanto o recurso de ilha textual (MAINGUENEAU, 2001): “a questão requer cuidado para que a empresa não seja ‘demonizada’ diante da ‘intensa comoção social’”, além do trecho final, em que toda uma fala do juiz é mobilizada em discurso direto (apesar de vir introduzida por “que”, normalmente indicador de discurso indireto). Assim, o encontro das vozes representadas pelo promotor e pelo juiz e, de certa maneira, confrontadas pelo locutor jornal, representam um importante elemento do efeito de polifonia.

O enunciado, a seguir, retirado da *Folha de S. Paulo*, refere-se ainda ao rompimento da barragem em Mariana–MG, em 2015:

2) Agora tenho uma missão de vida, diz chefe da Vale - Murilo Ferreira, presidente da Vale (FOLHA DE S. PAULO, 03 de dezembro de 2015).

A frase em destaque é atribuída pelo jornal a Murilo Ferreira, então presidente da Vale S/A (2015). A reportagem é motivada pelo rompimento da barragem em Mariana-MG e foi produzida a partir da conversa da *Folha de S. Paulo* com o executivo por ocasião de um evento nos Estados Unidos. O texto, cuja aforização aparece empregada como título, localiza-se ao lado de reportagem, de maior destaque na página e cujo foco está em duas fotos: a primeira de uma mulher que segura uma criança; ela é Roseli Gomes e a criança, seu filho Pedro Emanuel, de cinco anos de idade. A segunda, de outra mulher ao lado de uma criança de três anos. Elas são Marly de Fátima e Emilia. Todas essas pessoas são atingidas pelo rompimento da barragem, pois Roseli aguardava notícias do marido desaparecido enquanto Marly, de sua mãe. Ambos faleceram por ocasião do rompimento da barragem.

Não é possível dizer que a *Folha* não se compromete com a cobertura do evento diante de uma página inteira voltada aos seus desdobramentos, entretanto, como foi dito, o

comprometimento mais efetivo ocorre apenas pós críticas. Outra observação que deve ser levada em conta é a da localização dessas matérias. Esta, por exemplo, figura na última página do caderno “Cotidiano” em flagrante diferença de tratamento da notícia quando se compara esse jornal ao *Estado de Minas*. Ditas essas palavras, observemos a página em questão na figura 46:

Figura 46: página com reportagens sobre o rompimento da barragem em Mariana-MG na *Folha*

B10 cotidiano ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 2015 FOLHA DE SÃO PAULO

JOSÉ MARQUES
ENVIADO ESPECIAL A MARIANA (MG)

Faz quase um mês que a dona de casa Roseli Gomes, 45, aguarda um telefonema. Desde que foi informada do rompimento da barragem da mineradora Samarco, em Mariana (MG), onde o marido trabalhava, ela sabe que a única notícia que terá é a da localização do corpo.

“Mas, até agora, não acharam nem o cadáver nem o local onde ele estava”, lamenta.

Casada há 11 anos com Claudemir Elias dos Santos, 41, motorista da Integral, recontratada da Samarco, Roseli resolveu mudar para a casa da mãe, também no distrito de Santa Rita Durão, em Mariana, porque “o sinal de celular pega melhor” ali.

A mãe de Roseli, Maria Viliana, 73, também espera por notícias de Claudemir. “Quando encontrarem pelo menos os ossos”, afirma.

No dia 5 de novembro, Claudemir saiu de casa às 20h30 e não voltou mais.

Naquela tarde, ocorreu a tragédia que tirou da mapta um vilarejo de Mariana e deixou um rastro de destruição no longo rio Doce, que correu a lama até o literal do Espírito Santo.

Quase um mês depois, dezenas de cinco farras e de três moradores de Bento Rodrigues, o distrito que foi destruído pela lama, ainda não sabem quando conseguirão encontrar seus mortos.

Até agora, 11 vítimas já foram enterradas, mas há dois corpos que, de tão decompostos, só poderão ser identificados após um teste de DNA.

Os bombeiros continuam se revezando nas buscas, mas a extensão do terreno e a quantidade de lama dificultam o trabalho.

Des 11 corpos resgatados, seis foram parar no município de Rio Doce, a quase cem quilômetros da barragem que se rompeu. O último foi achado no dia 26 em Ponte do Gama, a 35 km, e, desde então, não há novidades.

BUSCA

Em Mariana, onde está a maior parte dos moradores de Bento Rodrigues, parentes de alguns dos desaparecidos já não vão mais ao distrito acompanhar o trabalho de resgate. Sabem que é inútil.

É o caso de Marly de Fátima, 31, que não viu mais a filha, a apenadista Maria das Graças Castanho, 64, desde o último dia 5. Maria das Graças tinha saído de casa para ir à cabeleireira.

Marly e o irmão, Marcelo, ainda tentaram procurar a empregada e analisar de restos de lama descida, mas não a encontraram.

“O pessoal do Bento ainda avisa que a lama estava descendo, mas acho que ela não ouviu, porque teve problema de audição”, diz a filha.

Maria das Graças era conhecida, segundo Marly, por ser prestativa e nunca se esquecer dos aniversários dos amigos. “Tenho esperança pelo menos de que a encontrarem”, afirma.

Em Rio Doce, onde está o maior número de corpos resgatados, os bombeiros continuam as buscas. Mas a extensão do terreno e a quantidade de lama dificultam o trabalho.

Des 11 corpos resgatados, seis foram parar no município de Rio Doce, a quase cem quilômetros da barragem que se rompeu. O último foi achado no dia 26 em Ponte do Gama, a 35 km, e, desde então, não há novidades.

ESPERA sem fim

Parentes de vítimas que sumiram depois do rompimento da barragem em Mariana vivem a angústia de aguardar por notícias das buscas pelos corpos, 29 dias após a tragédia que deixou um rastro de lama

Em Mariana, onde está a maior parte dos moradores de Bento Rodrigues, parentes de alguns dos desaparecidos já não vão mais ao distrito acompanhar o trabalho de resgate. Sabem que é inútil.

É o caso de Marly de Fátima, 31, que não viu mais a filha, a apenadista Maria das Graças Castanho, 64, desde o último dia 5. Maria das Graças tinha saído de casa para ir à cabeleireira.

Marly e o irmão, Marcelo, ainda tentaram procurar a empregada e analisar de restos de lama descida, mas não a encontraram.

“O pessoal do Bento ainda avisa que a lama estava descendo, mas acho que ela não ouviu, porque teve problema de audição”, diz a filha.

Maria das Graças era conhecida, segundo Marly, por ser prestativa e nunca se esquecer dos aniversários dos amigos. “Tenho esperança pelo menos de que a encontrarem”, afirma.

Em Rio Doce, onde está o maior número de corpos resgatados, os bombeiros continuam as buscas. Mas a extensão do terreno e a quantidade de lama dificultam o trabalho.

Des 11 corpos resgatados, seis foram parar no município de Rio Doce, a quase cem quilômetros da barragem que se rompeu. O último foi achado no dia 26 em Ponte do Gama, a 35 km, e, desde então, não há novidades.

AGORA TENHO UMA MISSÃO DE VIDA, DIZ CHEFE DA VALE

THAIS BILENY
DE SÃO PAULO

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que se abalou com a tragédia em Mariana (MG), mas que, agora, quase um mês depois, encara a recuperação da localidade rio Doce e das comunidades locais como “missão de vida”.

Além de ser uma das controladoras da Samarco, a Vale também depositava rejeitos na barragem que se rompeu — diz que sua lama correspondia a rejeitos de 270 toneladas.

“A primeira reação foi de que cair no chão com a situação, mas agora não. Acho que tenho uma missão na minha vida e essa missão vai ser cumprida”, disse a *Folha*, em Nova York (EUA), onde esteve para evento na Itália de Valoreis na terça-feira (1º).

Católico praticante, Ferreira disse ter ficado “muito triste, atônito”, quando teve notícia do desastre, ocorrido em 5 de novembro.

Questionado sobre se estava envergonhado, ele respondeu que sentia “completa impotência, de perplexidade”. “Hoje, o meu sentimento é o seguinte: eu vou dobrar o meu comprometimento com esse assunto.”

A *Folha* da Vale desde 2011, Ferreira afirmou ser “viciado” em medidas de segurança e considerou ter conquistado avanços “contundentes” nesse aspecto. “Quem se esforçou tanto, durante quatro anos, fica muito perplexo, atônito, numa situação dessas.”

Apesar de “banerista”, a mineradora diz que só pode atuar com causa de recuperação ambiental e social do desastre se ficar correspondida a impossibilidade de Samarco falir.

Roseli Gomes, que está com marido desaparecido, e o filho, Pedro Emanuel, 5

Marly de Fátima com a filha, Emilia, 3, ela ainda não teve notícias da mãe, Maria das Graças, desde o dia da tragédia

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 03 de dezembro de 2015.

A aforização não é prototípica: é um enunciado em primeira pessoa e não possui aspas. Aliás, como já observamos, a *Folha* nem sempre marca com aspas os enunciados destacados em discurso direto. A orientação da aforização em foco parece um tanto simbólica, visto que uma “missão de vida” é normalmente definida como a razão da existência de uma pessoa, sendo, portanto, uma questão altamente subjetiva ligada à cosmovisão pessoal. O jornal, no corpo da reportagem menciona, inclusive, que Murilo Ferreira é católico.

Cabe ainda observar que a linha fina da reportagem está diagramada especialmente para dar ênfase ao sofrimento das vítimas. As palavras em negrito são importantes marcos da sensibilidade que a reportagem indica aos leitores. Dito isso, voltemos nossa atenção para a reportagem que dá origem à aforização, que se encontra ao lado direito da reportagem de destaque e das fotos mencionadas. O enunciado destacado (“Agora tenho uma missão de vida”) aponta para uma possível relação instaurada pelo locutor jornal entre o aforizador e as vítimas.

A sensibilidade evocada pela expressão das pessoas na foto, bem como pela própria linha fina, dialoga com a expressão “missão de vida” do presidente da Vale S/A. Essa relação, todavia, não é direta entre esses sujeitos de discurso. Antes, é instaurada pelo jornal, enquanto locutor que organiza esses dizeres de modo a criar tal efeito de sentido. O discurso tem efeito polifônico: a voz dos atingidos (ou “afetados”, como o jornal menciona) e a voz do presidente da empresa, proprietária da Samarco (responsável pela barragem) aparecem juntas em relação. Além disso, a voz do jornal é decisiva para tecer (e mostrar) essa relação dialógica. Não fosse pela diagramação da página, talvez esses efeitos de sentido não pudessem ser apreendidos.

A discussão, no entanto, ressurgiu do ponto de vista da instância interpretante. Quando inicia a leitura da reportagem sobre a fala do presidente da empresa, a recuperação da bacia do Rio Doce é igualmente incluída na cena enunciativa como referência à expressão “missão de vida”. Assim se inicia a reportagem, utilizando o recurso de ilha textual (MAINGUENEAU, 2001):

O presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que se abalou com a tragédia em Mariana (MG), mas que, agora, quase um mês depois, encara a recuperação da bacia do rio Doce e das comunidades locais como “missão de vida”.

A impressão do leitor pode ser direcionada ao comprometimento da Vale S/A com as questões de recuperação dos problemas advindos por ocasião do rompimento da barragem. A tese, entretanto, vai, aos poucos sendo desconstruída pelo locutor jornal com alguns recursos tipográficos, em especial o uso de aspas, que demarca as fronteiras entre o locutor jornal e a voz do outro locutor, representado pelo presidente da Vale S/A. Seguem alguns exemplos, em que o recurso à ilha textual é fundamental para a demarcação dessas vozes:

Católico praticante, Ferreira disse ter ficado “muito triste, atônito” quando teve notícia do desastre, ocorrido em 5 de novembro. (...)

À frente da Vale desde 2011, Ferreira afirmou ser “viciado” em medidas de segurança e considera ter conquistado avanços “contundentes” nesse aspecto. (...)

As aspas, para além de indicarem que o termo advém de outro discurso, nesse caso indicam o distanciamento do locutor jornal para com o locutor colocado em pauta em seu discurso. Ora, se de um lado, a ausência delas não modifica a superficialidade do significado das expressões, tampouco compromete a pontuação a ponto de impedir a compreensão, por outro, sua presença indica que o locutor jornal não se compromete com os dizeres. Que avanços “contundentes” são esses que permitiram que uma *tragédia* dessa magnitude acontecesse? Tal postulado se clarifica para a instância de recepção irremediavelmente no último parágrafo da reportagem:

Apesar de “lamentar”, a mineradora diz que só poderá arcar com custos de recuperação ambiental e social do desastre se ficar comprovada a impossibilidade de a Samarco fazê-lo.

A sequência fecha o ciclo interpretativo: apesar de a aforização destacar a ideia de que há uma “missão de vida” que envolve o presidente da Vale S/A, proprietária da Samarco, daí o enquadramento interpretativo acional – à Vale S/A é atribuído o poder de mudar alguma coisa em relação à *tragédia* – a ação não pode ser imputada à empresa, uma vez que a responsabilidade do rompimento da barragem recai sobre a Samarco. O postulado parece profético. O processo está parado desde 2018...

O rompimento da barragem de Brumadinho–MG também resultou em uma série de enunciados destacados nos jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo*. A seguir, propomos uma análise do enunciado da ministra Damares Alves, que visitou o local do rompimento e deu entrevista a diversos jornalistas. O enunciado encontra-se no jornal *Estado de Minas*:

- 3) “Vamos ser duros com a Vale”, afirma Damares (ESTADO DE MINAS, 08 de fevereiro de 2019).

A aforização está no título do texto que noticia a visita da ministra Damares Alves ao local do rompimento da barragem de Brumadinho-MG. Além dessa aforização, há outra aforização que é constitutiva da legenda da foto da ministra em fala com repórteres (rodeada de microfones). A aforização que aparece na legenda da foto é um sintagma “o direito à vida”, como pode ser verificado na figura 47:

Figura 47: Notícia sobre visita da ministra Damares Alves a Brumadinho-MG

'VAMOS SER DUROS COM A VALE', AFIRMA DAMARES

LARISSA RICCI

A ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, visitou ontem o distrito de Córrego do Feijão, em Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e prometeu ser dura com as empresas de mineração. Segundo ela, o processo de licenciamento das empresas mineradoras vai passar a ser mais rigoroso. "O Ministério dos Direitos Humanos está aqui desde o primeiro dia. Nós não vamos deixá-los quietos. Vamos acompanhar tudo que está sendo feito pela Vale, além de cobrar as medidas", pontuou. "O maior direito já foi violado, que é o direito à vida. Estamos diante de uma tragédia complexa."

De acordo com a ministra, o governo vem acompanhando os desdobramentos da tragédia de Brumadinho e vai cobrar dos responsáveis. "Estamos sendo duros com a Vale. Que isso fique bem claro. O governo federal está acompanhando de perto os desdobramentos e as cobranças serão feitas de forma muito transparente", afirmou. Na agenda da ministra em Minas havia ainda uma visita aos indígenas que vivem na região do Rio Paraopeba.

"O Ministério tem que se antecipar as catástrofes. O Ministério está com



Damares Alves disse que o maior direito já foi violado: "O direito à vida"

uma nova pasta para uma coordenação geral de pessoas em situação de risco", explicou o secretário de Direitos Humanos do Governo Federal, Sérgio Queiroz. "Análises serão feitas nos *dam breaks* - áreas potencialmente devastáveis em caso de rompimento de barragens. Portanto, o Ministério dos Direitos Humanos vai começar a listar as principais barragens em risco no Brasil, analisar essas áreas que seriam *dam breaks* e fazer a antecipação de quadro catastróficos", explicou o secretário.

Fonte: *Estado de Minas*, 08 de fevereiro de 2019.

A notícia dá início à narração sobre a visita da ministra à região da *tragédia*. Faz uso de discurso relatado tanto direto quanto indireto ao longo do texto. No texto, é possível identificar algumas vozes que se encontram: a do locutor jornal e a de outros locutores representados pela ministra e pelo secretário de Direitos Humanos Sérgio Queiroz.

O final do primeiro parágrafo e o início do segundo são de especial relevância no que diz respeito aos destacamentos, pois é ali em que se encontram os enunciados que lhes deram origem. O sintagma aforizado sob a foto não sofre alteração, muito embora parte do discurso direto no corpo da notícia esteja sendo passado para o discurso indireto na legenda da foto. A atenção parece estar voltada para a expressão "direito à vida". Dizemos isso no sentido de que a frase é atribuída pelo jornal a um ator político declaradamente religioso: Damares Alves é conhecida por sua atuação religiosa, por alguns de seus relatos que circula(ra)m nas mídias jornalísticas e redes sociais. A expressão não parece ter sido escolhida para figurar como processo de destacamento por acaso: o "direito à vida" é um dos principais pilares da cosmovisão de sujeitos conservadores quando de algumas discussões acerca de temas sensíveis, a exemplo da descriminalização do aborto. Nesse caso, o *Estado de Minas*, enquanto locutor e jornal que tende ao progressismo, faz uso deliberado da expressão, colocando-se em relação de acordo com o sentido evocado por ela naquele momento por ocasião de sua utilização por parte da aforizadora.

Chama a atenção igualmente o significativo deslizamento de sentido no caso da aforização do título. O enunciado que dá origem ao destacamento é o seguinte:

“Estamos sendo duros com a Vale. Que isso fique bem claro. O governo federal está acompanhando de perto os desdobramentos e as cobranças serão feitas de forma muito transparente”, afirmou.

O presente (“estamos sendo”) é substituído pelo futuro (“vamos ser”). A alteração pode ter origem em duas ideias: i) o jornal deu preferência por colocar a aforizadora em posição de quem faz uma promessa, o que ocorrerá no futuro, mas não ocorre no presente; ii) o jornal *aproveita* a segunda parte da fala da ministra (as cobranças *serão* feitas) e converte o sentido todo da enunciação em uma ação futura. Em ambos os casos, porém, o enquadramento acional é justificado: quer no presente da enunciação, quer no futuro, o poder de atuação na condenação está por conta da aforizadora, representante do próprio governo federal.

A frase, aliás, é aforizada em duas edições seguidas do jornal *Estado de Minas*: a que estamos analisando nesta subseção e outra, na seção “Frases”, na edição de 09 de fevereiro de 2019, em que o enunciado original não sofre alteração, como é possível verificar na figura 48. No destaque em “Frases”, a aforização tende a ser menos prototípica. Entretanto, sua visibilidade foi notória porque foi aforizada também na notícia do dia 08 de fevereiro de 2019, embora com ligeira alteração, como tende a ocorrer com muitas aforizações midiáticas. Lembremos, além disso, que seções como “Frases” trazem aforizações por destacamento forte, já que o leitor não tem acesso imediato ao texto-fonte, como é possível verificar na figura 48, a seguir:

Figura 48: Frase destacada da ministra Damare Alves



Fonte: *Estado de Minas*, 09 de fevereiro de 2019.

O rompimento da barragem em Brumadinho–MG trouxe à baila muitos enunciados em regime aforizante. A seguir, o capitão do corpo de bombeiros aparece como um aforizador no título de uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*:

- 4) “Queremos dar um final digno para as famílias”, diz capitão (FOLHA DE S. PAULO, 30 de janeiro de 2019).

A aforização é empregada no título de uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* do caderno “Cotidiano”, que conta com cinco páginas dedicadas à cobertura da *tragédia* em Brumadinho-MG. O tema, aliás, é bastante presente nesta edição: aparece em, pelo menos, sete *matérias* e em muitas fotos, desde a reportagem de maior visibilidade, a da primeira página, até a quinta página em que se localizam um depoimento e uma reportagem sobre o enterro de vítimas.

A matéria intitulada pela aforização encontra-se logo abaixo de algumas fotos dos bombeiros em um dia de trabalho de resgate. São, ao todo, quatro fotos, das quais chamam a atenção duas delas que mostram bombeiros sujos de lama ou rastejando sobre os rejeitos. Além disso, a reportagem de topo de página aborda o problema do atraso salarial dos profissionais que trabalhavam na lama. Dessa forma, o jornal sensibiliza o leitor ao exaltar o trabalho dos socorristas e mostrar, por meio da relação entre as reportagens, valores atribuídos a esses sujeitos.

A aforização por si só direciona a instância interpretante a alguns valores circulantes em sociedade, dentre os quais a dignidade. A única voz, alheia à voz do próprio locutor jornal, que aparece na reportagem em foco é a representada pelo capitão do corpo de bombeiros. De orientação simbólica, a aforização manifesta o desejo ético do aforizador diante de um fato que comoveu a sociedade. O enunciado que dá origem à aforização é o seguinte:

“Encontrar o corpo para nós é muito importante, muito importante. A gente não deixa ele por lá, não. A gente quer que a família tenha, nesse final de vida [dos familiares], algo digno para eles”

As marcas de oralidade presentes no enunciado em discurso direto no corpo da reportagem dão lugar a um enunciado aforizado mais formalizado. Assim, “a gente” torna-se “nós”, a repetição de elementos e as irregularidades de concordância deixam de existir para dar lugar a uma frase única, sem repetições, que sumariza o tema. Algumas informações são, assim, suprimidas, dadas as próprias características da aforização, especialmente quando se trata de um título de notícia ou de reportagem. Assim, a aforização é mais prototípica do ponto de vista

de sua extensão, e menos prototípica do ponto de vista da pessoalidade traduzida pelo uso da primeira pessoa do plural que envolve todos os bombeiros (“nós exclusivo”).

A interpretação da aforização não é de tudo generalizante, pois o enunciado está localizado, como já mencionamos, em um agrupamento de matérias que tratam da temática do rompimento da barragem em Brumadinho-MG. Além disso, as fotos dos bombeiros dão o tom que direciona a instância de recepção no que diz respeito às interpretações possíveis. Todavia, a supressão de informações de conteúdo alteram ligeiramente essas possibilidades. Isso porque a construção do contexto da fala do bombeiro só é acessada quando da leitura da reportagem. Assim, são deixadas de lado as seguintes informações no enunciado aforizado: i) encontrar o corpo é (muito) importante para os bombeiros; ii) o corpo não é deixado, caso seja encontrado; iii) isso ocorre porque os bombeiros querem “dar um final digno” às famílias, ou seja, enterrar seus mortos. Assim, é possível que o leitor, ao acessar primeiramente a aforização, considere apenas a questão da ética do corpo de bombeiros (saber circulante em sociedade) sem levar em consideração o que motivou o aforizador a mencionar a questão.

Neste capítulo, foi possível observar o modo como os jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* tratam as falas de sujeitos envolvidos com os rompimentos das barragens de modo a destacá-las em regime de enunciação aforizante. Foi possível, por meio dos cinco enquadramentos interpretativos que propusemos, observar o processo de destacabilidade e as mais diversas questões evocadas por ele. Sejam questões voltadas à importância do testemunho como mola propulsora de informação, sejam as voltadas à vivência das pessoas em relação aos rompimentos das barragens, esses relatos são importantes modos de construção e narração desses acontecimentos.

A explicação dos eventos através dos enunciados técnicos e/ou governamentais, bem como as propostas de ação em relação aos rompimentos de barragem também configuram significativos elementos que constroem o posicionamento discursivo dos jornais estudados. Isso porque, na medida em que certos enunciados são destacados – e não outros que estariam igualmente disponíveis –, esses veículos midiáticos contribuem para o direcionamento da leitura, conduzindo a instância de recepção às conclusões que almejam ver alcançadas.

Embora pouco frequente no *Estado de Minas* e praticamente ausente na *Folha de S. Paulo*, as questões culturais, artísticas e religiosas sob a égide da temática dos rompimentos de barragem mineiras figuram entre as importantes formas de construção dos discursos jornalísticos sobre as *tragédias*, resgatando memórias e imaginários circulantes na sociedade especialmente no que diz respeito às perdas patrimoniais e à valorização de eventos e sujeitos que representam a mineiridade.

Em síntese, este terceiro e último capítulo cuidou de importantes elementos de construção discursiva acerca dos rompimentos de barragem em Minas Gerais, especialmente no que tange às mídias jornalísticas brasileiras representadas pelo *Estado de Minas*, um jornal de referência regional, e pela *Folha de S. Paulo*, um jornal de referência nacional. Com essas questões em mente, partiremos para as considerações finais que cuidarão de aproximar os conceitos trabalhados na confecção da tese, bem como de compilar algumas informações que julgamos ser as mais relevantes contribuições deste trabalho tanto para os estudos do discurso quanto para a compreensão da forma como as *tragédias* são postas em circulação através dos discursos das mídias jornalísticas brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste empreendimento, pudemos compreender que os rompimentos de barragem que aconteceram em Mariana-MG e Brumadinho-MG estão entre os piores *acidentes* de mineração do mundo. São, respectivamente, o maior vazamento de rejeitos de minério e uma das maiores perdas humanas nesse tipo de acontecimento. Deles irrompe uma série de atividades languageiras, de discursos, dentre os quais, evidentemente, o discurso midiático. Nesse sentido, o estudo das atividades languageiras decorrentes desses acontecimentos se justifica no âmbito da ADF. Isso porque os discursos, em especial os institucionalizados que se convertem em importantes objetos de verificação das ideologias, imaginários, saberes, memórias etc. circulam na sociedade e preconizam estudos acadêmicos.

Como se viu, selecionamos para investigação e análise o discurso midiático, mais especificamente no que se refere à mídia impressa e a jornais diários. Dessa forma, este trabalho contou com uma seleção de enunciados destacados dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*. A *Folha de S. Paulo* foi selecionada porque é um dos jornais impressos mais expressivos e mais vendidos no Brasil. Além disso, é um jornal geograficamente distante dos eventos e que procura preservar um *éthos* de jornal de referência. Já o *Estado de Minas* foi selecionado por ser um jornal expressivo no estado de Minas Gerais, cujo *slogan*, aliás, é “o grande jornal dos mineiros”. O *Estado de Minas* está estabelecido no estado de Minas Gerais e, portanto, bastante próximo geograficamente dos rompimentos das barragens. Nesse sentido, o jornal parece sustentar um *éthos* de empatia, de solidariedade para com os atingidos, além de favorecer o aparecimento de vozes que denunciam as empresas responsáveis pelos rompimentos.

Com isso em mente, pudemos observar que o processo de destacabilidade – denominado, nas postulações maingueneanianas, *aforização* – é um fenômeno responsável por destacar (no duplo sentido, de isolar e de fazer sobressair) enunciados que advêm de enunciações diversas e alçá-los ao estatuto de título, subtítulo, legenda de foto, olho, intertítulo etc. em textos jornalísticos. Esse processo funciona como uma estratégia de captação de leitores e é bastante recorrente nas edições diárias dos jornais impressos no Brasil e no mundo. Essa é a razão que nos faz estudá-lo aqui e tomá-lo como um fenômeno que remonta ao efeito polifônico dos discursos, ou seja, um fenômeno de introdução de vozes diversas nos discursos jornalísticos.

Nosso trabalho passou por algumas etapas nas quais foi possível refletir sobre os acontecimentos e suas repercussões discursivo-midiáticas. Em um primeiro momento, foi preciso retomar questões sobre a atividade mineradora que, aliás, sempre esteve presente na

história mineira. Embora tenha trazido grandes lucros para parcelas privilegiadas da sociedade mineira e contribuído com o avanço e o desenvolvimento econômico do estado, trouxe consigo muitos inconvenientes. O comprometimento do meio ambiente e a ininterrupta ameaça às vidas humanas pela presença de barragens nem sempre adequadamente monitoradas são constantes em locais que vivem da atividade mineradora, como é o caso de grande parte do estado de Minas Gerais. Essas questões vêm inquietando ambientalistas e sempre preocuparam populações que se organizam nos arredores dessas atividades.

Durante a pesquisa empreendida aqui, trouxemos algumas informações elementares sobre a atividade mineradora, o que nos permitiu refletir um pouco sobre os próprios rompimentos das barragens mineiras, com base em relatórios e documentos, bem como comparando-os a outros *acidentes* dessa categoria ao redor do mundo. Foi possível compreender que os rompimentos das barragens ocorridos em Mariana-MG e em Brumadinho-MG estão entre as mais graves ocorrências do tipo no mundo. Além disso, vimos que esses rompimentos de barragem não foram os únicos ocorridos no Brasil.

Mostramos alguns detalhes sobre os rompimentos dessas barragens, buscando apontar suas possíveis causas, que se encontram basicamente em um problema recorrente de acordo com estudos consultados: liquefação e modificação do projeto original de construção e alteamento das barragens. Juízos sobre essas questões à parte, tanto esses rompimentos quanto suas causas que apontam para *tragédias* anunciadas tiveram repercussões midiáticas importantes. Essas transformações do acontecimento (bruto) para o discurso (midiático) têm suas motivações que transcorrem em interesses financeiros, ideológicos, políticos, etc.

Sobre esses enunciados que analisamos, sendo alguns deles um grupo de destacamentos, é preciso chamar a atenção para algumas questões menos interpretativas e mais técnicas. São enunciados que quebram, se é que podemos usar essa palavra, a ordem dos textos. Alguns contêm aspas em sua composição, outros, não. Isso, entretanto, acaba por se mostrar um detalhe a mais no funcionamento da aforização em textos jornalísticos. Todos estão em discurso direto, o que revela que há um processo heterogêneo que materializa um efeito de polifonia nos discursos jornalísticos, principalmente por meio da utilização do discurso direto (heterogeneidade mostrada marcada), ferramenta discursiva que remonta à legitimidade e à autenticidade, dadas as suas especificidades: i) o uso de discurso direto, embora não seja garantido, sugere um efeito de fidelidade aos fatos narrados e comentados uma vez que se acredita que o discurso direto é transcrito *ipsis litteris*; e ii) o aparecimento de muitas vozes remonta ao imaginário de que a presença das diversas vozes indica que o discurso leva em consideração os diferentes *pontos de vista*. Leva, pois, a instância interpretante a acreditar –

ilusoriamente – que tem elementos suficientes para a formação de sua opinião acerca dos fatos. Esse processo, como já explicamos, inter-relaciona-se ao regime de enunciação não-textualizante, especialmente no que diz respeito às aforizações. Afinal, a aforização é necessariamente a presença da voz do outro, embora sempre sob o *poder* da instância de *autoria*, o jornal. De acordo com as postulações maingueneunianas, as aforizações rompem naturalmente com a lógica do encadeamento textual-discursivo.

Essas observações são importantes pistas que nos servem de base para compreender que essa ruptura discursiva, por sua vez relacionada até mesmo aos próprios rompimentos de barragem que rompem com a ordem natural das coisas, conduz ao *aparecimento* de vozes outras no discurso jornalístico examinado. Nesse sentido, observamos um resgate de enunciações outras que, atravessando constitutivamente o próprio jornal em um processo dialógico inter e extradiscursivo, é *mostrado polifonicamente* à instância interpretante, público-alvo ou ainda instância de recepção. Assim, é possível afirmar com Maingueneau (2014, p. 33) que “toda aforização é uma enunciação segunda, do já-dito: o já dito de uma enunciação atestada”. Além disso, é possível ainda pensar que “na realidade, as enunciações destacadas são falas já ditas; elas resultam de operações que lhes dão um novo estatuto, fazendo-as retornar em outra cena” (MAINGUENEAU, 2015, p. 138).

E essas operações discursivas que colocam enunciados em destaque em regime de enunciação aforizante ainda resgatam imaginários, universos de saberes, de crenças, ideologias, fazem emergir nos discursos “possíveis interpretativos” os mais diversos, em razão do processo de destacamento que possibilita (ou não) um *deslizamento* de sentido. Isso porque as frases são retiradas de suas enunciações originais e re(con)textualizadas. Essa discussão é colocada em pauta por Maingueneau (2014) e por nós no que diz respeito ao *efeito de fidelidade* que não necessariamente tece relação de harmonia com as possibilidades interpretativas do aparecimento primitivo da frase. As aforizações são, portanto, importantes saliências discursivas que possibilitam aos jornais, através de “pequenas frases”, colocarem-se no interior de discussões importantes que têm lugar na contemporaneidade. O trabalho refletiu sobre os discursos de informação e suas relações com os interlocutores, ou seja, os leitores dos jornais. Dessa perspectiva, procuramos apontar alguns aspectos sobre o modo como os jornais fizeram a cobertura jornalística desses eventos.

Assim, a *Folha de S. Paulo* assume uma postura menos comprometida, especialmente nos primeiros dias que sucederam ao rompimento da barragem em Mariana-MG, passando por um processo de transformação das notícias/reportagens e culminando em um interesse maior

sobre o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho-MG, se comparado ao primeiro grande rompimento.

Não é possível afirmar que a *Folha de S. Paulo* simplesmente não se interesse pelos acontecimentos. O que ocorre é que as abordagens da temática no jornal é mais discreta e as matérias acerca do rompimento, especialmente em Mariana-MG, estão em menor número. Há poucas aforizações relativas à *tragédia* em Mariana na *Folha de S. Paulo*, especialmente nas primeiras edições que sucedem ao evento. Embora algumas das aforizações analisadas sejam de edições próximas à data do rompimento, a preferência para a destacabilidade nesse jornal recai sobre outros assuntos. O cenário se modifica quando o evento se repete em 2019: a *Folha de S. Paulo* trouxe em manchete de capa o colapso da barragem em Brumadinho-MG. A ocorrência das aforizações também aumentou: são dezessete ao longo de trinta edições (entretanto, muito pouco diante do enorme número de aforizações do jornal *Estado de Minas*) contra nove em 2015. Até mesmo a vida dos atingidos indígenas pataxó aparece em reportagem, o que pode surpreender alguns leitores, devido à preferência da *Folha* por enquadramentos mais técnicos. E, embora haja aforizações de enquadramento vivencial, há flagrante preferência por enunciados de ordem mais técnica e testemunhal.

Diferentemente da cena de Fundão em 2015, a cobertura da *Folha*, em 2019, conta com cinco manchetes acerca do rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão e, embora a maior parte dos enunciados destacados recaia sobre as publicações do jornal *Estado de Minas*, é notória a diferença de tratamento da notícia que a *Folha de S. Paulo* propõe para esse novo rompimento.

O *Estado de Minas*, por sua vez, ocupa-se em *mostrar o lado dos atingidos* e procura preservar um *éthos* denunciante e de jornal de referência, através de seus gêneros, tornando-se mais assertivo principalmente pós-repetição de um grande rompimento de barragem. Dessa maneira, o jornal possui uma postura diferente acerca dos rompimentos das barragens em Minas Gerais. Como já foi observado neste trabalho, o evento tem lugar de manchete desde a primeira edição que sucede ao rompimento em Fundão (2015) e continua em destaque em todas as edições examinadas. O mesmo acontece com Brumadinho-MG, em 2019. Além disso, o jornal se coloca ainda mais ostensivo em relação ao segundo rompimento, denominando-o “crime” desde a primeira edição pós-rompimento. A presença de enunciações aforizantes também é bastante marcada. Diversamente do jornal *Folha de S. Paulo*, a preferência das aforizações recai sobre conteúdos impactantes, sobre a voz dos atingidos e sobre uma visada acusatória, inclusive com aforizações de especialistas em direito. Aliás, sobre o *Estado de Minas* é importante salientar que o jornal se inclina mais para destacamentos do enquadre vivencial nos primeiros

dias que sucedem ao rompimento das duas barragens. Quando há enquadramento técnico nessas primeiras edições, especialmente no que diz respeito ao evento de 2019, a preferência se dá por aforizações que enfatizam questões jurídicas acerca de irregularidades das empresas responsáveis. Os enunciados cujo enquadramento é vivencial se espaçam um pouco na medida em que o tempo passa, dando lugar a um enquadramento técnico e a comentários de análise dos eventos. Entretanto, há que se mencionar que o enquadramento testemunhal cujos aforizadores, em grande medida, são os próprios repórteres do jornal, estão sempre presentes.

Desse modo, embora a ocorrência de aforizações de enquadramento vivencial se espace um pouco na medida em que o tempo passa, o jornal optou por, depois de um mês decorrido de cada uma das tragédias, lançar dois cadernos especiais chamados, respectivamente “Vozes de Mariana” e “Vozes de Brumadinho”, nos quais há flagrante propósito de veicular as vozes dos atingidos e das pessoas que tiveram destaque na cobertura dos eventos, como é o caso de Paula, a moça que circulou no vilarejo de Bento Rodrigues sobre sua motocicleta, avisando a população sobre o rompimento da barragem, atitude que salvou muitas vidas; de Pamela, a mãe da pequena Emanuely, levada pela lama em 2015; de Elias, que teve a camionete atingida pela lama da mina do Córrego do Feijão, enquanto as câmeras de segurança gravavam o momento; de Helena, que perdeu um filho e uma filha grávida, em 2019; de Karla, piloto do helicóptero de resgate, dentre tantas outras...

É importante ainda mencionar que o jornal *Estado de Minas* conta com uma seção denominada “Frases”, em que pequenos excertos de falas de personalidades diversas da sociedade são apresentadas (a partir de destaque forte). Nessa seção, embora haja algumas frases em destaque relacionadas aos rompimentos, a preferência do jornal é por aforizar frases acerca deles em outros locais (fazendo largo uso do destaque fraco). Assim, em boa parte das edições, as “Frases” decorrem dos assuntos políticos em pauta à época das edições. Outra observação importante é a de que as aforizações ocorrem preferencialmente em reportagens e notícias que não estejam ocupadas em dar explicações com gráficos, esquemas, diagramas, mapas etc. (como é possível observar nos anexos 13 e 14).

Outros importantes conceitos pelos quais passamos foram as noções de três instâncias de produção de sentido, ideia charaudiana que permeia nosso trabalho especialmente no que se refere: i) à instância de produção dos discursos (as instituições midiáticas representadas pelos jornais); ii) ao produto (os próprios jornais impressos que “aguardam” pela leitura de sujeitos diversos); iii) à instância de recepção (que num primeiro momento é imaginada pela instância de produção para depois transformar-se em leitores reais dos jornais). A reflexão sobre a deontologia das mídias (BERTRAND, 1999) e sobre a ética cidadã (EMEDIATO, 2010) que

perpassam os discursos das mídias de referência também foi importante elemento fundador deste trabalho. Isso porque, ao colocar no jogo enunciativo os mais diversos sujeitos de discurso, os jornais tendem a fazer emergir seus sentimentos acerca dos eventos, quais sejam, majoritariamente o de indignação e, em alguns casos, especialmente no jornal *Estado de Minas*, os sentimentos de horror, medo e tristeza. Tais sentimentos podem ser apreendidos, dentre outros recursos, pelas aforizações.

Essas noções serviram de ponto de partida para compreendermos o fenômeno de (efeito de) polifonia, que indica o aparecimento de diversas vozes nos discursos jornalísticos. Isso porque esse processo de produção de sentido é essencialmente dialógico, como vimos em Barros (2003). Sendo assim, um grande locutor (institucional em nosso caso, ou seja, o jornal) introduz muitas vozes em seu *produto* de modo a construir um discurso legitimado sobre o alicerce de sujeitos que legitimam as informações ali contidas. Em outras palavras, o jornal é um grande locutor que gerencia outros locutores (e enunciadores) em sua construção discursiva, na qual estão envolvidas diferentes estratégias de captação de leitores. E é por meio delas que há possibilidade de transformar uma instância de recepção idealizada em instância de recepção realizada. Além disso, o locutor jornal, como assim o denominamos durante a pesquisa, tece com essas vozes relações de acordo, desacordo ou (aparente) neutralidade, como foi possível perceber em algumas das análises apresentadas nesta tese.

A ideia da introdução de vozes no discurso midiático/jornalístico e sua relação com uma polifonia enunciativa remonta aos estudos de Bakhtin e do Círculo e, principalmente, à sua releitura por meio do conceito de heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 1990) e do próprio *esboço de uma teoria polifônica da enunciação* (DUCROT, 1987), que nos permitem contemplar a presença do Outro no discurso. Esse fenômeno, insistimos, é uma das maneiras de materializar a instância de recepção em leitor real. No caso deste trabalho, as observações recaíram sobre o processo de destacamento de enunciados advindos de enunciações outras, em discurso direto (marcados basicamente por verbos dicendi e pela presença de aspas). Esse fenômeno discursivo – a aforização – legitima o discurso ou, ao menos, o posicionamento do “grande locutor”.

A partir desses conceitos, fizemos algumas análises que, a nosso ver, puderam reforçá-los. Para compreender, portanto, esse regime de enunciação (aforizante) e suas ocorrências nos jornais elencados como objeto de pesquisa, analisamos as ocorrências de aforização em cinco grupos de enunciados destacados e apreendidos sob a égide de cinco enquadramentos interpretativos: o enquadramento testemunhal, que se origina dos enunciados cujos aforizadores *viram* os acontecimentos ou seus desdobramentos; o enquadramento vivencial, cujos

aforizadores *viveram* os acontecimentos, representados, em sua maior parte, pelas vítimas dos rompimentos das barragens; o enquadramento técnico-governamental, cujos aforizadores são os especialistas ou sujeitos envolvidos com o poder executivo, legislativo ou judiciário, que dão pareceres acerca dos acontecimentos; o enquadramento artístico-cultural e religioso, cujos aforizadores são representados por artistas em geral e sacerdotes ou ainda aqueles cujos enunciados têm temática religiosa; e o enquadramento acional, representado por sujeitos aforizadores que, supõe-se, têm o poder de agir sobre os acontecimentos.

Essas análises nos auxiliaram a compreender como as aforizações se inscrevem em um regime de enunciação não textualizante. Elas também nos levaram à reflexão sobre o modo como esses enunciados destacados servem aos posicionamentos dos jornais, reforçando suas linhas editoriais e tendo como objetivo atrair o leitor. Aparecem em uma lógica simbólica que serve à democracia cidadã (CHARAUDEAU, 2015), motivadas, na maior parte das vezes, reforçamos, pelo sentimento de indignação (EMEDIATO, 2010), próprio das mídias de referência. Tocam, dessa forma nos princípios morais, éticos, memoriais, identitários etc. Apesar da possibilidade – sempre presente – de um *deslizamento* de seus sentidos originais no processo de destacamento, as aforizações nos ajudam a entender que cada jornal consiste, dentre outras coisas, em um grande encontro de vozes legitimadoras de seus discursos, construindo, com elas, um efeito de polifonia, constitutivo dos discursos que objetivam (ou simulam objetivar) a preservação da democracia.

A partir do longo percurso que empreendemos até aqui, julgamos ter alcançado satisfatoriamente os objetivos delineados inicialmente. Assim, pudemos: i) compreender os discursos sobre as *tragédias* tanto no *Estado de Minas* quanto na *Folha de S. Paulo*; ii) obter também significativa demonstração acerca do encontro de vozes (efeito de polifonia) dos sujeitos envolvidos com a temática das *tragédias*; além de iii) analisar as aforizações sobre os rompimentos das barragens em Minas Gerais, reafirmando por meio delas, o posicionamento dos jornais acerca desses importantes eventos.

Quanto à relevância da presente pesquisa, levantamos três questões que nos parecem fundamentais: i) a de que esta é uma das primeiras teses a abordar a temática do rompimento da barragem em Brumadinho–MG, visto que o evento ocorreu durante o andamento do doutorado e foi incluído nas investigações já em curso a partir do impacto social que causou na sociedade mineira, bem como a partir de sua relação direta com o rompimento da barragem de Mariana–MG, que era, então, a temática contemplada pela nossa pesquisa. Além disso, ii) é um trabalho que auxilia os pesquisadores interessados no que diz respeito à forma como as duas *tragédias* (tanto a de 2015 quanto a de 2019) são colocadas em circulação pelos textos/discursos

que engendram, sobretudo no campo do discurso jornalístico. Isso diz respeito, especialmente, iii) ao modo como o acontecimento bruto (CHARAUDEAU, 2015) é posto em discurso, é construído discursivamente tanto por meio das diversas *matérias* jornalísticas quanto por meio do processo de destacabilidade, que envolve o regime de enunciação aforizante (MAINGUENEAU, 2001; 2006; 2010; 2011; 2012; 2013; 2014).

Finalmente, é preciso mencionar que diversas orientações de estudo acerca do objeto constituído pelos jornais brasileiros são possíveis, como, por exemplo, a própria construção narrativa dos eventos a partir de notícias e/ou reportagens e/ou entrevistas; os depoimentos de pessoas comuns como elementos de narrativas de vida que podem ser apreendidas nesses jornais; o(s) modo(s) como os discursos que abordam as *tragédias* humanas são organizados e divulgados; a presença de *centros de perspectivas* nas narrativas acerca dos eventos, dentre tantas direções possíveis. Por isso, é preciso dizer que esse objeto não se encerra em si mesmo. Sugerimos que sua observação por meio de outros olhares possa ser desenvolvida por pesquisadores que, assim como nós, manifestam sua inquietude em relação aos acontecimentos vivenciados na contemporaneidade e à forma como são postos em circulação no/pelo discurso.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 25-42, nov. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Paris: Larousse, 1995.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. **Letras de Hoje**, v. 46, n.1, p. 6-20, jan.-mar, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia, enunciação. *In*: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 1-9.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio – uma obra à prova do tempo. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. *In*: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 1-9.
- BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.
- BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CARRATO, Ângela. Imprensa Mineira, um monopólio próximo ao fim. *In*: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 469-481.
- CARRATO, Ângela; ELÍSIO, Geraldo; DINIZ, Sofia M. C. O crime ambiental de Mariana: omissão e convivência da mídia brasileira. **Scripta**, v. 22, n. 45, p. 151-162, 31 out. 2018.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Paulo de Tarso Amorim; NALINI JUNIOR, Hermínio Arias; LIMA, Hernani Mota de. **Entendendo a mineração no quadrilátero ferrífero**. Belo Horizonte: Ecológico, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo *et al.* (org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso - FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2016a.

CHARAUDEAU, Patrick. “L’acte narratif dans les interlocutions”: um cadre d’analyse. In: MACHADO, Ida Lucia e MELO, Mônica Santos de Souza (org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2016b.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2018.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. A argumentação na mídia: problematidade e avaliação ética. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Renato de (éds.). **Análises do discurso hoje**. V. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010.

EMEDIATO, Wander. A narrativa como componente fundador de instituições discursivas. In: MACHADO, Ida Lucia e MELO, Mônica Santos de Souza (orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2016.

FERNANDES, Geraldo Wilson *et al.* Deep into the mud: ecological and socio-economic impacts of the dam breach in Mariana, Brazil. **Natureza & conservação**, v. 14, n. 2, p. 35-45, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1679007316301104>. Acesso em 22/10/2020.

FERREIRA, Nathalia de Souza. **Análise discursiva da narrativa midiática sobre o rompimento das barragens de rejeitos da Samarco em Mariana-MG**. Projeto de pesquisa (Iniciação Científica) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana-MG, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2017a.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017b.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola, 2010.

INTERVOZES. **Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro.** São Paulo: Paulus, 2009.

LANA, Zilda Maria de Oliveira. A atividade mineradora em Minas Gerais e em Ouro Preto: impactos socioambientais e intervenções para a sustentabilidade. **Sociedade e Território**, v. 27, n. 3, p. 45-49, jul./dez. 2015.

LANDIM, Alessandra Folha Mós. **A construção discursiva da mineiridade a partir de jornais marianenses.** 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana-MG, 2017.

LANDIM, Alessandra Folha Mós. Quanto vale a lama de Mariana: análise da coluna de *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* dedicada à cobertura do rompimento da barragem da Samarco. In: CORREA, Tatiana Emediato *et al.* (orgs.). **Estudos de pós-graduação em linguística do texto e do discurso.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2019.

LANDIM, Alessandra F. M.; Glaucia M. P. Lara. Aforizações em jornais brasileiros de grande circulação: as tragédias de Brumadinho e Mariana no foco do discurso. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 2, n. 22, p. 154-172, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/current>.

LARA, Glaucia M. P. Passando a aforização em revista. **Estudos Semióticos.** [on-line], v. 9, n. 2, p. 7-14, dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69527>. Acesso em: 19/10/2015.

LARA, Glaucia M. P. L'aphorisation dans la presse écrite au Brésil et en France, **French Journal for Media Research**, Cluj-Napoca, Romania, v. 2, p. 1-11, 2014. Disponível em: <http://frenchjournalformediaresearch.com/lodel/index.php?id=374>. Acesso em: 20/12/2020.

LARA, Glaucia M. P. Pragmatics and Discourse Analysis: a Dialogue on the Concept of Aphorization in Media Texts. **Pragmatics**, Amsterdam, v. 26, n. 1, p. 93-109, March, 2016.

MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da narrativa de vida & análise do discurso. In: MACHADO, Ida Lucia e MELO, Mônica Santos de Souza (orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2016.

MAINGUENEAU, D. **L'Analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive.** Paris: Hachette, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Citação e destacabilidade. In: _____. **Cenas da enunciação.** Org. Sírio Possenti; Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006. p. 72-90.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização: enunciados sem texto? *In: _____*. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti; Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. **Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas**, v. 6, p. 15-36. Franca, SP: Universidade de Franca, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Les phrases sans texte**. Paris: Armand Collin, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso citado [verbete]. *In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds.)*. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso? **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 14, n. 2, ago. 2015b. ISSN 0102-7158. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547>>. Acesso em: 05/08/2019.

MILANEZ, Bruno *et al.* **Minas não há mais: avaliação dos aspectos econômicos e institucionais do desastre da Vale na bacia do rio Paraopeba**. Versos - Textos para Discussão PoEMAS, 3(1), 2019.

MOIRAND, Sophie. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse (Discurso, memórias e contextos: a propósito do funcionamento da alusão na imprensa). **Estudos da Língua(gem)**, v. 6, n. 1, p. 7-46, 2008. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1055>. Acesso em: 25/11/2020.

MOIRAND, Sophie. Dialogismo [verbete]. *In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds.)*. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

MORGENSTERN, Norbert *et al.* **Relatório sobre as causas imediatas da ruptura da barragem de Fundão**. Comitê de especialistas para análise da ruptura da barragem de rejeitos de Fundão, 2016. Disponível em: <http://fundaoinvestigation.com/pt-br/o-relatorio/>. Acesso em 22/09/2020.

MOUILLAUD, Maurice. Preliminares. *In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.)*. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 25-28.

NOLKE, Henning. Polifonia [verbete]. *In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (eds.)*. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

PoEMAS. **Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)**. Mimeo. 2015.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.

RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. *In*: EMEDIATO, Wander (org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE-UFMG, 2013.

RECH, Gisele Krodel. **Redação jornalística**: apontamentos para a produção de conteúdo [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2018.

ROBERTSON, Peter K. *et al.* **Relatório do painel de especialistas sobre as causas técnicas do rompimento da barragem de I do Córrego do Feijão**, 2019. Disponível em: <http://www.b1technicalinvestigation.com/pt/report.html>. Acesso em 22/09/2020.

RODRIGUES, Marcus Vinícius. A responsabilidade civil e as lições aprendidas no desastre do rompimento da barragem de Miraf-MG. **Cadernos de Direito**, v.18, p. 61-82, jul-dez 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/3900>. Acesso em 16/09/2020.

SAADI Alloua; CAMPOS, Jackson Cleiton Ferreira. Geomorfologia do caminho da lama: contexto e consequências da ruptura da barragem do Fundão (novembro, 2015, Mariana-MG). **Arquivos do museu de História Natural e Jardim Botânico**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2, p. 63-103, 2015.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mhnpj/article/view/6262>. Acesso em: 30/11/2020.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana**: a história do maior desastre ambiental do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SOARES, Lindolfo. Barragens de rejeitos. *In*: LUZ, Adão Benvindo; SAMPAIO, João Alves; FRANÇA, Sílvia Cristina Alves (orgs.) **Tratamento de minérios**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2010.

SOS MATA ATÂNTICA. **Observando os rios 2020**: o retrato da qualidade de água nas bacias da Mata Atlântica. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2020.

13
GERAIS
+CLASSIFICADOS



A LIÇÃO NÃO APRENDIDA

Em meio a disputa judicial, muito pouco foi feito para reparar perdas da tragédia de Mariana, ocorrida no fim de 2015.

por GUSTAVO TO

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO



GLAYDSON RODRIGUES/REDA PRESS

CRIME SE REPETE

Tsunami de rejeitos minerais na Grande BH deixa ao menos 150 pessoas desaparecidas e um rastro de mortes, destruição e uma dúvida: até quando essas cenas vão se repetir?

Três anos e dois meses depois do rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana, matar 19 pessoas, destruir o Rio Doce, chocar o mundo e pôr em xeque a política ambiental brasileira, o crime se repete em Minas. O rompimento de uma barragem de contenção na Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, em Brumadinho, na Grande BH, deixou cerca de 150 desaparecidos e matou ao menos 7 pessoas, segundo informações oficiais divulgadas até a madrugada de hoje. Outras 100 pessoas resgatadas. O temor das autoridades é que o total de óbitos aumente. Isso porque a tsunami de lama com rejeitos atingiu o refeitório da área administrativa da companhia próximo ao horário do almoço, o que elevou o temor de um número grande de vítimas. Segundo a Vale, 427 trabalham na mina no momento do rompimento da barragem. Cinco pessoas feridas tinham sido atendidas no Hospital João XXIII, na capital, até à noite. O presidente da Vale, Fabio Schvartsman, classificou o desastre como "uma tragédia humana terrível".

A mina em Brumadinho pertence à antiga Fercost Mineração, que foi incorporada pela Vale no fim de 2010. A negociação à época envolveu as reservas de Córrego do Feijão e Fábrica, esta

última localizada em Congonhas. Segundo a Vale, a área administrativa, onde estavam funcionários, foi atingida, assim como a comunidade da Vila Fercost. A lama agora começa a chegar ao centro do município pelo leito do Rio Parapebas, afluente do Rio São Francisco e um dos responsáveis pelo abastecimento de água da Grande BH. Barragem que se rompeu em Brumadinho tinha volume de 12,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério. Ao contrário do que ocorreu em Mariana, em 2015, os rejeitos em Brumadinho eram mais secos, o que minimizou o potencial de alcance dos rejeitos. A companhia opera 22 minas de minério de ferro no Brasil, das quais 19 estão localizadas em Minas.

A barragem que se rompeu não recebia rejeitos desde 2014, segundo informações da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). No fim do ano passado, a Vale recebeu licença para o reaproveitamento dos rejeitos no local. "O empreendimento, e também a barragem, estão devidamente licenciados, sendo que, em dezembro de 2018, obtive licença para o reaproveitamento dos rejeitos dispostos na barragem e para seu descomissionamento [encerramento de atividades]", informou a pasta. O Brasil



ALEXANDRE GUANOVINI/REDA PRESS

Enxurrada de rejeitos de minério isolou comunidade rural do município

tem cerca de 840 barragens de rejeitos minerais, sendo que quase a metade está em Minas.

DESESPERO Moradores ouvidos pelo Estado de Minas relataram não ter ouvido sirenes ou qualquer sinal de alerta após o rompimento da barragem, que fez

transbordar ainda outras duas que estavam logo abaixo. Ao perceber a chegada da lama, moradores da área rural se desesperaram e chegaram a ficar ilhados, separados pela tsunami de rejeitos. Uma estrutura de atendimento emergencial foi montada em Brumadinho para atender vi-

timas e parentes de desaparecidos. Grupos de pessoas de municípios das diversas regiões mineiras se organizaram para ajudar aos atingidos pelo rompimento da barragem.

O governador Romeu Zema (Novo) foi ao local da tragédia e hoje deve sobrevoar o cenário do desastre com o presidente Jair Bolsonaro. "Muito provavelmente iremos resgatar somente corpos. Temos recebido várias propostas de ajuda de outros estados e do governo federal. Mas nossa força-tarefa tem sido suficiente", afirmou. Segundo ele, neste momento a prioridade é evitar novos rompimentos no local, já que as autoridades trabalham com a possibilidade de mais um fissura no local, desta vez uma barragem de água.

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Claudio Lamachia, defendeu mudanças na legislação sobre barragens de rejeitos de minérios. Segundo a entidade, integrantes da Comissão Nacional de Direito Ambiental da OAB e da Comissão Ambiental da OAB-MG estão se dirigindo a Brumadinho para prestar assistência à comunidade, acompanhar a apuração dos fatos e fiscalizar as medidas de segurança adotadas.

ABASTECIMENTO A Copasa informou que o abastecimento da Re-

gião Metropolitana de Belo Horizonte não será prejudicado com o rompimento da barragem em Brumadinho. "Caso seja necessário, o abastecimento da região atendida pelo Sistema Paraopeba passará a ser feito pelas represas do Rio Manso, Serra Azul, Várzea das Flores e pela captação a Rio d'água do Rio das Velhas". Dois grandes sistemas produtores abastecem a Grande BH: as bacias do Rio das Velhas e do Rio Paraopeba, responsáveis por cerca de 96% da produção total, atendendo aproximadamente 5,1 milhões de habitantes. Os outros 4% se referem aos sistemas superficiais de vazões menores e aos sistemas ditos isolados e independentes, constituídos por captações superficiais e subterâneas.

A Agência Nacional de Águas (ANA) informou que está monitorando a onda de rejeitos e coordenando ações para manutenção do abastecimento de água e sua qualidade para as cidades que captam água ao longo do rio Paraopeba. "A barragem da Usina Hidrelétrica Retro Baixo está a 220 quilômetros do local do rompimento e possibilitará amortecimento da onda de rejeito. Estimamos que essa onda atingirá a usina em cerca de dois dias. A fiscalização da barragem rompida, de acumulação de rejeito de mineração, cabe à autoridade outorgadora de direitos minerários.

“Não era possível que o pesadelo de Mariana e a devastação que o rompimento da Samarco provocaram no Rio Doce se repetiriam, mas, incredulamente, me vi no meio desse filme novamente. Vivi mais uma vez tudo isto: a ansiedade de chegar, passando por bombeiros, ambulâncias e parentes desesperados em busca de notícias dos desaparecidos. Essa tragédia humana foi muito maior. Não há um lugar onde não vejo mães chorando pelos filhos que não atendem ao celular, homens se arriscando na lama, devastação e um rombo nas matas e recursos hídricos que agora atinge a Bacia do Velho Chico”

• Mateus Parreiras, repórter do Estado de Minas

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO



"A SENSÇÃO NÃO TEM COMO EXPLICAR. OLHAR LÁ DE CIMA E VER TUDO... NÃO TEM NEM PALAVRAS"

• EDILSON FERREIRA, AJUDANTE GERAL NA VALE, SOBREVIVENTE

ELES GANHARAM VIDA NOVA

Trabalhadores da Vale que sobreviveram ao rompimento de barragem em Brumadinho falam sobre o desespero na fuga, horas de isolamento até o socorro chegar e a emoção do reencontro



FOTO: RENAN DAMASCENO/REUTERS

O ajudante Cássio Henrique, de boné, ao lado do padrinho Edilson Ferreira, ainda uniformizado, junto dos familiares depois do susto provocado pela tragédia na mina de Córrego do Feijão

RENAN DAMASCENO e TIAGO MATIAS

Brumadinho – O Tejuco é um vilarejo distante cerca de 3 quilômetros da barragem de rejeitos da mina Córrego do Feijão, da Vale, com casas simples e pouco iluminadas, marcas de poeira vermelha nas paredes, quase todas construídas e habitadas por trabalhadores na mineração. Em frente a cada um dos casebres, ontem, se reunia uma família à espera de notícias, depois do vazamento de cerca de 13 milhões de metros cúbicos de lama, que avançou sobre prédios da companhia, destruiu casas e deixou centenas de desaparecidos.

No fim da tarde, a agonia aumentava com a chegada de cada um dos ônibus da Vale, carregados de sobreviventes: quem descia, recebia abraços dos familiares. Outros, seguiam sem respostas noite adentro. "Estou aqui até agora, esperando meu irmão", disse uma moradora, consolada pelo marido, sentada no meio-fio.

Quem chegava, era festejado. "Quando eu vi o

Edilson descendo do ônibus, nem acreditei, dei um pulo de alegria", disse Maria Raquel, ao lado do marido Edilson Ferreira, de 48 anos, ajudante geral. Ele e o afilhado, Cássio Henrique Souza Freitas, de 24 anos, também ajudante, estavam trabalhando em outra área, na barragem Menezes 2, e só se salvaram porque decidiram almoçar mais tarde para adiantar o serviço.

"Nós tivemos sorte. Estamos pegando serviço mais cedo, para almoçar mais tarde e ir embora. Pegamos serviço às 6h e trabalharíamos até 13h30 para depois ir almoçar. O ocorrido foi ao meio-dia e meia. Foi a hora que Deus estava ali olhando por nós", disse Edilson, que não segurou o choro ao lembrar dos amigos e de um primo, de quem, até agora, não tem notícias.

"A sensação não tem como explicar. Olhar lá de cima e ver tudo... Não tem nem palavras. Meus camaradas, um primo que é mesma coisa que um filho para mim, não tenho notícia dele até agora. É doído mesmo. O que eu vi hoje, nunca mais quero ver na vida", conta Edilson.

"Pensei que meu filho ia ficar sem pai logo hoje

que completa 10 meses", conta aliviada Franciele da Silva, com o bebê no colo, ao lado de Cássio Henrique. O ajudante estava com a roçadeira nas costas e abafadores nos ouvidos, quando se assustou com o encarregado chegando correndo para avisar sobre o rompimento da barragem.

"Nós não ouvimos nada. O encarregado chegou e assustamos, pois não sabia o que estava acontecendo. Ai saímos correndo, em fuga, para a parte mais alta que a gente pode", lembra Cássio. As horas de confinamento à espera das camionetes carregadas de trabalhadores também foram de apreensão. "Ficamos umas duas horas lá. Os trabalhadores foram chegando de camionete, trouxeram água, deram assistência", lembra Edilson.

A imagem dos parentes e amigos indo a seu encontro na chegada do ônibus fez Edilson pensar o futuro. "Meus filhos, meus netos, tenho cinco neto, meus irmãos vieram todos correndo. A emoção foi muito forte. Sou um sobrevivente no meio de todos. Daqui pra frente, só Deus sabe. É muita tragédia. Não quero mais voltar para a mina."

66

Pegamos serviço às 6h e trabalharíamos até 13h30 para depois ir almoçar. O ocorrido (rompimento das barragens) foi ao meio-dia e meia. Foi a hora que Deus estava ali olhando por nós

Edilson Ferreira, ajudante geral na mineradora Vale

Quando eu vi o Edilson descendo do ônibus, nem acreditei, dei um pulo de alegria

Maria Raquel, mulher do ajudante geral Edilson Ferreira

Pensei que meu filho ia ficar sem pai logo hoje, que completa 10 meses

Franciele da Silva, mulher do sobrevivente Cássio Henrique

NO LOCAL DA CATÁSTROFE

O Estado de Minas conseguiu acessar a área interna da Vale por volta das 20h de ontem. O movimento de máquinas, ambulâncias, carros de resgate e bombeiros ainda era intenso. No início da tarde, muitos moradores de Brumadinho foram para a região da barragem atrás de notícias e para ajudar nos resgates. "A gente tenta dar ajuda como pode. Bastante amigo, muita gente que a gente conhece estava aqui", contou Alison Henrique, que acompanhava a movimentação das máquinas. (RD e IM)



ERROS E TREMORES

Falhas na conservação de barragens da indústria da mineração em Minas Gerais combinadas a pequenos tremores de terra registrados no estado durante os últimos dias podem ajudar a explicar o desastre do rompimento de três barragens da mina Córrego do Feijão, da Vale. E essa hipótese levantada pelo presidente da Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), Fábio Braz Machado. Ele destaca, ainda, que atividades sísmicas costumam reverberar nos dias posteriores ao evento e que pequenos tremores muitas vezes não são percebidos, mas têm ocorrido com frequência no país.

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO



"VI MUITA MÃE DE FAMÍLIA PEGANDO O CELULAR, CHORANDO, COM FILHO DESAPARECIDO"

■ FRANCISCO 'PARAÍBA', VENDEDOR

CHORO, TRISTEZA E APREENSÃO

Tragédia fechou o comércio e comoveu parentes de funcionários e moradores de Brumadinho, que passaram o resto do dia em busca de notícias dos desaparecidos

THIAGO MATIAS, RENAN DAMASCENO E MATEUS PARRERAS

Brumadinho – Foi uma correria. Todos apavorados quando a notícia chegou. Todo mundo saiu correndo. Todos fecharam os comércios e foram logo embora. Vi muita mãe de família pegando o celular, chorando, com filho desaparecido. O sentimento, ao ver as pessoas passando, é de muita dor. O relato é do vendedor Francisco 'Paraíba', de 37 anos, dono do único estabelecimento aberto na tarde de ontem na Praça da Bandeira, a principal de Brumadinho. Ele narra, no olhar de um morador, o clima de desolação que tornou conta da pacata cidade de cerca de 36 mil habitantes, depois do rompimento da barragem do Córrego do Feijão.

Na cidade com ruas desertas e atmosfera de apreensão pela falta de informações oficiais sobre possíveis vítimas ou feridos, o único lugar com aglomeração de pessoas foi justamente a ponte sobre o Rio Paraopeba, na entrada da cidade. De cima, como quem não acreditava no episódio, a população observou os primeiros reflexos do rompimento, com a lama represando a água do rio e matando grande quantidade de peixes.

A caminho do local da tragédia, a angústia ficou ainda mais evidente no semblante das pessoas. No bairro Alberto Flores, a poucos passos da lama, moradores acompanhavam de longe o trabalho dos Bombeiros, no aguardo de qualquer notícia positiva. Jorge Santana de Araújo buscava informação sobre a esposa, que trabalha no local do rompimento da barragem. Sujo de barro de cabeça aos pés, revelou que chegou a mergulhar no mar de lama atrás da mulher.

"Ela me ligou 12h15, estávamos conversando quando ela falou assim: 'está tendo um terremoto, está tremendo, as árvores estão caindo. Deus, tenha misericórdia! Ai a ligação caiu. Com 20 minutos, peguei minha moto, entrei dentro da lama com o pessoal do resgate, mas não conseguimos achar ela. Só uma outra pessoa", disse, emocionado.

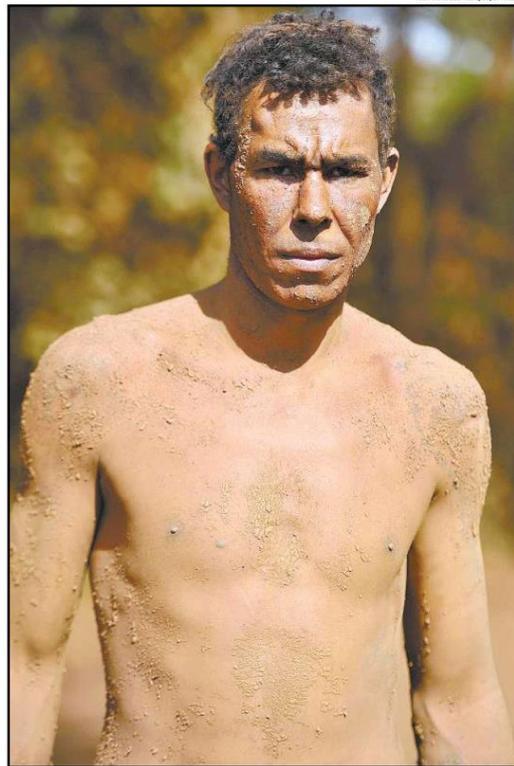
A história de Jorge é a mesma de pelo menos 150 famílias, que aguardam informações de desaparecidos. O jovem Maurício Almeida, de 26 anos, estava próximo do local do rompimento da barragem. "Quando passamos próximo da lagoa, chegamos perto da jangada, estourou. Desceu aquele tanto de barro por cima das casas, árvores, gente morta, muita coisa péssima", relatou. Ele descobriu que o tio é um dos desaparecidos. "É uma coisa que a gente não esperava. De repente, do nada, acontece. Pode ser o dinheiro que for, não compra a vida de ninguém", complementou.

O bombeiro hidráulico Jefferson Ferreira dos Passos, de 35 anos, conseguiu salvar duas vítimas que ficaram presas pela lama. Colegas e familiares trabalhavam numa poucada atingida pela lama. "Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos da poucada. Graças a Deus consegui salvar duas vítimas. Uma quebrou a perna e não tinha condições de ficar em pé. A outra senhora estava mais liberada e consegui levar pra um lugar mais firme. Depois de uns 40 minutos, o helicóptero chegou", descreveu, coberto de lama, o ato heroico que protagonizou. A mulher cuja perna estava quebrada, segundo ele, ficou presa na lama. "Ela não tinha condições de ficar em pé. Quería dormir, mas não conseguiu. Eu ficava chamando ela, até o helicóptero chegar".

REFETÓRIO Grande parte das vítimas do desastre seriam funcionários da própria Vale, cujos escritórios e refetório também se localizavam na rota dos rejeitos. Segundo relatos de colegas, cerca de 200 empregados estariam desaparecidos desde a tragédia. Segundo os funcionários, 700 pessoas trabalhavam na mina, mas, por almoxarem em regime de turnos, eles estimam que cerca de 200 poderiam no local naquele momento. Quem conseguiu sair não conseguia contato por telefone com os colegas e os próprios rejeitos impediam o acesso ao refetório. Quem escapou de ser atingido havia acabado de almoçar 30 minutos antes.

Em nota, a Vale confirmou que havia funcionários na região atingida pelo rompimento da barragem. A companhia acrescentou que acionou o Corpo de Bombeiros e ativou o seu plano de atendimento a emergências para barragens. "A prioridade de total da Vale, neste momento, é preservar e proteger a vida de empregados e de integrantes da comunidade", declarou a empresa ontem à tarde.

VIDAS SECAS Os primeiros reflexos do rompimento da barragem do Córrego do Feijão em Brumadinho, Região Metropolitana de Belo Horizonte, já eram percebidos ontem no Rio Paraopeba. A lama acumulada passou a "represar" a água do rio, que ficou escassa e baixou. Se níveis em determinadas partes do curso. Com isso, peixes começaram a morrer. Segundo relatos de moradores da região, o nível da água baixou até 2 metros. "Tem muitos peixes morrendo na beirada, porque não tem água para eles mais. Dá para ver de longe. É muito peixe perdendo. É muito triste a situação", lamenta Marcos Vinícius Santana.



ALEXANDRE GUZMÁN/REUTERS PRESS

"Minha irmã trabalha aí, a sogra dela, colegas nossos. Graças a Deus consegui salvar duas vítimas. Uma quebrou a perna e não tinha condições de ficar em pé. A outra senhora estava mais liberada e consegui levar para um lugar mais firme. Depois de uns 40 minutos, o helicóptero chegou."

■ Jefferson Ferreira dos Passos, que se enfiou no lodo e salvou duas pessoas que estavam na Poucada Nova Estância

VARRIDA PELA LAMA

THIAGO MADUREIRA

A região atingida pela tragédia ontem, em Brumadinho, abriga pousadas muito procuradas por turistas, sobretudo os que visitam Inhotim. Entre elas, a pousada Nova Estância, uma das mais luxuosas e destino de famosos como cantor Caetano Veloso e o ator Marcos Veras. Ontem, ela foi totalmente destruída pela passagem dos rejeitos de mineração. Segundo um morador da região, entre 20 e 30 pessoas, funcionários e hóspedes, estão desaparecidas.

Ontem à tarde, diversos moradores da região demonstravam preocupação com funcionários e hóspedes do estabelecimento. "Ela fica muito próxima da Vale, cerca de 200 metros. Tentamos contatos com a pousada, mas não conseguimos.

Estamos preocupados", disse Rose de Oliveira, gerente do restaurante Verdes Flores.

Vinicius Vieira, de 33 anos, auxiliar administrativo do Hotel Fazenda Horizonte Belo, instalado na mesma região, mas em zona fora de perigo, também demonstrou preocupação. "Ela está bem no caminho. Fica muito próxima à barragem. Sei que é uma pousada muito bem frequentada e sempre está cheia. Fica a nossa preocupação com quem trabalha lá e os hóspedes", disse.

O professor e empresário Márcio Mascarenhas, fundador das escolas de idiomas Number One, é dono da pousada Nova Estância. Segundo informações da atual diretoria da rede de ensino, ele estaria no local com a esposa e um dos filhos no momento da tragédia. A família não quis comentar o assunto.

PALAVRAS DE ANGÚSTIA



RENAN DAMASCENO/REUTERS PRESS



A informação que eu tive é que o canteiro de obra tampouco todo. Na hora que fiquei sabendo, até arrepiei. Graças a Deus, me mandaram embora. Melhor a vida que o emprego

■ William Novato da Silva, ex-funcionário da Vale

Eu só vi a lama quebrando tudo. Lá de casa eu escutei o barulho e vim correndo.



■ Márcio Palhares da Silva, morador da região que se ofereceu para ajudar nas buscas



Tinha acabado de passar do lado da lagoa. Estourou e desceu aquele monte de barro. Caso foi entupido,

você descendo, carro, ônibus, gente morta... Nem gosto de ficar falando, porque meu tio estava lá também.

■ Maurício Almeida, morador de Brumadinho



Minha esposa trabalha aqui. Por volta de 12h15, ela me ligou e falou: 'está tendo um terremoto, está tremendo, as árvores estão caindo! Meu Deus do céu, tenha misericórdia!', a ligação caiu.

■ Jorge Santana de Araújo, que conversou ao telefone com a mulher, funcionária da Vale, no momento da tragédia



Meu menino chegou correndo, falando que a barragem da Vale tinha arrebentado. Peguei o celular, os filhos, os documentos e saí correndo, de carro, até um ponto mais alto.

■ Marcos Antônio Coelho Brito, morador da região



Meu menino chegou correndo, falando que a barragem da Vale tinha arrebentado. Peguei o celular, os filhos, os documentos e saí correndo, de carro, até um ponto mais alto.

■ Marcos Antônio Coelho Brito, morador da região

ANEXO 5

Reportagem do jornal *Estado de Minas*, 07 de novembro de 2015.

O DESESPERO DOS SOBREVIVENTES

MÁRCIA MARIA CRUZ, RODRIGO MELO e GUSTAVO WERNECK
Enviados especiais

ALESSANDRA MELO



'MINHA MÃE MACHUCOU A PERNA'

Na tarde de ontem, a soldadora Giovanna Rodrigues, moradora de Mariana aguardava notícias do filho Tiago Damasceno Santos, de 7 anos. O menino estava com a avó em casa, em Bento Rodrigues, quando a lama atingiu o vilarejo. Além do filho, ela também dividia a atenção com mãe que se feriu. "Minha mãe machucou a perna e foi para o Hospital de Pronto-Socorro João 23, em Belo Horizonte. Falaram que meu filho correu para um lugar mais alto, mas até agora (15 horas depois) não sabemos de nada", contou Giovanna muito comovida e amparada por amigos, inclusive por um psicólogo voluntário.

'SE EU TENTASSE SALVÁ-LA, MORRERIA'

Vestido de camisa de malha, bermuda e chinelos, Sebastião Felipe dos Santos, de 55 anos, mostrava os arranhões por todo o corpo decorrentes da fuga da onda de lama que tomou conta de todo o distrito de Bento Rodrigues. Ele conseguiu escapar e salvar a irmã Esdra Felipe Ribeiro, de 70. Sem conter a emoção, ele lembrou que a sobrinha do marido da irmã não teve a mesma sorte. De acordo com ele, Maria chegou ao distrito na última quarta-feira para passar alguns dias de descanso. No momento em que a barragem estourou, ela estava pescando em um dos rios que passa pelo distrito. "A avalanche veio de uma vez. Era muita lama. Maria estava do lado de fora pescando. Não tive como fazer nada. Se eu tentasse salvá-la, eu morreria". Sebastião disse que o filho e o marido de Maria vieram de Contagem para tentar localizá-la, mas até a tarde de ontem, não havia qualquer notícia.

Os sobreviventes da tragédia que devastou Bento Rodrigues e atingiu outros seis distritos de Mariana (Paracatu, Águas Claras, Ponte do Gama, Barra Longa, Pedras e Gesteira) calculam, incrédulos, as perdas causadas pela força da onda de lama e destroços que arrasou tudo por onde passou na tarde de quinta-feira. Muitos perderam todos os pertences e só têm a roupa do corpo. Outros viram carros arrastados, as casas completamente destruídas. Muitos, além do prejuízo material, ainda tiveram que lidar com o desaparecimento de familiares. Embora o Corpo de Bombeiros, a Samarco e a Prefeitura de Mariana tenham informado que, oficialmente, há 13 funcionários da empresa de mineração desaparecidos, entre os sobreviventes os relatos dão conta que o número de soterrados pode ser maior.

O EM ouviu histórias sobre pessoas que não conseguiram escapar e ainda estão desaparecidas. No pronto-atendimento de Santa Rita, assim como no Hospital em Mariana, moradores de Bento Rodrigues buscavam informações sobre parentes. Na Arena de Mariana, onde foi montado um alojamento para os desabrigados, a movimentação foi grande ontem. Mesmo com colchões espalhados pela quadra, muitos não conseguiram dormir depois do dia tormento. O que dava um pouco de alento a quem perdeu tudo eram os gestos de solidariedade de pessoas que levaram agasalhos, alimentos, água e afeto.

"Foi a noite mais longa da minha vida", conta o professor de Educação Física Paulo Leandro Freitas Fleutério, 28 anos, que ajudou no resgate dos alunos da Escola Municipal Bento Rodrigues, totalmente soterrada pela lama. Foi a conta da gente escapar. Deixamos a escola e fomos para a parte mais alta. Uns cinco minutos depois ela foi tomada pela lama". Ele conta que inicialmente ouviu um barulho forte e pensou que fosse um helicóptero sobrevoando a escola. "Mas ele foi aumentando e quando resolvi sair para ver o que era vi a diretora gritando para todo mundo sair e um onda de poeira muito grande e muita lama chegando". Na hora, segundo ele, havia cerca de 40 alunos, inclusive adultos que participam de um programa de alfabetização. "Foi um desespero. As crianças chorando queando os pais e a gente gritando e mandando correr". Paulo foi resgatado hoje de manhã e já está em casa com a família.

O comandante-geral do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, Coronel Gualberto, informou que foram resgatadas cerca de 500 pessoas. Ele admitiu que pode haver moradores desaparecidos - além dos 13 funcionários da Samarco - mas disse ser prematuro afirmar quantos. Ele informou que corporação está fazendo um levantamento entre os que foram salvos para saber se há desaparecidos.



O cenário em Bento Rodrigues é desolador: casas completamente destruídas e a certeza de que nada sobrou

'A GENTE VIA A ÁGUA COBRINDO BENTO'

"Você vai trabalhar no Bento? Cuidado". Por 10 anos, a secretária da Escola Municipal Bento Rodrigues, Miriam Guimarães, de 35 anos, ouviu o alerta sobre os riscos de uma tragédia atingir o distrito, chamado apenas de Bento por quem mora em Mariana. "Em Bento, sempre teve a notícia que uma hora a barragem poderia estourar", afirma. E o que era uma fantasia a atormentar moradores e profissionais da escola chegou na tarde de 5 de novembro. A notícia de que a barragem rompera foi dada por Wisley, marido da diretora da Escola Eliene Geralda dos Santos. "Ele chegou e bateu na porta. Pensei que ele estivesse ali para contar algo ocorrido com o filho deles. Acompanhei a Eliene ao encontro dele, porque fiquei com medo de ela desmaiar. Foi quando ele disse que barragem tinha estourado". Atorreadas, Miriam e Eliene avisaram alunos e professores de que era preciso sair com rapidez. Os 45 alunos, com idades entre 12 e 15 anos, e 10 funcionários se dividiram entre o carro e um ônibus. Já distantes da escola, na subida do morro, viram que a lama cobriu toda a escola. "Ouvimos o barulho da água e a



impressão que tínhamos é que estava vindo atrás de nós. A gente olhava para baixo e só via a água cobrindo Bento. Ônibus, caminhões, carros e telhados inteiros eram levados pela lama." O ônibus seguiria para o distrito de Santa Rita, mas, ao alcançar a ponte de um dos rios que corta o distrito, teve que retornar. A lama havia tomado conta de tudo. Para que os estudantes pudessem se salvar tinham que chegar até o ponto mais alto do vale. Conseguiram ir até a igreja no início da mor-

ra, passaram pelo cemitério e foram em direção à mata que fica no topo do vale. Caminharam cerca de 3 quilômetros até o topo. Lá do alto, sem ter como se comunicar, Miriam pensava no marido, Valdinel Carvalho, de 39, e o filho Silas, de 16. "Eu queria dar a notícia de que não tínhamos sido levados embora juntos com a escola." Quando chegaram ao topo do morro, foram avisados de que poderiam voltar. Parte da turma desceu até a metade do caminho, quando foram alertados de que uma terceira barragem poderia romper. Os alunos e funcionários da escola, com outras pessoas da comunidade, passaram a noite ao relento e com medo de que outra tragédia pudesse abatê-los. "Quando começou a chover ficamos apreensivos", lembra. Equipes da Defesa Civil chegaram na madrugada para abrir caminho em meio a lama e destroços. O resgate enfim chegou por volta das 6h de ontem, mais de 12 horas depois. Ontem, já em casa, no Bairro São Cristóvão, com o marido e filho, Miriam tentava entender a noite mais difícil de sua vida. "Ainda sinto aquele cheiro forte, cheiro de enxofre", disse.



'ERA A NOSSA FAMÍLIA GRITANDO'

Os primos Jefferson Inácio, de 28 anos, e Alieris Caetano, de 33 lembravam revoltados as dificuldades para salvar familiares e conhecidos no distrito de Bento Rodrigues. "Salvamos umas 12 pessoas, incluindo três crianças. Tivemos que pular no barro e tirar as pessoas de dentro da lama. Eles se quietaram que a ação da polícia e dos bombeiros para fazer o bloqueio dá área quase os impediu de salvar diversas pessoas". Disseram que iriam nos prender se passássemos. Era a nossa família gritando", disse Jefferson.

'FIQUEI MUITO ASSUSTADO COM TUDO'

Solidariedade e dor em todos os cantos. O educador, dono de um brechó na rua Praia do Carmo, Geraldo Henrique Silva, prestou suas homenagens às vítimas pendurando um tecido preto com a palavra "luto" em branco. "Presto minha homenagem às pessoas atingidas. Fiquei muito assustado com tudo", disse Geraldo Henrique, que usou o manequim com a placa da loja para pendurar a faixa.

'FOI COMO UM FILME DE TERROR'

"Foi como um filme de terror. Gente gritando, correria", diz o morador de Bento Rodrigues Marcone de Souza, de 19 anos. Na tarde de ontem, no ponto em que a polícia fez um bloqueio para que as pessoas não ultrapassassem a área atingida pela onda de lama, ele olhava perplexo toda destruição de onde vivia. Desempregado, o jovem não sabe como será o futuro. "Agora é Deus quem sabe. Aqui não dá para ficar mais"

ANEXO 6

Página B6 do jornal *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015.

B6 cotidiano ★ ★ ★ SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 2015

FOLHA DE S. PAULO

“Soube pela avó paterna dele quais foram as últimas palavras do Thiago. Ele disse: ‘Jesus, não me deixe morrer, Jesus, Jesus, não quero morrer’”

GEOVANNA RODRIGUES, 28 mãe do menino Thiago Damasceno, 7, que desapareceu após o rompimento das barragens em Bento Rodrigues

‘Jesus, não quero morrer’, disse menino sumido

DO ENVIADO A MARIANA (MG)

Desde o rompimento de duas barragens em Mariana, a soldadora Geovanna Rodrigues, 28, passa o dia nas proximidades do ginásio da cidade à espera de informações sobre o filho desaparecido, Thiago Damasceno, 7.

“Soube pela avó paterna dele quais foram as últimas palavras do Thiago. Ele disse: ‘Jesus, não me deixe morrer, Jesus, Jesus, não quero morrer. Ele clamou muito por Jesus’”, afirmou Geovanna à **Folha**, emocionada.

A criança morava no subdistrito de Bento Rodrigues, o primeiro a ser atingido pela lama de rejeitos da mineradora Samarco, e está na lista de 28 desaparecidos na tragédia.

Ele estava ao lado da avó paterna, que está internada em Belo Horizonte, quando o acidente ocorreu e, segundo relato dela, foi levado pela força da lama.

A soldadora disse buscar forças na religião para enfrentar a ausência do filho. “Se eu não fosse espírita, meu mundo já tinha desabado.”

Nos últimos dias, Geovanna conta que tem lembrado de momentos marcantes com o menino, como a vez em que levou Thiago a um clube da cidade e ele caiu em uma piscina profunda ao tentar buscar uma bola. “Eu puli na piscina para tirar o Thiago e ele me disse: ‘Mãe, você me salvou’. Dessa vez eu não estava lá para salvá-lo”, lamentou a soldadora.

Filho único, Thiago vivia com a avó paterna em Bento, enquanto Geovanna trabalhava e estudava no município de Arcos.

Carminha de Jesus, 48, avó materna de Thiago, está entre os diversos parentes dos desaparecidos que passam horas em vigília nos arredores de um ginásio, em busca de informações com bombeiros e funcionários da prefeitura.

Carminha diz ter esperança de encontrar o neto ainda vivo. “Ele era minha vida, era tudo para mim, não sei o que será de mim sem meu neto”, repete, aos prantos. “Mas a esperança é a última que morre.” (JOSÉ MARQUES)



Bombeiro nos escombros da vila de Bento Rodrigues (MG), destruída pelo rompimento de barragens, em Mariana

Será difícil achar funcionário vivo, diz governador de MG

Entre os desaparecidos há 13 pessoas que trabalhavam nas barragens rompidas

Folha chegou ao centro de vilarejo afetado; a lama chegou ao teto das casas, e telhado e portas foram arrancados

JOSÉ MARQUES
MOACYR LOPES JUNIOR
ENVIADOS ESPECIAIS A MARIANA (MG)

O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT), reconheceu neste domingo (8) que os 13 funcionários que trabalhavam nas barragens da empresa Samarco em Mariana, na hora em que elas se romperam, a **Folha** esteve pela primeira vez na tarde deste

domingo no subdistrito de Bento Rodrigues, o local mais afetado pela lama.

A cena é digna da passagem de um furacão. Havia casas sem telhado, preenchidas quase por completo de lama, e carros lançados metros adiante. Só as casas mais afastadas resistiam com teto.

A marca da terra chegava ao teto. Em um bar, a mesa de sinuca parou na porta.

O mar de barro passou por cima da escola. Apenas algumas paredes resistiam em pé, uma delas com um cartaz afixado. O ferro de carteiras despontavam na lama.

A profundidade do barro era irregular. Conforme anda-

vam, bombeiros por vezes afundavam as pernas.

AVISO SONORO

Pimentel falou ainda sobre a falta de um aviso sonoro para alertar moradores. “Não sei se teria feito muita diferença nesse caso”, disse, que repetiu a alegação da Samarco de que a medida não é obrigatória por lei.

Em seguida, minimizou, dizendo que “é importante que haja sinalização sonora”.

As barragens se romperam na quinta (5). O motivo ainda é desconhecido. Na hora do acidente, um funcionário da empresa morreu após sofrer uma parada cardíaca.

Segundo o Corpo de Bombeiros, por ao menos uma semana as buscas focarão em encontrar sobreviventes.

Pelo terceiro dia, os bombeiros se confundiram sobre o número de mortos. Neste domingo, ao contrário do que o Twitter da corporação e o Estado diziam, pediu-se para excluir um segundo corpo como vítima do acidente.

Até ontem, dois corpos estavam no IML em Ponte Nova e um terceiro havia sido resgatado no fim da tarde.

Os desentendimentos fizeram o senador Aécio Neves (PSDB) e a ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, Nilma Lino Gomes, cobrarem, em visita a Mariana neste domingo, uma melhor comunicação em relação às operações de busca.

Neste domingo, o prefeito Duarte Jr. (PPS) foi internado por estresse e cansaço.

“A espera por informações [de um operador de escavadeira desaparecido no acidente] é cansativa. Vão passando os dias e a esperança vai indo embora”

ANA PAULA ALEXANDRE, 40
Vivecia em segurança do trabalho e mulher de Edinaldo Oliveira de Assis

‘Sem informação, ela quer cavar a lama com a mão’

DO ENVIADO A MARIANA (MG)
DE SÃO PAULO

“Minha tia quer ir até a barragem cavar a lama com as próprias mãos. Ela está desesperada sem informações”, conta Miguel Narkievicius, 30, sobrinho de Sileno Narkievicius de Lima, funcionário da Integral Engenharia desaparecido desde quinta-feira (5).

Familiares dos operários que estavam na barragem na hora do rompimento reclamam que a Samarco não tem fornecido informações satisfatórias sobre a real situação das buscas.

Miguel percorreu os 140 km de João Monlevade, onde a família vive, até Mariana atrás de notícias do tio, mas já voltou para casa como tinha saído dela: sem nada saber de novo.

Kénia, a mulher de Sileno, teve de ficar em casa cuidando da filha que acabara de sair da UTI devido a problemas pulmonares. O casal tem outro filho.

Sabrina, 18, uma das filhas de Daniel Almeida de Carvalho, funcionário da Integral que operava um trator na obra, conta que a família também sabe muito pouco sobre as buscas.

Ela diz que estava na rua com a mãe quando soube do acidente e que partiu delas a iniciativa de ligar para a Integral para saber como Daniel estava. “Ninguém nos avisou nada.”

O presidente da Metabasa (sindicato dos trabalhadores de mineração), Ronaldo Bento, afirma que as notícias passadas às famílias são sempre tardias e que não foram providenciados psicólogos e assistentes sociais para elas.

A técnica de segurança do trabalho Ana Paula Alexandre, 40, mulher do operador de escavadeira Edinaldo Oliveira de Assis, 40, diz que “a espera por informações é cansativa”. “Vão passando os dias e a esperança vai indo embora.”

Ela diz torcer para que um dos corpos já encontrados seja do marido. “É melhor encontrá-lo morto do que não encontrá-lo mais.”

A Samarco diz concentrar seus esforços no atendimento às vítimas. A empresa afirma ainda que 44 psicólogos e assistentes sociais estão trabalhando no local. (ESTÉVÃO BERTONI)



Escombros de vila que ficou parcialmente coberta pela lama após acidente em barragem

Lama deixa Governador Valadares sem água nesta 2ª

DE SÃO PAULO

A lama liberada com o acidente nas barragens em Mariana chegou à cidade de Governador Valadares no início da tarde deste domingo (8).

Como o material analisado carregava grande quantidade de barro muito espesso para ser removido, com nível alto de contaminação, o município decidiu suspender o tratamento de água.

Os reservatórios de água vão durar apenas até as 13h desta segunda (9), quando então as torneiras devem secar e as pessoas depender

apenas do que foi estocado nas caixas d'água nas casas.

A prefeitura projeta que a cidade deve ficar no máximo até terça (10) sem água, tempo necessário para o maior volume de lama seguir o curso pelo rio Doce e ser possível retomar o tratamento.

Assim que confirmou a suspensão do serviço, a prefeitura colocou carros de som para circular pela cidade pedindo aos moradores para economizar água.

Apesar do racionamento total de água, o Saee (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) informou que não será

necessário recorrer a caminhões-pipa. O sistema abastece 92 mil imóveis no município, de 278 mil habitantes.

“Nos estávamos passando por uma estiagem, que conseguimos solucionar, e agora vem essa tragédia”, lamenta Valmir Vilmar Rios Dias, diretor-adjunto do Saee.

ROTA DA LAMA

Além de Governador Valadares, outras 14 cidades em Minas Gerais e Espírito Santo que estão no curso da bacia do rio Doce correm risco de encherem com o aumento de volume causado pela la-

ma, de acordo com o Serviço Geológico do Brasil.

Diante do risco, municípios capixabas se preparam para cortar o fornecimento de água. Em Colatina, pescadores de áreas ribeirinhas estão sendo avisados do aumento do nível do rio em 1,5 metro.

Em Baixo Guandu, a prefeitura não fez apelo aos moradores para que armazenem água, porque o abastecimento pode ser suspenso em até dois dias. Já em Linhares, a prefeitura descartou a medida, porque o ponto de captação de água não está em área de risco. (G)

NO CAMINHO

Lama de barragens chegou a Governador Valadares

- Cidades onde a lama atingiu casas
- Cidades onde a lama atinge ou poderá atingir rios



Mariana, onde houve o rompimento das barragens na quinta (5)

Governador Valadares (MG)
Área: 2.342,3 km²
População: 278.363*

*Estimada Fonte: IBGE

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

Familiares de pessoas desaparecidas na tragédia de Brumadinho se apoiam em amigos para suportar a dor, ao mesmo tempo em que se revoltam com a falta de informações

A FORÇA NO ABRAÇO

GUSTAVO WENNECK

Brumadinho – Nas ruas do distrito de Tejuco, em Brumadinho, na Grande BH, há sempre um abraço para amparar, um abraço para acolher e uma palavra ou duas, sempre abafadas pela dor, para dar forças a um amigo. No mais, são os olhos do espanto, o andar a esmo ou o choro convulsivo pela falta de informações ou notícias dos desaparecidos na tragédia, ocorrida no início da tarde de sexta-feira, do rompimento da Barragem da Mina do Córrego do Feijão, empolgamento do Vale. "Estou segurando minha mãe, ela está desesperada, saiu andando por aí, entrou no mato e fui atrás", disse, ontem, Mary Cristina Nunes, de 32 anos, que também não esconde a apreensão pelo desaparecimento do irmão Peterson Firmino Nunes, de 35, casado e pai de três filhos. A exemplo de muitos moradores de Tejuco, Peterson trabalhava na unidade da empresa, com atuação no almoxarifado.

Ao lado do irmão Fernando Nunes Araújo, de 70, desempregado, Mary diz que foi atrás da mãe "no mato" e quase desmaiou, sendo socorrida por vizinhos. Com os olhos muito vermelhos pelas lágrimas e duas noites sem dormir, Fernando, a todo momento, olha no portão para ver onde está Malvina Firmino Gomes, a mãe em desespero pelo filho Peterson. No início da tarde de ontem, Malvina estava na casa da vizinha Izabel Andréa Bento, que não tem notícias do irmão Jonas e de quatro sobrinhos que também trabalhavam na Vale. "Agora não sei, não dá agora é só esperar, esperar. Não sabemos até quanto. Estamos todos de luto", disse Izabel.

No alto, no fundo das casas, dá para ver as montanhas lavradas pela mineração, o que faz Malvina lembrar que, na madrugada de ontem, soou o alarme na mineradora, embora o risco de rompimento de outra barragem tivesse sido descartado, pelo menos por enquanto. "Pois é, na hora que não precisa, eles ligam a sirene. Agora, quando tem que avisar, não fazem nada", disse Malvina, para em seguida, citar o batizinho do nome do filho Peterson e dizer que quer o filho vivo.

Logo após a conversa, dava para ver amigos e vizinhos chegando perto e se abraçando numa união de força contra o sofrimento máximo.

Sem pensar a mineradora e lembrando a tragédia ocorrida há pouco mais de três anos em Mariana, na Região Central, Fernando perguntou: "Até quanto a Vale vai destruir Minas e causar tanto mal?".

REVOLTA Por medida de segurança, as estradas que conduzem à sede municipal de Brumadinho estão fechadas, com autorização de passagem apenas para polícia, militares, bombeiros brigadistas e autoridades. Por isso mesmo, a atendente de telemarketing Gisele Pedrelini Duarte Santana Loures, de 22, fica sentada no gramado perto da Faculdade Asa, onde foi montado um quartel-general para centralizar ações e dar informações à imprensa, aguardando qualquer notícia sobre o pai Sebastião Divino Loures, de 58, motorista que havia ido à mina fazer uma entrega, no caminho.

"Estou sem notícias, ninguém me informa nada, o que aumenta o desespero. Já estive até no Instituto Médico Legal, em Belo Horizonte, mas não consegui nada", disse Gisele, ao lado do marido Valdeci Loures Bonfim Junior, e dos primos Adriano Gomes, Leandro Gomes e José Sidnei. Vestida com uma camisa com a estampa de São Miguel Arcanjo, Gisele diz que é católica e, como tem pessoas de outra religião na família, "todos nós estamos orando". O celular de Sebastião pode ajudar nas buscas pelo motorista desaparecido desde o início da tarde de sexta-feira em Brumadinho. "A última vez que falei com meu pai foi às 11h53. Mas o telefone continua tocando, está com bateria, acho que podem rastrear". Revoltada com a situação que a deixa em sobressalto, Gisele pergunta: "Quero saber quanto a vida do meu pai vai valer".

DESESPERO No distrito de Parque das Cachoeiras, onde as partes mais baixas foram atingidas pelo rompimento da barragem, a dona de casa Izabel Nunes Vieira, de 55 anos, se desespera com o desaparecimento de três primos. "A pressão dela já chegou a 16 por



Izabel Andréa e Malvina Firmino (a partir da esquerda) recebem o carinho das amigas do distrito de Tejuco



Gisele Loures com o marido, Valdeci, e os primos, aguarda notícias do pai, Sebastião Divino Santana

casa da cunhada, que ficava perto e também foi destruída – assim, todos bateram em retirada. Na sequência, receberam o suporte provisório na unidade de saúde, onde estão alojadas cerca de 80 pessoas. E agora?", pergunta o repórter. "Só Deus pode nos ajudar.

Pelo visto, agora vamos ficar iguais a ciganos, cada vez num lugar", lamentou a mulher. Sentada num banco ao lado do marido, Abelio Gomes, de 74, Adélia Oliveira de Souza, de 55, também contou ter perdido a casa no tsunami de lama. "Estamos recebendo comida, abrigo, mas ficamos sem nada, inclusive sem os documentos. Mas a vida é assim: nesta hora, a gente vê que os bens materiais não são o mais importante. O que vale mesmo é a vida. E estamos vivos", disse Adélia.

Protesto no comitê de crise

GABRIEL ROMAN

Brumadinho – O que deveria ser a sede das informações da tragédia de Brumadinho, na Grande BH, se tornou palco da revolta de familiares dos atingidos pela catástrofe, justamente pela falta de comunicação. Revoltados com a interrupção dos trabalhos de buscas do Corpo de Bombeiros, diante da ameaça de mais um rompimento de barragem, cerca de 30 moradores invadiram a Faculdade de Asa, onde se abriga o comitê de crise das autoridades, na tarde de ontem. Aos gritos de "queremos o Exército", eles cobravam ação dos órgãos de segurança e apoio da Vale, um fantasma na opinião de todos os indignados.

"Ate ontem (sexta), ele estava na lista dos desabrigados. Hoje (ontem), ele está na lista dos desaparecidos", contou a moradora Paula Carvalho ao Estado de Minas. Ela estava, até o fechamento desta edição, à procura do seu irmão de criação, Márcio Freitas, mecânico da Vale. "Um deles vai ter que me escutar. O IML não passa nada, nem a Polícia Civil. Ninguém fala nada com nada. Eles lá de cima (da Vale) são preparados para esconder tudo da gente. O que eu posso fazer e o que eu não posso fazer? Quero saber do meu ir-



Marilyn Silva procurava pelo cunhado Anjo Gabriel da Silva Lemos e disse que a família não recebeu nenhuma assistência

mão", reclamava, aos berros. Situação semelhante vive Eliel de Freitas e sua esposa, que não quis se identificar. Eles estão à procura do pai dele, Eliseu de Freitas, de 51 anos. "Desde sexta-feira, eles (a Vale) não dão notícia nenhuma. Ontem, eu ouvi na imprensa que a empresa estava dando apoio. Mentira! Uma hora está na lista de desaparecidos, outra hora

não. Isso é injustiça demais com a gente. Estamos desesperados", contou a nora. Para eles, a falta de dados e uma estratégia da mineradora para se resguardar juridicamente. "A tragédia não era pra acontecer, mas já que aconteceu, eles precisam ligar para as famílias. Cadê o representante da Vale aqui?", perguntou o filho, também traba-

hador do setor minerário, em Nova Lima, na Região Metropolitana de BH.

Acordado desde sexta-feira, entre um cochilo e outro, Eliel contou sua última conversa com o pai. "Ele me disse que faria uma cirurgia amanhã (esta segunda-feira). Meu pai enfrentava um problema na coluna, adquirindo pelo serviço na Vale. Agora, a empresa que ele tanto representou vira as costas pra ele", lamentou.

Também desamparada, Marli Silva procurava pelo cunhado Anjo Gabriel da Silva Lemos. "Ele veste o uniforme e foi trabalhar sexta-feira. Agora, eles (autoridades) não dão uma informação correta? Está com a lista de ontem (sexta) ainda", disse. Segundo ela, a família não recebeu qualquer assistência desde o tsunami de lama e rejeitos. No local, ela estava acompanhada de vários parentes do desaparecido.

O protesto dentro do comitê de crise durou cerca de 10 minutos, antes de ser barrado pelas forças de segurança. Certo e que, momentos depois, as autoridades voltaram a conceder entrevista à imprensa. No boletim da vez, eles informavam sobre a volta do trabalho dos militares nas zonas quentes da tragédia, com intuito de encontrar os desaparecidos.



Eliel de Freitas estava inconformado com a falta de informações sobre o pai, Eliseu de Freitas, de 51 anos

FAKE NEWS

Além da falta de informação, as famílias enfrentam a disseminação de notícias falsas. "A gente recebe toda hora uma ligação com coisa errada. Mandaram uma foto de um bombeiro com uma pessoa, dizendo que era meu pai. Mas a foto é de 2011", disse Eliel de Freitas, sobre um registro feito em Patos de Minas, durante um resgate do Corpo de Bombeiros.

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 98 * Nº 32.805

SÁBADO, 26 DE JANEIRO DE 2019

EDIÇÃO SP/DF * CONCLUÍDA À 0H07 * R\$ 5,00

Barragem da Vale se rompe em MG; há 7 mortos e 200 desaparecidos

★ Estado revive Mariana após três anos, e presidente da Vale diz que tragédia humana agora será maior ★
Rompimento faz uma segunda estrutura transbordar em Brumadinho ★ Ações da empresa caem 8% em NY

Passados três anos do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, que deixou 19 mortos, Minas Gerais vivenciou nova tragédia. Ontem, uma barragem se rompeu e outra transbordou na região de Brumadinho, deixando um rastro de lama, sete mortos e cerca de 200 desaparecidos, de acordo com as autoridades.

As instalações são da Vale. Segundo o presidente da empresa, Fabio Schvartsman, que afirmou estar consternado, os danos ambientais poderiam ser menores que os de Mariana, mas a tragédia humana deverá ser maior. Os rejeitos atingiram área administrativa da Vale, onde havia funcionários, uma pousada e zona residencial.

A pousada era utilizada por turistas que iam à região visitar o Instituto Inhotim, que abriga, em área de 140 hectares, jardim botânico e acervo de artes plásticas. O governo de Minas aprovou em dezembro, contra a vontade da comunidade local, ampliação das atividades no complexo em que está a barragem que se rompeu.

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) deverá sobrepor hoje a região do desastre. Efeito do ocorrido, os recibos de ações da Vale caíram na Bolsa de Nova York. Os papéis fecharam em baixa de 8%. Cotidiano B1 e Mercado A21

Ana Carolina Amaral
País insiste em flexibilizar vacinas contra desastres



Bombeiros fazem buscas em área destruída pelos rejeitos liberados após o rompimento de barragem da mina do Feijão, em Brumadinho, região metropolitana de Belo Horizonte. Douglas Magno/MP

Ilustrada C1
Machado de Assis e Lygia F. Telles já se aventuraram pela ficção científica

Esporte B9
São Paulo ganha do Vasco nos pênaltis e é tetracampeão da Copa SP de Juniores

Folha foi líder de audiência entre jornais em 2018
Poder A6

EDITORIAIS A2
Autoexílio
Sobre decisão de Jean Wyllys de desistir do mandato.

Cautela em Davos
Acerca de perspectivas para a economia mundial.

AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 205.860.992
VISITANTES ÚNICOS 31.068.043

ISSN 1677-0502
3 2805
9 777114 322079

Leo Pinheiro diz que pagou a ministro do STJ

O ex-presidente da OAS afirmou em acordo de delação que pagou propina a Humberto Martins, ministro do Superior Tribunal de Justiça.

O pagamento, de R\$ 1 milhão, teria ajudado a empreiteira com recurso especial que tramitava na corte sobre obra da OAS na Bahia.

Martins, atualmente corregedor do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), nega as acusações e qualquer envolvimento com a empresa.

A colaboração de Leo Pinheiro aguarda aval do ministro Edson Fachin, responsável pela Lava Jato no Supremo Tribunal Federal. Poder A4

Guaidó reaparece e pede à população que fique nas ruas

Em discurso em Caracas, líder opositorista venezuelano Juan Guaidó pediu que atos continuem. Romênia tem uma eventual realiação do governo de Maduro. Mais da metade da energia consumida no estado é fornecida pela Venezuela. Mundo A10

Empresa com sede em barbearia barra licitação de ônibus

Alegando defasagem em remuneração e cartel, uma empresa de ônibus sem veículos, sediada em barbearia em Itapetininga (SP), barrou na Justiça licitação do transporte municipal de São Paulo. Cotidiano B6

Acusado de movimentar propina, ex-governador Beto Richa é preso

Trump aceita assinar lei que encerra a paralisação do governo dos EUA A12

Na Espanha, menino de 2 anos é achado morto 13 dias após cair em poço A12

TIGGO 5X

O 1º SUV A ENCARAR DE FRENTE AMERICANOS, JAPONESES E ALEMÃES.

LANÇAMENTO

5 ANOS GARANTIA

D21 0800-772 4379
WWW.D21MOTORS.COM.BR

VEJA NA PÁGINA 5.

CADA CHERY
QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

ANEXO 10

Notícia com aforização de Dilma Rousseff em título na *Folha de S. Paulo*, 01 de dezembro de 2015.

FOLHA DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 1º DE DEZEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ cotidiano B7



Helicóptero de socorro sobrevoa região destruída em MG

Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris

Presidente disse que haverá punição por rompimento de barragem em MG

Mineradora Samarco consegue decisão na Justiça para desbloquear contas e pagar funcionários

LEANDRO COLON
ENVIADO ESPECIAL A PARIS

A presidente Dilma Rousseff afirmou aos líderes mundiais em Paris, na abertura da COP21, a conferência do clima, que a tragédia ambiental em Mariana (MG) foi causada por uma ação irresponsável e que haverá punição.

"A ação irresponsável de empresas provocou o maior desastre ambiental na história do Brasil na grande bacia hidrográfica do rio Doce", disse, em discurso na abertura

do evento nesta segunda (30). "Estamos reagindo ao desastre com medidas de redução de danos, apoio às populações atingidas, prevenção de novas ocorrências e também punindo severamente os responsáveis."

O governo brasileiro chegou a ser criticado na semana passada por relatores da ONU pela demora para reagir ao desastre. Em seguida, anunciou uma ação judicial com os governos de Minas e Espírito Santo para a criação de fundo de R\$ 20 bilhões para reparar danos.

DESBLOQUEIO DE CONTAS
Depois de ameaçar suspender os pagamentos de funcionários e fornecedores por causa de bloqueios em suas contas, a mineradora Samar-

co conseguiu autorização do juiz Frederico Gonçalves, de Mariana (MG), para movimentar suas contas e saldar as dívidas.

A decisão foi tomada na tarde desta segunda-feira (30), e a empresa, presidida por Ricardo Vescovi, afirma que tem movimentado recursos para cumprir seus compromissos financeiros.

De acordo com o Metabáse, sindicato que representa a maior parte dos trabalhadores da mineradora em Mariana, os salários dos funcionários já foram pagos.

A nova decisão não livra a empresa da determinação de ter R\$ 300 milhões bloqueados para garantir que cumpram compromissos legais como indenizações às vítimas do rompimento da barragem.

A empresa também deve pagar mais aproximadamente R\$ 300 milhões até o dia 2 de dezembro, referentes à primeira parcela de um fundo de reparação ao ambiente.

Quando a Samarco anunciou que podia dar calote nos funcionários devido ao bloqueio das contas, o Ministério Público criticou a medida.

"Ela fez isso simplesmente para jogar os empregados contra a população atingida, que é uma forma desleal de tratar essa questão muito importante", afirmou Guilherme Menechini, promotor da comarca do município. A empresa não comentou.

Colaboraram JOSÉ MARQUES, enviado a Mariana (MG), e THIAGO AMARAL, de SP
▶ **LEIA MAIS sobre a COP21 em "Mundo"**

PROMOÇÃO FELIZ NATAL TODO DIA

100 mil reais por dia até o Natal em certificados de barras de ouro.

A cada 300 reais em compras, você concorre. São muitas chances de ganhar até o Natal.

www.casasbahia.com.br/100milreaisporDia

Promoção válida de 1º/12/2015 a 24/12/2015. Sorteio dia 13/1/2016, via extração da Loteria Federal. Consulte formas de participação e regulamento completo no site www.casasbahia.com.br/100milreaisporDia. Imagens meramente ilustrativas. Certificado de Autorização Caixa nº 4-2973/2015. *por dia de participação. Prêmio entregue em Certificado de Ouro.

SENTES PRA DIA.

A DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

ADADOR COM INTEL! Tela destacável! Tablet quando você quer, notebook quando você precisa.

ATÉ OX CARTÃO

com deficiência. Cadastre-se: casasbahia.com.br/trabalheconosco

49" LED

TV 49" LED Full HD com Conversor Digital* a partir de

0+10 no cartão

R\$ 199,90

em 12 parcelas de R\$ 19,99,00

movimento #vamojunto

FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER UMA DE NOSSAS LOJAS E COMECE A COMPRAR AGORA.

3004-6336 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

Taxistas agredem passageiros do Uber

Polícia Civil vai tentar identificar os suspeitos

DO "AGORA"

Um grupo de taxistas é acusado de agredir dois passageiros de um carro do Uber. O caso aconteceu no domingo (29), em Santana (zona norte). Ninguém foi preso.

Os dois passageiros fizeram a chamada e aguardaram o veículo na altura do número 257 da avenida Voluntários da Pátria, segundo relatou à polícia o motorista, que não teve o nome divulgado.

Pelo relato, quando os passageiros entraram no veículo, este foi cercado por um grupo de cerca de dez taxistas, que singaram o motorista e deram tapas na lataria.

Segundo o motorista, os dois clientes desceram do carro e tentaram acalmar os taxistas, dizendo que "se tratava de motorista particular".

Ele contou que os taxistas agrediram a dupla com socos, chutes e até golpes de chave de roda. Um vídeo feito pelo motorista e divulgado pela TV Globo mostra um dos passageiros ensanguentado.

A polícia afirmou que está analisando imagens de câmeras de segurança para identificar os agressores.

A Secretaria Municipal dos Transportes disse que abriu processo para cassar alvarás se comprovado que os autores são taxistas.

NA INTERNET

Confira on-line

EM 2015, BRASIL TEVE 5.000 CASAMENTOS GAYS
Cartórios do país realizaram 4.854 casamentos homoafetivos em 2015, uma média de 19 casamentos entre pessoas do mesmo sexo por dia útil
▶ folha.com/101712857

NORDESTE PUXA ALTA DE MORTES DE JOVENS

Alagoas foi o pior Estado: foram 332 mortes violentas por 100 mil pessoas de 20 a 24 anos. Há uma década, taxa era de 130 por 100 mil
▶ folha.com/101712855

SUB-REGISTRO DE BEBÊS CAI PARA 1%

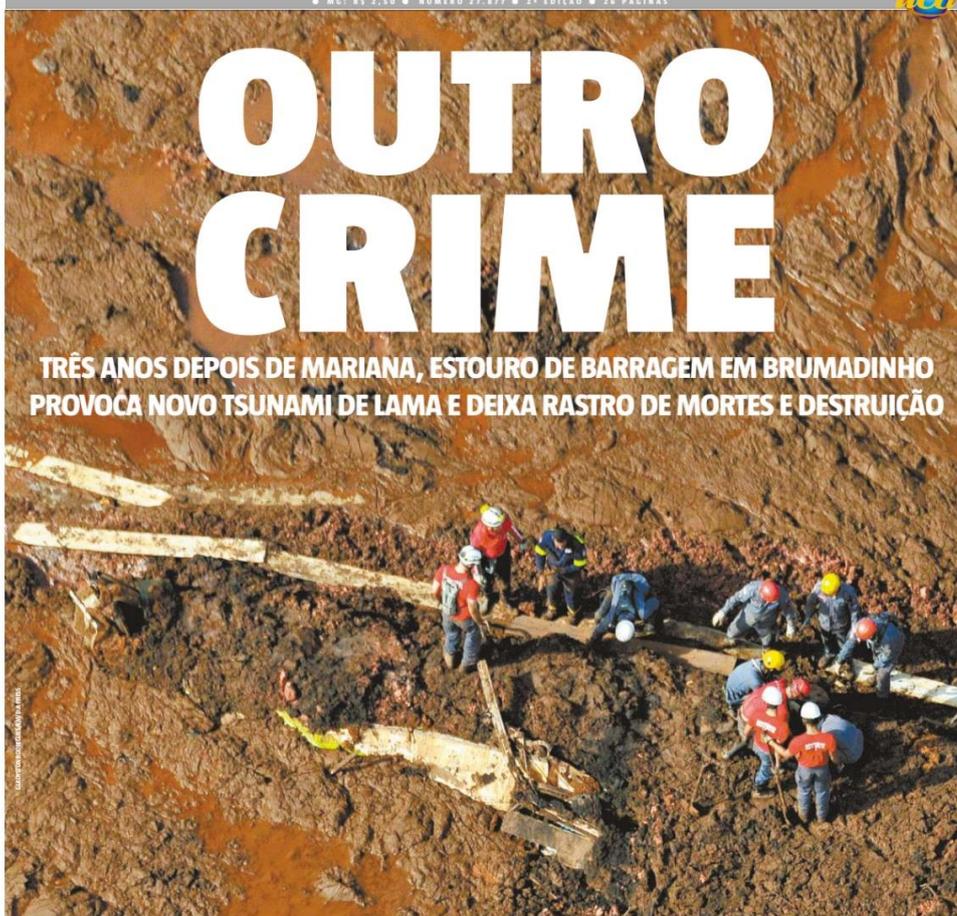
De 2004 a 2014, a proporção de bebês não registrados nos cartórios caiu de 17,6% para 1% no país. Em 2013, esse número era de 3,1%
▶ folha.com/101712856

ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, SÁBADO, 26 DE JANEIRO DE 2019

• MG, R\$ 2,50 • NÚMERO 27.877 • 2ª EDIÇÃO • 26 PÁGINAS



OUTRO CRIME

TRÊS ANOS DEPOIS DE MARIANA, ESTOURO DE BARRAGEM EM BRUMADINHO PROVOCA NOVO TSUNAMI DE LAMA E DEIXA RASTRO DE MORTES E DESTRUIÇÃO

LUIZ CARLOS PEREIRA/REUTERS

BOMBEIROS TRABALHARAM INTENSAMENTE EM BUSCA DE VÍTIMAS EM PRÉDIOS SOTERRADOS PELOS REJETOS NA ÁREA DA ADMINISTRAÇÃO DA MINA CÓRREGO DO FEIJÃO



UM PONTILHÃO DA LINHA FÉRREA DA VALE FOI DERRUBADO PELA LAMA, DA QUAL JEFERSON PASSOS CONTOU TER RETIRADO DUAS PESSOAS, E QUE DESTRUIU VÁRIAS CASAS

MARCÍLIO DE MORAES

"Empresas fazem o que está previsto na lei? Então, que se mude a lei para tornar as exigências mais rigorosas"

MARTA VIEIRA

"A tragédia de Brumadinho atropela os planos da Vale, que trabalhava para ampliar a vida útil da mineração"

Ainda sem punições criminais e com as reparações dos prejuízos causados pelo desastre da Samarco andando a passo de tartaruga, a tragédia se repete. Desta vez, a represa de rejeitos da Mina Córrego do Feijão, da Vale, na Grande BH, se rompeu no início da tarde de ontem, liberando toneladas de lama que atingiram prédios, casas e veículos na área da mineração e comunidades próximas. Pelo menos sete pessoas morreram, cinco foram hospitalizadas e cerca de 150 estavam desaparecidas. O presidente da Vale, Fábio Schvartsman, reconheceu tratar-se de "uma tragédia humana terrível". Também houve incalculável impacto ambiental. A onda de rejeitos chegou ao Rio Paraopeba - afluente do São Francisco - responsável por grande parte do abastecimento de água da Grande BH. A Copasa interrompeu a captação direta no rio, mas descartou problemas para o fornecimento à região metropolitana da capital, garantido por três represas do Sistema Paraopeba e pelo Rio das Velhas. O presidente Jair Bolsonaro se solidarizou com os atingidos, mobilizou ministros e visitará hoje o local do acidente, que deverá sobrevoar juntamente com o governador Romeu Zema.

MATEUS PARRERIAS

"Presenciei novamente o que vi em Mariana. Destruição, choro e desespero de parentes atrás de desaparecidos"

RENAN DAMASCENO

"Acompanhei a agonia das famílias com a chegada de cada um dos ônibus da Vale com os sobreviventes"

MARIANA NÃO SERVIU DE EXEMPLO

NEM O MAIOR DESASTRE SOCIOAMBIENTAL DA HISTÓRIA DO PAÍS, QUE MATOU 19 PESSOAS E DEVASTOU A BACIA DO RIO DOCE, FOI SUFICIENTE PARA QUE AUTORIDADES E EMPRESAS EVITASSEM SUA REPETIÇÃO.

GERAIS ESPECIAL E O EDITORIAL "TRAGÉDIA ANUNCIADA", NA PÁGINA 6



Assinaturas e serviço de atendimento: Belo Horizonte: (31) 3263-5800 - Outras localidades: 0800 031 5005
Assinatura Uai: 0800 031 5000

WhatsApp: (31) 99508-4155

DIÁRIOS ASSOCIADOS

ANEXO 12

Capa do caderno especial “Vozes de Brumadinho”, *Estado de Minas* 24 de fevereiro de 2019.



ESPECIAL

ESTADO DE MINAS

DOMINGO, 24 DE FEVEREIRO DE 2019

A D O R E M P R I M E I R A P E S S O A

VOZES DE BRUMADINHO

“EU QUERO NARRAR A HISTÓRIA DE FORMA A NÃO PERDER DE VISTA O DESTINO DE NENHUM HOMEM. ESTÁ DENTRO DA NOSSA CAPACIDADE ALCANÇAR E RECONHECER UM SENTIDO NESSE HORROR QUE AINDA DESCONHECIAMOS?”

Svetlana Aleksievitch, Prêmio Nobel de Literatura



CARLOS MARCELO

Em 5 de dezembro de 2015, um mês depois do rompimento da barragem da Samarco que arrasou Bento Rodrigues e outros vilarejos, o Estado de Minas publicou o especial multimídia *Vozes de Mariana*. Inspirado em *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, livro mais aclamado da jornalista russa Svetlana Aleksievitch (Prêmio Nobel de Literatura), o trabalho deu protagonismo aos anônimos atingidos

pelo maior desastre socioambiental do país. Três anos depois, os repórteres Alexandre Guzanhe, Fred Bottrel, Larissa Kümpel, Maria Irenilda Pereira, Márcia Maria Cruz e Renan Damasceno foram escalados para produzir um novo especial. Durante duas semanas, eles conviveram com a dor dos atingidos pelo tsunami de lama que ocorreu de uma das barragens da Vale, na Mina do Córrego do Feijão, e matou centenas de pessoas. Os jornalistas escutaram relatos de perdas irreparáveis e de angústia permanente, mas também

de coragem e solidariedade. Histórias de vidas interrompidas e de vidas resgatadas. Depoimentos de gente que perdeu – e enterrou – gente, gente que salvou gente. Gente que perdeu tudo, gente que ganhou traumas e cicatrizes. *Vozes de Brumadinho* narra as histórias de Adriana, Atenagos, Dari, Edson, Elias, Farah, Helena, Jefferson, Joel, Karla, Malvina e Nely. Porque eles, e tantos outros brasileiros que vivem entre o luto e o medo desde 25 de janeiro de 2019, não podem ser vítimas de mais um crime: o do silenciamento.

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

Além da Vale, grandes mineradoras como a Mineração Usiminas, Gerdau, ArcelorMittal e a CSN já vêm executando planos para desativação de reservatórios de rejeitos em Minas

ORDEM É FECHAR BARRAGENS

Manoel Viana e Lucas Nogueira*

Grandes mineradoras que exploram ricas reservas de ferro há décadas na Região Central de Minas Gerais com barragens convencionais classificadas pelos órgãos fiscalizadores no mesmo nível de riscos reservatórios que rompem em Mariana e Brumadinho estão investindo para desativá-las. Entre as cinco maiores empresas do setor, além da Vale, ouvidas ontem pelo Estado de Minas, três trabalham no fim do uso das barragens, a Mineração Usiminas, o grupo Gerdau e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), e uma, o grupo ArcelorMittal, já encerrou um único reservatório que mantém na chamada Serra Azul de Minas.

Só ontem a Vale anunciou a decisão de descomissionar 10 barragens construídas no modelo a montante, o mais simples e mais barato, que consiste no entamento para aumentar a capacidade de armazenamento dessas estruturas feitas sobre os rejeitos da mineração. O perigo das barragens corre por todo o estado, que sofre a pressão de 357 reservatórios erguidos apenas para receber os milhares de toneladas de rejeitos de variados bens minerais acumulados por anos, de acordo com cadastramento informado ao EM pelo Departamento Nacional de Águas (DNA).

São mais de 430 municípios mineradores no estado, de acordo com estimativas mais recentes baseadas nas informações do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), vinculado ao Ministério de Minas e Energia. Os planos das mineradoras se desfazem das barragens de rejeitos envolvendo, inclusive, medidas para aliviar a pressão sobre as barragens à jusante, nas quais a elevação do nível de capacidade de comportar resíduos de minério é feita em apenas um nível e considerada menos danosa.

Para se livrar do risco das barragens, as empresas adotam, na exploração das minas, o chamado sistema de tratamento do material a seco, que consiste no empilhamento dos rejeitos, quase na forma de pó, sistema melhor controlado e que elimina a possibilidade de rompimento e vazamento. Isso, embora possa contaminar o meio ambiente quando sujeito a ventos fortes e tempestades, se dispôs próximo a mananciais de água.

"Crônica de uma morte anunciada" é como constata o jornalista Nery da Energy Choice, de BFI, classifica as tragédias de Mariana e Brumadinho, tomando emprestado o título de obra do escritor colombiano e Prêmio Nobel de Literatura Gabriel García Márquez. "O problema decorre da construção de barragens que são antigas e consistem numa simples contenção. Faz-se barramentos (nas barragens a montante) em cima dos resíduos, apoiados neles. Elas não têm sangradouro", afirma o especialista.

Nery observa que nesses modelos de barragem fechados apenas de um dos lados da estrutura, rejeitos vão se deslocando ao ponto mais baixo e o alçamento é erguido como se fosse uma parede apoiada nos próprios resíduos do

minério explorado que não foram compactados. Os barramentos são feitos, sucessivamente, quando aquela parede estiver cheia. Para o professor aposentado do Departamento de Geologia da UFMG, Walter Costa, que acompanha com preocupação a tragédia de Brumadinho, as barragens no modelo à jusante também são motivo de atenção. "Elas não correm o risco de desabar, a menos que tenha sido mal construídas", afirma.

REAPROVEITAMENTO A Mineração Usiminas desativou duas barragens em Itatiaçu e pretende encerrar o reservatório que mantém em funcionamento na mesma cidade, no modelo à jusante com dique de argila compactada. A empresa pediu, em junho do ano passado, a licença ambiental para implantar sistema de filtragem com empilhamento de rejeitos a seco, orçado em R\$ 140 milhões.

O grupo siderúrgico Gerdau, por sua vez, desativou a Barragem Bocaina, de rejeitos de minério de ferro, em Ouro Preto e estuda a implantação de filtragem e empilhamento de rejeitos da Barragem das Alemãs, as duas estruturas construídas no modelo a montante. Mais quatro estruturas recebem águas pluviais e efluentes de drenagens das unidades de tratamento de minério e pilha de disposição de estéril, permitindo a sedimentação dos sólidos, antes de água ser devolvida ao meio ambiente.

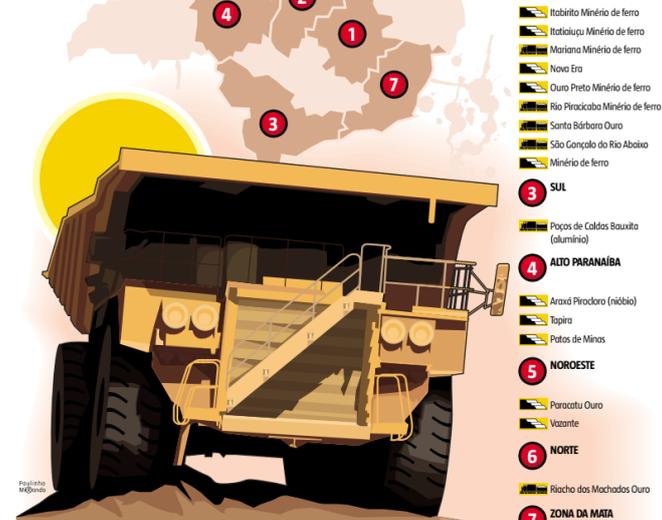
Fontes da CSN informaram que a siderúrgica está em processo de desativação, há cerca de dois anos, por meio de obras de drenagem, da Barragem de Ferdinandinho, em Congonhas e paralisou os reservatórios do complexo de Pires, na divisa do município com Ouro Preto, que também serão descomissionados. Ao mesmo tempo a empresa está investindo em sistemas para a partir de meados deste ano ter condição de reaproveitar todo o rejeito da Mineração Casa de Pedra e assim parar de pressionar a maior barragem da unidade, no modelo à jusante, que tem sido motivo de protestos da população e de multa aplicada por falta de adequação do reservatório.

A despeito do interesse econômico-financeiro no reaproveitamento de rejeitos com ingrediente também valiosos, as tragédias de Mariana e Brumadinho serviram de exemplo do prejuízo dos acionistas. O perigo das barragens assombra de Norte a Sul de Minas. Só na Região Central, revolver o subsolo atrás da riqueza oferecida pelo minério de ferro e o ouro e a atividade permanente em grandes reservas com produção superior a 1 milhão de toneladas por ano localizadas em 20 municípios. O perigo segue seu curso em direção opostas. O Sul e a Zona da Mata exploram a bauxita, minério do alumínio; e o Norte produz ouro, passando por grandes minas no Noroeste, também de ouro, e zinco, até chegar ao Alto Paranaíba, produtor de nióbio e fosfato. (Veja o quadro).

* Estagiário sob a supervisão do subeditor Mario Viera

SUBSOLO COBIÇADO

Reservas minerais em produção, com volume superior a 1 milhão de toneladas por ano, e localização das maiores barragens de mineração em Minas Gerais



BARRAGENS EM MINAS

357 contendo rejeitos de mineração

1.600 número inclui reservatórios de regularização de água e irrigação de todos os portes

MUNICÍPIOS MINERADORES EM MINAS 430

QUANTO VALE*

● Valor da produção mineral brasileira **R\$ 71,898 bilhões**

● Minas Gerais **R\$ 33,659 bilhões**

● Participação % **46**

Fonte: DNPM/ANME/ANA

AS EMPRESAS

Todas as principais mineradoras que exploram ferro atuam em Minas

- Vale
- Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)
- Anglo American
- Mineração Usiminas
- Gerdau
- Itamimins
- Vallourec
- Ferrous
- MBR

RANKING DAS MAIORES

Reserva Cidada/Estado

- 1) Serra Norte Parauapebas/PA
- 2) Itabira/MG
- 3) Salobo Marabá/PA
- 4) Minas Centrais São Gonçalo do Rio Abaixo/MG
- 5) Mina de ouro Paracatu/MG
- 6) Itabirito Itabirito/MG
- 7) Minas do Sapo Conceição do Mato Dentro/MG
- 8) Casa de Pedra Congonhas/MG
- 9) Alegria/Fábrica Nova/Fazenda Mariana/MG
- 10) Varigema Grande Nova Lima/MG

QUANTAS MINAS

AS MAIORES

NO BRASIL	220	52
Em Minas		
Participação do estado	24%	

Fonte: Revista Minérios & Metais - 2018

BAQUE PARA A ECONOMIA

O fechamento temporário de unidades da Vale na Região Central de Minas Gerais, em razão do processo anunciado pela empresa para desativar 10 barragens de rejeitos de minério de ferro, resultará em aproximadamente R\$ 220 milhões a menos nos cofres do estado anual, segundo a Secretaria de Estado da Fazenda. Isso representa corte de 30% na arrecadação de tributos estaduais na área de mineração. Em relação à Compensação Financeira pela Exploração Mineral (CFEM), a redução deve ser de R\$ 79 milhões por ano, o que preocupa os prefeitos municipais. A Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) estima queda à metade da projeção de crescimento do estado neste ano.

RESERVATÓRIOS EM PROFUSÃO

De acordo com o Relatório de Segurança de Barragens (RSB) mais recente, de 2017, publicado pela Agência Nacional de Águas (ANA), há em Minas Gerais 571 barragens. Desse total, 62,5% são destinadas à contenção de rejeitos de mineração, representando 357 reservatórios de rejeitos da mineração, desde o ferro, ao zinco e ao ouro. Do restante, a maior parte são barragens de hidrelétricas, que representam 27,1% do total, ou 155 estruturas no estado.

As outras 59 barragens funcionam para atividades diversas, que vão de sete barragens classificadas como "industriais", cinco simplesmente descritas como "outros" e uma para "recreação". Há duas ca-

tegorias de avaliação de segurança dessas barragens definidas no relatório: a de risco e a de dano potencial associado. A primeira trata da possibilidade de que um acidente ocorra em uma unidade, mas não necessariamente da chance de rompimento da barragem. A segunda considera os possíveis impactos que um acidente traria tanto a comunidade que vive próxima às barragens, quanto ao dano ambiental que ele poderia causar.

Apesar disso, é preciso pontuar que as que rompem em Brumadinho em Mariana, em 2015, não estavam incluídas nas classificações de alto risco. A Vale é responsável por 111 barragens no estado, o que representa 19,4% do total de

empreendimentos. As únicas companhias que se aproximam em número são a Votorantim, que em conjunto com a Companhia Brasileira de Alumínio do mesmo grupo, possui 23 barragens e a Usiminas, que apesar de ser dona de 24 unidades, 20 delas são apenas diques. No setor público, a Cemig mantém 37 barragens, todas de hidrelétricas.

NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU É praticamente impossível determinar quantas barragens em Minas Gerais têm o mesmo tipo de construção das que romperam em Brumadinho e Mariana. Apesar da existência do RSB, da Ana, são vários órgãos fiscalizadores en-

volvidos e as informações sobre cada uma das barragens são descentralizadas. O relatório não informa o tipo de construção de cada barragem e, questionada, a Ana informou à reportagem do EM que é necessário entrar em contato com a Agência Nacional de Mineração (ANM) para obter tais dados. Todavia, desde que ocorreu a tragédia em Brumadinho, o órgão não está atendendo à imprensa. Vários especialistas em barragens e fiscalização consultados pelo EM explicaram que há a possibilidade de que nem a ANM tenha prontamente essas informações, visto que seria necessário um levantamento específico de cada barragem para obtê-las. (LN)

ANEXO 14

Reportagem com esquema, jornal *Estado de Minas*, 03 de fevereiro de 2019.

ESTADO DE MINAS • DOMÍNIO, 3 DE FEVEREIRO DE 2019 • EDITOR: Roney Garcia • TELEFONES: (31) 3263-5244/3263-5105 • E-MAIL: gerais.em@uoi.com.br



WhatsApp: (31) 99508-4155

13

GERAIS

MARCUS BRUMADINHO/ISTOCK



ALERTAS IGNORADOS DEPOIS DE TRÊS ANOS

Sobrevoo à Grande BH mostra que, de várias barragens que foram alvo de pedidos de providências desde 2015, só a que se rompeu em Brumadinho não existe mais.

PÁGINA 16

TRAGÉDIA EM BRUMADINHO

SISTEMA NERVOSO POR TRÁS DA OPERAÇÃO RESCATE

Equipe do EM revela toda a retaguarda de estratégia, logística e planejamento que dá suporte à megaoperação aérea e terrestre montada para socorro e resgate após catástrofe

MATEUS PARREIRAS

Em volta de escavadeiras anfi-
bias, no meio dos regatos, bombeiros militares rastream a procura de corpos ou sobreviventes. Do alto, entregando ferramentas e suprimentos, procurando sinais de sobreviventes e transportando vítimas, helicópteros da Polícia Militar de Minas Gerais integram uma esquadra de 17 aeronaves operando por vezes das 21h. Tudo o complexo trabalho de resposta desde o rompimento da Barragem 1 da Mina do Corrego do Feijão, em Brumadinho, na Grande BH, no domingo dia 25, emana de decisões tomadas no Sistema de Comando de Operações montado na Faculdade Asa de Brumadinho. A reportagem do Estado de Minas teve acesso a essa estrutura operacional e, além de acompanhar as tomadas de decisões estratégicas para a coordenação dos trabalhos de campo e processamento de informações, ouviu dos principais envolvidos como se dá a sintonia fina dessa estrutura fundamental para a resposta à altura do que a catástrofe exige. Um verdadeiro quartel-general, onde são travadas batalhas diárias de estratégia, logística e planejamento.

Os três andares da instituição de ensino superior foram ocupados por forças e serviços públicos de todas as áreas de atuação e estruturas da esfera federal, de vários estados e municípios (veja arte). No patão do primeiro andar, a mistura de pessoal com padrões de camuflagem das diversas instituições de segurança nas cores chamativas dos coletes do Ibama (verde), do ICMBio (verde-claro), da Defesa Civil (azul e laranja) e de funcionários da Vale (laranja) dão uma impressão de desordem e caos. Grupos passando apressados com caixas de equipamentos, embalagens térmicas com alimentação e água sendo enviadas para as diversas equipes ampliam ainda mais a aparente confusão. Mas é dentro das salas de aula convertidas em escritórios de situação, reunião e comando que todas as informações são reunidas e repassadas para o trabalho de campo.

Nas salas de coordenação das forças, por exemplo, o mapeamento do Serviço Geológico do Brasil/Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) auxiliou as autoridades a demarcar o mapeamento dos 270 hectares devastados pela catástrofe. Nesses locais, o mapeamento por satélite impresso em folhas A4 coladas nas paredes vai sendo montado como um quebra-cabeças de áreas destruídas. Graças a isso, foi possível dividir a área de busca em 45 setores. "Todos os órgãos que estão conosco nessa empreitada estão dedicados ao máximo para que tenhamos êxito. E, firmes, ainda, um planejamento de vários dias e a previsão de que, ao longo do tempo, com a lama se estabilizando, mudemos as estratégias e possamos traçar um panorama mais realista. O Corpo de Bombeiros não descarta o encontro de pessoas com vida", disse o chefe do Estado-Maior da corporação, coronel Erlon Dias do Nascimento Botelho.

O Sistema de Comando de Operações foi fundamental para ganhar tempo e com isso resgatar mais pessoas com vida, afirmou o tenente-coronel Flávio Godinho, coordenador da Defesa Civil de Minas Gerais. "Todos os órgãos envolvidos na crise têm uma cultura que é muito diferente e isso facilita demais. Por exemplo, houve uma tempe-

A FORÇA DE RESPOSTA

Na linha de frente

Ação em campo para auxílio a vítimas, ações de segurança, buscas e resgate de corpos



17 helicópteros, 500 horas de voo de aeronaves diversas e mais de 4.800 pousos e decolagens

Na linha de apoio

Além do pessoal da linha de frente, órgãos de saúde, ambientais e vários outros atuam em Brumadinho. Confira:



Força Aérea Brasileira (FAB)

Organiza e faz o controle do tráfego aéreo por meio de uma central 180 avião que poderia regular o espaço aéreo de Brumadinho como se fosse uma espécie de Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Cintacta), serviço responsável por gerenciar a navegação de voos militares e comerciais. O espaço aéreo da área atingida é restrito, para que os diversos aeronaves que operam sobre os resgates não tenham interferências externas. Um destacamento da FAB chamado de "Caçador" opera na área do desastre, especialmente para abater drones e outras ameaças. Um aparelho chegou a ser derrubado e um operador que violou o espaço aéreo com uma aeronave não-tripulada foi detido.



Ministério da Economia

Tem a missão de analisar juridicamente a viabilidade de enquadrar o caso dos funcionários e terceirizados da Vale atingidos como forma de residentes de trabalho, para que tenham ressarcimento justo.



Advocacia-Geral da União em Minas Gerais (AGU-MG)

Tem a função de orientar e auxiliar todos os órgãos em âmbito jurídico federal.



Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos

Apoia e orienta as ações do poder público em relação aos trabalhos das frentes de monitoramento, principalmente relacionados às comunidades tradicionais indígenas, quilombolas, ciganas e ribeirinhas, auxiliando e mapeando os povoados.



Petrobras

Fornecer recursos humanos para auxílio psicológico, assistência social, bem como fornecimento de equipamentos de contenção para serem usados nos resgates que atingiram e ainda podem atingir mananciais.



Serviço Geológico do Brasil/Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM)

Fornecer informações pormenorizadas sobre o Rio Paraopeaba, acompanhar a pluma de rejeitos e fazer o monitoramento geográfico do curso d'água.



Caixa Econômica Federal

Promoverá o facilitação de acesso ao fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) conforme o Formulário de Informações do Desastre (Fide). Para isso, o banco estatal conta com duas vituvas de atendimento que estão em coordenação com a Polícia Civil. O comando das ações cabe à superintendência da Caixa em Minas Gerais. Uma das condições para o saque desse fundo trabalhista é a comprovação de necessidade pessoal, urgente e grave, decorrente de desastre natural causado por chuvas ou inundações que tenham atingido o área de residência do trabalhador, quando situação de emergência ou o estado de calamidade pública for assim reconhecido, por meio de portaria do Governo Federal.



Cruz Vermelha

Com larga experiência em auxílio em cenários de conflitos e desastres, coordena o apoio e ajuda humanitária e a logística de materiais para essa finalidade. Tem uma equipe de psicólogos, enfermeiros, socorristas e de jipeiros para atuar nos resgates.

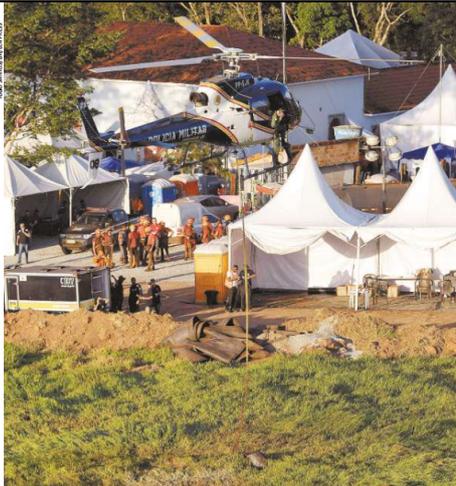
tade em que árvores desabaram sobre a rede elétrica. Como tinhamos gente da Cemig no centro, foi automática essa comunicação e a resolução do problema para que as buscas não fossem atrasadas", exemplifica. De acordo com o oficial, claramente as ações são coordenadas no centro e ao final do dia há outra reunião para avaliar o que foi implementado.

Uma das primeiras corporações a assumir tanto a área de resgates quanto a coordenação de controle foi a Polícia Militar de Minas Gerais, o que permitiu o sucesso de várias operações de segurança, segundo o comandante-geral da corporação, coronel Giovanni Silva. "Ajudamos a estabelecer os três perímetros de segurança (quente, morno e frio) do mais perigoso para o mais arriscado. Traçamos estratégias para remover a população e mantê-la afastada, até porque havia risco iminente de novos rompimentos. Um dos momentos mais sensíveis foi quando a Vale informou, na madrugada de sábado para domingo, que a barragem que restou no complexo estava em elevado nível, com ameaça de rompimento. Tivemos de proceder a evacuação de quatro bairros de Brumadinho", disse.

O primeiro piloto a chegar para a coordenação da operação Asas por Brumadinho foi o tenente-coronel PM Carlos Júnior, apenas uma hora e 40 minutos após o rompimento da Barragem B1. "Ajudamos a aglutinar os recursos das forças estaduais e federais. Numa catástrofe como essa, é fundamental lançar todos os nossos recursos e esforços nas primeiras 36 horas, para conseguir resgatar sobreviventes. Usamos inclusive coletes de visão noturna. Conseguimos resgatar pessoas em matas assim", diz o oficial, com mais de 22 anos de aviação e 4.500 horas de voo.

A primeira força a impedir que o rompimento se descontrolasse foi a Polícia Militar Rodoviária. "Fizemos um planejamento para garantir a segurança dos acessos aos pontos atingidos e aos que são áreas que podem ser afetadas. Com isso, mantivemos a segurança das comunidades, evitando focos de criminalidade, como saques a residências que poderiam ocorrer aproveitando a instabilidade provocada pelo rompimento", disse o comandante do Policiamento de Trânsito, coronel Ledivan Salgado Cotta.

De acordo com o comandante do Comando de Aviação do Estado (Comave), coronel Rodrigo Sousa Rodrigues, todas as aeronaves disponíveis foram acionadas e deram início ao atendimento ao desastre. "Pela característica do ambiente que ficou em colapso, não era possível o acesso por um terreno que não era exatamente nem líquido nem sólido. As aeronaves passaram a ser equipamentos essenciais, por ter capacidade de se deslocar por ambientes não preparados, podendo pousar nesses ambientes ou pelo menos pairar para transportar equipamentos e pessoal". O Comave atuou em apoio às atividades dos bombeiros, dando o suporte na Operação Asas por Brumadinho. Esse conjunto é responsável pela atuação de uma verdadeira força aérea, que até ontem coordenou e executou mais de 4.800 pousos e decolagens, em mais de 500 horas de voo.



Equipe do PM encerra resgate de corpo próximo a posto avançado; operação delicada que não admite erros e exige coordenação afinada